RAPHAEL SOIFER

“OLHA EU AQUI DE NOVO!”:

Sonhos, assombramentos e jogos de memória nas ruas do Rio de Janeiro (com desvios em algumas outras tantas ruas por aí)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Dr. Frederico Guilherme Bandeira de Araujo

Rio de Janeiro

2017

S683o

Soifer, Raphael
Olha eu aqui de novo!: Sonhos, assombramentos e jogos de memória nas ruas do Rio de Janeiro (com desvios em algumas outras tantas ruas por aí) / Raphael Soifer. -- Rio de Janeiro, 2017.
264 f.

Orientador: Frederico Guilherme Bandeira de Araujo.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

1. Sonhos - Rio de Janeiro (RJ). 2. Identidade Social - Rio de Janeiro (RJ). 3. Memória Coletivo - Rio de Janeiro (RJ). 4. Espaço Público - Rio de Janeiro (RJ). 5. Gentrificação - Nova York (EUA). I. Araujo, Frederico Guilherme Bandeira de, orient. II. Título.

RAPHAEL SOIFER

"OLHA EU AQUI DE NOVO!":

Sonhos, assombramentos e jogos de memória nas ruas do Rio de Janeiro (com desvios em algumas outras tantas ruas por aí)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovada em 15/9/2017

BANCA EXAMINADORA

Frederico Araujo.

Professor Dr. Frederico Guilherme Bandeira de Araujo
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/UFRJ

Professora Dra. Soraya Silveira Simões
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/UFRJ

Adriana Schneider Alcure

Professora Dra. Adriana Schneider Alcure
Escola de Comunicação/UFRJ

ANGELA M. DONINI

Professora Dra. Ângela Aparecida Donini
UNIRIO

Professor Dr. Thiago de Abreu e Lima Florencio
UNIRIO

Para Bernard (Barney) Bate e Elaine Freitas: amigxs, professorxs, guerreirxs, inspirações que o mundo perdeu, repentinamente, em 2016. Com elxs, aprendi novas formas de perambular, de lutar, de brincar, de confiar e de duvidar ao mesmo tempo. Fazem muita falta, mas sinto sua influencia nessas páginas como uma força quase palpável.

Barney Bate, presente!

Elaine Freitas, presente!

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, a generosidade de Cíntia Guedes, Letícia Castilhos Coelho, Mario Campagnani, Natalia Velloso e Nathalia Gonçales (todxs escritorxs e pesquisadorxs fodxs) em trocar altas ideias e mergulhar na revisão do texto foi indispensável. Sua paciência deixou essa minha voz teimosa e idiossincraticamente gringa um pouco mais compreensível. Qualquer erro se escondendo ao longo do texto não tem a ver com elxs, é culpa inteiramente minha.

Xs muvuqueirxs do GPMC são parceirxs que sabem brincar de pesquisar e pesquisar brincadeiras. Ricardo, Heitor, Gabriel, Laura, Letícia, Eclea, Samuel, Arthur, Natalia, Flávia, Iaci, Ana, Roni, Amanda, Priscilla, Thaiza, Manu, Luiza, Gabriela e Prof. Dr. Fred, valeuze. (Gabriel, o famoso DL, ainda ajudou com várias fotos e na composição da Saga do Siririca na primeira ambulação).

A galera da secretaria do ensino do IPPUR, Zuleika, André e Ana Cristina: obrigado por todo o apoio e toda a gentileza.

O Teatro de Operações, especialmente a galera dos *zines*, é um eterno ensaio aberto bem instigadora: Mari, Ander, Aline, Gatynhx, Camila, Junior, Maria, Erika, Violeta, Tulanih (e Yaro!), Lucas, Roberto, Marcos e a Tita mais Intensa que já conheci, valeu demais.

Mestra Cristina Nascimento me ensina coisas que ainda não sei explicar com palavras, e a camaradagem e malandragem do Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruando continua me fortalecendo ao mesmo tempo que me dá várias rasteiras (mas sempre bem de leve).

A gringada que sempre me instigou mesmo sem entender exatamente o quê eu estava fazendo por aqui: Sulu e John LeoNimm; Alex, Clare e Gus; Jeannie Smith; Cyd, Arthur e Lucy; Deb Margolin; Pangurbot M. F. e Justine Blount; Avi Soifer, Marlene Booth, e Amira Booth-Soifer.

Finalmente: Maddy Blount, viajante, artista e pensadora urbana corajosa e inspiradora, que me surpreende e me fascina e me faz muito, muito feliz. Te amo.

(Além do mais, o arranjo e gravação musical de “O ano novo veio pra ficar” foi feita por Maddy Blount)

RESUMO

“Olha eu aqui de novo!” se trata de uma pesquisa experimental sobre movimentos sociais, políticas públicas e espaços urbanos, tendo como enfoque principal a cidade do Rio de Janeiro entre os anos 2013 e 2017. Utiliza uma “metodologia-sonho” para examinar experiências compartilhadas nas ruas da cidade e visões inspiradas por essas experiências, desde os sonhos de riqueza global e ordem inspirada em políticas de “Tolerância Zero” até os sonhos “sujos” e caóticos que brotam de manifestações de rua. A pesquisa também investiga os corpos ausentes que assombram as paisagens urbanas, especialmente aqueles corpos ausentados por violência física ou econômica (como brutalidade policial, por um lado, ou gentrificação, por outro). Assim, fantasmas urbanos e as “contramemórias” que esses carregam assombram a pesquisa desde o início, tanto em examinar os efeitos imediatos e interpessoais de grandes mudanças urbanas quanto em refletir sobre a relação entre a memória coletiva e a identidade individual. O trabalho, inspirado pelas múltiplas vozes de *zines*, *performances* de rua e manifestações populares, apresenta uma abordagem multi-disciplinária e heteroglóssica, efetivando uma fusão de narrativas pessoais com palavras de ordem, música popular, imprensa tradicional, e discursos políticos para construir uma auto-arqueologia de mudanças urbanas.

Palavras-chave: Sonhos. Corpos ausentes. Ruas urbanas. Contramemória. Gentrificação. Rio de Janeiro.

ABSTRACT:

“Olha eu aqui de novo!” (“Look at me, I’m here again!”*)* is an experimental study of social movements, public policy, and urban spaces focused primarily on Rio de Janeiro, Brazil between the years 2013 and 2017. The work utilizes a “dream methodology” to examine shared experiences of and visions for city streets, ranging from dreams of global wealth and “zero tolerance”-inspired order to the chaotic “dirty” dreams of mass protests. Additionally, the work investigates the absent bodies that haunt cityscapes, especially bodies that have been rendered absent by physical or economic violence (such as police brutality, on the one hand, and gentrification, on the other). As such, urban ghosts and the “countermemories” they carry haunt the research from its beginning, both in examining the interpersonal, street-level effects of major urban changes and in prompting reflections on the relationship between collective memory and individual identity. Inspired by the multi-voiced nature of zines, street performances, and grassroots political movements, *“Olha eu aqui de novo!”* presents a heteroglossic, multidisciplinary approach to urban studies, fusing personal narratives with protest chants, popular music, news media, and policy statements in an “auto-archaeology” of contemporary urban change.

Keywords: Dreams. Absent bodies. City streets. Countermemory. Gentrification. Rio de Janeiro.

Sumário

Preâmbulo

1. Cabo de guerra 1
2. *Identidade Rodapé* 4
3. Metodologia-sonho 5

Primeira ambulação: Do MAR a Amarildo na Cidade Maravilhosa

1. Sonhos sujos e *The Brazilian Dream of the American Way of Life* 8
2. Entre atos 16
3. Jogos de memória 20
4. Um passo, dois passos, Pereira Passos 33
5. Máscaras de Amarildo 45
6. A saga do Siririca 52

Segunda ambulação: Sonhos dos Contornos Mundiais

1. 7 X 1 60
2. Gol contra 67
3. Não tem arrego 75
4. Entre atos 81
5. TATU DERRADO 85
6. SOS 90
7. Nesse Carnaval, o prefeito vai varrer! 94
8. I believe that we will win! 97

Terceira Ambulação: Sonhos Giulianificadores

1. Sonhem, acreditem, planejem e trabalhem 106

2. Auto-arqueologia do sonho; (ou, *Identidade rodapé*, *go home!*) 113

3. Eu levantarei 118

4. Soundview 125

5. ...e não posso ir embora 129

6. Entre atos 132

7. *Hipsters?* 136

8. Queremos ser um centro comunitário local 138

9. PAREM DE OCUPAR NOSSOS BAIRROS 143

10. Delícias da gentrificação 149

11. Mal assombrada 151

12. Sonhando com de Blasio 155

Quarta ambulação: O ano novo veio pra ficar

1. Réveillon 159

2. Embotando janelas quebradas 160

3. Entre atos 166

4. Quero meu país de volta! 168

5. Boi tolo 171

6. BRASIL VOLTA A SONHAR APÓS LONGO PESADELO 174

7. Embotando janelas quebradas 179

8. Tecnobloco 182

9. O legado antecipado 187

10. Uma volta à ditadura militar 201

11. Desculpas olímpicas 203

12. Nada deve parecer impossível de piorar 212

13. Embotando janelas quebradas 216

Quinta ambulação: Outros tantos sonhos

1. Passageiro 220

2. Sonhos de corpos que não se tocam 226

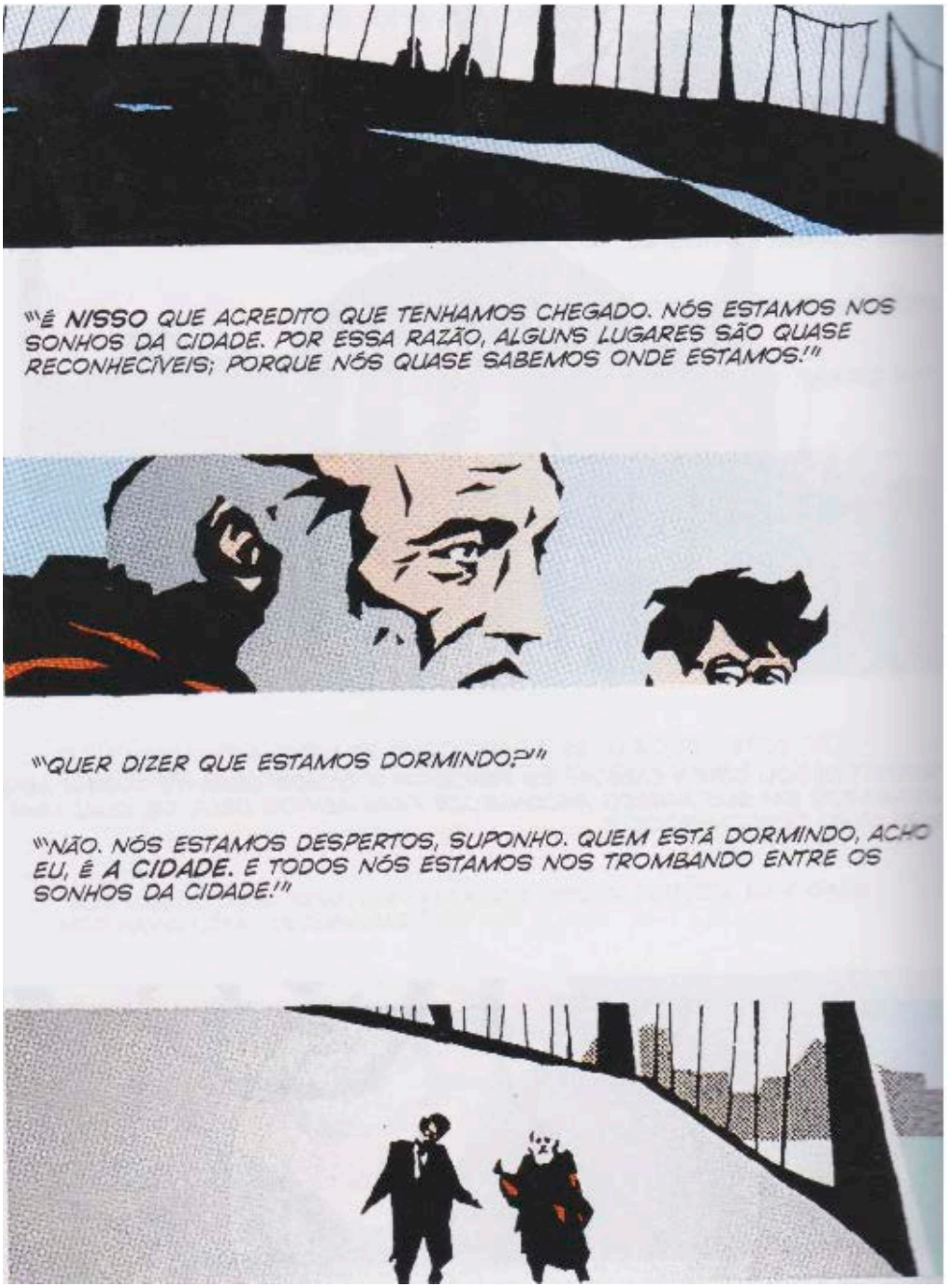
3. Eu, mijão 230

4. Outras marcações 233

5. Não acabou 238

Sonâmbulo (Epílogo) 244

REFERÊNCIAS 252



(GAIMAN e STEVENS, p. 376)

Preâmbulo

1. Cabo de guerra

19 de março de 2016
Praça entre Centro Cultural Banco do Brasil e Casa França Brasil, Centro, Rio de Janeiro

Uma forma nada divertida de brincar a cidade
é examinar os jogos do nosso cotidiano
até perceber que o placar não tende a mudar.

Sendo mais específico e mais pessoal,
uma forma nada divertida de brincar a cidade
é me desfazer das máscaras
que utilizo para fazer a minha vida cotidiana ficar um tanto mais tolerável:

as minhas palavras revoltadas,
o meu *look* colorido e nem-tão binário
e os meus comportamentos que se dizem comprometidos ou engajados,

os comportamentos em que eu me fantasio**,**
e que me permitem andar pelas ruas sem olhar nos olhos das pessoas
que ali moram,

sem dar dinheiro para pessoas que necessitam e que me pedem**,**

ouvir tiros do morro ao lado de onde moro, e até me revoltar,
mas sem nunca pensar que eu mesmo poderia ser o alvo.

Sei que, independentemente dos resultados do jogo,
não tendo a sair perdendo;
eu poderia até não ganhar
mas não estou destinado para o pior.

Porque, a final das contas,
e no final deste conto,
a cidade não deixa de ser uma coletânea
de jogos nada divertidos.

O jogo que te quero contar aqui e agora
para passar uma ideia do lugar de onde eu falo
é um simples cabo de guerra.

O lugar de onde eu falo se encapsulou quase que perfeitamente
por volta das 21h40 da noite no dia 19 de março de 2016
na frente do Centro Cultural do Banco do Brasil

(o CCBB),

no centro do Rio de Janeiro,
a mais ou menos 10 metros da escadaria irrevogavelmente manchada
da Igreja da Candelária

(onde, no dia 23 de agosto de 1993, 19 crianças em situação de rua foram assassinadas por policiais. O lugar de onde eu falo não se situa nem perto desta escadaria).

Eu tinha acabado de trancar a minha *bike*
e estava caminhando até a entrada do CCBB para tentar pegar uma senha
para uma festa chamada *Zeitgeist*
que prometia trazer a *vibe* do *underground* de *Berlin*
para um público carioca.

(Coloco essas palavras gringas em itálico,
mas poderia colocar todas as minhas próprias palavras assim,
já que meu lugar de fala é definitiva e assumidamente estadunidense,
definitiva e assumidamente branco
e de uma classe média-alta que gosta de se iludir se pensando universal.
Ao mesmo tempo, meu lugar de fala diz se situar mas ou menos no underground*,*
ou que, pelo menos, de se ausentar do mainstream).

Um menininho negro de, no máximo, quatro anos chegou até onde eu estava
e apontou

'Lefante!

O '**Lefante**, nesse caso, seria o Siririca, minha mochila de pelúcia
que eu identifico como sendo um pônei

(mas, pelo menos nesse momento,
a política identitária de bichinhos de pelúcia é o de menos).

Me dá.

Expliquei que não podia,
que o bichinho estava segurando minhas chaves, meu celular
e que eu precisava dele,

(principalmente porque eu estava de leggings*, e, portanto, sem nenhum bolso).*

Não sei até que ponto o menino me entendeu
ou até que ponto acreditou no que eu tinha a dizer.

Andamos juntos pela praça durante um tempinho,
brincando durante uns cinco minutos com o pônei/'**lefante**;
nós três dançamos, corremos, pulamos
e, depois, o menino deitou o bichinho na borda de um murinho da praça
para cochilar.

Logo em seguida, ele pegou o Siririca
e começou a cambalear para algum outro canto,
abraçado com o novo amiguinho

Me dá!

Segurei o Siririca pela alça costurada na sua nuca
da maneira menos brusca que eu podia.
Expliquei, novamente, lentamente, que eu precisava do bichinho
para guardar meus pertences

e me esforcei para manter a calma,
sabendo que eu estava numa praça pública
no meio de um cabo de guerra
com uma criança de, no máximo, 4 anos
para determinar o controle de um pônei de pelúcia.

O menininho persistiu durante um bom tempo,
segurou o pônei firme e forte
até que finalmente desistiu,
largou o bichinho
e correu para abraçar a perna de uma vendedora ambulante
que imaginei ser a sua mãe.

E o nosso encontro acabou por lá.

Ou seja:

Falo de um lugar que se diz comprometido,
mas ando sempre convencido que eu teria
que vencer qualquer cabo de guerra com qualquer criança pequena
que perambula pelas ruas do centro da cidade em qualquer noite de sábado.

Falo enquanto corpo acostumado a buscar esse tipo de vitória,
corpo convencido de que teria
de estar sempre ganhando esse cabo de guerra incessante,
corpo convencido de que está de um lado deste jogo,
e que o menininho lá na praça em frente ao CCBB está de outro.

Fico triste, fico revoltado comigo mesmo
de imaginar que as regras do jogo são esses,
de viver numa sociedade, uma cidade, um mundo
em que segurar um pônei de pelúcia e reivindicá-lo como sendo minha propriedade
é a mesma coisa que reforçar a minha posição social,
minha liberdade
e minha elevação sobre tantas outras pessoas.

Tento ser uma pessoas engajada,
tento me comprometer com esforços que buscam quebrar

ou pelo menos reverter
as regras deste tipo de jogo.

Mas, de fato, não sei soltar o bichinho;
nunca aprendi.

2. *Identidade rodapé*

Minhas notas de rodapé já estavam gerando suas próprias notas de rodapé faz tempo.
Essas notas das notas, por sua parte, também andavam se comentando e sendo
comentadas num ciclo que poderia ter se tornado eterno
(que, aliás, talvez esteja se tornando eterno).

Sem poderem se contentar em ficar aí embaixo, se propagando [semi-]escondidas,
partiram para as margens;
em um processo necessário e bastante contraditório,
se tiraram do lugar de onde vieram para ter uma visão melhor de onde estavam
e para tentar se entender como são
e como estão sendo.

(Uma identidade rodapé trabalha bastante com metáfora, brinca bastante com metáfora,
sem nunca se encaixar completamente em nenhuma metáfora única ou específica).

Morar no Rio de Janeiro e andar pelos meios onde ando
me faz sentir, muitas vezes, como uma nota de rodapé bem colocada nas histórias dxs
outrxs; uma figura meio que no fundo de várias fotos, um espectador bastante presente.

É claro que, nessas páginas, acabo tomando um papel central.
Mas estou ligado que, dentro dos acontecimentos e dias e meses e anos que vou
relatar, a minha presença com certeza nunca estava tão notável para mais ninguém
quanto ela acaba parecendo aqui.

Uma identidade rodapé oscila por entre uma tenacidade que se diz incisiva e uma ironia
sarcástica; também acaba ocupando bastante espaço entre esses dois polos
(ou pelo menos, ela espera ocupar bastante espaço, mas sem dominá-lo). Ora aponta
por dados aparentemente objetivos, ora interrompe com a sua subjetividade
ora bagunça essas e outras tantas polaridades, por não achar que deveriam ser tão
separadas assim).

Se fala muito por aí em desterritorializar.
O deslocamento das minhas notas de rodapé sublinha uma desterritorialização que
tende a ser conferida à minha identidade: uma possibilidade eterna, constante ou
crônica (seja como for) de eu sair perambulando, me colocando no fundo de qualquer
situação e colocando observações a serem entendidas como neutras ou objetivas,
justamente pelo fato da minha identidade gringa, branca, classe média-alta,
basicamente cis e mais-ou-menos hétero ser tida como neutra.

...os discursos do...sujeito branco permanecem no centro, como norma. Quando eles falam, é cientifico, quando nós falamos, é não-científico;

universal / específico
objetivo / subjetivo
neutro / pessoal
racional / emocional

imparcial / parcial
eles têm fatos, nós temos opiniões;
eles têm conhecimento, nós temos experiências.[1] (KILOMBA, p. 28)

A minha identidade rodapé procura assumir toda sua subjetividade, toda sua parcialidade, suas opiniões, sua não-cientificidade; procura se posicionar às margens sem deslocar as outras vozes situadas por aqui. A minha identidade rodapé busca problematizar a facilidade com qual ela mesma se desterritorializa. Espero que consiga, pelo menos de vez em quando.

Uma identidade rodapé nunca consegue sair da página por completo.

3. Metodologia-sonho

Esse trabalho se trata de um compêndio de perambulações pela cidade

(aliás, por várias cidades, mas entendendo que todas essas cidades conversam bem diretamente com Rio de Janeiro).

É uma auto-arqueologia de rastros e fragmentos das andanças do meu próprio corpo e dos seus encontros com outros tantos corpos; uma tentativa de mergulhar em vários cantos sonhados e sonhos cantados, mas partindo sempre do pressuposto de que meu corpo nunca tenha deixado de estar engajado em vários jogos de cabo de guerra por aí que me mantém à parte de muitos desses outros tantos corpos.

É um trabalho que se funda nas minhas próprias palavras, que se dizem pesquisa

(muitas vezes em conversa com outras palavras minhas que se dizem identidade rodapé),

e que também se misturam com outras tantas palavras:

palavras impressas

palavras faladas ou gritadas

e palavras ditas versos.

[1] No original, "the *white* subject['s]...discourses remain at the centre, as the norm. When they speak, it is scientific, when we speak it is unscientific;
universal/specific
objective / subjective
neutral / personal
rational / emotional
impartial / partial
they have facts, we have opinions;
they have knowledge, we have experiences. (KILOMBA, p. 28)

(Sabendo que essas distinções são bastante arbitrárias; afinal, como identificar o momento em que uma palavra de ordem vira poesia, ou vice versa?)

É uma pesquisa que se inspira bastante em *zines* e livretos, buscando, nesses encontros e misturas entre palavras e corpos, algo que poderia ser chamado de conhecimento, mesmo sabendo que os corpos e as palavras que se encontram por aqui continuam levando experiências e tendo destinos bastante desiguais. É uma pesquisa que procura corpos ausentes, especialmente corpos ausentados à força, mas sei que tem muitas coisas que não conheço sobre esses corpos, e sobre muitos outros corpos; que eu não tenha feito o bastante para entender, ou para centrá-los nesse texto. Reconheço meu esforço como sendo bastante incompleto; justamente por isso, sigo caminhando.

> Retorno ao meu próprio corpo sem esperança de superá-lo ou resolvê-lo, mas sim para observá-lo atravessado pelas forças do mundo. Desterrar é o movimento de costura dos tempos, passado e presente, e pode ser um dos trabalhos mais preciosos do corpo. Fabula memória e faz sonhar. (GUEDES in *Revista DR*)

Metodologia-sonho

Uma metodologia-sonho não é linear, nem circular e nem espiral:
às vezes, a sua atenção pula por entre tempos e temas e teorias;
outras vezes, flui;
e, não raramente, se fixa sobre uma ou mais dessas categorias
para olhar ou escutar ou cheirar mais de perto,
até que algo – seja lembrança, inquietude ou qualquer outra pista –
a leva adiante, ou para trás, ou de repente para dar uma grande volta.

Uma metodologia-sonho não confia na cartografia.
(Pelo menos, essa metodologia-sonho não confia).
Ela duvida de qualquer tentativa de mapear ou de ser mapeada;
duvida do enquadramento inevitável de ser traçada, desenhada ou definida;
duvida dos silêncios e do silenciamento que qualquer enquadramento, inevitavelmente, produz.
Aliás, ela duvida bastante desta própria explicação.

Ao mesmo tempo, uma metodologia-sonho se esforça para manter um certo rigor;
ela não queria que seus fluxos deixassem de ser notáveis, que fossem ignorados.
Se esforça para olhar fundo, sem que essa profundidade medisse ou que fosse medida por ninguém.
Ela queria ser levada [mais-ou-menos] a sério.

Ao longo de uma metodologia-sonho,
certas figuras, certas falas e certos acontecimentos acabam reaparecendo e se repetindo.
Às vezes, isso acontece com finalidades específicas,
como lembrar de fluxos anteriores ou fazer trombar duas narrativas distintas;
às vezes, acontece sem objetivos óbvios;
a metodologia-sonho se repete porque lhe convém.

Outras figuras e falas e acontecimentos, é claro,
acabam sumindo,
aparentemente do nada.

(As repetições e os desaparecimentos de uma metodologia-sonho,
principalmente de uma metodologia-sonho que se diz urbana, ou urbanística,
poderiam, de repente, ser comparadxs
aos fluxos e aos encontros e aos cruzamentos inusitados
das ruas de uma grande cidade;
e comparadxs também às colisões que ali se chocam,
aos caminhos esquecidos
e às conexões ali perdidas).

Uma metodologia-sonho transborda de uma identidade rodapé,
ou, pelo menos, essa metodologia-sonho transborda da minha identidade rodapé.
Perambulo por todos os sonhos que aparecem aqui, de um jeito central ou marginal,
crítico ou crente, mas sempre bastante presente.

Uma metodologia-sonho não imagina que sonhar seja um processo lindo e nem delicado e nem muito menos bom. De fato, considera sonhar um processo bagunçado, confuso, potencialmente apavorante ou desolador ou humilhante. Sabe que o seu poder é tão devastador quanto criativo. Ao mesmo tempo, não faz de conta que sonhar é feio. Uma metodologia-sonho não afirma e nem nega ser pecadora; ela simplesmente desconsidera o pecado. Não preza pela utilidade do sonho; não defende sonhar como algo necessariamente necessário.

Mas que sonhar acontece, acontece. Até demais.
E uma metodologia-sonho sabe muito bem disso,

e se lança.

Primeira perambulação:
Do MAR a Amarildo na "Cidade Maravilhosa"

No es la ciudad el gran océano
de los colchones que palpitan?

- Pablo Neruda, *Livro das Perguntas* (p. 108)

Mas, a quem não fará sonhar a rua?

- João do Rio, "A rua" (p.38)

1. Sonhos sujos e *The Brazilian Dream of the American Way of Life*

1 de março de 2013
Praça Mauá, Zona Portuária, Rio de Janeiro

Eu gostaria de começar na sexta-feira, dia primeiro de março de 2013.

Porque se fala muito por aí sobre aquele junho de 2013 como se tivesse surgido do nada, como se milhões de pessoas fossem se juntar em "jornadas" por ruas que até então tenham sido silenciosas e inativas, como se o celebrado gigante dormido tivesse acordado de um sono tão profundo que chegou a ser uma estupefação em que nada teria chegado antes para incomodá-lo, como se tudo que tenha acontecido desde então tivesse emergido de uma origem única e fixa[2].

Ih! Fudeu!
O povo apareceu!

Não consigo acreditar numa hipótese de ruas inativas, já que eu mesmo estava fazendo barulho e bagunças nas ruas do Rio de Janeiro desde pelo menos 2010, e observando outrxs tantxs barulhos e bagunças por aqui desde alguns anos antes. E não consigo acreditar que um gigante poderia cair em um sono perfeito, neutro, totalmente sossegado. Tendo a acreditar que, quando se lida com qualquer cidade, mas especialmente com o Rio de Janeiro, não há sono neutro para ninguém, seja indivíduo, grupo ou projeção coletiva, como no caso do gigante dormido.

(Mesmo sendo representação do Brasil como um todo,
esse gigante não tem como não ter pelo menos um pé no Rio de Janeiro,
ou até boa parte da cabeça).

Estou convencido que, enquanto a gente sonha com cidades e em cidades e sobre cidades, as cidades também sonham; ou seja, nós atribuímos e conferimos uma subjetividade às próprias cidades que acaba sendo refletida nas

[2] Ver: FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história". In *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 25ª edição. São Paulo: Graal, 2012

nossas interações com elas e que faz com que os sonhos das cidades não sejam inteiramente os nossos. E eu gostaria de embarcar em alguns desses sonhos que, por um lado, não nos pertencem e dos quais, por outro lado, não podemos ser separadxs.

Vejo o primeiro dia de março de 2013 como um dia de colisões massivas entre vários sonhos diferentes do Rio de Janeiro.

> **Ocupe a Mauá**
> **antes que o MAR invada!**

Aquele dia foi um tipo de bocejo, no sentido mais ativo da palavra; um suspiro lânguido, porém urgente.

> Aqui é um local de brincadeira, de desenvolvimento cognitivo. Convido todos a mergulhar neste MAR. (MARINHO apud TARDAGÚILA, in *O GLOBO,* 1/3/13)

O primeiro dia de março de 2013 foi uma interrupção breve e parcial em que esses sonhos se mantiveram sendo sonhados, mesmo frente a uma crescente consciência ou racionalidade despertadora. Foi um encontro único, primordial sem necessariamente ser originário; também não foi o primeiro contato entre esses sonhos específicos, mas talvez tenha sido a maior plataforma, com a maior visibilidade e o maior volume, em que eles se esbarraram uns nos outros. Foi um momento em que os sonhos se puxavam, se acotovelavam, se agitavam, um momento em que certos sonhos se penetravam para dentro de certos outros sonhos, enquanto empurravam outros para fora. Foi um dia em que os sonhos tomaram corpos, em que se instauravam distintamente, materialmente, fisicamente na rua.

Esse primeiro dia de março de 2013 foi o dia da inauguração, na Praça Mauá, número 5, na Zona Portuária, do MAR

> [o] Museu de Arte do Rio, uma das âncoras culturais do Porto Maravilha…um espaço dedicado à arte e à cultura visual
> (PORTO MARAVILHA, “Museu de Arte do Rio”)

De uma maneira necessariamente simplificada,

e, portanto, bastante útil,

poderia se dizer que esse dia apresentava um encontro muito particular entre duas visões, dois sonhos generalizados da cidade. Do lado de fora, protestávamos contra um dito progresso que avançava com a força de um sonhado

(mas jamais construído)

trem-bala, atropelando ou derrubando tudo que estivesse na sua frente.

> **Somos contra a Revitaliza$$ão!**

O MAR não tá pra peixe
só pra tubarão!

Do lado de dentro do Museu, representantes de uma chamada classe artística se encontravam com representantes de uma chamada classe empresarial e uma chamada classe política.

> O evento contou com a presença da presidente da República Dilma Rousseff; do governador do Estado, Sérgio Cabral; do prefeito da cidade, Eduardo Paes; do diretor-presidente da Vale, Murilo Ferreira, além de outras autoridades, artistas e formadores de opinião. (VALE, 4/3/13)

Não cheguei a entrar no MAR naquela noite, não sendo artista daquele naipe e nem muito menos formador de qualquer opinião alheia. Ou seja, não cheguei a compartilhar o sonho que se articulava lá dentro do MAR, o qual eu penso como sendo *The Brazilian Dream of the American Way of Life*: um sonho reformista de um desenvolvimentismo em que a ORDEM gera o PROGRESSO

(e vice versa)

em letras maiúsculas e traços inequivocamente verde-e-amarelos; um sonho em que governantes e empresárixs se interligam para todo mundo se apoiar e sair ganhando

(e ganhando bem);

um sonho em que museus glamorosos não apenas telegrafam uma sofisticação primeiro-mundista como integram uma estratégia de melhoramento. Enfim, *The Brazilian Dream of the American Way of Life* se trata de um sonho em que a escala e concretude de certas conquistas se destacam na tentativa de fazer com que a escala dos problemas sociais mais dispersados suma,

ou que, pelo menos, fique menos perceptível.

Enquanto isso, do lado de fora do MAR, eu e mais algumas cento-e-tantas pessoas

(uma chamada multidão)

batíamos latas, segurávamos cartazes, fazíamos performances improvisadas, gritávamos palavras de ordem e nos chocávamos com a pólicia, com seguranças do museu e com quem estivesse chegando na inauguração pela porta de frente ou saindo pela porta de trás.

Eu estava lá com o Bloco Livre Rec!clato, um bloco temporário e autônomo[3] que se juntava a cada primeira sexta-feira do mês para bater em latas, sucatas e qualquer outro objeto que fizesse barulho. Sem direção, sem ensaios e sem nenhum patrocínio oficial

[3] Ver: TAZ: Zona Autônoma Temporária, de Hakim Bey.

(a não ser as dezenas de latas de óleo usadas que frequentemente foram guardadas por funcionárixs da fabrica de Biscoito Globo, na Rua do Senado, e doadas ao bloco; mas me parece que essas foram dadas muito mais em um instinto de camaradagem de que patrocínio),

Resistência
Negra
Indígena
Feminista
Popular

Contra as remoções!

Rec!clato costumava circular pela Lapa, se arrastando desde a Praça da Cruz Vermelha até chegar pelo menos nos Arcos, seguindo caminhos improvisados decididos na hora pelas pessoas presentes naquele dia especifico. A composição do Bloco também variava de cada mês em mês, e incluía qualquer umx que quisesse chegar junto para tocar: punks, artistas, pessoas em situação de rua, estudantes, turistas; gente que se identificava com quase todas essas categorias ao mesmo tempo, ou que não se identificava com nenhuma. Todo mês desde o Carnaval de 2012, espalhava sonhos ruidosos pelas ruas: sonhos sujos de sintonias inventadas, de dissonâncias instigadoras e de comunidades espontâneas.

(SCHVARSBERG)

Nós somos contra Choque de Ordem. Nós somos contra homofobia.

Não acreditamos em nenhum padrão, e não queremos nenhuma explicação para legalizar aquilo que a gente quer fazer, dizer, viver e acreditar.
(COLETIVO COIOTE, *vídeo* 2012)

Ao mesmo tempo em que Rec!clato espalhava sonhos sujos por aí, também acabava juntando e concentrando a energia de um sonho mais-ou-menos unificado de ruas irreprimivelmente ativas e polirrítmicas, heteroglossicamente expressivas; isto é, sonhos de uma cidade que se articula de muitas formas ao mesmo tempo, justamente através dos seus muitos detritos.

As ruas são suas. Ocupe-as!

(Cabe ressaltar que apontar à heteroglossia *do bloco seria uma prepotência minha; eu, pessoalmente, poderia até ter chegado a entender o Rec!clato através dos meus contatos com Mikhail Bakhtin, mas não imagino por nada que a leitura dele seria uma passagem necessária para se integrar ao bloco. Aliás, duvido que qualquer leitura específica fosse necessária para qualquer pessoa se juntar ao bloco).*

Em fim, Rec!clato condensava e fortalecia esses sonhos sujos, ou talvez o Bloco em si fosse um tipo de sonho sujo recorrente

(cabe enfatizar também que um sonho sujo da cidade não seria a mesma coisa que um sonho de uma cidade suja).

Depois de dois anos se projetando pela Lapa em protesto à gentrificação do Rio de Janeiro, Rec!clato foi à Praça Mauá naquela noite para protestar contra o MAR, esse símbolo por excelência de *The Brazilian Dream of the American Way of Life,* a concretização de um processo de "revitalização" que se diz limpadora e que se pôs a higienizar a cidade de uma forma geral.

Bloco Livre Rec!clato não foi o único coletivo do lado de fora do MAR naquela noite; vários outros também estavam presentes. Mas tenho quase certeza que Rec!clato foi o maior grupo a engrossar esse caldo; certamente foi o mais ruidoso, o mais visualmente chamativo e o menos comportado.

De qualquer forma, essa metodologia-sonho não deixa de ser um relato pessoal, e foi junto com o Rec!clato que cheguei na porta de frente do MAR no dia primeiro de março de 2013. Ou seja: foi com Rec!clato que cheguei a entrar, de alguma forma, naqueles sonhos sujos.

PROTESTE

Protestávamos contra uma dita "revitalização" de uma Zona Portuária dita "maravilha" que se montava diante e através da destruição de centenas de casas e da expulsão de milhares de moradores, de uma mega-gentrificação à carioca.

Me apoiando em muitas definições alheias, entendo a gentrificação como uma comodificação de espaços urbanos tradicionalmente tidos como subalternos, uma ausentação forçada dxs moradorxs tradicionais

(por forças mercadológicos e pela violência física do poder público, quase sempre agindo juntas),

e um embranquecimento desses espaços, tradicionalmente habitados por pessoas racializadas. O processo de "descobrimento" por pessoas tradicionalmente empoderadas (racial, cultural, política e financeiramente) duplica o peso desta exclusão, exoticizando a marginalização histórica dos espaços em si e aprofundando a marginalização individual dxs moradorxs tradicionais que acabam sendo isoladxs ou deslocadxs.

Protestávamos contra uma dita "Pacificação" policial que já se distinguia, durante muito tempo, por seu caráter violentamente esmagador.

Protestávamos contra uma crescente limitação das ruas da cidade, um funcionalismo que codificava certas práticas e pessoas como aceitáveis e codificava outras como ameaçadoras.

Protestávamos, em fim, contra um sonho de uma cidade que se mostrava cada vez mais dividida e exclusiva.

Ocupe a Mauá antes que o MAR invada!

As ruas são suas – ocupe-as!

Ocupe o mundo!

Dentro do MAR, do outro lado dxs seguranças, policiais e barricadas, *The Brazilian Dream of the American Way of Life* continuava a todo vapor; talvez estaria chegando ao seu auge. A então-presidente Dilma Rousseff estava presente, duas semanas antes de atingir, numa sondagem do IBOPE[4], uma índice de aprovação de 63% para o seu governo, e uma aprovação pessoal de 79%. E não acho que teria como separar a popularidade momentânea de Dilma de *The Brazilian Dream of the American Way of Life;* mesmo se tivesse como, essa não era uma separação que a própria Dilma teve a mínima vontade de efetuar.

> Um dos efeitos mais importantes...quando a gente vê de fato que um país evoluiu, que um país está mudando, que nós estamos nos transformando num país de classe média, num país que valoriza não só a superação da miséria, mas valoriza a ciência, a tecnologia e a cultura, é o fato também de que nós temos aqui um acervo que nós vamos preservar. (ROUSSEFF 2013)

Falaremos mais sobre acervos daqui a pouco. Por enquanto, quero só sublinhar o fato de que, dentro deste sonho, o Brasil se torna "um país" generalizado e com "p" minúsculo, como se perder sua especificidade brasileira fosse um passo necessário para se integrar ao mundo dos demais países ditos de classe média. Mas não adianta tirar o sabor local de *The Brazilian Dream of the American Way*

[4] Ver CAMPANERUT, Camila. "Dilma é aprovada por 79% e supera Lula e FHC, diz CNI/Ibope". 19 de março de 2013. http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/03/19/dilma-cni-ibope.htm Acesso em: 30 de agosto de 2017

of Life: aliás, o próprio fato de idealizar a perda da brasilidade para se tornar "um país" com p minúsculo seria, contraditoriamente, uma das facetas mais característicos deste Sonho.

Enxergar a iminência de soluções definitivas também seria um aspecto importante deste Sonho, além de imaginar que essas soluções poderiam ser realizadas por atores e sistemas que zelam pela manutenção de velhas estruturas de poder; ou seja, que o país do amanhã poderia construir seu glorioso futuro à base de latifúndios e capitanias hereditárias seculares sem mexer nas suas demarcações e nem muito menos naqueles corpos tidos como sendo proprietários.

> Eu queria cumprimentar o Sérgio Cabral e o Eduardo Paes, e dizer para eles que hoje é um dia, de fato, especial. Hoje se comemora os 448 anos do Rio de Janeiro. Queria também dizer para o João Roberto Marinho e para o Murilo, um das Organizações Globo, e o outro da Vale, sobre a importância dessa parceria que mostra um avanço do Brasil, um avanço do Brasil porque é uma parceria em que se unem os governos e se unem também os empresários. (*ibid*)

Por mais hegemônico que possa ser *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, é claro que existem diversos desvios e diversas outras visões dentro de qualquer sonho. É claro também que, nesse dia primeiro de março de 2013, vários subsonhos se infiltraram tanto nesse sonho higienizador do lado de dentro do MAR quanto no sonho sujo que se espalhava pelo lado de fora, inclusive nos subsonhos que permearam os dois, interligando um ao outro. Tinham bastante pessoas no MAR que certamente estariam fazendo barulho do lado de fora se não tivessem sido convidadas, mas que tinham fome do reconhecimento e sede da champanhe que só se encontrariam lá dentro. Também não duvido que muitas pessoas do lado de fora que teriam aceito, muito felizes, os canapés e os apertos de mão oferecidos do lado de dentro, convencidas de que a sua própria presença no museu comprovasse que, pelo menos até agora, nada seria totalmente perdido, que a colaboração da chamada classe artística com as chamadas classes governista e empresarial até que teria como dar certo.

Aliás, dá para ver essa colaboração na própria arquitetura do museu

> O MAR está instalado na Praça Mauá em dois prédios de perfis heterogêneos e interligados: o Palacete Dom João VI, tombado e eclético, e o edifício vizinho, de estilo modernista – originalmente um terminal rodoviário... (*O MAR, site*)

> Um dos maiores desafios da equipe da obra foi unir dois edifícios tão diferentes. A harmonia entre os imóveis foi possibilitada pela cobertura fluida que lembra ondas do mar, uma das características mais marcantes na arquitetura do complexo. Profissionais de diferentes áreas de conhecimento participaram desse processo – arquitetos, carpinteiros, pintores, artistas e administradores. (PORTO MARAVILHA, "Museu de Arte do Rio")

Por coincidência ou ironia, foi justamente nessa busca pela harmonia entre imóveis que a dissonância entre os sonhos do dia primeiro de março de 2013 se fez mais perceptível. Aquela tal cobertura fluida teve um efeito acústico bastante

distinto

(mas talvez não previsto pelo esquadrão de especialistas que a montou)

de ampliar os sons vindo da rua, fazendo com que, por exemplo, desse para ouvir, até do último andar, algumas dezenas de pessoas batendo latas em uma

sonora manifestação, sem confusão, ao lado de fora. (TORRES e PORTO in *G1*)

Na real, não lembro da nossa sonora manifestação como sendo sem confusão, mas confesso que tem muitos detalhes daquela noite que já esqueci. Não lembro de como a gente se preparou antes, nem de exatamente por qual caminho andamos para chegar lá no MAR.

Lembro que ficamos vadiando por entre as barricadas da entrada do Museu

(na Avenida Rodrigues Alves)

e as da saída

(na Praça Mauá);

lembro que alguém do Coletivo Coiote, o grupo de performance mais punk que já conheci, abordava xs bambambãs que entravam e saíam, gritando

Como seu perfume fede!
Ai, quero comer seu cocô!
Deixa eu comer seu cocô!

Lembro de ter pensado que, naquela noite, xs policiais e seguranças foram menos violentxs de que certxs convidadxs que entravam no museu, mas não lembro bem de como essa violência se manifestou. Lembro que um homem negro alto que protestava com a gente quase foi preso e que teve que fugir, mas não lembro de quem foi, pra onde foi e nem se acabou sendo preso mais tarde. Lembro do Reage Artista!

(movimento social formado de gente do chamado setor cultural)

protestando contra a abertura de um suntuoso museu que se diz ser da cidade frente à generalizada indisponibilidade de espaços artísticos públicos no Rio de Janeiro, que naquele momento se encontravam lacrados, supostamente em reação a um incêndio num boate em Santa Maria, Rio Grande do Sul, uma medida que, para muitxs, seria um passo rumo à privatização. Lembro de ter ficado feliz com a junção dos grupos, mas também de ter pensado que, por mais que ocupassemos o mesmo lugar naquela noite, eu estava dentro de um outro sonho, um sonho parecido, porém nitidamente mais sujo.

2. Entre atos

20 de junho de 2013
Avenida Presidente Vargas, Centro

> O sonhar é o presente, mas também o "muito tempo atrás".
> (GLOWCZEWSKI, p. 51)

Enquanto seguimos as permutações e perambulações deste sonho sujo específico, e de uma metodologia-sonho de uma forma geral, vamos brincar bastante com o tempo. Por enquanto, vamos dar um pulo de três meses e algumas semanas para a frente, para depois dar uma volta para um passado mais distante.

Seguindo as permutações temporais que fazem parte desta metodologia-sonho,
e fazendo um pequeno jogo de memória por aqui,
vou falar no presente:

São quase seis horas da noite no dia 20 de junho de 2013, e estou caminhando pelo contra-fluxo na Avenida Presidente Vargas;

isto é, estou caminhando no sentido Candelária,
enquanto milhões de pessoas se dirigem ao Piranhão.

Me espanto com a quantidade de gente muito nova, com tipo 20 anos ou menos. Me parece que a maioria delxs nunca foi em nenhuma manifestação ou ato ou protesto antes. Mas mesmo assim, todxs estão repetindo

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

É um refrão que vai ecoar pelas ruas inúmeras vezes, até pelo menos o final da Copa no dia 13 de julho de 2014

(olha que agora estou falando no futuro).

Depois disso, não sei, terão menos manifestações ou atos ou protestos, e outros tantos jogos de memória vão se efetuar de outras tantas maneiras.

Mas esse momento

(voltando a falar, no presente, de junho de 2013)

fica comigo porque, por um lado, tantas pessoas que estão afirmando uma continuidade da sua história pessoal

Olha eu aqui de novo
Olha eu aqui de novo

estão tendo uma experiência inédita: são pessoas colocando seus próprios corpos na rua, desta forma específica, pela primeira vez. Mas não vejo essas

palavras como exageradas; tendo a pensar que eles estariam executando um jogo de memória fisicalizado, uma prática de incorporação. Porque existe, de fato, todo um passado de multidões indo para as ruas. E é claro que um acontecimento único, lembrado ou articulado de formas diferentes, pode muito facilmente ocupar vários jogos de memória; e que, mesmo falando e agindo no presente, podemos sonhar em nos ver alinhadxs com diversos passados e futuros.

Não que a maioria dessa galera cantando na rua agora esteja pensando no protesto no MAR de três meses atrás, nem nxs caras pintadas de 1992, nem no Diretos Já de 1984, nem na Passeata dos Cem Mil de 1968 e muito menos na Revolta da Vacina de 1904.

Talvez essa maioria na rua hoje nem seja ciente destes movimentos anteriores. Mas não duvido que ela pelo menos estaria ciente de forças assombradoras e assombrosas pelos ares, ciente de memórias quase palpáveis, memórias que ela estaria capaz de sentir mesmo sem poder nomeá-las. E é claro que todxs que estão presentes hoje estariam fixando esse momento dentro das suas historiografias pessoais, sejam de revolta, de mobilização, de vitória ou esperança ou derrota ou seja o que for.

Lembro de uma semana antes, por volta de dia 10 de junho, quando estive em São Luiz do Maranhão

(mascarado de José Sarney, como mais uma meia dúzia de pessoas, e tacando balões de água no público que veio assistir A Cena é pública, *intervenção assinatura do Teatro de Operações, coletivo bagunceiro que eu fui pesquisar e que eu tinha acabado de integrar meio sem saber)*.

Em algum momento da viagem, alguém do grupo falou de um crescente movimento no Rio que protestava o aumento da passagem de ônibus de R$2,75 para R$2,95.

(Vale a pena lembrarmos daqueles valores específicos nesses tempos de flutuação entre R$3,80 e R$3,40 e da dupla função de motoristas que faz o trabalho de cobradorxs sumir).

E lembro de um ano e tanto antes, em janeiro de 2012, quando umxs cem punks, universitárixs e outros esquisitxs quaisquer

(categorias essas em que me incluo, com vários graus de aderência identitária).

bloqueávamos essa mesma Avenida Presidente Vargas durante uma hora, no máximo, antes de chegar na Central do Brasil e se dispersar sem a Polícia Militar e nem a Guarda Municipal ter que se esforçar muito.

Lembro que, na época, alguém me falou que ninguém nunca ia se importar com um aumento de ônibus

(que naquela vez, no início de 2012, foi de R$2,50 para R$2,75),

que o público não ia reagir nunca, que o nosso protesto estava até bonito, mas que aquilo ali nunca ia dar em nada.

Também lembro, no dia 17 de junho de 2013, 3 noites antes deste ato de milhões, de descer uma Avenida Rio Branco entupida de pessoas que obviamente estavam ali por muito mais de que um aumento de 20 centavos.

Não, não, não!
Não quero caveirão!
Eu quero mais dinheiro pra saúde e educação!

O balancê, balancê
Escuta o que vou lhe dizer:
Eike Batista, vai se foder
e leva o Cabral com você

(Já não era muito difícil, em junho de 2013, enxergar a corrupção endêmica atrás de The Brazilian Dream of the American Way of Life*).*

Lembro de ver, nesta mesma noite de 17 de junho, as chamas na ALERJ; de correr das bombas de gás lacrimogêneo pela Rua do Ouvidor ou da Assembléia ou seja qual for; de sentir aquele cheiro de acridez pela primeira vez em dois anos e tanto; e de sentir uma força nas ruas cujo próprio tamanho a fez imprevisível. Foi a primeira vez que tive aquela sensação desde o final de 1999, quando eu tinha 18 anos, estava morando em Seattle e meio caí por dentro das manifestações contra a Organização Mundial do Comércio.

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

30 de novembro de 1999
Pine Street com 6th Avenue, Centro, Seattle, EUA

O email meio prepotente que escrevi para xs amigxs fora de Seattle (traduzido do inglês)

Me juntei à corrente humana em frente ao hotel Sheraton, que funciona como o hotel sede do evento. O nosso bloqueio foi ligeiramente bem-sucedido: não houve nenhuma interferência direta da polícia enquanto os conferencistas se aproximavam à corrente, mas quando eles (na sua maioria, homens alemães e belgos) se jogavam contra a gente para tentar quebrar a corrente, a ala da polícia atrás da gente foi para cima, dando cacetadas, para acompanhar os conferencistas para dentro do hotel. Mas durante umas três horas, a corrente repeliu a maioria dos conferencistas que tentaram entrar (deixamos os cubanos entrarem sem nenhuma dificuldade, e os policiais os detiveram durante cinco minutos).

We all live in a military state
A military state, a military state[5]

Por volta das 10h, houve algum problema na barricada policial a aproximadamente um

[5] Palavras cantadas a ritmo de "Yellow Submarine", do Beatles.

quarteirão para o sul da nossa posição, e o tão agradável cheiro de gás lacrimogêneo veio se aproximando. Nossa corrente resistiu, mesmo quando outras bombas foram jogadas a uns 100 pés [30 metros] de distancia...a gente teve que cobrir completamente os nossos rostos, comprometendo, assim, a nossa capacidade de avistar os conferencistas que chegavam.

Eu me achava, e muito, por poder descrever o ato fria e estrategicamente, por poder ironizar os efeitos do gás lacrimogêneo. Talvez eu já houvesse sentido aquele cheiro muito de longe em algum outro protesto durante a minha adolescência, mas aquele dia foi quando finalmente o conheci de perto. Me parecia que a resposta exagerada e despreparada da polícia de Seattle comprovasse a força que senti naquelas ruas lotadas. Foi um tipo de multidão de qual eu nunca tinha participado antes, e imaginei, pelo nosso tamanho, nosso foco e a nossa resistência, que estávamos ganhando.

20 de junho de 2013
Avenida Presidente Vargas, Centro, Rio de Janeiro, Brasil

Agora, no dia 20 de junho de 2013, nesse contra-fluxo da Avenida Presidente Vargas, já sentindo alguma coisa de gás lacrimogêneo no ar. Rec!clato não somou ao ato de hoje; não tenho latas, mas carrego meus fantasmas de lutas passadas

(a começar pelo meu quinto ou sexto aniversário, quando meus pais me levaram numa manifestação no centro de Boston para defender o direito ao aborto, ou algo do tipo. Todxs nós concordamos que isto aconteceu, mas ninguém lembra exatamente quando teria acontecido, nem exatamente contra o que a gente estava protestando).

Mando SMS para xs amigxs no Rio, para saber como e aonde encontrar com quem, e para xs amigxs na gringolândia, para falar do choque emocional e do sentido histórico desse montão de gente.

(Ainda não tenho smartphone*, nem muito menos WhatsApp para mandar fotos para ninguém).*

Amanhã vai ser maior!
Amanhã vai ser maior!

Na verdade, amanhã não vai ser maior, pelo menos não em termos numéricos. Outras pessoas se juntarão em outras combinações, mas a maior parte dos corpos desta multidão de hoje não se juntará mais para ir às ruas. E até um certo ponto, apesar da toda a euforia do momento, já sabemos disso: não sabemos exatamente como esses corpos se tornarão ausentes, mas a ausência de boa parte deles já está garantida. Por mais carregadxs de fantasmas que sejamos, por mais que estejamos incorporando as lembranças e os acontecimentos que sentimos

(mesmo sem necessariamente saber nomeá-los),

sabemos que muitos destes corpos específicos estão aqui, nesse tipo de cenário e nesse tipo de ação, pela primeira e, provavelmente, a última vez.

Olha eu aqui de novo
olha eu aqui de novo…

3. Jogos de Memória

1 de março de 2013
Praça Mauá, Zona Portuária, Rio de Janeiro

Voltamos agora para março de 2013, para os sonhos que cercavam e ocupavam o MAR na noite da sua inauguração. Enquanto o ruído de sonhos sujos ecoava do lado de fora, a então-Presidente e ex-presa política Dilma Rousseff, experiente e flexível sonhadora que já tinha emprestada seu corpo tanto a sonhos de ruas barulhentamente ativas contra o pesadelo de uma ordem sufocante quanto a *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, se esforçou para comemorar essa colisão entre sonhos como um sinal de PROGRESSO

(*tudo bandeiricamente em maiúsculo).*

> Hoje nós convivemos, um presidente da República convive com o som das ruas, das manifestações... (ROUSSEFF 2013)

Cabe reforçar que, aqui, a Dilma generaliza de novo, falando de "um presidente" hipotético e masculino. Não se refere apenas a si mesma enquanto líder da República

(com R maiúsculo)

e nem ao som daquela manifestação específica, mas a um ofício contínuo que consegue conviver com um som teoricamente incessante. Esse "um presidente" não é apenas ela mesma: é uma figura, um devir-presidente, exemplo de uma espécie de

> efígies performadas...fabricadas de corpos humanos...[6] (ROACH, p. 36)

Ou seja, se trata de um corpo vivo por si só, mas ao mesmo tempo figurativamente representativo de uma progressão contínua de outros corpos ausentes e, na sua maior parte, não-vivos. Esses corpos, por fazerem parte desta progressão

> providenciam as comunidades com um método de se perpetuar (*ibid*, p 36. *)*

Aparentemente, o PROGRESSO com qual Dilma sonha vem através desta progressão; a mudança que ela celebra busca se legitimar por fazer parte desta continuidade. Esse não é um fenômeno exclusivo a *The Brazilian Dream of the*

[6] No original, "performed effigies...fabricated from human bodies..."

American Way of Life, mas, dentro deste sonho específico, é carregado de particularidades e fantasmas locais.

(Dilma, através das suas generalizações, estaria se inserindo numa progressão dominada por fantasmas, entre quais seriam Costa e Silva, Médici e tantos outros, todos bem exageradamente no masculino).

Assim, Dilma, enquanto presidente-efígie, evoca e se insere num centenário estratégia-sonho de poder:

> [a] ficção legalística [em] que o rei teve não apenas um corpo, mas dois: o corpo natural e o corpo político, [que] se desenvolveu...em um princípio cada vez mais pragmático e laico de sucessão soberana e continuidade legal.[7] (*ibid*, 38)

Ao mesmo tempo, Dilma não deixa de prezar pelo PROGRESSO dentro desta progressão; enquanto esta Presidente específica

(com "P" maiúsculo e no feminino)

se insere nesta continuidade histórica, também tenta fazer dela um instrumento para criticar o passado e elogiar a mudança que ela mesma, enquanto Presidente, representa. Mas Dilma faz tudo isso sem se referir ao seu corpo natural.

> Esse país mudou. Não só pelo Museu de Arte do Rio, mas mudou porque hoje nós convivemos, um presidente da República convive perfeitamente com o som das ruas, com as manifestações, com o processo democrático, o que na minha época de juventude não era o usual. Agora, esse barulho das ruas tem um grande efeito sobre nós. Ele faz com que nós tenhamos certeza que esse é um país democrático, um país em que todos têm o direito de se manifestar, que nós aqui achamos perfeitamente natural que haja essa convivência. (ROUSSEFF 2013)

Aqui, Dilma oscila entre a primeira pessoa no singular e no plural, um "plural de modéstia" ou "majestático" que poderia ser entendido como uma tentativa de democratizar o poder público, ou até de expandir o próprio papel presidencial, já generalizado por ela mesma poucos frases antes, a todxs seus ouvintes. Por outro lado, poderia aludir à junção, na sua própria pessoa, dos corpos natural e político.

(Cabe notar que Lula também empregava esse plural bastante ao longo da sua presidência.[8]*)*

O que mais interessa aqui, no entanto, é a convivência que Dilma aponta entre as ruas barulhentas, o poder presidencial e o jogo de memória que ela vai desenvolver logo em seguida. Ao apontar a inauguração do MAR como sinal de

---

[7] No original, "[T]he 'king's two bodies"…the legal fiction that the king had not one but two bodies: the body natural and the body politic – developed...into an increasingly pragmatic and secular principle of sovereign succession and legal continuity".

[8] Ver: Carlos Heitor Cony, "O Plural Majestático", *Folha de São Paulo*, 13 de agosto de 2005. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1308200506.htm) Acesso em: 30 de agosto de 2017

um país em que tanto a democracia quanto a classe média estariam crescendo, ela faz um contraste com o passado específico daquela área ao entorno da Praça Mauá, região onde ela mesma, entre outrxs tantxs presxs políticxs, foi presa e torturada no início dos anos 1970.

> Ali era a Polícia Federal, tinha celas. A minha cela era muito interessante. Metade dela era cinza e tinha muita barata. É o que eu lembro. A gente lembra de algumas coisas, não lembra de tudo, o que até é muito bom. (*ibid*)

Então, logo depois de desenvolver todo um jogo de generalizações de ser "um" presidente

(no masculino)

de um país

(com "p" minúsculo)

de classe média, Dilma agora insere sua experiência pessoal, seu próprio corpo, como gabarito de uma memória social muito mais ampla e muito mais especificamente brasileira. Também classifica essa memória social como fenômeno em que a capacidade de esquecer seria muito bom. E isso na inauguração solene do MAR:

> O Museu de Arte do Rio promove uma leitura transversal da história da cidade, seu tecido social, sua vida simbólica, conflitos, contradições, desafios e expectativas sociais. (MUSEU DE ARTE DO RIO DE JANEIRO, "O MAR")

Enfim, no dia primeiro de março de 2013, Dilma, que se generaliza enquanto presidente, e que parece prezar pelo esquecimento parcial do seu passado, também se coloca como leitora transversal por excelência, comemorando o aniversário da cidade do Rio de Janeiro com uma gingada admiravelmente carioca entre sua experiência pessoal e o rumo do Brasil como um todo, um

> [d]eslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual. (NORA, p. 18)

O deslocamento de Dilma faz do seu discurso um ato em qual os detalhes da sua experiência individual poderiam ser esquecidos, já que a própria construção do Museu seria uma evolução social. Mas seu passado pessoal, para além das suas ramificações psicológicas, também poderia se juntar, fácil e diretamente, à ampla memória social ligada justamente à localidade em que a sua fala está sendo realizada.

> A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido. (*ibid*, p.9)

Aí, quando Dilma elogia a criação de um acervo permanente como

> um dos efeitos mais importantes (ROUSSEFF 2013)

da evolução do Brasil, ela coloca o Museu

(que tanto poderia ser o MAR especificamente, com sua sigla todo em maiúsculo, quanto o conceito generalizado de um Museu, com o "M" maiúsculo mostrando a sua reificação e seriedade)

como lembrança oficializada de uma transformação social específica, mas também como uma certa instigação ao esquecimento.

O MAR, como qualquer museu, é um tipo de monumento à destruição, que empurra certas memórias para o campo do "puramente privado".

(Qualquer jogo de memória se baseia em parte no esquecimento, mas nem todo jogo de memória acaba sendo tão oficialmente promovido e literalmente edificado).

A tortura de Dilma, nesse caso, pesa como experiência pessoal em vez de exemplo de uma ampla repressão social; sendo assim, pode ser facilmente apagada. O MAR, por sua parte, seria quase um marco público e generalizado a esse esquecimento especificamente individual.

De fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável. (CERTEAU, p. 189)

É claro que o MAR é longe de ser o primeiro grande monumento na Zona Portuária, e muito menos no Rio de Janeiro, a comemorar e instigar o esquecimento. É claro também que a sua presença, por si só, não é decisivamente destruidora de memórias individuais e nem muito menos sociais. Não há como desprender a Zona Portuária do seu passado: das torturas sofridas por Dilma Rousseff e por tantxs outrxs durante a ditadura militar; das torturas do sistema escravocrata, sediado durante séculos no Cais do Valongo; além das inúmeras expulsões, rebeliões, desapropriações e diversas outras violências. Mas a memória desses acontecimentos, apesar de estar comemorada ocasionalmente, relembrada em eventuais placas nas casas tombadas da região,

como seria o caso do Instituto de Memória e Museu Pretos Novos (IPN), estabelecido em 2005, e cujo orçamento tem sido reduzido ou totalmente ignorado por anos sucessivos,

parece ser mais sentido, pairado e intangível, sem ocupar nenhum lugar fixo.

De certo modo, a própria permanência física do MAR seria prova da sua oposição à uma memória socialmente ativa.

13 de dezembro de 2010
Avenida Mem de Sá 234, Lapa

Além do meu corpo branco e basicamente cis-homem dificilmente virar alvo específico de repressão, tenho um certo talento de antecipar gás lacrimogêneo e outras formas mais generalizadas de porradaria. Às vezes, imagino que isso seria instinto, às vezes que seria sorte, às vezes que seria medo ou covardia;

pensando bem, acho que deveria ser uma combinação de todos esses fatores, juntados ao fato persistente e nada irrelevante do meu corpo ter essa grande facilidade de ir e vir, de assumir uma invisibilidade que faz com que a truculência pode até vir para onde estou, mas que quase nunca acaba me seguindo.

No início da tarde desta segunda-feira, dia 13 de dezembro de 2010, dei uma breve saída do lado de fora do prédio abandonado, propriedade do INSS, na Avenida Mem de Sá 234, do lado da Praça da Cruz Vermelha. Guerreiras Urbanas, um núcleo de famílias sem-teto, tinha ocupado o prédio de madrugada para tentar fazer dele um espaço de moradia, e um grupo de apoiadorxs ficava por perto. Cheguei de manhã mais-ou-menos cedo para me juntar a um bloco improvisado que batia em latas ao redor da Praça para tentar tirar o foco tanto de transeuntes quanto da polícia para fora da ocupação em progresso

(poucos meses depois, parte desse mesmo bloco começou a se juntar na forma temporária, mais bastante vital, de Bloco Livre Rec!clato).

Depois

quando as primeiras viaturas da PM já tinham chegado ao lado da ocupação-em-progresso

me juntei à cerca humana em frente ao prédio, onde passávamos alimentos e móveis pelas janelas para a pessoas do lado de dentro, cantamos palavras de ordem e fizemos o possível para impedir a invasão de policiais militares chegando de viatura e de camburão.

Carlos Marighella!
PRESENTE!

Casarão Azul!
PRESENTE!

Não lembro quais nomes específicos de pessoas ou ocupações do passado foram gritados naquele dia

(se Carlos Marighella fosse invocado, poderia ser enquanto guerrilheiro revolucionário assassinado pelas forcas da ditadura militar em 1969 ou enquanto ocupação na Rua do Riachuelo que o homenageava, e de onde mais de 40 famílias tinham sido despejadas em setembro de 2010).

Invocar a presença de camaradas e movimentos fisicamente ausentes é outra jogada de memória, outra prática de efígie, de um assombramento ativo que referencia uma continuidade de lutas sociais e de uma consciência histórica em que o legado de indivíduos e grupos se estende para além da sua existência corporal.

Quanto mais envolvido fiquei com movimentos sociais no Rio ao longo dos anos desde 2010, mais eu cheguei a reconhecer certos nomes invocados.

Presidente!
PRESENTE!

Elaine Freitas!
PRESENTE!

Acho que não teve nada para a gente comer na cerca em frente à okupa; por isso, ou algum outro motivo, saí para pegar bananas na república onde eu estava morando na Ladeira do Castro, em Santa Teresa, uma distância de uns 15 minutos a pé. Lembro de ter passado, no meio do caminho, por um enorme cão, de pelo menos uns 50 quilos, morto e já apodrecendo em cima dos paralelepípedos da ladeira; o calor, que já estava ficando insuportável, fez o fedor de morte pairar por boa parte da área, até parecer quase tangível. E lembro que, quando eu voltei, menos que meia hora depois, a ocupação já tinha acabado e o grosso do gás lacrimogêneo já tinha dispersado, deixando apenas um tipo de rastro olfatório afiado que, pra falar a verdade, me incomodava bem menos que aquele deixado pelo cachorro morto que eu tive que passar de novo na descida da ladeira.

Integrantes do Guerreiras Urbanas sentavam ou deitavam na Cruz Vermelha do lado de alguns poucos pertences, se organizando para dar um próximo passo. Eventualmente, todxs seguíamos até a sede do INSS na Rua Pedro Lésso, no centro. Não lembro bem dos detalhes de que aconteceu lá; acabei levando mais algumxs apoiadorxs comigo de volta para a república na Ladeira do Castro, onde editamos vídeos da ocupação e da violência do desalojo para postar no YouTube. Eu queria fazer o possível para contribuir com a luta pela moradia, mas senti na pele – literalmente – que meu corpo teria a possibilidade de entrar e sair desta luta quando e como quisesse.

1 de março de 2013
Praça Mauá, Zona Portuária

Pierre Nora identifica uma classe de

> lugares de memória (NORA, p. 9 *et seq*)

em que o Museu enquanto instituição seria o exemplo por excelência, junto com

> arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações... empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual. (*ibid*, p. 13)

Como, então, seriam os sonhos desta sociedade sem ritual? Ou melhor, os sonhos de uma cidade sem ritual? Seriam sonhos que giram em torno de jogos de significações, jogos de sinédoque que fazem elementos individuais da cidade

(sejam objetos, pessoas, lugares ou ideias
dotadxs de uma suposta memória mais ampla)

virar representações-mor da cidade como um todo; e, em contraponto, fazem a cidade em si virar soma, representação-mor destes elementos. O poder do MAR deriva, em parte, do fato de ser o Museu dito “do Rio”; seria, assim, unicamente capaz de exibir a cidade. Mas esse poder se expressa mais fortemente ainda pelo modo com qual aquele Museu se exibe dentro da cidade, como jóia de uma nova curadoria urbana bastante brutal, uma curadoria social e demográfica do Rio de Janeiro como um todo.

> [A]rquivistas...profissionais aprenderam que o essencial do ofício é a arte da destruição controlada. (*ibid*, p. 15)

Com a inauguração do MAR, *The Brazilian Dream of the American Way of Life* chegou a um certo ápice, pelo menos na sua versão carioca e contemporânea. Muito além de construir novos acervos, o Sonho faz da própria cidade um acervo de si mesma; concentrando memórias para que essas possam se tornar coerentes, para que a cidade possa salientar uma concordância e exercer um controle cada vez maior sobre as histórias contadas para a definir.

> O Museu de Arte do Rio – MAR – marca, sem sombra de dúvida, uma cidade. O Rio de Janeiro tem várias marcas. (ROUSEFF 2013)

The Brazilian Dream of the American Way of Life faz do museu uma marca, e impulsiona o posicionamento da cidade em si como um produto altamente vendível e consumível. Mas a cidade sonhada por *The Brazilian Dream of the American Way of Life* também é consumidora feroz que destrói certas marcas enquanto compra outras, na tentativa de usar essa absorção para ostentar seu caráter cosmopolita e internacional

Por exemplo, instalar um sistema VLT

(moda tão internacionalmente ubíqua quanto inexplicável, já que seus trilhos, além de caros e inflexíveis, tendem a aumentar o engarrafamento de centros urbanos)

seria uma prova indispensável da Seriedade e Eficiência do transporte público da cidade,

mesmo que o sistema de ônibus esteja sendo dizimado,
com rotas reduzidas e a frota cortada.

Aliás, dentro de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, os próprios transtornos girados pela instalação do VLT serviriam como provas de uma liderança municipal comprometida com a cidade e corajosa o suficiente para desmantelar qualquer quantidade de ruas para se modernizar.

(É claro que os tremendos atrasos, os orçamentos estourados e a falta de conclusão que viraram a definir boa parte da experiência do VLT não fazem parte desta sinalização, por mais previsíveis que tenham sido desde o início do projeto. No seu auge, The Brazilian Dream of the American Way of Life *foi espalhado de tal forma que conseguiu abafar essa previsibilidade, pelo menos até um certo ponto).*

A eficácia possibilitada pela destruição também estaria à mostra na vontade de propagar a marca da cidade, e o seu poder de consumo, através de parcerias público-privadas

(PPPs)

cada vez mais grandiosas.

> Queria cumprimentar o Eduardo Paes, porque foi lá e comprou uma Tarsilinha, porque foi lá e comprou um banco que tem uma pintura do Guignard, dando a sua contribuição. Agora, quando a gente viaja no resto do mundo, nós assistimos à contribuição dada por grandes empresários, empresários que legam, legam como parte importante da sua contribuição para o seu país, legam, dão, fazem, fazem doações de obras, de pinturas, enfim, daquilo que conseguiram...comprar, conseguiram adquirir. E eu acredito que esse museu, pela quantidade de colecionadores privados que eu olhei e vi que existia nos quadros, eu acredito que esse museu é um passo do Brasil nessa direção. (*ibid*)

Legar e deixar legados é tema quase incansavelmente recorrente de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*. Na inauguração do MAR, Dilma entrava no jogo apontando para dois legados ao mesmo tempo: primeiro, o legado do patrimônio dado, feito ou doado; e segundo, o legado das próprias parcerias através de quais esse primeiro legado se instalaria. São parcerias estabelecidas entre esferas que se dizem estritamente definidas e separadas, como na colaboração, já comemorada por Dilma, entre governo e iniciativa privado –

> Queria também dizer para o João Roberto Marinho e para o Murilo, um das Organizações Globo, e o outro da Vale, sobre a importância dessa parceria que mostra um avanço do Brasil, um avanço do Brasil porque é uma parceria em que se unem os governos e se unem também os empresários –a(*ibid)*

alem de parcerias estabelecidas por dentro dessas esferas

> Por isso eu queria também cumprimentar o Pezão, meu querido Pezão, que sempre foi um grande parceiro. (*ibid*)

Como também é o caso do VLT, a direção em que essas parcerias caminham, e para qual elas orientam, seria, antes de mais nada, bastante estreita. Aliás, dentro de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, o sentido e o destino do direcionamento se tornam secundários; o que mais importa seria quão racionalizado esse direcionamento pode ser e o quanto poderia avançar sem se travar nas inúmeras bagunças físicas, sociais e históricas que qualquer construção nova, qualquer escavação, haverá de desenterrar.

Naquele dia, dentro do MAR, *The Brazilian Dream of the American Way of Life* se lançava no ar pelas linhas lustrosas, firmes e confiantes de um monumento que se firma no asfalto. Do lado de dentro, Dilma Rousseff prezava, majestaticamente, ao dito PROGRESSO bélico, social e cultural

(nessa exata ordem)

> Lá em Itaguaí, nós presenciamos o estabelecimento da capacidade do país para produzir submarino nuclear. Depois, na Ilha do Governador, nós vimos a excelência de um hospital geral, um hospital feito depois de milhares de promessas ao longo de várias décadas, um hospital que foi feito para a comunidade. E agora nós estamos aqui, naquilo que talvez seja a obra, a iniciativa mais geral, que atende a todos os brasileiros, a todos os cariocas e a todos aqueles, homens e mulheres, que vêm de outras partes do mundo para conhecer a nossa alma. (*ibid*)

20 de junho de 2013
Avenida Presidente Vargas, Centro

Volto a falar no presente.

Já estou caminhando junto com o fluxo do ato, indo no sentido do Piranhão, quando as explosões começam mais pela frente. Não lembro exatamente aonde estou quando as primeiras bombas de gás e de efeito moral estouram, mas lembro do enorme engarrafamento humano do lado da Central do Brasil, o desespero generalizado de acharmos cercadxs por entre policiais e as grades altas de uma pequena área verde, de estarmos sendo perseguidxs pelos chiados de gás lacrimogêneo, estalos de balas de borracha e outros tantos ruídos que não consigo identificar de imediato, mas que não deixam nenhuma dúvida sobre a violência por trás das ações que os criam.

Não corre!

Faço o possível para não correr, procurando alguma brecha por aí que não seja por entre as grades.

De alguma maneira, consigo chegar no Largo de São Francisco, meio que pegando carona na grande onda de corpos descendo Avenida Passos. Tem bastante gente ao meu redor aqui, mas tudo parece muito mais calmo e menos cheio do que a multidão que deixei na Presidente Vargas. Mas enquanto caminho mais-ou-menos tranquilamente em frente à Igreja do São Francisco de Paula**,** dezenas de policiais da Tropa de Choque aparecem de todos os lados. Começo a correr pela Rua Ramalho Ortigão segundos depois de ouvir mais bombas; quando olho para trás, vejo uma ressalva de garrafas e pedras portuguesas sendo lançadas no ar. Chego na Lapa alguns minutos depois, sem ar e assustado, mas basicamente inteiro.

Enquanto isso, na mesma noite de 20 de junho de 2013, Rafael Braga, homem negro de 24 anos que trabalha como catador de materiais recicláveis, é detido por integrantes desta mesma Tropa de Choque e preso por estar portando desinfetante e água sanitária, acusado de estar envolvido em fabricar explosivos. Enquanto, para mim, o dia 20 de junho de 2013 termina em um bar da Lapa, onde troco relatos de desvios de bombas de gás

(até que outras bombas alcançam esse mesmo bar, e meto pé para Santa Teresa, pela Escadaria do Selarón)

Rafael Braga passa a noite em Bangu 5, onde permanecerá durante anos, a única pessoa detida naquela noite a ser mantida presa. Ou seja: algo daquela imaginada alma coletiva de que a Dilma falava 3 meses antes estaria se mostrando plenamente nessa noite, justamente por sua capacidade de manter repressoras tradições bélicas, sociais e culturais.

1 de março de 2013
Praça Mauá, Zona Portuária

No dia 1 de março de 2013, do lado de fora do MAR, sonhávamos em articular memórias que foram parar debaixo do mesmo asfalto de que o Museu tinha surgido, ou então que ficavam fragmentadas e dispersas numa poeira que não teria mais a firmeza do elemento terra em si, mas que seria dele uma lembrança.

> Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo. (CERTEAU, p. 188)

Rec!clato se pôs a evocar os espíritos de objetos e pessoas descartadxs por *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, na tentativa de incorporar alguns deles, ou, pelo menos, de batucar contra um silenciamento forçado. As latas e sucatas, dejetos da racionalização desse Sonho, assumiram um papel central, contrapondo seu barulho às falas exclusivamente direcionadas da cerimônia de inauguração e embaralhando o jogo de memória que girava em torno da centralidade do MAR.

Chegou no meu espaço
Mandando no pedaço
Com um amor que não é brincadeira

Pegou, me deu um laço
Dançou bem no compasso
De prazer, levantou poeira

Poeira, poeira
Poeira, levantou poeira.
(LOURENÇO/SANGALO, "Sorte Grande")

Isto não é para dizer que o levantamento de poeira viraria unicamente através da interferência do Bloco Livre Rec!clato ou de qualquer outro coletivo ou esforço que estivesse do lado de fora do MAR. Não tem como separar o Museu em si deste processo, já que, de fato, um lugar de memória toma à força a complexidade de qualquer dado território: chega em um espaço que já ampara diversas redes de identidades e sociabilidades com o intuito de mandar naquele pedaço, de impor uma leitura específica de passado e presente. O esquecimento que ele implementa como oficialidade nega ser mais um jogo de memória; seu zelo, dito amoroso, não é brincadeira, principalmente quando

pretende articular e formalizar o passado de um País

(com "P" maiúsculo, para expressar a sua grandeza)

e comprovar, assim, a clara evolução que o lugar, por si só, representa.

> A nação não é mais um combate, mas um dado; a história tornou-se uma ciência social; e a memória um fenômeno puramente privado. (NORA, p. 12)

(Pausa)

Poeira, poeira
Poeira, levantou poeira

Assim, um lugar de memória, através de um caráter localizável que se diz permanente, segura e restringe o prescrito território em que age como se fosse prendê-lo com um laço. Ele executa uma dança no compasso, se fixando com coordenados específicos e imutáveis.

Até agora, tudo bem; acho que todo mundo já sabia da forte influência que o pós-modernismo francês exerce na obra de Ivete Sangalo, e vice versa. Mas aí chegamos à última frase antes do bis

De prazer levantou poeira

Ao meu ver, há dois problemas aqui. O primeiro, por mais persistente que seja, é relativamente fácil de articular: qual levantamento de poeira é esse? Eu diria ele vem, em grande parte, através da própria força hegemônica que age para fundar e reconhecer um lugar de memória . A poeira complica, contradiz ou simplesmente nega a ideia de uma história simplificada, consagrada e racionalizada. Ela exerce um rebatimento, um

> uso sacrifical e destruidor da verdade que se opõe à história-conhecimento... [t]rata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar consequentemente toda uma outra forma de tempo. (FOUCAULT, p. 80)

É crucial ressaltar que a ligação entre uma força oficializadora e o levantamento da poeira não é absoluta; ou seja, poeira nunca será levantada de uma forma só, nem muito menos com uma única finalidade.

Aliás, a poeira tende a fugir de qualquer finalidade, de qualquer concretude.

Por ser tão dispersa e semi-etérea, a poeira vai quase sempre contrair ou contrariar qualquer racionalização**,** remetendo para, apontando para ou simplesmente sendo, ela mesma, memória inconvenientemente fundada. E vários sonhos sujos levantam essa poeira incansavelmente. São

> práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento... procedimentos

> que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegitimada...(CERTEAU, p. 175)

Ou seja: a poeira vem sendo levantado constantemente, por vários lados e por vários atores, por menos perceptíveis que alguns desses possam parecer.

Agora, o segundo problema é um tanto mais existencial. Que prazer é esse que precede o levantamento da poeira? De quem é, e como é que ele se articula? É claro que existe um prazer implícito em *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, um prazer de exaltação, de excitação, de um certo falocentrismo,

já que se trata daquele tipo de sonho das coisas que se erguem, levantando uma poeira cuja eventual queda já está garantida.

Dentro deste Sonho, o prazer se deriva da evolução, da construção, de uma harmonia apagadora e um apagamento harmônico.

Mas é claro que os sonhos sujos do Rec!clato e de tantos outros corpos do lado de fora do MAR

(corpos naturais, coletivos e até políticos),

também criam um certo prazer no ato de levantar poeira, uma certa efervescência durkheimianamente coletiva da junção

necessariamente temporária

naquele espaço, no esbarrar com o sonho do lado de dentro, e na própria lembrança. Criam esse prazer mesmo sendo sonhos fragmentários e dispersos por natureza, por mais passageiros que possam ser, e por mais facilmente que possam virar alvos de repressão.

> [O] memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. (*ibid*, p. 190)

A ausência destes corpos foi fato fundamental para que a Zona Portuária do Rio começasse a ser transformado em algo que poderia ser chamado de Maravilha; aliás, é só no esquecimento do custo social da sua construção que o MAR poderá se declarar uma instituição que

> deverá proporcionar a quebra de barreiras sociais que normalmente são associadas aos museus…[U]m local acessível a todos e onde as pessoas se reconhecerão por meio da história, da arte e da cultura representadas nas exposições. Como um espaço que almeja ser democrático, estabelecerá canais de escuta que assegurem sua porosidade em relação à sociedade.
> (MUSEU DE ARTE DO RIO, *A identidade*, p. 19)

Naquela noite da inauguração do MAR, algumxs integrantes do Rec!clato provavelmente tentaram efetuar essa quebra de barreiras de um forma literal. Mas não lembro se essa tentativa teria acontecido de fato e muito menos se seria bem-sucedida.

De qualquer forma, o Museu, enquanto instituição, ergueu e defendeu muitas barricadas naquela noite, mas nada fez para quebrar nenhuma delas.

Para evidenciar o compromisso do MAR com a porosidade em relação à sociedade, a abertura do Museu contava com a exibição *O abrigo e o terreno*, que retratava movimentos de moradia popular em São Paulo. Dezenas de militantes paulistanxs da luta de moradia daquela cidade estavam presentes na inauguração, convidadxs especiais cujos corpos poderiam representar a suposta acessibilidade do Museu.

Do lado de fora da inauguração, apontamos a tantas outras pessoas ausentadas à força para dar espaço ao Projeto Porto Maravilha. Várixs integrantes do Rec!clato naquela noite foram ex-moradorxs da Zona Portuária, principal

(mas não exclusivamente)

da Flor do Asfalto, ocupação estabelecida em 2006 em uma área industrial abandonada na Avenida Rodrigues Alves. Durante seus 5 anos de existência, Flor do Asfalto serviu como centro de moradia e cultura anarco-punk, antes de ser despejada pela Prefeitura em novembro de 2011.

```
...produz seu próprio adubo
e deixa essa flor exalar teu cheiro
do asfalto que eu vi quebrar.
Revitaliza na consciência popular
com anarquia picareta (picareta):
é ela que vai cantar, com anarquia,
destruindo, reciclando e semeando
pra essa flor ocupar.
```

(ANARCOFUNK, “FlordoAsfalto”)

Ou seja: entre os nossos corpos barulhentos, alguns, além de já estarem levantando poeira anarquicamente naquela mesma parte da cidade durante anos, já sofreram diretamente com as expulsões que possibilitavam a inauguração do MAR. Outros corpos no Bloco teriam sofrido outros processos de expulsão ou repressão, e muitos outros teriam observado parte desses processos de perto, sem nunca ter virado alvos diretos.

Eu, por minha parte, frequentei Flor do Asfalto durante o último ano da sua existência, e já tinha presenciado alguns despejos de ocupações recém-formadas no Rio de Janeiro, mas sempre voltei destes pontos de contato para algum quarto confortável e alugado mais-ou-menos dentro das normas legais.

Rec!clato arrastava várias contramemórias pelo cidade; por dentro do nosso barulho e da poeira levantada ao longo das nossas caminhadas, tinham bastante fantasmas. Aqui e agora, talvez a Flor do Asfalto fosse um dos fantasmas que mais desse para sentir à flor da pele

(por assim dizer)

mas não duvido que o Bloco sempre exerceu uma certa mediunidade; que, mesmo sem sabermos identificar grande parte dos fantasmas que acompanhavam as nossas saídas, acabávamos carregando e sendo carregadxs por muitos espíritos de muitos passados da cidade.

> As ruas têm os rolos, as casas mal assombradas, e há até ruas possessas, com o diabo no corpo. (RIO, p. 64)

Não consigo imaginar alguma cidade que não seja assombrada de alguma forma, mas me parece que as ruas do Rio são especialmente assombradas. Ou pode ser que sou eu que fico sentindo especialmente assombrado por elas. Sinto sempre que a cidade está carregada de fantasmas e que são esses espíritos que a gente invoca para nos levar adiante.

Rec!clato invocava fantasmas pelo barulho, sem nunca nomeá-los.

Sempre senti que os fantasmas que se arrastavam juntos com ou bloco ou pelo bloco (ou seja como for que fantasmas se locomovem) seriam fantasmas poeirentos ou microbianos ou de contramemórias, ou então que poderiam ser descritos por todas essas palavras sem serem reduzidos à nenhuma delas.

Mas é claro que existem muitos fantasmas diferentes e muitas formas distintas de invocação. E não imagino que qualquer invocação de fantasmas seria, necessariamente, uma ativação de contramemória ou algo do tipo. O assombramento não é sempre uma expressão de resistência ou de exaltação ou de qualquer outra relação específica com o passado; é apenas expressão de um passado que, de alguma forma, faz questão de se fazer sentido.

4. Um passo, dois passos, Pereira Passos

1 de julho de 2012
Jardim do Valongo, Zona Portuária

> Por pouco, o prefeito do Rio, Eduardo Paes, não inaugurou a primeira fase das obras da Zona Portuária, no dia 1º, fantasiado — com roupas de época — de ex-prefeito Francisco Pereira Passos. A ideia era incorporar, de forma teatral, o espírito do responsável pela maior reforma urbana já vista no Rio.
> (F. TABAK in *O GLOBO*, 9/7/2012)

Em outros palavras, Eduardo Paes pouco se contentou em ser uma reles efígie encarnada cuja presença física atestasse ao seu vínculo mitologicamente direta e intacta com seus antecessores

(nesse caso, generalizar no masculino não apaga nenhuma história específica, já que nunca teve qualquer prefeito ou governador do Rio de Janeiro que não fosse homem cisgênero).

Paes queria mergulhar mais profundamente no mesmo tipo de jogo de memória referenciado

e reverenciado

por Dilma nas suas generalizações de continuidade; queria habitar, em si mesmo, a Perpetuidade do Papel do Prefeito

(outro PPP, também com Ps bem maiúsculos, como o "P" de Paes juntado aos dois "P"s de Pereira Passos).

Além de dar continuidade ao porte do poder, um Prefeito usando seu próprio corpo para representar um outro Prefeito também consegue invocar um vínculo fisicamente direito ao passado, mas contido em si mesmo. Eduardo Paes buscou encarnar, pelo menos temporariamente, o lendário "Haussmann Tropical" dos ambiciosos projetos dos primeiros anos do século XX, projetos que transformaram o Rio de Janeiro de uma maneira radical, duradoura e bastante violenta. Pelo menos durante uma tarde, o prefeito-vivo pretendia se tornar no prefeito-fantasma que provavelmente seria o mais conhecido de toda a linhagem de ex-prefeitos da cidade; e mais, pretendida se tornar em Pereira Passos sem nunca perder a sua própria corporalidade.

Mas não foi o caso:

> Aconselhado por assessores e a poucos dias do início da campanha eleitoral, Paes, candidato à reeleição, desistiu da ideia. Coube a um ator a tarefa de representar o ex-prefeito. (*ibid*)

Sem a incorporação direta de um Prefeito pelo outro, a justaposição dos corpos de Paes e Pereira Passos, mesmo dando ênfase às semelhanças, acabou reforçando um certo distanciamento que se espera entre políticos diferentes, principalmente entre políticos de épocas tão distintas. No mais, fez com que o impulso de se transformar em Francisco Pereira Passos não ficasse sublinhado como sendo desejo árduo de Eduardo Paes.

> — Isso (a fantasia) foi de brincadeira — desconversa o prefeito, dias depois, ao falar sobre como gostaria de ser lembrado: — Um urbanista à la Pereira Passos com um coração à la Pedro Ernesto...Sob o ponto de vista da modernização da

> cidade, de grandes intervenções que possam melhorar e recuperar o Rio, acho que tem muita coisa acontecendo como aconteceu no governo Passos. (*ibid*)

A figura de Pereira Passos não deixa de ser uma espécie de fantasma, assombramento que seguiu Eduardo Paes e instigou o prefeito contemporâneo a seguir seus exemplos de reformas drásticas, de mudanças estruturais a serem refletidas ética, estética e comportamentalmente nos corpos que habitam a cidade. Nesse sentido, a quase-incorporação de Pereira Passos por Paes pode ser menos uma questão de vontade pessoal de que possessão, um assombramento que mistura desejo com compulsão sem permitir que esses aspectos sejam nem juntados e nem muito bem distinguidos.

Um passinho para a frente, um passinho para trás.
Chico Pereira Passinhos, do Catete até o Cais.

Morreu há mais que cem anos; porém, pra quem queira mais,
seu fantasma tá na área, do lado do Dudu Paes

Afinal, ambos os prefeitos se caracterizaram e foram caracterizados, ao longo das suas gestões, como sonhadores por excelência:

> O Dr. Passos é um homem que não dorme. Não dorme, em se tratando de actividade a empregar. Claro está que S. Ex. com toda a sua energia e outras muitas qualidades boas que o destinguem não está livre das necessidades phísicas a que estão infelizmente jungidos todos os homens, mesmo os que não tem qualidade alguma.Assim, S. Ex. dorme como qualquer munícipe.
> (*O PAIZ*, 11/1/1903, in DEL BRENNA, p. 23)

Não quis interromper essa fábula jornalística de janeiro de 1903, mas acho pertinente sublinhar que, aqui, o corpo é tido como um peso com qual "todos os homens" estão obrigados a lidar, um obstáculo a maiores realizações. Não é uma perspectiva de corpo que seria estranha às políticas promovidas e colocadas em ação por Pereira Passos, e nem muito menos por seu acólito do século XXI.

> Homem fatigado de muito trabalho S. Ex. adormeceu ao zum-zum confuso de vozes que vinham de salas próximas.
>
> Adormeceu. Mal, porém as pálpebras lhe cerraram, S. Ex. começou a sonhar. A cidade, velha e imunda de hoje havia desapparecido.
>
> Em seu logar uma lindíssima cidade moderna se estendia, cheia de extraordinários palácios, de enormes avenidas, de verdejantes parques. *(ibid)*

O sonho modernizador de Pereira Passos se instalou apesar de, e em contraste a, toda a inconveniência causada pelo corpo humano generalizado, pelo corpo específico de um prefeito activo e indisposto a dormir, e pela corporalidade dos infelizes homens...que não tem qualidade algum. Sonhar com uma cidade assim reformada implica sonhar com a superação de todos esses corpos; alias, implica uma dominação do Corpo de uma forma geral e de muitos milhares de corpos específicos.

A lição mais valiosa que o esporte nos ensina é a da superação. E nos últimos anos, o Rio vai se superando dia após dia. (PAES 2012 a)

Já em "Legado", vídeo da sua campanha a reeleição em 2012, postado no Youtube poucas semanas depois do seu encontro com a efígie de Pereira Passos, Eduardo Paes apela diretamente a essa ligação entre a superação física e o melhoramento da cidade, se apoiando nos Jogos Olímpicos de 2016 como evento transformador por excelência tanto de corpos que habitam o Rio quanto da cidade em si. É uma superação que se ativa principal e mais pronunciadamente no enriquecimento da cidade; um combate axs pobres, mas não à pobreza, em que muitos corpos são superados por vários outros.

Chico Pereira Passinhos
reorganizou geral,
como se quisesse se tornar
num Haussmann tropical,

Resignificando no sentido
infraestrutural
e na ordem da estética
e também da moral.

1 de março de 2013
Praça Mauá, Zona Portuária

(RAMALHO, Daniel. In *TERRA*, 1/3/13)

Talvez esse corpo vestido de macacão cor-de-laranja e máscara de Clóvis no meio desta foto seja meu. Talvez não. A foto foi tirada em frente ao MAR naquele dia primeiro de março de 2013, e o corpo mascarado está carregando

uma faixa que articula certas consequências históricas.

A questão sobre quais dessas consequências também são carregadas por quais corpos específicos – e como – é absolutamente fundamental, mas não se encontrará uma resposta definitiva por aqui. Além disso, mesmo sabendo que essa questão é mega-relevante para qualquer corpo específico, inclusive para o corpo mascarado da foto, vou manter o seu anonimato, supondo apenas que poderia ser meu.

Por enquanto, a foto age como retrato de um sonho sujo e poeirento; nesse caso, um pesadelo focado nos destinos de muitos dos corpos a serem superados pela cidade, os corpos que definitivamente não integram à dita evolução de um dito país de classe média. É um sonho de choques lançados contra corpos vistos como resíduos ou detritos; justamente os corpos específicos que carregam as consequências não-contadas das histórias oficiais e não-oficiais, consequências que são, no mínimo, inconvenientes para que estas histórias se instauram como Fatos.

Ressaltando: sonhar com esses corpos não implica ser um deles.

> Velhas usanças se mantinham que, em muitos casos, lhe negavam os foros de capital e mesmo de um simples "habitat" de um povo civilisado...Mandei...desde logo, proceder á apanha e extincação de milhares de cães, que vagavam pela cidade, dando-lhe o aspecto repugnante de certas cidades do Oriente...Tenho procurado pôr termo á praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria que, por toda parte, perseguiam a população incommodando-a com infernal grita e dando á cidade o aspecto de uma tavolagem.
> (PASSOS in DEL BRENNA, p. 98-9)

O desgosto que Pereira Passos sentiu por essas velhas usanças *aparentemente não se estendeu a lugares que ele entendeu como sendo* civilisados *por natureza; a França, por exemplo, seria aparentemente invicta. Mesmo que tenha mandado apanhar cães, reza a lenda que também importou pombas do velho mundo, para que as ruas do Rio de Janeiro assumissem um aspecto mais parisiense.*

```
Chico Pereira Passinhos
nunca foi eleito, não;
se tornou prefeito através
de uma nomeação

Rodrigues Alves (o presidente)
apelou à sua razão
e lhe conferiu o cargo
num estado de exceção.
```

> O Sr. Presidente da República disse ao novo prefeito que elle tinha carta branca para dirigir os destinos do Distrito Federal. Accresentou sua excelência que podia demittir funccionarios, regularisar repartições, recommendando que não se deixara levar por considerações meramente políticas e garantindo que elle estava disposto a não ouvir as queixas por ventura levantadas pelos politicos descontentes.
> (*CORREIO DA MANHÃ* de 31/12/1903, in DEL BRENNA, p. 20-21)

O assombro de velhas usanças e de pragas humanas, comportamentos inaptos a uma cidade tida como moderna e civilizada, perturbava Eduardo Paes tanto quanto seu antecessor. Por mais que as usanças específicas a serem extinctas tenham sido atualizadas ao longo de mais de cem anos, as ditas pragas do cotidiano urbano, esses comportamentos-fantasma que arrastam consigo contramemórias que não cabem bem nos sonhos de PROGRESSO, voltaram a ser alvos principais dos preeminente Choques do Rio de Janeiro no início do século XXI, dos programas assinatura de outro Prefeito que se viu como grande civilizador.

> Choque de Ordem…
>
> Um fim a desordem urbana.
>
> A desordem urbana é o grande catalisador da sensação de insegurança pública e a geradora das condições propiciadoras à prática de crimes, de forma geral. Como uma coisa leva a outra, essas situações banem as pessoas e os bons princípios das ruas, contribuindo para a degeneração, desocupação desses logradouros e a redução das atividades econômicas.
>
> Com o objetivo de pôr um fim à desordem urbana, combater os pequenos delitos nos principais corredores, contribuir decisivamente para a melhoria da qualidade de vida em nossa Cidade, foi criada a Operação Choque de Ordem.
> (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, "Um fim à desordem urbana")

Na busca de fazer das ruas do Rio de Janeiro *loci* de pessoas de bons princípios, o Choque de Ordem agiu como um tipo de apagamento moral e físico

(e bastante agressivo),

uma tentativa de tirar a sensação de insegurança pública da cidade através da remoção de certas pessoas, substâncias e comportamentos das ruas onde sempre circulavam. Se tratava

(e continua de se tratar)

de um controle sócio-estético de certas memórias e, principalmente, de certos corpos tidos como desordeiros.

Corpos tidos como desordeiros e práticas tidas como pequeno delitos

Corpos ditos desempregados ou subempregados que pedem dinheiro na rua;
corpos que trabalham na rua sem credenciais suficientes (como mototaxistas, catadorxs de lixo ou camelôs);
corpos que praticam furtos ou roubos;
corpos que mijam na rua;
e principalmente, em qualquer um desses casos, ou em qualquer outro caso,
corpos tidos como agressivos ou ameaçadores,
especialmente corpos jovens, pobres e/ou de pele escura.

A guarda toma, a guarda tira
A guarda toma, a guarda tira
O Estado dá a Ordem
E o Choque quem toma é o pobre
(ANARCOFUNK, "A guarda toma e o choque mata")

Além das suas massivas e coordenadas operações, como tirar pessoas em situação de rua de bairros tidos como estando em reformas, apreender carrinhos de camelôs ou multar "mijões" durante o carnaval, o Choque de Ordem ainda inspirou iniciativas como Lapa Legal

inaugurada em 2010

que visava regular tanto o comércio quanto o comportamento em um dos principais polos da vida noturna no Rio. Mais tarde, a campanha se metamorfizou-se em Lapa Presente, PPP que junta agentes da Guarda Municipal e da Polícia Militar em uma única força de patrulhamento, revistamento e agressão, organizada pelos governos municipal e estadual e pago por comerciantes locais. Esse modelo de controle reforçado se espalhou pela cidade, ganhando cópias como Centro Presente, Lagoa Presente, Aterro Presente e Méier Presente.

Mas o Choque de Ordem está longe de ser o único choque contemporâneo que mata, ou de ser o choque contemporâneo que mais mata. Tanto no século passado quanto na atualidade, o sonho de uma cidade civilizada não visa apenas a superação de corpos e comportamentos individuais; também busca transformar as estruturas físicas da cidade da maneira mais generalizada possível. O sonho de um Rio de Janeiro moderno, substrato de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, se ancora no conceito de Revitalização, sem nunca especificar exatamente do que esse processo se trata, ou do que ou quem, exatamente, estaria voltando a viver.

Fui procurar definições de revitalização dadas por Eduardo Paes ou Sergio Cabral ou Dilma ou Lula ou seja quem for, e não achei nada que explicasse o conceito diretamente, nenhuma colocação que fizesse mais de que louvar o processo sem dizer o que é de fato. Isso não é para dizer que sou um Bom Pesquisador; assumidamente não sou. Mas a falta de qualquer pista já deixa bastante claro que o conceito da revitalização se torna valioso justamente por ser indefinido, por poder ser preenchido de qualquer forma e por qualquer umx que se pretende articuladorx de um sonho de uma cidade modernizada.

Isso tudo para sublinhar que, na verdade, não teria como sonhar com esse preenchimento se não tivesse vazios a serem preenchidos. E que, assim, não há como separar as estruturas físicas de uma cidade dos corpos individuais que as habitam, ou que as frequentam ou que ficam às suas margens. A revitalização, antes de mais nada, é mantida aparentemente indefinida justamente para não ter que se definir através dos corpos que são e serão sempre seus alvos. (A lista dos corpos "desordeiros" na lógica do Choque de Ordem não é exaustiva, mas também serve para designar os tipos de corpos contra quais a revitalização se coloca).

A revitalização da Zona Mortuária ...

o sonho de impérios erguidos
sobre o pesadelo de lares des-
troçados, um novo tempo
para um novo centro e um novo
Rio, e todo o resto implodido
sem nem um grito, pacificado
por um novo velho regime...

bota abaixo a casa, o sobrado
e os movimentos populares
para liberar antigos espaços
e construir novos lugares...

para esquecermos de onde viemos, um altis-
simo investimento que ergue o monumento...

para revitalizar, primeiro
tem que se matar. (COLETIVO PROBLEMA 2013, p. 4-5)

O encontro primário entre corpos e estruturas a serem revitalizadxs vem através da remoção das pessoas de casas onde moram, geralmente seguida pelo derrubamento destas casas. Muitas vezes, esses processos são apresentados por seus sonhadorxs como sinédoques essencialmente entrelaçados: tanto vale remover moradorxs quanto destruir a casa que habitam. Na verdade, remover residentes para depois derrubar a casa em que moravam não é necessariamente uma sequência garantida.

"Jorge, estão derrubando a sua casa!" Aí, parou tudo lá e viemos, todo mundo, correndo pra cá. Mas era uma casinha pequeninha, com uma maquina dessas 90-e-tanto tamanho. Com dois tapas derruba, né? Aí foi bom que as pessoas filmaram com tudo dentro, tudo jogado no chão, quebrado. Tudo esculachado, com o sofá, tudo ali. Com os entulhos tudo em cima.
(SANTOS in *Contagem Regressiva: Remoções*)

Expulsar pessoas e derrubar as casas onde moraram para transformar a cidade não seria nenhuma novidade no Rio de Janeiro. Aliás, seria atualização de uma prática secular, revitalização de uma tendência que nunca morreu de fato e nem ficou tão moribunda, que no máximo ficou um tanto devagar, e que já chegou a vários auges em termos tanto da velocidade das remoções quanto de quantidade de pessoas despejadas e casas destruídas.

Remoções espetaculares em massa no Rio de Janeiro

1905 – Morro do Castelo
1965 – Morro do Esqueleto
1969 – Praia do Pinto (incêndio culposo)

Durante a gestão de Pereira Passos, lá pelo início do século XX, não se falava em revitalizar. A ordem do dia

foi a iniciativa popularmente denominada “Bota-abaixo”, campanha de destruição de casas em massa que seria o primeiro passo da grande transformação do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906.

> Ha no Rio de Janeiro, sinão milhares, pelo menos centenas de casas que necessitam vir abaixo, não só como medida de emblezamento como de hygiene. (CORREIO DA MANHÃ, 3/8/1903 in DEL BRENNA, p. 90)

Pereira Passos teria botado milhares de casas abaixo e removido uma estimada 20.000 pessoas das suas moradias[9]. Eduardo Paes, por sua parte, conseguiu bater essa meta com cerca de 67 mil pessoas removidas[10].

```
Pro Dudu, a meta também foi
     reformular geral,
  pra que o Rio de Janeiro
  pudesse ser mais global.

Destruiu milhares de casas,
     atraindo o capital
 do investimento que se diz
       mega-eventual.
```

O prefeito contemporâneo e pós-industrial implementou uma certa mecanização do processo de botar casas abaixo, padrão executado em comunidades por toda parte da cidade

> **Os passos para uma remoção...**
>
> **1. COMUNICADO DE REMOÇÃO**
> A Secretaria Municipal de Habitação, com pretextos diversos, anuncia à comunidade a remoção...
>
> **2. CENSO INVENTADO**
> Agentes públicos municipais, sob a justificativa de estarem executando uma pesquisa específica para a Educação ou para averiguação a fim de contemplar moradores com benefícios federais, pedem para entrar nas casas...
>
> **3. MARCAÇÃO DE CASAS**
> Comunicada a remoção e feito o levantamento, a prefeitura demarca as casas com a sigla SMH e, no caso de negociação positiva, também coloca a letra “D”, de demolição. Caso semelhante pelo autoritarismo ao curioso PR de “Príncipe Regente” ou de “Ponha-se na rua” no Rio de Janeiro ainda colonial.

---

[9] Ver: BETIM, Felipe. “Remoções na Vila Autódromo expõem o lado B das Olimpíadas”. In El País, 5 de agosto de 2015.
https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/20/politica/1434753946_363539.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

[10] Ver: BATISTA apud FAULHABER e AZEVEDO 2016, p. 37.

4. NEGOCIAÇÕES INDIVIDUALIZADAS...
5. DIVISÃO DO COLETIVO E COOPTAÇÃO DE PESSOAS...
6. DISPUTAS, AMEAÇAS E OS CONTRATADOS...
7. DEMOLIÇÃO E DESCARACTERIZAÇÃO...
8. USO DA FORÇA POLICIAL...
(FAULHABER e AZEVEDO, p. 51-3)

O uso da força policial é ferramenta fundamental da revitalização, seja para reprimir comportamentos, derrubar casas ou apagar memórias e os corpos que as carregam. Ao longo das duas gestões de Eduardo Paes, essa violência "revitalizadora" se destacava principalmente por uma intervenção que disse ser da paz e que foi, de longe, o Choque que mais matava no Rio de Janeiro.

> [U]m dos pilares da nova Política de Segurança Pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro é a retomada dos territórios conflagrados e antes dominados pela bandidagem e pelo tráfico de drogas, a instalação das UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora – e a consolidação da "Polícia de Proximidade".
> (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, p. 7)

A" Pacificação" se trata de um programa do governo do Estado do Rio de Janeiro, mas é inseparável tanto dos sonhos articulados por Eduardo Paes quanto do seu legado e das suas políticas de uma forma geral. Além do mais, as primeiras 35 UPPs foram instaladas exclusivamente em favelas do município do Rio de Janeiro; a "Pacificação" só se estendeu para o resto do estado em 2014, com a incursão da UPP de Camarista Méier, em Duque de Caxias.

Se o Choque de Ordem se trata de programa de controle físico-comportamental, e as remoções de controle físico-territorial, a "Pacificação" seria um tipo de fusão e aprofundamento dessas tendências: um programa de retomar territórios tidos como perdidos pelo poder público através de uma ocupação que se diz permanente, com o intuito de reger os corpos que ali vivem e os comportamentos que esses corpos exercem. Mas se apresenta como inovação: já que, historicamente, as ações do Estado em relação às favelas do Rio de Janeiro têm se tipificado pelo abandono e à ocasionais incursões bélicas, as UPPs ostentam sua presença permanente como uma espécie de carinho.

> A atuação da Polícia Pacificadora, pautada pelo diálogo e pelo respeito à cultura e às características de cada comunidade, aumenta a interlocução e favorece o surgimento de lideranças comunitárias. As UPPs têm um compromisso com a vida e a liberdade. (*ibid*, p. 23)

Mas a atuação policial que se diz pacificadora tem se mostrado bastante belicosa desde que começou. A espetacular invasão militar do Complexo do Alemão pela Polícia Militar em conjunto com as Forças Armadas, no fim de novembro de 2010, foi transmitida ao vivo em rede nacional ao longo de vários dias, e deu início a uma "Pacificação" imediata

(ou seja: soldados da PM e do Exercito permaneceram lá; as UPPs dos complexos da Alemão e da Penha só chegaram a ser oficialmente inauguradas em maio de 2012).

> Após uma série de atentados ocorridos na cidade, com 106 veículos queimados, a

polícia ocupou o Complexo do Alemão no dia 28 de novembro de 2010. A ação foi seguida pela entrada de tropas das Forças Armadas, que permaneceram na comunidade após a pacificação. As imagens de traficantes fugindo pela Serra da Misericórdia, que liga os complexos do Alemão e da Penha, ganharam o mundo. (*ibid*, p. 108)

A sensação midiática nacional e até internacional da invasão destacou a mudança do Rio de Janeiro e, através de uma jogadinha de sinédoque, do País de uma forma generalizadamente maiúscula.

O DIA EM QUE O BRASIL COMEÇOU A VENCER O CRIME (*VEJA*, 12/1/2010, capa)

Recorro à VEJA *obviamente sem concordar com quase nada do seu conteúdo tendencioso, intelectualmente preguiçoso e proto-fascista. Mas reconheço o enorme peso que a revista infelizmente exerce não apenas na imprensa nacional e internacional como também em um certo imaginário bastante difundido do que seria um Pensamento Conservador Sério e/ou Responsável. Midiaticamente, a revista talvez seja a mais nítida articuladora de* The Brazilian Dream of the American Way of Life*; com certeza seria a mais lida.*

(E, além do mais, e apesar da sua histórica defesa da privatização e do neoliberalismo de uma forma geral, o acervo integral da revista se encontra de graça pela internet).

A batalha do bem contra o mal mais uma vez travada no Rio de Janeiro – agora, com tintas de Armagedon. (SOARES e LIMA in *VEJA* 2010, p. 135)

O binarismo didático da *VEJA* combinou bastante com uma sonhada revitalização que Eduardo Paes se esforçou tanto para articular e transmitir

[A] prefeitura quer transformar os dois complexos num exemplo de prestação de serviços públicos. Vamos levar dignidade e cidadania aos moradores dessa região. (PAES apud REUTERS in *G1*, 29 de novembro de 2010)

A invasão do Alemão em novembro de 2010 resultou em pelo menos 36 mortes[11], e a permanência da "Pacificação" lá, bem como em outras favelas da cidade, continua mostrando toda a letalidade atrás dos sonhos transformadores de Eduardo Paes.

UPP pacificar
Pacificar pra reprimir
Pra reprimir, para matar:
O pobre exterminar
(ANARCOFUNK, "PAC: Processo de Aceleração de Chacinas")

[11] Ver: TERRA, "Fotógrafo da Reuters é atingido no ombro em confronto no Rio". In TERRA, 26 de novembro de 2010. http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/fotografo-da-reuters-e-atingido-no-ombro-em-confronto-no-rio,415870e46f6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

"Sonho Meu" é o título de outro vídeo da campanha à reeleição de Eduardo Paes em 2012. Como trilha sonora, a propaganda utiliza a música do mesmo nome da Dona Ivone Lara

Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe, sonho meu (LARA)

Cabe notar que Dona Ivone Lara foi uma das poucas sambistas celebridades que não colocou seu nome a um abaixo assinado em apoio à reeleição de Paes. Cabe notar, também, que o vídeo corta o verso mais pessimista do samba

...no meu céu, a estrela guia se perdeu
e a madrugada fria só me traz melancolia (*ibid*)

(Não seria tão difícil apontar ao Eduardo Paes como uma auto-designada estrela guia que, depois de se perder, tenha abandonado o Rio de Janeiro em uma espécie de madrugada fria sócio-política-cultural. Mas vamos voltar ao vídeo):

Paes é gravado lendo um livro para uma sala de aula na Escola Glauber Rocha, na Pavuna

Vim aqui pra dizer pra vocês que a gente tem muito orgulho de que vocês fizeram, e que a única coisa que vocês podem ter certeza é que ninguém pode tirar seu direito de sonhar, de pensar grande, de pensar que vocês podem ser aquilo que vocês quiserem ser. Vocês vão chegar lá, tá bom?
(PAES 2012b, vídeo)

O sonho do Paes se prolongou. Consagrou-se na eleição daquele ano, em que o então-prefeito ganhou no primeiro turno com quase 65% do voto.

Já as promessas que sustentaram este Sonho se mostraram menos concretizadas: a suposta "invasão" de assistência social no Complexo do Alemão parece ter sido limitado à instalação de um teleférico espetacular e caro, e que está fora de uso desde 2016.

Chico Pereira Passinhos
Dando passos pro passado
E a gente, no presente
Tende a ficar pasmado

Vendo a volta deste vulto
Que segura esse tchan
E expulsa gente hoje
Pro Museu do Amanhã

5. Máscaras do Amarildo

julho de 2013
Rio de Janeiro

UPP chegou
pra matar trabalhador!

UPP chegou
pra matar trabalhador!

Volto a falar no presente.

A noite de 13 de julho de 2013 é o última vez em que Amarildo Dias de Souza Lima será visto na favela da Rocinha ou em qualquer outro lugar. O pedreiro e pai de seis filhos some 18 dias depois de uma chacina policial na Maré que mata 10 moradores**,** 10 dias antes da chegada do Papa Francisco I no Rio de Janeiro e duas semanas depois que a aprovação do governo de Dilma Rousseff cai para 30%[12]. Quase imediatamente, a família de Amarildo desconfia de que ele havia sido morto; ao longa das próximas semanas, as inconsistências e supostas coincidências nos relatos e testemunhos dos policiais da UPP da Rocinha só aumentam, sublinhando sua cumplicidade:

> *o desligamento das câmaras de segurança da sede daquela UPP e dos sistemas de GPS dos carros da unidade;*
> *álibis contraditórios dos agentes que trabalhavam na favela naquela noite;*
> *versões diferentes sobre como o pedreiro teria sido questionado e tratado, para dar apenas alguns poucos exemplos.*

Fica cada vez mais óbvio que Amarildo teria sido torturado até a morte, assassinado por agentes da UPP desesperados a extrair uma confissão que o ligasse ao tráfico de drogas na Rocinha, a favela mais povoada do Rio de Janeiro.

Num período em que as manifestações acontecem quase diariamente, em que as bombas de gás parecem ser incessantes, em que amanhã não necessariamente será maior em termos do número pessoas na rua, mas parece que carregará um peso histórico cada vez mais amplo, a ausência de Amarildo, sumido justamente de uma favela recém-designada como "pacificada", vira ponto unificador, símbolo dos excessos de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, dos custos da mercantalização da cidade. Seu desaparecimento é inegavelmente inseparável daquela "revitalização".

> Amarildo era morador da Rocinha e desapareceu nas mãos de policiais da UPP de uma "favela vitrine" da política de "pacificação do governo". (ARAÚJO, p. 32)

Seu nome passa a evocar não apenas um desaparecimento individual como também tantas outras contramemórias de tantos outros fantasmas de pessoas apagadas à força por sonhos ditos civilizadores; passa a representar não apenas o seu próprio corpo ausente como também tantos outros. Assim, vira grito constante contra a violência que se diz "revitalizadora".

Ei! Polícia! Cadê o Amarildo?
Ei! Polícia! Cadê o Amarildo?

[12] Ver MENDONÇA, Ricardo. "Popularidade da Dilma cai 27 pontos após protestos". 29 de junho de 2013. http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml Acesso em: 30 de agosto de 2017

Não adianta me revistar
É o Amarildo que vocês tem que achar!

Os nossos gritos acabam fazendo do Amarildo um tipo de efígie invisível. A sua ausência e a tentativa por parte da polícia de fazer seu apagamento caber numa dita "Pacificação" reverbera pela cidade, criando poeira cada vez mais sensível.

Ei! Polícia! Cadê o Amarildo?

Para dar continuidade ao papel de "um" presidente

mesmo generalizado e colocado no masculino,

ou de um prefeito transformador, qualquer lacuna teria que ser imediatamente preenchida antes que a ausência de um corpo físico capaz de assumir aquele papel faça efeito. Mas no caso de Amarildo, não há nenhum corpo físico e nem político, ou seja, nenhum papel institucional, que possa ocupar o lugar do pedreiro desaparecido.

> Não sendo o desaparecimento em si um crime, é comum os familiares se queixarem de que ouvem muitas vezes das autoridades policias, como justificativa ou desculpa para não investigarem os casos, expressões como "não tem corpo, não tem crime". (*ibid*, p. 38)

Enquanto as "jornadas" de junho se estendem para julho, agosto e adiante, a cidade inteira fica sabendo dos detalhes básicos do desaparecimento forçado de Amarildo: da cumplicidade do Major Edson Santos, comandante da UPP da Rocinha, tanto na apreensão quanto na tortura do Amarildo; das tentativas dos policiais envolvidos de subornar moradorxs da favela para dar testemunhos culpando traficantes locais pelo sumiço; do recuso dos agentes a revelar a localização dos restos mortais do corpo do Amarildo, mesmo depois de presos.

Pelas ruas, durante pelo menos alguns meses, a indignação causada por essa invisibilidade deliberadamente forçada

(e forjada)

do corpo de Amarildo faz com que a sua lembrança se fortaleça e articule cada vez mais. Perguntamos onde está. Fazemos apelos. Fazemos demandas.

Não adianta me revistar
É o Amarildo que vocês têm que achar!

Ei! Polícia! Cadê o Amarildo?
Ei! Polícia! Cadê o Amarildo?

Postamos sua foto no Facebook. Faixas nas ruas, textos nas mídias que se dizem sociais, camisas vestidas em diversos atos: durante em bom tempo, a contramemória do Amarildo

(uma contramemória que só se espalha através do seu desaparecimento; ou seja, uma contramemória sentida através do seu apagamento)

parece estar por toda parte do Rio de Janeiro.

Todos somos Amarildo

Máscaras com sua imagem são distribuídas para todo o público do show-benefício dado por Caetano Veloso e Marisa Monte no Circo Voador no dia 20 de novembro: Dia da Consciência Negra, dia de lembrar de outros inúmeros corpos que tinham cores e posições sociais parecidas com as do pedreiro, e que, tantas vezes, sofreram destinos parecidos.

> [L]ogo na entrada, o público foi presenteado com uma máscara com o rosto da vítima. Viraram todos Amarildo… Literalmente. "Ele foi só mais um. Que bom que deu um barulho… Não adianta UPP com gente despreparada", nos disse Fernanda Lima, que estava na plateia. Isabela Capeto também é Amarildo. "E quem não é?", perguntava a estilista. (REZENDE, in *GLAMURAMA UOL)*

Nossas expressões de solidariedade se constroem à base de um paradoxo: a singularidade da atrocidade cometida contra Amarildo faz com que uma multidão se construa para testemunhar a sua falta. Mas essa singularidade também renega a reivindicação de que

TODOS SOMOS AMARILDO

justamente porque a particularidade do destino sofrido por aquele corpo específico, naquela favela específica chamada Rocinha e tida como "pacificada", não é aplicável a todxs.

Certamente, dentro da trajetória de corpos negros e de comunidades historicamente marginalizadas e violentadas no Rio de Janeiro, e no Brasil de um forma geral, o destino de Amarildo é longe de ser único. Além da continuidade generalizada de "um" presidente ou prefeito, existem diversas outras linhagens de papeis institucionais e históricos que, mesmo mudando de título oficial, se mostram basicamente contínuos no seu exercício de poder e na tortura, matança e desaparecimento de incontáveis outros corpos que poderiam ser comparados mais diretamente ao do Amarildo.

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro[13]
Todo patrão tem um pouco de sinhô
Toda favela tem um pouco de senzala
Pode crer, é verdade, seu dotô

Toda prisão tem um pouco de Alcatraz
Todo empregado tem um pouco do Estado
E todo policial tem um pouco de capitão do mato
E todo policial tem um pouco de capitão do mato.
(CORISCO in *Myspace*)

[13] Referencia à musica do mesmo nome de Marcelo Yuka/O Rappa.

Mas os corpos de Caetano Veloso e Marisa Monte, como os corpos de grande parte do seu público pagante no Circo Voador naquele dia 20 de novembro de 2013,

(onde os ingressos custaram R$60, com meia entrada de R$30 para estudantes, idosxs ou qualquer umx que levasse um quilo de alimento não-perecível),

como a maioria dos corpos que compõem a maioria nas bancas de doutorado no IPPUR, e dos corpos discentes e docentes de universidades públicas de uma forma geral, não se inserem na mesma linhagem de desprezo violento sofrido por Amarildo. Não digo isso no intuito de negar que muitas violências também tenham sido e são cometidas contra esses corpos, mas reconheço que existe uma divisão fundamental entre a brutalidade sangrenta, porém limitada, que a maioria desses corpos

dentre os quais me incluo

pode sofrer e a totalidade da experiência passada por Amarildo, que não foi apenas torturado como também morto, e não apenas morto como também desaparecido.

janeiro de 2014
Área metropolitana do Rio de Janeiro

> "Todos nós somos Amarildo. São pessoas anônimas com casos semelhantes que acontecem todos os dias e caem no esquecimento. A máscara do Amarildo é para não cair no esquecimento", resume a dona da fábrica, Olga Valles.
> (BARREIRA 2014 in *G1*, 23/1/14)

Dentro de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, a comodificação de qualquer acontecimento, por mais trágico que seja

ou talvez especialmente se for trágico

é basicamente garantida. E na versão especificamente carioca do Sonho, a carnavalização de qualquer acontecimento

o que não seria exatamente a mesma coisa que a comodificação, mas que também não dá para separar

também seria mais-ou-menos garantida.

Cabe relembrar a eterna disputa sobre o potencial político do carnaval; as eternas reclamações

(quase sempre de cis-homens brancos com 60-e-tantos anos para cima)

de que aquilo seria um desperdício de corpos unificados, de que a energia do carnaval deveria ser canalizada para alguma Causa

(geralmente Socialismo, ou algo igualmente generalizado, ideológico e bastante impossível de implementar durante as poucas horas de um bloco de rua, ou até os poucos dias de um carnaval inteiro).

Não cabe analisar as profundas e complicadas relações entre carnaval e política aqui, mas, ao mesmo tempo, não tem como fugir completamente delas.

> Conhecida por criar máscaras de personalidades famosas e irreverentes para o Carnaval, a fábrica Condal, em São Gonçalo, apostou esse ano num personagem que em nada lembra a alegria da festa mais popular do país. A empresa está confeccionando máscaras com o rosto do pedreiro Amarildo de Souza, torturado e morto por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha há seis meses. O corpo dele ainda não foi encontrado.
> (MAGALHÃES in *O DIA*, 25/01/14)

Depois do aparente sucesso das máscaras do Amarildo no show-benefício de Caetano Veloso e Marisa Monte, a fábrica Condal lançou, em janeiro de 2014, uma versão da mesma máscara para carnaval. Reportagens publicadas na época dão figuras bastante divergentes sobre o número de exemplares a ser feito, variando de 5000 a 50.000. Mas qualquer demanda seria resultado não apenas dos constantes gritos vindos das ruas, como também, de alguma forma, das colocações de Fernanda Lima e Isabel Capeto; aliás, se as celebridades já estariam virando Amarildo, qual seguidorx das tendências mais atuais também não seria?

Olha eu aqui de novo.

Vim ao Brasil querendo seguir Augusto Boal, diretor teatral e escritor que também foi contemporâneo e outrora parceiro criativo de Caetano. Como fundador do Teatro do Oprimido, Boal sempre prezou pela centralidade de experiências pessoalmente vividas pelxs praticantes.

No final de 1971, no auge dos “anos de chumbo”, Boal

cis-homem branco da classe média-alta, já com uma certa fama nacional e internacional

foi temporariamente desaparecido, raptado por agentes da ditadura militar e mantido preso durante cinco meses. Mas mesmo preso e invisibilizado, Boal foi bastante distinguido dxs demais presxs ditxs “políticxs” que, por sua vez, já foram bastante distinguidxs dxs presxs ditxs “comuns”.

(A distinção entre presxs “políticxs” e “comuns” é complexa demais para ser abordada aqui. Colocar aspas não é, nem de longe, o suficiente para questionar esses rótulos, mas pelo menos faz uma problematização bem rudimentar).

Mesmo enquanto estava sendo torturado, Boal ficou ciente da distinção entre seu próprio corpo e tantos outros, também presos. Pendurado no pau-de-arara, ouviu do seu próprio torturador

> ...[V]ocê tem privilégios. É verdade que a gente está te torturando sim, mas com todo respeito. Ninguém está te dando soco na cara, nem metemos o fio elétrico no teu cu, nem no nervo do teu dente. (BOAL 1979, p. 69 – 70).

Joseph Roach

(outro cis-homem branco da classe média-alta, nascido e criado nos Estados Unidos e que, pelo que eu saiba, nunca foi torturado)

escreve que

> toda violência é performativa, pela simples razão de que ela necessita de uma platéia; mesmo se essa platéia seja apenas a vítima, mesmo que a platéia seja apenas Deus[14]. (ROACH, p. 41)

E assim, de uma maneira tão inegável quanto perversa, mesmo a tortura do Boal seria uma demonstração bastante performativa do seu privilégio, tão marcada pelas ações que ele não sofreu quanto pela dor que ele passou de fato.

Sabemos que Amarildo teria sido torturado até a morte por um esquadrão de policiais e que, inicialmente, dos mais de vinte agentes apontados como participantes no assassinato, apenas quatro foram presos[15]. Foi só em fevereiro de 2016, quase 3 anos depois da morte do pedreiro, que outros treze policiais foram condenados pelo crime[16].

Ou seja: um caso de vários atos de extrema violência, cujo caráter performativo teria sido dirigido apenas à vítima e aos policiais envolvidos, virou um fenômeno com uma vasta platéia local, nacional e internacional, em que a própria invisibilidade dos eventos, a falta de detalhes certeiros, o tornou um acontecimento persistente e aparentemente contínuo. Como muitas pessoas já apontaram de maneiras ora mais duras, ora mais elegantes do que vou conseguir aqui, a novidade do assassinato do Amarildo não é a do ocorrido em si, mas o fato do acontecimento ter sido tão amplamente divulgado. Casos parecidos de brutalidade existiram no Rio de Janeiro desde bem antes da fundação da Policia Militar, em 1808, e continuam a acontecer diariamente enquanto fecho esse texto em agosto de 2017.

Houveram muitos novos casos de corpos ausentados nos meses depois do desaparecimento do Amarildo. Nenhum desses atraiu tanta atenção quanto o caso do pedreiro, mas dois se destacaram pela truculência e por sua ligação à "polícia de proximidade". No dia 16 de março de 2014, Cláudia Silva Ferreira, moradora do Morro de Congonha, na Zona Norte, foi atingida por tiros de

---

[14] No original, "all violence is performative, for the simple reason that it must have an audience – even if that audience is only the victim, even if that audience is only God".

[15] Ver "TJ-RJ decreta prisão do major Edson e de mais 3 PMs do caso Amarildo". 16 de dezembro de 2014. G1. http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/tj-decreta-prisao-de-major-edson-e-mais-3-pms-do-caso-amarildo.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

[16] Ver: "Caso Amarildo: juíza condena 12 dos 25 policiais militares acusados".1 de fevereiro de 2016. *G1*. http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/caso-amarildo-juiza-condena-13-dos-25-policiais-militares-acusados.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

policiais que depois colocaram a dona de casa na porta mala da sua viatura, já que preferiam usar o banco de trás para guardar suas armas. Durante o trajeto até o hospital no bairro de Rocha Miranda, Cláudia caiu e foi arrastada mais que 300 metros; quando chegou ao hospital, já estava morta. Vídeo do corpo caído da Cláudia circulava pela internet, mas os policiais responsáveis não chegaram nem a ser acusados por nenhum crime sequer.

No dia 22 de abril do mesmo ano, na favela de Pavão-Pavãozinho,

localizada entre Copacabana e Ipanema e "pacificada" desde 2009

DG, nome artístico de Douglas Rafael de Silva Pereira, de 26 anos, foi executado por policiais da UPP, que alegaram que o dançarino os ameaçou com uma arma de fogo, mesmo sem nenhuma arma ter sido encontrada do lado do seu corpo. O fato de um jovem negro sem arma ser morto por polícias

"pacificadores" ou não

é, infelizmente, tão comum que, por si só, não seria capaz de atrair muita atenção. Este caso se destacou por outros motivos: além de se tratar de um assassinato numa favela altamente frequentada por turistas estrangeirxs e moradorxs de bairros cariocas ditos "nobres", DG era personalidade pública, dançarino profissional contratado pelo programa *Esquenta!* da Rede Globo.

No caso de DG, tanto quanto no de Amarildo, a vítima se tornou plateia única na hora da sua morte, enquanto a Cláudia teria sido arrastada em plena Avenida Brasil, exemplo espetacular da indiferença exageradamente cruel da Polícia Militar para incontáveis testemunhas. Em todos essas incidências, independente de quem poderia ter visto ou não, os policiais agressores imediatamente tentaram alterar os acontecimentos, fazendo com que as circunstâncias da morte se alinhassem à uma narrativa mais amena**.**

Ei! Polícia!
Cadê o Amarildo?

Não acabou!
Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

Tenho juntado minha voz a essas perguntas e demandas faz tempo; como já disse, estou fazendo barulho e bagunças nas ruas do Rio de Janeiro desde pelo menos 2010, tentando me alinhar às lutas contra as incontáveis e aparentemente eternas injustiças que me cercam nesta cidade, e que existem, em parte, para fazer a minha vida aqui mais confortável. Porque meu próprio corpo dificilmente será parado por policiais; e se for parado, dificilmente será revistado; e nas únicas duas ocasiões em que começou a ser revistado por policiais no Rio, meu CIE

(Cédula de Identidade de Estrangeiro)

foi a primeira e única coisa olhada antes de eu ser liberado.
É bastante fácil sentar aqui citando escritores franceses e estadunidenses

(cis-homens brancos)

e relatando histórias que não vivi e que não hão de ser vividas por mim. Mesmo quando a porradaria desce em uma manifestação qualquer, a correria e confusão não tendem a passar de desafios que tenho que enfrentar, em vez de ameaças. A repressão policial não deixa de me doer, mas também não deixa de ser um certo tipo de jogo para mim, no sentido de ser uma certa sequência de jogadas da qual imagino que sempre terei como sair. Não somos todxs Amarildo, e nunca seremos.

6. A saga do Siririca

22 de julho de 2013
Rua das Laranjeiras, Laranjeiras

Dia 20 de junho de 2013 ficou consagrado como o dia em que o gigante acordou, ou em que a Cidade ou o País foram, maiusculosamente, para as ruas

(uma espécie de anti-sinédoque, em que as ruas seriam meio que à parte da Cidade e do Pais).

Foi um dia que continuo carregando comigo, e que, inclusive, continuo conjugando no presente. Mas não ficou tão incorporado em mim tanto quanto aquele dia primeiro de março, em frente ao MAR, e nem tanto quanto dia 22 de julho, pelas ruas de Laranjeiras e do Catete.

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

No dia 22 de julho, a adrenalina irrestrita do mês anterior ainda não tinha dissipado, mas muita coisa tinha acontecido. Semi-convencidxs de que amanhã poderia ser maior, ainda prezávamos pela junção de cada vez mais corpos

Vem! Vem!
Vem pra rua, vem!

Ao mesmo tempo, todo mundo já sabia, há pelo menos uma semana, do desaparecimento do Amarildo

Ei! Polícia!
Cadê o Amarildo?

e de outros tantos casos de corpos ausentados violentamente das ruas.

(Por exemplo, todo mundo também sabia há quase um mês do massacre de 10 pessoas por policiais militares na Maré, na madrugada do dia 25 de junho. Uma semana depois, no dia 2 de julho, um ato com milhares de pessoas tomou a pista lateral da Avenida Brasil. Começou tenso: além da chuva e do frio, estávamos cercados por centenas de soldados da Polícia Militar e do exército. Lembro que também terminou tenso, com ativistas e lideres comunitárixs discordando entre si se seria apropriado cantar o hino nacional para encerrar o ato. No dia, encontrei com algumxs amigxs

mareenses; também reconheci muitxs moradorxs da Zona Sul no ato, pessoas que eu nunca tinha visto nos saraus, shows e blocos em que fui, vez ou outra, no Complexo. Mas mesmo com tanta gente se deslocando para Avenida Brasil naquele dia, a memória da chacina não acabou se deslocando tanto para outras partes da cidade e outros atos; não ficou difundida e generalizada como a memória do Amarildo. Não sei dizer porque, pelo menos não com nenhuma certeza ou finalidade. Imagino que muitos fatores tinham a ver: o contraste entre a localização da Maré, tida como periférica, e da Rocinha, tido como central; a relativa facilidade de lembrar do nome de uma única vítima, em vez de muitas; o fato da Rocinha ser "pacificada" desde janeiro de 2012; a reputação de violência que Maré já carregava no imaginário popular. Foi uma ativação de memória que acabo reproduzindo aqui: enquanto Amarildo virou Causa, pauta central, as vítimas da chacina na Maré ficaram como notas de rodapé).

Não é mole, não!
Pedi transporte público, mandaram caveirão!

Mesmo depois de um mês de atos e protestos e manifestações quase diárixs,

que, a essa altura, já ganharam fama como "jornadas"

cada mobilização ainda era uma novidade. Mas já estávamos começando a ficar acostumadxs com uma certa progressão-padrão:

Uma certa progressão-padrão

1. Concentração

Chegar, encontrar amigxs e conhecidxs; trocar ideias e experiências de outros atos; paquerar pessoas vistas em outros atos mas ainda não conhecidxs; tomar água ou cerveja ou algo açucarado ou seja o que for.

2. Caminhada

Se deslocar com ou sem um destino especificado; cantar palavras de ordem.

3. Pausa tensa

Ficar barradxs pela Tropa de Choque, com ou sem motivos óbvios; cantar mais palavras de ordem; ficar em um silêncio desconfortável, esperando algo acontecer; esperar algumas muitas coisas a serem jogadas ou lançadas ou explodidas.

4. Porradaria irrestrita

Tiro, porrada e bomba; bastante correria; vitrines e placas de ruas quebradas; fogueiras improvisadas e ônibus queimados; gente ferida; mais palavras de ordem.

Eventualmente, todas essas atividades poderiam se entrelaçar e repetir muitas vezes em um único ato, mas essa progressão básica tendia a se manter.

Hoje, no dia 22 de julho, me juntei à concentração do Beijato, um pré-ato LGBTQI+

(naquela época, ainda foi classificada apenas como LGBT)

marcada em frente à Igreja da Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, para protestar a chegada do Francisco, o novo Papa, no Rio de Janeiro, para a Jornada Mundial da Juventude.

(Com menos de quatro meses como Papa, Francisco ainda não tinha virado nenhum ícone pseudo-progressista).

As gay! As bi! As trava e as sapatão
tá toda organizada pra fazer revolução!

Nem lembro se beijei ninguém. Pelo menos ganhei mais purpurina de que eu já estava usando, além de uma touca de freira de azul claro, para complementar meu *look* do dia: um vestido vermelho esfarrapado, e Siririca, o pônei de pelúcia, nas minhas costas.

Lá no Largo do Machado,
muita gente emancipada
se juntou em um "Beijato":
viadagem engajada.

Os fiéis que estavam do lado
rezavam, xingavam e coisa e tal.
Mas o Beijato não perdeu o foco:
quem pegou, pegou geral.

Pesquisando bem de perto
quer dizer, até colado
quer dizer, até de dentro
caminhei com o Beijato.

Siririca estava junto
nas minhas costas, entrava na pilha,
porque, além de ser pônei,
ele também é mochila.

Saímos por volta das 18h, descendo a Rua das Laranjeiras em sentido ao Palácio Guanabara, onde o Papa estava sendo recepcionado por Sérgio Cabral e Eduardo Paes e outras figuras de classes ditas representativas, e por onde vários outros atos também foram convocados. Estava escurecendo, e as luzes dos apartamentos nos prédios da rua estavam começando a ser acesas.

Quem apoia, pisca a luz!
Quem apoia, pisca a luz!

Pelo fato da gente estar no Beijato, nossas palavras de ordem mudaram rapidamente

Quem apoia, pisca o cu!
Quem apoia, pisca o cu!

Essas variações em palavras de ordem já surgiram antes. Aliás, a problematização ou queerificação de palavras de ordem já estava meio estabelecida

Ei! Cabral!
Vai tomar no cu!

Em pelo menos alguns setores do mundinho ativista, as ofensas mais tradicionalmente machistas foram sendo trocadas por outras que expressaram uma consciência corporal mais desenvolvida.

Ei! Cabral!
Toma da polícia!
Porque tomar no cu
eu te garanto é uma delícia!

Ou seja: eu e o Siririca estávamos no lugar certo.

Nós estamos afirmando:
pesquisamos caminhando
pesquisamos transgredindo
pesquisamos se jogando.

(A desculpa-padrão que eu sempre estava preparado para dar caso eu tivesse que responder a algumx policial ou outra autoridade qualquer em algum ato era que eu estava ali como pesquisador do IPPUR. É uma colocação que vejo como bastante incompleta, mas não chega a ser mentira; aliás, não tem como negar. Mas não sei até que ponto eu me vi como Pesquisador naquela noite, ou em qualquer outro ato. Continuo achando que a pesquisa incorporada e transgressiva é extremamente necessária, mas também vejo como minha facilidade de assumir qualquer ação minha como sendo pesquisa é inseparável dos vários privilégios carregados no meu corpo e por meu corpo).

E depois, outrxs milhares,
com as cucas bem odara,
se juntaram pra marchar
até o Palácio Guanabara.

A polícia nos olhava
na Rua das Laranjeiras
de viatura e de helicóptero:
vigilância aérea.

Pelo que eu lembro, a Pausa Tensa, já muito previsível, demorou um pouco para se instalar depois que chegamos na Rua Pinheiro Machado, que dá acesso ao Palácio. A rua estava totalmente bloqueada por centenas de policiais, mas mais-ou-menos uma hora depois que a caminhada parou, ainda lembro de uma certa efervescência própria dos encontros, dos desafios diretos de palavras de ordem e dos gritos de guerra.

Não adianta me reprimir:
esse governo vai cair!

Sem hipocrisia!
Essa polícia mata gente todo dia!

Amarildo!
Presente!

Àquela altura das “jornadas”, todo mundo já ficou desconfortável logo quando paramos. Por um lado, já sabíamos muito bem da truculência que estava para vir. Por outro lado, a repressão de cada ato sempre apresentava

e ainda apresenta

alguma inovação.

Chegando lá no Palácio,
na panópticidade,
começamos a ver problemas
com a eletricidade,

pois os postes que sempre
iluminavam as “jornadas”
de repente escureceram
com suas luzes apagadas.

Lá de cima, dos helicópteros,
brilhavam holofotes
encurralando a gente
tipo gado, tipo bodes.

(Ou, no caso de Siririca, tipo pônei).

A Polícia também
filmava tudo que passava
esperando o sinal
para descer uma porrada,

e, depois de algumas horas,
pelo céu de Laranjeiras
voava um *molotov*
e a rua virou uma cena de guerra.

Mas, segundo testemunhas
de todo e qualquer lado,
quem jogou o molotov
foi PM infiltrado.

Pelo que eu lembro, a Porradaria Inevitável começou repentinamente depois dos coquetéis molotov

(lembro de ter visto dois),

e nem deu tempo de ninguém gritar

Não corre!

Por instinto, peguei a mão de uma mulher baixinha, que deveria ter uns dez anos a mais que eu, que estava do meu lado, filmando. Não lembro da gente ter falado nada, só de ter se olhado, de segurar firme umx nx outrx e de correr para tentar fugir do gás.

Corremos em toda direção
mas não adiantava:
para onde que nós fomos
a PM já estava

Na Paissandu – não tinha saída
Coelho Neto – não tinha saída
Na Ipiranga – clandestino
Pinheiro Machado – ilegal![17]

Não lembro quem largou a mão de quem primeiro, ou em qual rua. Sei que, de algum modo, cheguei sozinho na Rua das Laranjeiras, mais ou menos na altura da Travessa Eurícles de Matos.

Algumas vezes por ano, me esbarro com essa mesma mulher em algum ato ou show ou seja o que for pelas ruas. Mas não nos cumprimentamos. Imagino que ela já tenha esquecido de mim; mas talvez ela me reconhece e imagina que fui eu que esqueci dela.

Ao longo da Rua das Laranjeiras, funcionárixs estavam fechando as grades das lojas enquanto fregueses se esconderam; mesmo assim, não vi nenhuma porradaria mais pela frente e nenhuma pluma de gás. Duas pessoas carregando uma câmara e um microfone me pararam, pedindo para eu fazer um gravação curta perguntando

Cadê o Amarildo?

(Anotei, no dia seguinte, que uma era mulher e o outro era homem; não lembro mais nada sobre elxs).

Logo quando tudo estava pronto para gravar, um camburão da Tropa de Choque passou e quatro policiais saíram correndo em nossa direção. Ouvi estalos imediatamente, mas demorei alguns segundos para sacar que tinham atirado em nossa direção, e que o gás lacrimogêneo estava começando a sair por uma bomba bem do ladinho da gente. Na confusão, o cara com a câmara tropeçou, e eu, sentindo toda a adrenalina mas bem pouca da camaradagem que tinha me comovido do lado do Palácio Guanabara, nem parei para ajudá-lo a se levantar. Pulei por cima dele e da bomba e comecei a correr de volta no sentido da Rua Pinheiro Machado, a única abertura possível que vi numa Rua das Laranjeiras que parecia estar coberta de uma névoa dolorida.

[17] A ritmo de “Clandestino”, de Manu Chao.

Só consegui correr, no máximo, uns 50 metros a mais antes de dar de frente com um mini-comboio de mais camburões do Choque. Parei, sem saber por onde sair

e Siririca, sendo inanimado, não tinha outra escolha a não ser seguir meu exemplo.

12 desses Robocops
se achando nossos mestres
nos paramos com mais 10
manifestantes e pedestres;

nos empurraram para um muro
com toda autoridade
para ser fotografadxs,
catalogadxs e revistadxs.

Quando chegou a nossa vez
(digo, eu e Siririca)
de ser revistados e postos
em alguma rubrica

Peguei no zipper do bicho
e comecei a abrir
mas o rapa, pelo visto,
nem queria conferir

Ele olhou para o pônei
pro meu *look* meio *queer*
e me xingou de viado.
Depois, me deixou sair.

Nesse caso, meu *look* esquisito, um tanto fora dos padrões, em combinação com a cor da minha pele e outros fatores menos imediatamente visíveis, já foi o suficiente para me liberar de uma repressão maior. Já tinha sido o caso em anos anteriores, e continuou a ser o caso ao longo das “jornadas” de 2013; nem sempre escapei totalmente ileso de qualquer ato ou manifestação, mas nunca levei os piores efeitos da porradaria que outros corpos estavam levando.

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

Ao mesmo tempo em que o clamor e efervescência dessas “jornadas” iniciais mantinham um vinculo declarado com o passado

sem necessariamente explicitar a qual passado

também já se projetavam, desde muito antes daquele dia 22 de julho, para o futuro, mirando diretamente às mega-preparações para o que era para ser o destaque internacional do Rio de Janeiro e do Brasil, logo no próximo ano...

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Segunda perambulação:
O Sonho dos Contornos Mundiais

Es verdad que en el hormiguero
los sueños son obligatorios?

- Pablo Neruda (p. 38)

1. 7 X 1

8 de julho 2014
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido

Eu nem consegui comemorar a porra do 7 X 1. Eu estava em casa, tentando lidar com 2 amigxs de muitos rolés que tinham chegado bastante transtornadxs de muitas substâncias e de muitas emoções fortes e um tanto contraditórias. Gritavam pelas janelas do meu apartamento no Rio Comprido, onde eu estava morando sozinho,

(eu era visivelmente o único gringo no prédio: ou seja, a única pessoa que, aparentemente, poderia ter motivo para comemorar a vitoria alemã);

rabiscavam nas paredes; bebiam boa parte do meu estoque cuidadosamente guardado de gim. Por final, um prato cheio da porra do jantar que preparei na tentativa de acalmá-lxs, pelo menos um pouquinho, foi jogado fora.

(Sublinhando aqui que só um único prato de comida foi jogado fora por umx dessxs amigxs; x outrx pediu para deixar claro que não só comeu tudo como ainda elogiou o jantar de uma forma tão inebriadamente sincera quanto sinceramente inebriada).

Eu não estava nem aí para o jogo. Eu queria uma casa menos frenética; queria desarmar a situação. Ou seja, eu queria neutralizá-la. Queria neutralizá-lxs.

Viva Alemanha!

Nós com os alemão vamos se divertir…

MENGÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!

Mas na real, mesmo sem os berros, a pichação, o gim descendo goela a baixo e a comida desperdiçada, eu não teria conseguido comemorar o 7 X 1, me juntar à catarse e *schadenfreude* do dia. Isso apesar de saber que tantxs outrxs amigxs como essxs

(ou seja: amigxs ativistas, revoltadxs, revolucionárixs, insatisfeitxs)

também estavam comemorando de um modo que me parecia ser mais-ou-menos generalizado.

Eu não conseguia. Pode ter sido um puritanismo ideológico meu, mas, para mim, qualquer resultado de qualquer jogo, por mais metaforicamente carregado e poderoso que fosse, permaneceria sendo um Resultado Da Copa, uma validação do peso simbólico do Mundial. Comemorar qualquer jogo, mesmo uma derrota tão humilhantemente irônica, seria conferir um poder poeticamente representativo a uma Copa que seria melhor ignorar. De alguma forma, comemorar seria me inserir dentro do Sonho da Copa, um Sonho de Contornos Mundiais.

Não que eu teria conseguido me manter à parte deste ou de qualquer outro sonho de pretensões e formas tão hegemônicas. Querendo ou não, eu já estava mega-inserido, mas nem por isso eu queria me inserir mais.

O Sonho dos Contornos Mundiais da Copa do Mundo FIFA de 2014 forma substrato ou continuação crucial de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, em que o futebol

que, obviamente, sempre exerceu um protagonismo em muitos sonhos do Brasil

assume um papel que se diz mais total e contemporâneo ainda: como estopim para o PROGRESSO de um País enfaticamente maiúsculo. Não implica numa transferência completa da histórica dominação da Seleção Brasileira para uma esfera corporativamente organizatória, mas visa juntar estes dois lados, para que tanto a realização da Copa em solo nacional quanto o desempenho da Seleção dentro do campo possam representar um Brasil primeiro-mundistamente capacitado. É um sonho em que os legados de parcerias entre setores públicos e privados se unem aos legados de parcerias entre jogadas de bola e jogadas desenvolvimentistas.

> "A Copa do Mundo transcende o aspecto meramente esportivo", diz o presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter. "É uma oportunidade magnífica para combater problemas sociais e promover os valores positivos associados ao futebol". (SALLES e ORSOLINI in *VEJA* 2007, p. 114)

(No caso de Joseph "Sepp" Blatter e boa parte da cambada que mandou no futebol mundial durante seu reino de 17 anos na presidência da FIFA, esses valores positivos *aparentemente se caracterizavam por suborno, má gerência e corrupção generalizada. A Copa realmente "transcende o aspecto meramente esportivo" para se focar em manipulação e ganhos ilícitos. Assim, por um lado, os males tidos como sendo especificamente Do Brasil são mundialmente espalhados; por outro lado, não tem como separar esses males de um Sonho de Contornos Mundiais, já que formam a própria base daquele Sonho. Mas em 2014, muita gente ainda se esforçava para ignorar essa universalidade).*

Se *The Brazilian Dream of the American Way of Life* tem, como ponto de partida, a possibilidade de alcançar a identidade de um país de classe media

(isto é, um país, ainda com "p" minúsculo, de acervos cuidadosamente selecionados, de parcerias amplas e legados assegurados),

o Sonho dos Contornos Mundiais da Copa do Mundo FIFA de 2014 foi muito

além. Foi um Sonho de um legado único: a plena Vitória em Palco Internacional

(tudo no maiúsculo, de uma forma quase germânica).

Foi um sonho de uma dominação que se expressa tanto em placares demográficos e macro-econômicos quanto futebolísticos.

Aqui, cabe intervir no sonho para apontar que o fato de o Brasil sediar a Copa do Mundo FIFA de 2014 foi menos Conquista e mais Inevitabilidade:

> Em 2000... a FIFA decidiu estabelecer um rodízio entre os continentes que abrigarão o campeonato... Coube à África do Sul, o mais desenvolvido país africano, encarregar-se da Copa de 2010. Para 2014, sendo América do Sul a bola de vez, a disputa ficou entre o Brasil e a Colômbia. Em abril deste ano, alegando que não conseguiriam cumprir todas as exigências da FIFA para a realização de uma Copa do Mundo, os colombianos retiraram a candidatura. O Brasil se tornou candidato único. (*ibid*, 114)

Mas o Sonho dos Contornos Mundiais é bastante maleável; ele consegue transformar um reles processo de eliminação num golaço, fazendo com que o Desenvolvimento maiúsculo do Brasil seja um fato inquestionável. Assim, a Inevitabilidade da candidatura do Brasil se torna o reconhecimento de uma Vitória já atingida.

Desenvolvimento, Vitória e Inevitabilidade se permeiam entre si dentro do Sonho dos Contornos Mundiais. Aliás, viram inseparáveis até ao ponto de se confundirem: dentro do Sonho, se o País-Brasil for suficientemente Desenvolvido, sua Vitória se tornará basicamente Inevitável. Suas PPPs serão formalmente consagradas em lei, e sua esfera pública se mostrará tão maleável quanto o próprio Sonho, se curvando e canalizando para garantir a segurança física e financeira do setor privado

> Art. 54. A União colaborará com o Distrito Federal, com os Estados e com os Municípios que sediarão as Competições, e com as demais autoridades competentes, para assegurar que, durante os Períodos de Competição, os Locais Oficiais de Competição, em especial os estádios, onde sejam realizados os Eventos, estejam disponíveis, inclusive quanto ao uso de seus assentos, para uso exclusivo da FIFA. (ROUSSEFF et al, LEI N º 12.663 de 5/6/2012, Capítulo X, Art. 54)

É claro que uma certa reciprocidade existe dentro do Sonho dos Contornos Mundiais, que o setor privado estará bastante disposto a amparar a esfera pública com alguns trocadinhos

> O Estado do Rio recebe ajuda financeira de grandes empresas para expulsar o tráfico de drogas das favelas…. Segundo a secretaria [de segurança pública], as doações aceleram a implantação das UPPs, já que as empresas não têm a obrigação de fazer licitações públicas. A maior doação veio de Eike Batista, segundo a revista "Forbes" o homem mais rico do Brasil e o 8º mais rico do mundo (US$ 7,5 bilhões). Ele se comprometeu a repassar R$ 20 milhões anuais,

> por dois anos. “Nunca antes houve tanta vontade de consertar o Rio”, disse Batista. (LOBATO e ANTUNES in *Folha*, 28/11/2010)

Mas é claro também que esses comprometimentos podem ser muito mais facilmente desconsertados de que aqueles garantidos por órgãos públicos ao setor particular. Menos de 3 anos depois, os planos já tinham mudado bastante.

> O ex-milionário Eike Batista suspendeu os contratos que mantinha com a Secretaria de Segurança Pública, sendo um deles de R$ 20 milhões, que eram destinados às Unidades de Polícia Pacificadora (UPP)….Os recursos repassados, na verdade, acabavam sendo dinheiro público já que o empresário está devendo ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que concedeu empréstimos que hoje somam cerca de R$ 10 bilhões, além de diversas obras que deixou de fazer e que estavam previstas em contrato como a dragagem da Marina da Glória, por exemplo. (*JORNAL DO BRASIL*, 11/08/2013)

Dentro do Sonho, porém, um fracasso individual em nada atrapalha o Desenvolvimento generalizado; apesar de exaltar a glória do indivíduo em um forte aposto de sinédoque, esse Sonho dos Contornos Mundiais continua sempre bastante elástico. Assim, de alguma maneira, a falência do Eike Batista não acaba refletindo na cidade que ele tanto queria consertar e nem muito menos no País, que continuará tão maiúsculo quanto antes, apesar da queda livre do seu homem antigamente mais rico.

Foi essa elasticidade, antes de mais nada, que me fez desistir de acompanhar qualquer jogo da Copa do Mundo FIFA de 2014 ou de atribuir qualquer valor simbólico a qualquer articulação que acontecesse em qualquer Local Oficial de Competição. Eu sabia que a narrativa desses acontecimentos sempre teria a sua maior reverberação como sendo principal, se não exclusivamente, da FIFA.

(Para falar a verdade, desistir de acompanhar os jogos da Copa não foi uma escolha muito difícil para mim. Um dos meus traços mais estadunidenses talvez seja minha falta de conhecimento básico sobre o futebol. Até curto assistir, mas os aspectos mais sedutores do jogo, tanto esportivos quanto sociais e culturais, me escapam. Se a Copa do Mundo fosse de beisebol, seria bem mais tentador me entregar na integra, bem mais dolorido colocar meu não-acompanhamento na prática).

Mesmo assim, já experimentei de perto alguma coisa da sedução da Copa em si, as jogadas de sinédoque que a Seleção consegue executar (principalmente quando joga bem), a representatividade quase espiritual que ela carrega e a alegria imensurável de uma torcida que se sente representada e vindicada na Vitória. Aliás, a efervescência durkheimianamente coletiva de uma Copa Vitoriosa marcou meu primeiríssimo contato com o Brasil, a ponto de virar meu relato-padrão sobre minha impressão inicial do país (com um “p” minúsculo, pelas relativamente poucas referencias que tinha sobre o Brasil na época, e porque nunca curti o nacionalismo maiúsculo).

30 de junho de 2002
Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão), Ilha do Governador

Aterrissei no Rio de Janeiro pela primeira vez no dia da final da Copa do Mundo de 2002. Lembro vagamente que o piloto do vôo fez alguns anúncios sobre o

placar Brasil X Alemanha depois do jogo começar, mas com meu português ainda bastante tênue e meu conhecimento de futebol pior ainda, só os acompanhei pela metade.

Lembro que eu já estava esperando a minha bagagem descer pela esteira quando Ronaldo Fenômeno marcou o primeiro gol, incitando pandemônio geral. Eu queria me juntar àquela massa dançante e cantante e incomparavelmente alegre, mas optei por apenas observar

(por timidez, e também porque os avisos que recebi sobre os riscos e perigos do Brasil não foram poucos; imaginei que seria altamente possível ter meu pertences roubados a qualquer hora, inclusive dentro do próprio aeroporto).

Quando Ronaldo marcou o segundo gol, eu já estava esperando passar pela Alfândega. Lembro que, mesmo dentro da fila, a celebração foi explosiva, bem maior de que para o primeiro gol. Lembro de ver agentes da Receita Federal e funcionárixs do *Free Shop* dançando juntxs em comemoração.

(Aliás, esse detalhe específico já virou meio logomarca do meu relato-padrão. Não tenho como comprovar que aconteceu de fato, mas, mesmo assim, guardo como uma das minhas primeiras imagens do Brasil).

Lembro que, assim, antes mesmo de sair do Galeão, senti que o Brasil seria um lugar de possibilidades transcendentes, em que a efervescência inspirada pelo poder e beleza de futebol teria a capacidade de juntar pessoas para além de divisões de raça e de classe e de seja mais o que fosse.

PENTACAMPEÃO!
PENTACAMPEÃO!

E lembro que a ideia e o sentimento desta efervescência e das possíveis transcendências me acompanharam ao longo dos quase dois meses que passei no Rio naquele ano. Para além da Copa, comecei a associar essa efervescência às ruas da Lapa, às iniciativas artísticas que eu estava conhecendo

(geralmente através de ONGs com visibilidade e orçamentos bastante internacionais)

e, especialmente, à campanha do Lula.

Voltei para os Estados Unidos com uma camiseta desconfortavelmente justa comprada de um camelô logo depois de um comício do então-candidato, junto com Benedita da Silva, na Cinelândia. Em letras vermelhas, sobrescritas em uma estrela verde-e-amarela, estavam as palavras

SOU PENTA
SOU PT

No mesmo comício, consegui o autógrafo do Lula na capa do meu caderno, que ficou pendurado na minha parede ao longo dos meus últimos dois anos de faculdade, totem da esperança que o Brasil passava a representar para mim. Naquela

época, em que o governo Bush minava o campo midiático e ideológico dos Estados Unidos para preparar à inevitável invasão do Iraque, essa esperança foi um sustento bastante vital.

8 de julho de 2014
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido

Agora, exatamente 12 anos e 8 dias depois, a esperança que eu ligava ao PT e à Seleção naquela época já tinha dissipado faz tempo. Em 2002, eu me imaginava me juntando a um Sonho de Progresso de um Presidente ex-Metalúrgico

(que, pelo menos da forma que eu o sonhei, seria um sonho de um igualitarismo tão mal-definido quanto generalizado, exemplificado por iniciativas como Fome Zero e Bolsa Família, mas principalmente pelo contraste entre xs

> companheiros e companheiras

a quem Lula sempre se dirigiu e o sotaque texano de mentirinha que George W. Bush empregava para se mostrar parte de um lado dos Estados Unidos com qual eu nunca me identifiquei).

Mas muito antes da Copa do Mundo FIFA de 2014, das "jornadas" de 2013 e até da primeira eleição da Dilma em 2010, esse Sonho já me parecia quase totalmente absorvido dentro de um Sonho dos Contornos Mundiais.

> No fundo, no fundo, nós estamos aqui assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro para provar ao mundo que nós temos uma economia crescente, estável, que nós somos um dos países que está com a sua estabilidade conquistada. Somos um país que tem muitos problemas, sim, mas somos um país com homens determinados a resolver esses problemas.
> (SILVA, 30/10/2007)

(Não é de se surpreender que Lula, em 2007, teria generalizado o país, minusculamente, no masculino, ignorando assim a determinação de pelo menos metade da população. Mas também não dá para ignorar).

Durante muitos anos, o próprio Sonho dos Contornos Mundiais parecia crescer junto com as projeções econômicas cada vez mais generosas. Canalizado na Copa do Mundo FIFA de 2014, o Sonho contagiava bastante, tanto que inspirava uma competição bastante acirrada pelo direto de sediá-lo: 17 cidades disputaram entre si para receber a Copa, para executar sua própria jogada de sinédoque para passar a representar o Brasil no Palco Internacional, para ter direito de conter, dentro de si mesmas, contornos não apenas nacionais como Mundiais, para alinhar suas prioridades às prioridades da FIFA.

> ...acho que se gasta com tudo. Está sendo gasto muito dinheiro em saúde, em segurança, mas vamos receber a Copa. Sem estádio não se faz Copa, amigo. Não se faz Copa do Mundo com hospital. Tem que fazer estádio.
> (RONALDO apud MARQUES in *TERRA*, 1/12/2011)

Não tem como disputar a lógica do Ronaldo Fenômeno, autor dos dois gols da vitória da Copa de 2002. Até tem como se indagar com a frivolidade da frase, e com a maneira hegemônica com qual essa lógica foi implementada no Rio de Janeiro e no Brasil como um todo, mas de fato, tentar concretizar o Sonho de Contornos Mundiais de uma Copa do Mundo depende de uma espetacularidade grandiosa que pouco se importa com hospitais.

A "Lei da Copa" (Lei No 12.663 de 5 de junho de 2012), onde não há menções de hospitais, tem 4 estipulações sobre a hospitalidade, mais até de que as duas colocações sobre estádios; ou seja, apresenta uma possível atualização ao País do Homem Cordial, misturando a manutenção da repressão institucional com avanços na hotelaria.

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Diante essa cordialidade oficial, várixs de nós já estávamos vivendo uma certa descida à niilismo durante muito tempo. Mas esse mal-estar só parecia se mostrar contagiante quanto o Sonho a partir das "jornadas",

tanto que a colocação do Ronaldo, de dezembro de 2011, só começou a ganhar grande repercussão nacional em junho de 2013, enquanto os limites daquele crescimento estável foram se mostrando mais claramente; enquanto ficou cada vez mais claro que estádios novos e um custo de vida cada vez maior não melhorariam os hospitais.

Viva a Alemanha!

Chegando no Galeão no dia da final da Copa de 2002, me mantive à parte por hesitação, por um certo medo de me entregar à alegria e ao abandono de uma Vitória. Agora, em 2014, me mantive à parte por torpor, por uma derrota generalizada que só teria a ver com o placar de 7 X 1 na medida em que foi produto de processos devastadores de "revitalização"; na medida em que a Copa em si, e o processo que a produz, seria um enorme gol contra político-social, executado numa escala bem macro. Através e em serviço deste Sonho, instituições e indivíduos conseguem mirar um alvo, dar um chute certeiro e depois se surpreender com o resultado inteiramente previsível.

(Vou deixar as metáforas futebolísticas de lado aqui; manjo muito pouco do jogo e percebo que meu uso do seu vocabulário acaba sendo pouco complexo, servindo menos como auxilio e mais como impedimento).

Foi por isso que não consegui comemorar o 7 X 1, que não consegui me juntar àquela efervescência frenética e um tanto violenta que rabiscava nas paredes do meu apartamento e gritava pelas janelas

MENGÃÃÃÃÃÃÃÃÃO!!!

Chora, Neymar!

Durante os primeiro vinte-e-tantos minutos do jogo, essas comemorações se limitaram à janela do meu quarto. Mas depois que a seleção alemã marcou pela quarta ou quinta

vez, fogos de artifício começaram a ser soltos pelas ruas do Rio Comprido e pela favela de São Carlos. Não imagino que seriam demonstrações da mesma efervescência freneticamente vingadora que explodia entre as paredes do meu apartamento, mas também vieram de um esforço para gastar energias tanto psíquicas quanto físico-químicas. Isto é, não dava para deixar os fogos mofando.

Depois que parte do jantar já tinha sido comido e a outra parte jogada fora, e que mais alguns copos do gim foram esbanjados, xs 2 amigxs que ocupavam meu apartamento de uma maneira tão efervescente ao longo do 7 X 1 resolveram partir para Praça São Salvador, reduto *hipster* do bairro de Laranjeiras, na Zona Sul, onde pretendiam encontrar outras pessoas tão frenéticas quanto elxs. Decidi acompanhá-lxs, meio sem querer, mas depois de poucos quarteirões, a marcha da minha bicicleta azul quebrou. Voltei para casa basicamente derrotado, não pelo 7 X 1 ou por qualquer outro placar, mas pelo Sonho em si.

2. Gol contra

12 de junho de 2014
Ciclovia, Avenida Atlântica, Copacabana

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

Fez todo sentido que o primeiro gol da Copa do Mundo FIFA de 2014 foi um que a Seleção brasileira marcou contra si mesma, aos 10 minutos do primeiro tempo do jogo inaugural contra a Croácia. E apesar de todo aquele não-engajamento pessoal com o Sonho dos Contornos Mundiais que acabei de formatar e defender, foi impossível não me integrar à uma breve catarse coletiva quando essa imensa ironia rolou. Primeiro porque a metáfora já veio pronta e ininterrupta antes que qualquer outra jogada notável rolasse no campo. E segundo porque me encontrava na ciclovia da praia de Copacabana, cercado por mais algumas centenas de manifestantes pelo menos tão insatisfeitxs quanto eu.

Da Copa! Da Copa! Da Copa eu abro mão!
Eu quero mais dinheiro pra saúde e educação!

Estávamos, por nossa vez, cercadxs por um número aparentemente igual ou maior de policiais da Tropa de Choque, que por sua vez estavam cercadxs por dezenas de milhares de torcedorxs que enchiam a areia da praia, o calçadão e boa parte da Avenida Atlântica para assistir o jogo, que estava sendo projetado em telões enormes montados na areia. Ou seja: dentro do ato, estávamos contidxs por círculos concêntricos do Sonho, em que nos vimos basicamente obrigadxs a adentrarmos. Diante das possibilidades daquele primeiro momento da Copa ao longo daquela praia, poder festejar uma virada em que as grandes jogadas de sinédoque pareciam se juntar para fazer deste Sonho um pesadelo foi de longe a melhor opção que podíamos esperar.

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Durante este primeiro dia desta Copa que definitivamente estava tendo, os contornos do Sonho tinham se mostrado especialmente implacáveis

ou especialmente placar-áveis.

No Rio Comprido, na noite da véspera, os carros já começaram a buzinar pseudo-descontroladamente em torno da Praça e ao longo da Avenida Paulo de Frontin, e os fogos de artifício começaram a ser soltos por toda parte. Quando saí de casa na manhã do dia 12, o primeiro quarteirão da Rua Aristides Lobo, uma das principais vias comerciais do bairro, já estava cheio de camelôs vendendo geringonças verde-e-amarelas: cartolas de feltro barato, matracas e vuvuzelas e infinitos brinquedos de plástico, além das camisas de poliéster. Ao redor da Praça Condessa Paulo de Frontin, faixas, também verde-e-amarelas, anunciavam uma roda de pagode que iria começar às 14h e continuar até o começo do jogo às 17h. Todo mundo que transitava por ali parecia estar coberto de várias camadas de verde-e-amarelo, tanto pela roupa quanto pela tinta nos rostos. Me parecia que o bairro borbulhava com uma mistura repentina e esquisita que incorporava sentimentos de ansiedade, alegria e dever, sem pertencer inteiramente a qualquer um destes.

Eu não esperava esse ou qualquer outro tipo de efervescência do Rio Comprido, pelo menos nos partes do bairro que eu costumava ir. É bastante notável que esses lugares não incluíam nenhuma das favelas ditas "pacificadas" ao redor do vale onde eu morava, onde nunca entrei porque nunca fui chamado, e nunca fui chamado porque, de uma forma geral, meu contato com a vizinhança se limitava a ocasionais bons dias e boas noites, com eventuais trocas de ideias nada duradouras na padaria ou no elevador do meu prédio.

Senti que uma certa sobriedade conservadora permeava o bairro. Não imagino que minhas saias, minhas unhas pintadas ou meus cabelos coloridos teriam me bloqueado inteiramente da vizinhança, mas não duvido que me impediram mais no Rio Comprido de que quando eu morava no Centro. Imagino que a minha gringuice também teria dificultado essa aproximação, mais ainda porque xs gringxs mais visivelmente numerosxs do bairro eram artistas circenses (geralmente latinxs) que dividiam uma casa enorme a alguns quarteirões de onde eu morava. Assim, tanto um visual diferente quanto uma performatividade esquisita, além de uma certa distância social, já estavam estabelecidas como marcadores de uma certa gringuice quando eu cheguei.

É claro também que seria impossível separar esses fatores do processo da gentrificação que estava chegando ao seu auge. Seria impossível desconectar completamente a efervescência que sinto ao me montar para sair colorido e pupurinado da efervescência que o mercado imobiliário começou a sentir a respeito do bairro desde que UPPs foram instaladas nas favelas de Turano, Fallet, Foguetueiro e São Carlos. Por mais que eu queria que não fosse o caso, essas efervescências são bastante ligadas uma à outra; são efervescências que se atraem e se encorajam. E não adianta esconder, geral já sabe. Até a porra do Globo.

A migração da classe artística para a região teve início há três anos, após a chegada das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) aos morros que rodeiam o

bairro....

O Rio Comprido vai se tornar o próximo polo artístico da cidade — aposta Fabio Kogut, produtor executivo do ArtRua, circuito de arte urbana criado pelo Instituto R.U.A. em 2011 em paralelo à feira ArtRio. (DALE in *O GLOBO*, 21/9/2013)

De fato, nunca me convenci de que a gentrificação, de uma forma geral, ou a chegada específica de uma auto-declarada classe artística no bairro tornaria Rio Comprido num polo de referência para nada além da especulação imobiliária. No carnaval de 2014, meu primeiro desde a minha mudança, saí em um dos dois blocos oficiais do bairro, e minha saia e purpurina fizeram de mim uma das pessoas mais fantasiadas da aglomeração. Senti que quase todxs xs participantes, desde as crianças até o puxador, e certamente contando com esse gringo recém-chegado, estávamos ali meio que por obrigação, se arrastando pelas ruas do bairro e murmurando as mesmas marchinhas e sambinhas de sempre mais por preceito de que por vontade.

Fiquei apaixonado pelo bairro. É um espaço democrático habitado por pessoas reais — diz Bokel, enquanto observa dois homens tomando sol na piscina da casa da frente e o lava-jato vizinho. – Coleciono as bolas murchas dos meninos que jogam pelada na rua e os cartazes de botecos jogados no lixo. A arte que vem da rua me inspira. Os tradicionais moradores estão aceitando bem a nossa chegada. (*ibid*)

No primeiro dia da Copa, saí do Rio Comprido no final da manhã para participar de atos marcados na Candelária (ao meio-dia) e em Copacabana (cinco da tarde). Me senti basicamente aceito no bairro, mas nunca cheguei a me apaixonar por ele, e nem de romantizar seu "realismo". Aliás, a essa altura do jogo, sair do bairro para participar de eventos artísticos, sociais, políticos ou seja ou que for já tinha virado minha rotina. Eu não queria ser um gentrificador-padrão, e tentei me integrar no Rio Comprido na medida do possível, ou pelo menos na medida do conveniente: comprei comida na padaria, no hortifruti e na feira (evitando sempre o supermercado do lado do meu prédio, infame em boa parte da cidade por sua péssima qualidade); vez ou outra comi um queijo coalho no churrasquinho da Praça ou tomei uma cachaça ou uma Coca no bar mais perto da minha casa; comecei minhas noitadas de vários sábados dando voltas na feira de roupas da Praça. Mas acabei seguindo quase ao pé da letra a separação entre moradia e consumo que tipifica o processo gentrificador: para beber, dançar, escutar música ou encontrar com amigxs, quase sempre fui para algum outro lado da cidade, até porque tentar arrastar xs amigxs que moravam mais pela Zona Sul até o Rio Comprido se mostrou uma tarefa quase impossível já nos primeiros meses que morei no bairro.

Não foi apenas no Rio Comprido que a chegada da Copa parecia provocar uma repentina explosão em verde-e-amarelo; o Sonho tinha demorado a realmente se instalar pela cidade inteira. Por mais que as complicações da gentrificação com certeza tenham feito parte significativa desta demora aonde eu morava, boa parte do Rio de Janeiro parecia duvidar do bom senso de realizar um evento tão mega diante de tantas incertezas. Aliás, pelo país inteiro, a aproximação da Copa do Mundo FIFA de 2014 foi antecipada com um lema fatalista

Imagina na Copa

Imaginar qualquer coisa na Copa seria se projetar para um futuro próximo afligido pelo crescimento exponencial de problemas atuais. Imaginar na Copa

seria, por exemplo, visualizar a água da CEDAE, com qual já não dava para depender, totalmente vazia enquanto centenas de milhares de turistas aumentavam a população da cidade por um fator de quase 10%.

(Vale lembrar que a privatização da CEDAE foi autorizada numa votação da ALERJ em fevereiro de 2017).

Imaginar na Copa seria imaginar os ônibus públicos que já andavam sobrecarregados sendo tomados por hordas de torcedorxs argentinxs.

(Vale lembrar que Eduardo Paes reduziu a frota em mais de 10% entre a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016; estimativas da porcentagem exata variam).

Imaginar na Copa seria imaginar os preços da cidade, que já iam subindo regular e vertiginosamente a novos patamares, dando uma verdadeira explosão com a chegada de tanto dinheiro de fora

(como, por exemplo, já estava acontecendo no mercado imobiliário do Rio Comprido há alguns anos).

> O bairro está voltando a ser desejado. Após as UPPs, os imóveis recuperaram 50% do valor original. Mas ainda é possível encontrar boas ofertas — diz Rubem Vasconcellos, vice-presidente da Associação dos Dirigentes do Mercado Imobiliário... (*ibid*)

A Copa do Mundo FIFA de 2014 seria, enfim, um tipo de gentrificação-relâmpago, e enquanto as obras preparatórias se mostravam cada vez mais caras e demoradas, o Rio de Janeiro em si parecia demorar bastante a se entregar ao Sonho dos Contornos Mundiais. Nas minhas andanças pela cidade nas semanas anteriores à Copa

(nesse caso, "pela cidade" implica o Centro, de uma forma geral, inclusive a Zona Portuária; boa parte da Zona Sul; Tijuca e Vila Isabel; e, em alguns momentos, Maré e o Complexo do Alemão)

vi poucas preparações sendo feitas que não fossem carregadas de oficialidade.

A oficialidade da Copa, é claro, se manifestava por formas diferentes em diferentes partes da cidade.

A Zona Sul, principalmente ao longo da praia de Copacabana, se preparava para uma invasão turística, com telões montados tanto dentro quanto fora da FIFA Fan Fest*, uma arena que ocupava uma área na praia do tamanho de pelo menos dois quarteirões, entre postos 3 e 4.*

Enquanto isso, nas favelas da cidade inteira, e especialmente da Zona Norte, o poder repressor da "pacificação" se reforçava, destacando um outro tipo de invasão. O Complexo da Maré tinha sido invadida pelo Exercito Nacional no dia 29 de março, através da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) assinada por Dilma Rousseff no dia 28. Essa ocupação foi uma clara demonstração do poder bélico que poderia ser colocado em ação pela parceria dos governos estadual (do PMDB) e federal (do PT).

f

Esquadrões de dezenas de soldados uniformizados rondavam as ruas da Maré com seus fuzis semi-automáticos apontados para bares, casas, transeuntes e crianças. Tanques de guerra marcavam as divisas entre diferentes favelas do Complexo, entre diferentes zonas de influência de facções rivais e entre as divisas da Maré com a Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a Linha Amarela, as estradas que bifurcam o Complexo no seu percurso entre Galeão, o centro da cidade e a Zona Oeste. Nas poucas vezes que passei por lá, me imaginei dentro de algum videogame bizarramente distópico, mas essa perspectiva obviamente existia por eu estar de passagem, por não presenciar nenhum dos incontáveis momentos em que as tropas, em vez de apenas mirar casas, transeuntes e crianças como alvos, chegavam a atirar nelas.

Se a gente estava dentro de casa, tinha invasão de exército dentro de casa. A gente recebia denúncias de mulheres que eram violentadas pelo exército. A gente recebia denúncias de pessoas sendo assassinadas e as mães não podendo pegar os próprios corpos dos filhos porque os tanques de guerra cercavam...Quantos moradores hoje na Maré não estão sem braço, sem perna, porque eles viam que o carro estava suspeito e atiravam no carro. Segunda a lógica deles, né? O que é suspeito pra eles? Suspeito pra eles são todos aqueles que convivem nesse espaço. Eles atiravam, eles atiravam 24 horas. Era tiroteio todos os dias e 24 horas. (MARTINS em *Contagem Regressiva)*

(A militarização se amplificava em favelas de toda a cidade, mas a Maré sem duvida seria a ápice desta amplificação; o que não quer dizer, é claro, que os assassinatos ditos "pacificadores" diminuíssem em qualquer outro lugar).

Previsivelmente, a Tijuca passava por um processo que misturava elementos de preparações turísticas com preparações militares. A área em volta do Maracanã, entre as instalações policiais fortemente armadas e as diversões exageradas, como a sede temática da Casa Coca-Cola, forneceu uma ilustração bastante sintetizada da escala de oficialidade de uma Copa do Mundo.

Algumas noites antes do começo da Copa, eu atravessava boa parte da Tijuca de bike enquanto voltava para Rio Comprido de madrugada. Na Rua Conde de Bonfim, perto da Praça Alfonso Pena, quase do lado da subida para o Salgueiro, passei por uma verdadeira esquadrão de servidorxs da NET pintando o asfalto de verde-e-amarelo.

(Pelo menos, eu xs lembro como sendo da NET, mas poderiam ter sido de alguma outra operadora qualquer; qualquer diferença entre mega-empresas de telecomunicações não cabem nessa pesquisa. Aliás, eu diria que, desde que as empresas sejam suficiente megas, essa diferenciação nem cabe no Sonho dos Contornos Mundiais).

Pedalando o resto do caminho, me ocorreu que, além da escala da instalação, essas tintas no asfalto se destacavam justamente pela falta de outras decorações na Conde de Bonfim e pelas grandes ruas da cidade de uma forma geral. É claro que alguns muros já estavam marcados com retratos da Seleção ou do Fuleco

(tatu-bola amarelo-e-azul, mascote oficial da Copa)

e que, em alguns lugares, bandeirinhas e lentejoulas verde-e-amarelas já eram estendidas por entre postes e casas. Mas todas essas preparações me

pareciam bastante escassas, principalmente comparadas às minhas lembranças de outras Copas.

> [O] Brasil terá sete anos para preparar uma Copa inesquecível – e que espante do Maracanã os fantasmas de 1950. (*VEJA* 2007, p. 117)

Qualquer Copa do Mundo opera, em grande parte, através da invocação dos fantasmas lembrados de Copas passadas, sejam esses fantasmas de glórias ou de decepções. Aliás, qualquer evento de porte tão mega e com pretensões tão mundialmente consagradas depende desses fantasmas e das diversas esperanças que eles podem provocar e projetar para o futuro.

Imagina na Copa

A ativação efetiva do Sonho de Contornos Mundiais depende de invocações dos fantasmas certos, de passados gloriosos que superam ou pelo menos amenizam qualquer preocupação com o futuro.

Obviamente, além de não espantar nenhum dos fantasmas que habitam o Maracanã desde 1950, a Copa do Mundo FIFA de 2014 espalhou muitos outros fantasmas pelo País de uma maneira bastante inesquecível. O Minerão, sítio do 7 X 1, continua assombrado por sua associação com o jogo. E o Maracanã em si tem virado quase um estádio-fantasma

(Isso obviamente tem a ver com as Olimpíadas de 2016 também, mas o processo de privatização que acabou condenando o estádio a um destino tão previsível começou com a Copa de 2014).

Em um Sonho de Contornos Mundiais, os próprios campos de jogo são lugares de memória que garantem a reprodução de narrativas de Superação, Conquista, Derrota e seja mais o que for. Mas a invocabilidade que alimenta o Sonho obviamente transborda para além dos estádios, permeando as festas de rua, de bairro e de família pelo espectadorismo altamente visível e performativo de tudo que há em volta dos jogos.

Assim, quando passei pela novamente borbulhante Rua Aristides Lobo na manhã daquele primeiro jogo, imaginei que eu estaria vendo invocações de Copas passadas, tentativas de re-estimular uma lembrada efervescência de anos atrás, juntas com expectativas de grandes acontecimentos desta Copa específica e atual.

Resolvi ir a pé do Rio Comprido até o ato na Candelária, marcado para dez horas da manhã. Fui pelo Catumbi, caminho que eu não costumava ir a pé e nem de *bike* e com qual, assim, eu não tinha a mesma familiaridade visual e interpessoal do caminho que vai ao centro pelo Estácio.

(Nota para xs cartógrafxs de plantão: quando, de manhã mais cedo, fui na Aristides Lobo – rua que vai no outro sentido – só comprei bananas antes de voltar para casa).

Nesse dia, caminhar na cidade não foi exatamente uma tentativa de fugir do Sonho e nem de me adentrar nele. Saí andando para tentar deslizar pela

superfície do Sonho, para tentar ver quão visivelmente ele teria se instalado pela cidade nessa altura do jogo

(por assim dizer).

Os traços e os trecos verde-e-amarelos foram inegavelmente presentes ao longo do Catumbi, mas até chegar aos arredores da Rio Branco, não vi e nem senti nada que igualava a concentração borbulhante da Rua Aristides Lobo. Aliás, chegando na Rio Branco, senti uma certa simbiose entre camelôs e manifestantes, uma efervescência que se criava à margem da Copa, seja pela venda de bugigangas não-autorizadas ou pelas palavras de ordem que questionavam todas os tropeções da oficialidade.

Amanhã vai ser mais caro!
Amanhã vai ser mais caro!

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Fomos umas 2000 pessoas no primeiro ato, muitas fantasiadas e todas acompanhadas por vários grupos de percussão

(se bem que não lembro de nenhuma encarnação do Rec!clato).

Comparado aos protestos de 2013, nosso tamanho foi mínimo, mas depois de meses de atos pequenos e trepidantes, até que hoje foi uma mostra de uma certa força, uma fusão entre socialistas partidárixs, comunistas revolucionárixs, anarquistas, professorxs, universitarixs, secundaristas, pessoas em situação de rua e *hipsters*. A gente estava se juntando, por mais temporariamente que fosse, contra a Copa e tudo que ela representava: uma cidade com um preço de vida cada vez menos atingível, um uso de espaço que visava a expulsão em massa como bom investimento, um policiamento cada vez mais descaradamente sangrento.

Da Copa! Da Copa! Da Copa eu abro mão!
Eu quero mais dinheiro pra saúde e educação!

Durante alguns instantes da caminhada entre Candelária e os Arcos da Lapa, consegui imaginar que a Copa seria a última palha, que a revolta que borbulhava aqui se transformaria em alguma resistência efervescentemente maior, até porque os contornos do Sonho estavam se esforçando tanto que poderiam deixar de convencer. O sol estava brilhando, nossas vozes ecoaram fortemente pelas ruas, algumxs camelôs se juntaram ao ato; algumxs motoristas de alguns dos ônibus parados entre nós manifestantes e as centenas de policiais buzinavam, enquanto algumxs passageirxs naufragadxs ecoavam nossas palavras de ordem. Quando chegamos aos Arcos, me senti pronto para tentar entender qual seria o próximo passo, mas mal tinha parado para trocar idéias com xs amigxs que também participavam do ato quando, aparentemente do nada, a praça central da Lapa foi tomada por bombas de gás lacrimogêneo, e acabamos correndo até a Rua do Lavradio.

Não acabou!
Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Talvez, quando se trata de um Sonho tão mega quanto o da Copa, com contornos tão mundiais, não haja como escapar. Talvez a oposição maior seja de se jogar para dentro do Sonho para questioná-lo, para fazer com que a violência por trás da sua obrigatoriedade se mostre enquanto pesadelo; ou de tentar construir uma vertente descontentemente pesadélica dentro da sua suposta Inevitabilidade. O tão-temido Black Bloc opera mais ou menos assim, quebrando vitrines e tacando fogo em barricadas em parte para mostrar quão frágil esse Sonho de fato é. E depois de cada bombardeio de gás, me parece cada vez mais coerente; aliás, cada vez mais estratégico.

Imagina na Copa

Segui a pé da Lapa até Copacabana, deslizando por entre ondas verde-e-amarelas cada vez maiores e aparentemente mais efervescentes:

senhorinhas brancas na Rua do Catete com cachorrinhxs já embrulhadxs nas cores da bandeira; crianças, na sua maior parte brancas e também devidamente coloridas, brincando numa pula-pula inflável perto do Largo do Machado; famílias inteiras uniformizadas com suas camisas da Seleção se conduzindo pela Praia de Botafogo para assistir o Jogo no conforto de casa ou no aconchego de um restaurante predileto, ou então para se enfiar na pulsante aglomeração da praia.

Essas personificações do Sonho não desfizeram e nem amenizavam meu desgosto pela Copa, mas também não fizeram com que esse desgosto aumentasse. Pensando agora, não vejo a forma repentina

mas totalmente previsível

com que as bombas de gás tomaram a praça da Lapa e fizeram o primeiro ato dissipar como sendo mais ou menos essenciais à manutenção do Sonho de que a crescente uniformização do verde-e-amarelo ao longo da minha caminhada; e essa uniformização, por sua parte, não seria nem mais e nem menos essencial ao Sonho de que à invasão e ocupação militar da Maré. O Sonho dos Contornos Mundiais só se realiza pela incansável presença de coturnos nacionais e locais. Por ser um Sonho tão mundial, os coturnos específicos que o erguem

(ou que, pelo menos, pisam em tudo e todxs vistxs como oposição)

podem ser facilmente substituídos por outros, como a própria bandeira que esses chegam a representar, e que se vê refletida nas camisas dxs sonhadorxs mais árduxs. Os coturnos podem até agir de formas bastante diferentes e menos letais de que, por exemplo, na Maré. Mas sem esses coturnos, não há como sustentar o Sonho.

Foi justamente por isso que não tinha como não comemorar o gol contra que abriu a Copa. Mas também não tinha como não sacar que o ato na praia, além de parecer minúsculo comparado à mega-torcida que enchia a areia e boa parte da Avenida Atlântica para assistir o jogo, foi muito menor que o realizado no Centro algumas horas antes.

Não que as bombas de gás seriam responsáveis por essa diminuição, mas algo do entusiasmo que teria sido dissipado ali na Lapa parecia perdido, No mais, não foram poucas as pessoas, tanto de dentro quanto de fora do primeiro ato, que notavam que, por sairmos ao meio-dia, quem quisesse poderia participar no ato e depois voltar para casa e assistir o jogo.

O segundo ato também terminou com inevitáveis bombas de gás, devidamente lançadas depois que seguíamos suficientemente longe das aglomerações em volta da FIFA Fan Fest. E os próximos três gols do jogo inaugural foram todos do Brasil, batidos devidamente no gol da Croácia, assegurando a Vitória Inevitável que teria que ser a abertura oficial deste Sonho.

> Imagina na Copa. De tanto imaginarmos, esquecemos do principal: que a Copa é um congregado-monstro de estrangeiros em ferias e, como tal, com o compromisso primeiro de divertir-se. O bom humor dos estrangeiros sufocou o mal humor nacional. Não há desorganização ou falta de infraestrutura que derrube o ímpeto de quem vem para festejar. O clima entre os estrangeiros contagiou os nacionais e, pelo menos nesses primeiros dias, o que se teve foi o Brasil em suspenso, flutuando no ar entre um outono de todos os descontentamentos e uma campanha eleitoral que se anuncia sangrenta. (TOLEDO in *VEJA*, 25/6/2014, p. 158)

A *VEJA* tem uma história de quase 50 anos de celebrar qualquer coisa que vem de fora como sendo Solução para qualquer coisa dada como deficiência ou atraso nacional. Não duvido que o entusiasmo gringo causou um efeito notável pelo Rio e pelo Brasil. Mas não acredito que seria um fator mais central que as crescentes ondas de verde-e-amarelo, as primeiras notas do hino nacional, os primeiros gols não-contra. De qualquer forma, senti que foi ao longo deste primeiro dia da Copa que o Sonho dos Contornos Mundiais foi permeando a cidade de verdade.

3. Não tem arrego

6 de fevereiro de 2014
Avenida Presidente Vargas, Centro

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

Na real, nem sei se eu lembro do rojão especificamente. Lembro que saí de casa meio atrasado para ir ao ato e que decidi pegar o metrô para ganhar uns 15 minutos a mais. Mas é claro que meu plano não deu muito certo: o metrô, além de demorar bastante para chegar ao Estácio, não estava parando na

Central do Brasil, e aí tive que desembarcar na Presidente Vargas e voltar andando.

(Ou seria Uruguaiana? Também não lembro direto. De qualquer forma, se eu fosse a pé, eu teria chegado mais rápido e talvez mais alerto; a caminhada poderia ter me preparado melhor).

O ato protestava contra o aumento da tarifa do ônibus, freada em R$2,75 desde as o início das "jornadas", mas que finalmente iria seguir os sonhos de Eduardo Paes e dxs empresárixs dos ônibus ditos públicos do Rio de Janeiro e subir para R$3; ou seja, cinco centavos a mais que o aumento de junho de 2013.

Olé olé, olé olá
olé olé, olé olá
Se a passagem aumentar
o Rio! o Rio! o Rio vai parar!

(Confesso que eu nem lembrava do que se tratava o protesto. Tive que dar uma googlada para ver; ficou comigo como o Ato do Rojão).

Lembro de ter procurado alguém conhecidx e de encontrar com Gabriel

(arquiteto-malandro criado em Brasília, camarada do meu grupo de pesquisa e de vários atos, blocos e outras confusões de várias ruas).

logo antes de as explosões começarem. Lembro que vieram bem rápidos e de todos os lados; mesmo se eu soubesse que tinha rojão entre as bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo, duvido que eu teria conseguido distinguir na hora.

Não corre!

Lembro que fizemos o possível para não correr enquanto saímos pelo lado leste da Praça da República, e que, nessa hora, trombei com meu barbeiro, que trabalhava por aí, e que aparentemente estava indo pegar alguma condução na Central do Brasil para voltar para casa, sem saber do caos. Eu estava me esforçando tanto para andar o mais rápido e me manter o mais calmo possível, tudo ao mesmo tempo, que não dei mais que boa tarde, não consegui avisá-lo do bafafá que estava rolando mais pela frente dele, e do que Gabriel e eu estávamos saindo. Mas também duvido que, olhando um pouco mais longe, ele não teria notado.

(Não faço ideia do que ele acabou fazendo naquele dia, mas evidentemente se saiu bem. Fui cortar o cabelo com ele poucas semanas depois, e não lembro nem se a gente falou daquele breve encontro ou de tudo que veio depois).

Aliás, nem lembro muito bem o que veio depois. Gabriel e eu devemos ter ido para algum bar do Centro ou da Lapa para trocar impressões, comprovar para nós mesmos que estávamos bem e tomar algo que suavizasse a adrenalina. Devemos ter trocado mensagens com mais uma meia dúzia de amigxs para saber como e aonde todo mundo estava.

(Eu já tinha um smartphone *na época, mas era tão tosco, ou talvez tão antigo, que não consegui baixar Whatsapp; fiquei só no SMS até meados de 2015).*

Não tem arrego!
Não tem arrego!

Não sei nem se eu já fiquei sabendo do rojão naquele dia, se eu já sabia quando saí da frente das explosões na Central ou se eu só soube muito depois. Mas sei que a cidade inteira parecia conhecer tudo do Ato do Rojão logo em seguida; foi o principal assunto que dominava boa parte das conversas dos próximos dias nos ônibus, nas mesas de bar, no treino de capoeira. Santiago Andrade, o cinegrafista ferido pelo rojão solto por manifestantes, morreu 4 dias depois, numa terça-feira, e o caso dele passou a ser lembrado como sendo a primeira fatalidade das "jornadas" no Rio de Janeiro

(Muitxs lembram do Fernando Candido –que morreu de infecção pulmonar em agosto de 2013, depois de inalar gás lacrimogêneo no dia 20 de junho – como sendo o primeiro. Também, no mesmo dia do Rojão, Tasman Accioly, jornaleiro de 72 anos, tentou correr das bombas de gás em frente ao Central do Brasil e foi atropelado por um ônibus; como Santiago Andrade, morreu quatro dias depois. Mas de fato, Santiago passou a representar a primeira fatalidade que poderia ser atribuída a manifestantes).

A morte do cinegrafista foi na capa de todos os grandes jornais do Rio

UM CRIME CONTRA A
DEMOCRACIA
(*O DIA*, 11 de fevereiro de 2014)

MORRE CINEGRAFISTA DA BAND
HOMEM QUE LANCOU ROJÃO É IDENTIFICADO
(*EXTRA*, 11 de fevereiro de 2014)

CHEGA!
Nossa protesto é contra o assassinato de um pai de família, alvejado covardemente enquanto trabalhava
(*MEIA HORA*, 11 de fevereiro de 2014)

Vítima do radicalismo
(*O GLOBO*, 11 de fevereiro de 2014)

O Rojão ficou lembrado como divisor de águas; em muitas analises e muitas narrativas, seria o início do fim das "jornadas", o pesadelo que fechou, repentinamente, um certo sonho sujo da cidade.

> A trágica morte do cinegrafista Santiago, atingido por um rojão durante a quarta manifestação contra o aumento das passagens, em 6 de fevereiro, em um verdadeiro cenário de guerra provocado pelas forças policiais, e em plena Central do Brasil, Centro do Rio, serviu como uma luva para que o poder constituído

> procurasse conter a multidão cada vez mais articulada e consciente de suas possibilidades para atuar como agente de mudança. (CASTAÑEDA 2014ª)

Olha eu aqui de novo.

Nunca me meti no meio de qualquer *Black Bloc*, nem nunca menos me senti um *Black Bloc*.

(a questão do quê e de quem faz um Black Bloc *é um assunto mega-debatido que não vou nem tentar abordar ou muito menos resolver por aqui. Mas me parece que não tem como separar o* Black Bloc *nem da ação e nem da identidade; o* Black Bloc *é algo vivido, algo que está sendo. Ao mesmo tempo, reconheço que já vi o* Black Bloc *de longe e até do lado, mas nunca nem tentei fazer parte; é algo que nunca fui e que nem mesmo vivi).*

Vendo ou sentido longe ou até do lado, mas sem nunca entrar, na identidade ou tática do *Black Bloc*, já admirei a coragem de quem se joga pela frente do ato para enfrentar toda a repressão cara a cara; já achei necessário e bastante poético quebrar vitrines de bancos e lojas multinacionais.

Não vejo essas ações como estritamente estratégicas, mas como colocações tão estéticas e teóricas quanto políticas. Por um lado, mostram a fragilidade da superfície de tudo que poderia ser entendido como "Sistema": as regras básicas de organização e decoro social, a integridade física dos principais símbolos do capitalismo e a lei em si. Também provocam a ira inevitável de muita gente que não tende a se revoltar com a violência policial ou econômica; incitam uma raiva generalizada e, ao mesmo tempo, esfregam a cara da hipocrisia por trás desta raiva. Ou seja: mostram como estética, teoria e política estão sempre entrelaçadas entre si.

Também já fiquei bem chateado com o *Black Bloc*, principalmente quando estive bem ao seu lado, querendo que não se jogasse com tanta urgência e com tanta energia nervosa, querendo que tivesse mais cuidado com quem estivesse ao seu redor, querendo que não jogasse *molotovs* ou rojões.

Lembro também de ter ouvido, muito depois, dx amigx de umx amigx no meio do Black Bloc que ouviu de umx colega mascaradx

Não se esquente, a gente sempre joga a primeira bomba.

Ou algo do tipo. Mas, como não imagino que o Black Bloc se trate de um grupo fixo, também não imagino que teria nenhuma regra interna deste tipo. De qualquer forma, como Mario me apontou, a polícia nunca precisou de uma bomba ou rojão ou molotov *ou de qualquer outra provocação bélica para começar a atacar manifestantes.*

Ou seja: não sou tão pelego a me opor ao Black Bloc como tática, ou de me opor a uma pessoa que se identifica como sendo Black Bloc, e muito menos de adotar a coxinhice escrota de um setor da esquerda partidária/sindical carioca que combate o Black Bloc ativando a polícia ou se encarregando, ele mesmo, em reprimi-lo violentamente.

(Entendedorxs entenderão).

Lembro de uma noite, ainda em junho de 2013, quando todos esses debates estavam começando a se articular, principalmente através de palavras de ordem. Eu estava do lado da Camila na Presidente Vargas ou Rio Branco ou alguma avenida bem simbolicamente central e centralmente simbólica. Lembro que assistimos vitrines sendo quebradas e que, quase automaticamente, ouvimos uma repreensão sendo cantada bem por perto

Sem violência!
Sem violência!

Lembro também que a resposta já veio pronta de algum outro canto (sem ser dxs quebradorxs de vitrines, que estavam focadxs na destruição, ou então, que já haviam corridos atrás do próximo confronto)

Sem moralismo!
Sem moralismo!

Lembro de ouvir, provavelmente naquela mesmo noite, uma terceira resposta:

Sen-sualismo!
Sen-sualismo!

e de adotar aquilo como meu lema, como meu lado mal-definido.

Camila, por sua parte, ainda criou uma resposta própria:

Pom-po-arismo!
Pom-po-arismo!

Reconheço que tacar tijolos ou pedras portuguesas contra a vitrine de um banco é um ato bastante sensual, que nem aquela foto, mega-difundida nas redes que se dizem sociais, de um casal – aparentemente cis-hetero, branco e supostamente canadense – se pegando no meio da confusão de algum ato. Reconheço também que, no meu conceito de sensual, meu corpo não tende a estar em risco.

Ou seja: já vi o Black Bloc ser quase tão romantizado quanto vilificado por gente que ficou longe ou do lado, mas sem fazer parte.

Conheço várias pessoas que eu sei que já chegaram a integrar o Black Bloc, mas todas falam muito pouco sobre, e nunca ficam gabando sobre essas ações e/ou identidades.

Eu vi o Choque
Correr do Black Bloc!

Não sei se, de fato, eu já cheguei a ver a Tropa Choque se recorrer diante de algum Black Bloc, e nem lembro se essas palavras de ordem começaram a se espalhar já em junho de 2013 ou só em setembro ou outubro, durante a greve dxs professorxs.

O Black Bloc é meu amigo:
Mexeu com ele, mexeu comigo!

Também entendo que a minha possibilidade de me enfiar nesse vai-e-vem com o Black Bloc é imprescindivelmente ligada à minha possibilidade de imaginar meu corpo como neutro. Entendo que querer manter essa ginga teórica e moral vem deste mesmo privilégio. E, mesmo assim, continuo por aí.

Entendo o Rojão do dia 6 de fevereiro de 2014 como sendo estrategicamente péssimo no sentido midiático mas também no sentido bélico, justamente por sua falta de precisão. E entendo a morte do Santiago como sendo mais que trágica

(o que, aliás, virou palavra-chave em todos os comentários de um setor esquerda/crítico/anti-governista, ou seja, todo um setor que tende a romantizar o Black Bloc, mas que, pelo que eu saiba, não tende a se jogar no meio).

Entendo essa morte como sendo mesmo um afronto à própria liberdade da expressão e ao direto de ir e vir que eu associo com o melhor do Black Bloc.

Ao mesmo tempo, entendo que a minha perspectiva não vem apenas de fora do Black Bloc em si, como também de um corpo que não costuma sentir os efeitos daqueles coturnos mundiais à serviço do Sonho da Copa e de *The Brazilian Way of Life*.

Sem hipocrisia!
Essa Polícia mata pobre todo dia!

Entendo que Caio Souza e Fabio Raposo, jovens pobres acusados de lançar o Rojão daquele dia e presos até agosto de 2017 sem terem sido julgados, teriam perspectivas diferentes que as minhas.

A partir de pelo menos 2013, e provavelmente muito antes, o famoso

GENTILEZA
GERA
GENTILEZA

lema do famoso Profeta Gentileza, foi transformado em *stencils* em várias partes da cidade, fazendo das suas ideias

(ou seus ideais)

frases mais cínicas, ou mais atuais, ou talvez mais realistas.

VIOLÊNCIA
GERA
VIOLÊNCIA

OPRESSÃO
GERA
REPRESSÃO

O Rojão que matou Santiago Andrade não só reverberou naquele dia 6 de fevereiro como continuou reverberando em todos os atos que vieram depois. Aquele dia foi apontado por enésimas pessoas como o fim não-oficial das "jornadas". Não duvido que muita gente teriam ficado decepcionado de fato e de vez com táticas Black Bloc e com protestos e atos e manifestações de uma forma geral, que muita gente se decepcionou tanto que desistiu de protestar. Mas vi e vivi uma diminuição gradual dos atos ao longo de 2013; aliás, desde de 20 de junho de 2013.

Amanhã vai ser maior!
Amanhã vai ser maior!

Só que não. E depois do grande bafafá do dia 7 de outubro de 2013,

um dos principais atos da greve de professorxs daquele ano,

percebi que os atos estavam ficando nitidamente escassos. Mas imagino que muito mais gente teriam desistido muito antes daquele outubro, e que essa desistência anterior teria mais a ver com todas as bombas de gás e de efeito moral lançadas pela Polícia Militar

(e com as balas de borracha, porradas de cassetete e diversas outras repressões-assinaturas de manifestações, com a prisão do Rafael Braga e com a truculência da mesma Polícia Militar de uma forma geral fora de atos e manifestações).

Não acabou! Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

4. Entre atos

17 de junho de 2014
Avenida Presidente Vargas, Centro

Olha eu aqui de novo.

Também não vou lembrar quem foi que convocou um ato para Candelária às 17h00 no dia da porra do jogo do Brasil contra o México.

(Segundo o Estado de São Paulo, *teria sido o Movimento Passe Livre, mas não gosto de confiar no* Estadão*).*

Lembro que me preparei em casa, no Rio Comprido, com Cíntia e Michelle, e que sabíamos desde o início que o local e o horário foram pessimamente escolhidos. Mesmo assim, a gente saiu arrasando, muito bem montadxs e maquiadxs. Lembro que descemos do ônibus na Presidente Vargas, perto da esquina com Avenida Passos.

(Olha a ironia óbvia!
O prefeito-fantasma que deu seu nome àquela avenida com certeza estava à espreita em algum lugar perto naquele dia, provavelmente rindo da gente).

As ruas ao redor estavam, previsivelmente, quase desertas: alem de nós três, tinham algumas dezenas de ativistas;

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

alguns pequenos grupos de torcedorxs que se juntavam para assistir o jogo nas televisões das poucas barracas de batata frita e frango empanado e x-tudo e coisa e tal espalhadas por aí; e, é claro, pelo menos cem policiais da Tropa de Choque, todxs cobertxs de armaduras mega.

(Começando, no máximo, no início da Copa,
sempre tinha uma ou duas policiais mulheres nesses atos
com direito a toda a armadura da tropa de choque.
Dentro da lógica-lema de ORDEM e PROGRESSO,
isso seria um tipo de PROGRESSO
que se encaixa perfeitamente dentro da ORDEM estabelecida).

Antes mesmo de chegar na Candelária, recebemos um SMS que nos avisou que cinco amigxs tinham sido detidxs quando montaram uma espécie de mini-Bloco Rec!clato antes do ato. Cobertxs de tinta e carregando latas, já tinham sido revistadxs e liberadxs por policiais a caminho para Candelária, mas logo ao chegar, foram encurraladxs pelos RoboCops da Tropa de Choque e encaminhadxs para a 22ª Delegacia na Penha.

Penha fica bem no meio da Zona Norte. Ao longo das "jornadas", e especialmente durante a Copa, a Polícia Militar fez questão de levar manifestantes presxs e detidxs o mais longe possível, dificultando seu acesso a familiares, amigxs e advogadxs.

Encontramos logo mais com uma outra amiga que tinha acabado de ouvir da situação, e paramos na esquina para trocar ideias e contatos com ela antes de seguir para a delegacia na Penha

para dar uma força moral e tentar servir de testemunhas de qualquer ação policial duvidosa.

Logo depois da gente se cumprimentar naquela esquina, um homem branco de cinquenta-e-tantos anos, com braços fortes e uma camiseta verde-e-amarela, nos abordou, dizendo que não gostou da gente, que nós iríamos apanhar se não fossemos embora, que deveríamos morrer. Comecei a responder que a rua, a calçada e a esquina são públicas, mas quando trinta-e-tantos policiais foram se aproximando para gritar com a gente também, metemos pé, atravessando a Presidente Vargas para pegar um táxi.

Ficamos um tanto chocadxs,

no sentido de efetadxs pela Tropa de Choque,

com a rapidez da repressão do Bloco-Livre-Rec!clato-em-potencial, mas não foi nenhuma surpresa propriamente dito; a reatividade exagerada e francamente burra a serviço da Copa já tinha virado logomarca da Polícia Militar tanto no Rio

de Janeiro quanto em todo o Brasil. Talvez um aumento na reatividade policial contra manifestantes poderia ser traçado desde o Dia do Rojão

(não que a Polícia Militar, em algum momento da sua existência, seria tipificada por carinho e cautela, mas o Rojão, junto à aproximação da Copa, teria dado um motivo a mais para uma repressão intensificada).

Duas noites antes, no jogo inaugural do "novo" Maracanã, amigxs testemunharam tiros "de advertência" dados, com balas letais, por policiais militares na ruas da Tijuca. Algumas horas depois, em Vila Isabel, um policial civil que estava de folga foi fotografado ameaçando manifestantes com um revolver. E no primeiro dia da Copa, enquanto estávamos tomando gás na Lapa para depois tomar mais em Copacabana, a Polícia Militar de São Paulo se esforçou para superar seus colegas cariocas. Lá na capital paulista, Barbara Arvanitidis, produtora da CNN, teve o braço quebrado por uma bomba de efeito moral, e a imagem que mais bombou

(por assim dizer)

nas mídias que se dizem sociais foi do manifestante Rafael Marques Lusvarghi sendo atacado com *spray* de pimenta diretamente nos olhos depois que já tinha sido imobilizado.

(Não cabe bem nos contornos dos sonhos contados e não-muito-contidos aqui, mas vale mencionar que, dois anos depois, Lusvarghi foi preso na Ucrânia e condenado a 13 anos de prisão por servir de mercenário no conflito armado de lá).

Cabe dizer aqui que Arvanitidis e Lusvarghi são brancxs, como é quase sempre o caso dos corpos que ganham atenção por serem feridos em protestos. Cabe dizer também que, enquanto elxs estavam sendo atacadxs com armas menos letais, a violência policial fatal que se diz "pacificadora" continuava atuando da forma que foi feita para atuar contra corpos negros. No dia 15, enquanto manifestantes corriam de armas de fogo na Tijuca e em Vila Isabel, Lucas Canuto Farias, de 13 anos, foi morto a tiros pela polícia "pacificadora" da Cidade de Deus. No dia 18, um dia depois da detenção preventiva do mini-Rec!clato, Afonso Maurício Linhares, de 25 anos, também foi morto por policiais da UPP de Manguinhos.

Esses assassinatos "pacificadores" não passaram totalmente despercebidos, mas também não passaram a ter uma fração da visibilidade das agressões em manifestações. A presença de boa parte da mídia internacional no Brasil parecia garantir que qualquer história relacionada à Copa, ou relacionada à relação entre cidade e sociedade e Copa, teria alguma repercussão. Mas é gritantemente notável que, enquanto a truculência sofrida por manifestantes ganhou muita atenção no Brasil e foi noticiada ao redor do mundo, a perene letalidade da "Pacificação" atraiu apenas algumas notícias na mídia local.

A visibilidade da detenção dxs amigxs Rec!clatáveis foi bastante passageira

> [U]m grupo de oito estudantes da UERJ, com roupas coloridas, rostos pintados de tinta preta e usando latas para improvisar uma bateria, chegou fazendo uma

performance. Quatro acabaram detidas, e as latas apreendidas pela PM. (WERNECK in *O GLOBO*, 17/6/14*)*

(e cheio de erros: não foram em grupo de oito, pintaram seus rostos de várias cores, cinco acabaram detidxs e nem todxs eram estudantes da UERJ)

Mas o calvário que sofreram ali também foi passageiro: depois de fotografadxs

para que suas imagens entrassem em um acervo, provavelmente ilegal, de manifestantes conhecidxs

e questionadxs

sem poder falar com xs advogadxs que foram até a 22ª Delegacia para acompanhar o caso.

foram liberadxs, e a gente voltou juntxs para o Centro.

A breve visibilidade do Rec!clato-em-potencial e da detenção dxs amigxs não foi sem consequências; desde então, por exemplo, elxs têm sido basicamente impedidxs de ir em outros atos e manifestações, já que outra passagem pela polícia seria bastante complicada. Mas, mesmo com esse impedimento claro e perpétuo à sua liberdade de expressão, conseguiram retomar a maior parte das suas vidas normais, a exercer certas jogadas de visibilidade e invisibilidade

todxs em graus obviamente diferenciadas, mas que evidenciam recursos sociais e pessoais que xs oferecem certas proteções em casa, na rua ou até dentro de uma delegacia.

Mesmo se a minha facilidade de me invisibilizar

isto é, minha branquitude, mas também o fato de eu frequentemente estar carregando Siririca; paradoxalmente, como vi em julho de 2013, minha maneira "diferenciada" de me vestir acaba sendo uma certa defesa, já que jamais caberia em nenhum Black Bloc

não tenha funcionado 100% naquele dia, pelo menos se transformou em um tipo de escudo: mesmo quando xs trinta-e-tantos policiais se juntaram à gritaria na esquina da Presidente Vargas com Avenida Passos, saí do lugar sem maiores problemas. Algumas noites antes, durante o constante bombardeamento das ruazinhas ao redor do Maracanã durante o jogo inaugural no "novo" estádio, consegui passar ileso por pelo menos duas barricadas e algumas dúzias de policiais do Choque; bastava eu andar devagar e ficar quieto. Numa cidade e uma época em que os corpos que moram nas favelas são tratados como ameaças letais pelo simples fato de existir, em que até latas de óleo vazias perturbam à ordem pública, minha possível invisibilidade, e a relativa liberdade que ela me confere, ficava cada vez mais óbvia.

Existem outras formas de invisibilidade, é claro; outrx amigx que estava entre xs batedorxs de lata naquele dia conseguiu perceber, quase que automaticamente, a chegada de policiais; elx deu uma saída na hora certa, se livrando da detenção. E essx amigx seria, entre xs integrantes daquele mini-bloco, x com

menos recursos, x mais tidx como “perigosx” e que seria menos classificável como estudante da UERJ. É justamente por estar mega-ciente da capacidade acentuada com que seu corpo pode ser alvo de ação policial que essx amigx tem desenvolvido estratégias tão corporais e reflexivas quanto intencionalmente pensadas de se conduzir na rua.

(Foi Cíntia que teve essa reflexão;
peguei carona e a cito aqui, porque ela é foda).

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

Nesse contexto, exigir ser olhadx vira um ato cada vez mais arriscado, principalmente para corpos que já carregam uma visibilidade tida como ameaçadora. De fato, tive a impressão de que esse grito específico foi cada vez menos usado enquanto as “jornadas” se estenderam para além de junho, além de 2013, além da efervescência inicial, e enquanto começaram a se arrastar para uma previsibilidade moedora; enquanto quem estava na rua se percebeu cada vez mais olhadx

(principalmente no sentido de miradx pela Polícia Militar, mas também por uma mídia hostil ou, no melhor dos casos, indiferente; e por uma sociedade cansada, sobrecarregada de sonhos e de sono, e cuja exaustão muitas vezes acabou sendo colocada como culpa das manifestações e manifestantes)

e cada vez mais vulnerável.

5. TATU DERRADO

9 de março de 2014
Algum bloco *hipster* por aí, Aterro de Flamengo

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Senti, desde pelo menos o começo de 2014

ou talvez antes

que o nosso lema principal estava perdendo força, que, bem antes do mega-evento começar, nosso

Não vai ter Copa

estava se transformando de uma convicção inspirada, um protesto determinado

(mesmo que basicamente impossível)

que disse muito mais sobre nós gritadorxs do que sobre as esmagadoras relações de poder e jogos de memória assombrando a cidade.

(Não que teria qualquer coisa de errada em nos identificarmos entre nós; talvez seria só isso mesmo que nos restasse).

Uma variação do nosso não-vai-ter-copismo, canalização deste intuito rebelde, foi um grande boneco amarelo e azul, vestido de cartola e paletó, que começou a aparecer logo antes do Rojão. Frequentava atos, manifestações e principalmente blocos de rua que apresentassem qualquer caráter que poderia ser denunciado, celebrado ou simplesmente descrito como sendo de uma esquerda dita folclórica, cirandeira ou festiva.

TATU DERRADO!
TATU DERRADO!

(SCHVARSBERG)

O Tatu Derrado foi uma espécie de anti-mascote do Ocupa Carnaval, grupo basicamente subsidiário do PSOL

(partido político que, pelo menos no Rio de Janeiro, poderia ser descrito como sendo basicamente subsidiário do deputado estadual Marcelo Freixo, lenda perenemente polêmica da esquerda carioca).

Ou seja: o Tatu Derrado foi, inegavelmente, uma espécie de propaganda esperta neste ano eleitoral. Mas também resumia, dentro de si, aquelas eternas comparações entre blocos de carnaval e atos de rua.

> **Nada deve parecer impossível de mudar**
> *(BRECHT apud Ocupa Carnaval)*

O Tatu Derrado borrava um tanto essas divisões entre ideologia e espaço. Sua presença tão ubíqua, tanto em atos quanto em blocos, fazia com que as distinções entre mobilização política e mobilização festiva começassem a se evidenciar como sendo um pouco menos rígidas; ou seja, a anti-mascote canalizava uma certa fluidez.

TATU DERRADO!
TATU DERRADO!

Tendo a pensar que a quase-onipresença do boneco foi bem mais eficaz nessa tarefa do que, por exemplo, qualquer substituição de letras de marchinhas tradicionais por temas politicamente atualizados, também por Ocupa Carnaval.

Se você pensa que a Copa é nossa
A Copa não é nossa, não
A Copa é das empreiteiras
Não sobra nada pro povão...

...Pode me chamar de vândalo:
isso até acho graça.
Só não quero que acabe
[a] mobilização das massas[18]
(OCUPA CARNAVAL)

As críticas feitas pelas marchinhas são, obviamente, muito mais detalhadas e complexas que os cantos provocados pelo Tatu Derrado.

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Mas uma [anti-] mascote seria, antes de mais nada, projeção de sonhos e receptor de ansiedades. Ele mobiliza muito mais que articula, providencia uma figura que dá para literalmente seguir sem nos sentirmos seguidorxs.

12 de junho de 2014
Avenida Atlântica, Copacabana

Viva eu! Viva tu!
Viva o rabo do tatu!

[18] A ritmo de "Se você pensa que cachaça é água"

Fuleco, o tatu-bola cartum, mascote oficial da Copa do Mundo, também se mostrava onipresente com a aproximação do mega-evento. Pelo menos aqui no Rio de Janeiro, foi um dos primeiros preparos oficiais a dar certo, a superar o estupor de relutância generalizada e ajudar o Sonho dos Contornos Mundiais a se fixar pela cidade; especialmente porque o boné oficial da Copa, feito na sua semelhança, virou presente infantil quase obrigatório.

> A quatro dias do início da Copa do Mundo 2014, o torneio já tem o seu primeiro astro. O Fuleco vem sendo um grande sucesso desde que foi apresentado como a mascote oficial, em novembro de 2012. Com a sua efervescente personalidade, ele vai tornar tudo mais animado durante o evento. (PORTAL BRASIL, 8/6/2014)

A escolha de um animal em risco de extinção visava representar um respeito ao meio-ambiente

> O seu nome é uma junção das palavras 'futebol' e 'ecologia'. A casca que o protege representa a beleza natural brasileira, que ele está comprometido a preservar… (*ibid*)

Esse comprometimento seria compartilhado por instituições governamentais e particulares que sonham com uma sustentabilidade lucrativa

> Art. 65. Será concedido Selo de Sustentabilidade pelo Ministério do Meio Ambiente às empresas e entidades fornecedoras dos Eventos que apresentem programa de sustentabilidade com ações de natureza econômica, social e ambiental, conforme normas e critérios por ele estabelecidos.
> (ROUSSEFF et al, LEI N º 12.663 de 5/6/2012, Capítulo X, Art. 54)

Mas como os contornos de um Sonho da Copa tendem a se deslocar, e a sustentabilidade do lucro tende a eclipsar outras preocupações que se dizem sustentáveis, o compromisso representado por Fuleco se mostrou cada vez mais fraco. Depois que um desentendimento entre a FIFA e a Associação Caatinga

(ONG dedicada à preservação do tatu-bola)

se tornou público, a mascote nem estava presente na cerimônia de abertura da Copa.

> Fuleco deve estar envergonhado por não ter ajudado a sua espécie e de não ter feito nada até agora para mudar seu próprio destino. Talvez seja esse o motivo do seu sumiço. (Ro. CASTRO in *Folha*, 26/6/2014)

Fuleco, como o Tatu Derrado, como qualquer mascote, já nasceu efígie, representação tanto da um caráter brincalhão que se atribui à brasilidade quanto ao espírito festivo da Copa em si

```
Um moleque tão ligeiro,
tão difícil de marcar,
ele brinca na pelada, no bobinho,
show de bola lá no baba.
```

Arrebenta no rachão,
só faz gol de placa
é a sensação.
Tatu bom de bola:
ele é campeão (CRUZ)

Mas em uma perversa reflexão do apagamento tão real e violento por trás do Sonho da Copa, que a Copa provoca e em qual a Copa depende para se realizar, Fuleco acabou tendo seu próprio corpo fictício sumido dos vieses oficiais do mega-evento, numa provável tentativa de esquecimento forçado do compromisso dito sócio-ambiental que a sua presença iria servir para lembrar.

TATU DERRADO!
TATU DERRADO!

Sem vontade própria
esse boneco
mal manipulado
escravizado
fantoche
tem objetivo
obscuro
vender o ideal absurdo
se o Brasil
for campeão
você ganha
outra televisão...

O tatu bola
Natural da Caatinga
é uma raça quase extinta
que a FIFA
veio usurpar

Se entoca no buraco
enrolado
na carcaça
facilmente
vira caca
que o Estado vai capturar....

Dele nada se fala
entre a má sorte
e a própria morte
quando a Copa acaba,
quem se importa com a mascote [?]
(COLETIVO PROBLEMA, p. 6-8)

6. SOS

13 de julho de 2014
Praça Saens Peña, Tijuca

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

O grande ato final contra a Copa do Mundo FIFA de 2014, o grande ato final contra aquela versão especifica do Sonho dos Contornos Mundiais

(ou seja, o ato que pelo menos era para ser grande)

foi marcado para 13h00 na Praça Saens Peña, na Tijuca, onde já havíamos apanhados legal algumas vezes ao longo da Copa. Eu estava determinado de não perder o ato, mas também bastante exausto das bombas, das subidas repentinas de minha adrenalina no escape, de me sentir cada vez mais esmagado dentro de um grupo que parecia estar sempre diminuindo entre um ato e o próximo.

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Na verdade, a maior parte da Copa já tinha tido, ao ponto que estava prestes a terminar. Mas mantivemos esse grito, não sei se por teimosia, força de hábito ou falta de criatividade. A essa altura, não consegui pensar em formas de protesto criativo, e imagino que a maioria das outras pessoas que frequentavam esses atos estava muito mais focada em gritar contra a Copa de que pensar novas formas de gritar. Além do mais, eu estava pensando no meu visto de estudante, mega-assustado com os boatos de gringxs detidxs em protestos que acabavam sendo deportadxs. Esse medo só aumentou com as notícias das "prisões preventivas" realizadas na véspera da final

> Elisa Quadros Pinto Sanzi, a Sininho, de 28 anos, foi presa ontem em Porto Alegre por policiais da Delegacia de Repressão a Crimes de Informática (DRCI), sob a acusação de formação de quadrilha armada. Outras 18 pessoas foram detidas, entre elas um professor de história que estava em casa, na Urca. (RAMALHO in *O GLOBO*, 12 de julho de 2014)

Meu medo aumentou ainda mais porque várias das 23 pessoas que acabaram sendo presas nessa grande prevenção-em-massa foram amigxs que tinham suas casas invadidas e seus livros e panfletos anarquistas levados como evidência de intenções nefastas.

> Numa entrevista coletiva, o chefe da Polícia Civil, Fernando Veloso, disse ter provas "robustas e consistentes" de que parte do grupo planejava protestos violentos...
> -'Essa operação pode ter evitado uma série de atos de violência que essa quadrilha pretendia desencadear...' (*ibid*)

Com tudo isso na cabeça, e já me sentindo bastante sensível, combinei de ir ao ato com Cíntia, que também estava se sentindo bastante sensível desde que caiu da sua bicicleta duas semanas antes, fraturando uma costela. Formamos um tipo de micro-quadrilha, comprometida em ir no ato e ciente de não ter condições de enfrentar a confusão que certamente viria logo. Assim, ficamos às margens da Praça, fazendo o possível para manter uma rota de fuga da Pancadaria Inevitável.

Da Copa! Da Copa! Da Copa eu abro mão!
Eu quero mais dinheiro pra saúde e educação!

De tão Inevitável, foi difícil a Pancadaria chocar por si só, mas veio tão rápido, e de uma forma tão exageradamente cruel, que conseguiu. Fomos completamente encurraladxs pela Polícia Militar muito antes de sair da Saens Peña, e logo depois que a maioria dxs manifestantxs tinha pisado na rua, os cordões da Tropa de Choque foram pelo menos redobrados com a chegada de mais policiais. Nosso caminho foi cortado por barricadas ao longo da Rua Conde de Bonfim, deixando apenas uns três quarteirões "livres" para a gente. Chegamos na primeira barricada, depois demos um ré para chegar na outra mais próxima. Quando começamos a dar mais uma volta, xs policiais começaram a jogar as bombas.

O spray de pimenta já tinha sido desencadeado em doses enfáticas, mas limitadas.

As bombas voaram de três sentidos distintos, aí Cíntia e eu procuramos dar uma fuga pelo lado mais ou menos livre.

Não corre!

Conseguimos passar por uma barricada policial com as nossas mãos ao alto e com olhares suplicantes, mas depois de andar mais uns 50-e-tantos metros pela Conde de Bonfim, nos achamos cercadxs por barricadas em todas as saídas possíveis, junto com mais algumas centenas de pessoas saindo da manifestação ou simplesmente voltando para casa. O ar naquele lado da rua estava mais-ou-menos limpo, mas carregava um cheiro definitivo de gás, e ouvimos muito claramente os estalos de bombas de efeito moral e balas de borracha a alguns quarteirões de distância.

Ficamos sabendo depois que, apesar dxs policiais estar brutalizando geral, parecia que tinham uma dedicação especial de bater em jornalistas e prejudicar seu equipamento; pelo menos 10 repórteres e cineastas tiveram câmaras e gravadores roubadxs ou destruídxs por policiais. Ficamos sabendo também que policiais perseguiram manifestantes e pedestres (inclusive crianças pequenas) até o metrô; a estação Saens Peña ficou cheia de gás, e Presidente – lendário ativista de 62 anos, que vivia em situação de rua –
acabou tomando muito e passando mal.

A polícia também introduziu novidades

que pelo menos eu nunca tinha visto em qualquer ato no Rio:

como agentes da cavalaria armadxs com espadas de madeira

(não sei se essas seriam decorativas, feitas para dar porrada, ou se apenas representaram uma nostalgia pelas armas de outrora);

um cilindro metálico, carregado nas costas, que imaginei ser de gás lacrimogêneo, mas que não vi em ação;

e, segundo alguns relatos, gás azul.
O gás finalmente parou depois que a manifestação tinha sido dispersada o suficiente, e quando uma quantidade de porradas aparentemente satisfatória tinha sido devidamente dada em corpos humanos

(e em câmaras).

Mas as barricadas não foram tiradas; aliás, o número de polícias as guardando só cresceu. Assim, quem não tinha saído da área logo no início do ato foi efetivamente presx nos arredores da Praça Saens Peña.

Eventualmente, boa parte dxs manifestantes se encontrou em frente a Panq's House, pizzaria local que parecia ser o único estabelecimento aberto dentro da nossa prisão provisória. Tomamos cerveja e postamos fotos e descrições da situação no Facebook, inclusive a que mais viralizou: um "SOS" feito por nossos corpos, em que eu apareço ileso e aparentemente relaxado, com minha cabeça encostada no Siririca, a mochila/pônei de pelúcia, companheiro de diversos atos e deslocamentos.

(NOBREGA in *CANAL IBASE*)

Dentro da pizzaria, duas TVs com telões pra lá de mega mostravam a final. Senti, nessa altura do campeonato literal, que sermos obrigadxs a assistir o jogo talvez fizesse parte da nossa punição por participar no ato; que isso certamente não tinha o potencial bélico do gás, dos cassetetes e das balas de borracha, mas que se encaixava muito bem como uma indignidade final. Mas muitxs bastante manifestantes assistiram arrebatadxs. A maioria torcia para Argentina, já que a possibilidade de uma vitória dos "hermanos", além de romper decisivamente com qualquer pretensão de sinédoque glorioso entre a Copa, o Brasil e o Rio, havia sido apontada por Eduardo Paes como motivo suficiente para se suicidar.

> Se a Argentina vencer o Brasil na final, eu me mato.
> (PAES apud WATTS, in *The Guardian*, 10 de junho de 2013)

(Não foram poucas as discussões de se a promessa do prefeito ainda estaria valendo se Argentina ganhasse a Copa sem ter que enfrentar o Brasil na final).

Brasil, decime que se siente
Tener en casa a su papá...[19]

De qualquer forma, a Alemanha acabou ganhando, o que pelo menos fez um manifestante alemão do meu lado bastante feliz. Fomos liberadxs logo depois do último apito; tomei mais algumas doses de qualquer coisa e fumei qualquer outra coisa na casa de um amigo que estava morando lá perto e voltei para o Rio Comprido.

> ...o legado da Copa é nosso. Porque ninguém que vem aqui assistir a Copa leva consigo, na sua mala, aeroporto, porto, não leva obras de mobilidade urbana, nem tampouco estádios. O que eles podem levar na mala? É a garantia e a certeza de que este é um país alegre e hospitaleiro. Pode levar isso na mala. Agora, os aeroportos ficam para nós, as obras de mobilidade ficam para nós, os estádios ficam pra nós. É isso que é a questão central dessa Copa. (ROUSSEFF 2014)

Mais uma vez, Dilma faz do Brasil "um país" que, por mais alegre e hospitaleiro que seja, e por melhor que possa ser a sua infraestrutura, continua sendo colocado no minúsculo. Não duvido que pelo menos parte da sua eventual expulsão das articulações mais rígidas de The Brazilian Dream of the American Way of Life *poderia ser atribuída a esse detalhe, e por sua canalização de uma visão que, mesmo se encaixando dentro do Sonho dos Contornos Mundiais, não aponta tão diretamente para o legado do lucro.*

Aliás, as generalizações da Dilma seriam, de uma certa forma, continuações das colocações do Lula

> Somos um país que tem muitos problemas, sim, mas somos um país com homens determinados a resolver esses problemas. (SILVA, 30/10/07)

Talvez seja o último vestígio do meu antigo romantismo por Lula, ou algo do tipo.

[19] Cantado, por torcedorxs argentinxs, a ritmo de "Bad Moon Rising".

Mas pelo menos, em se atrelar ao Sonho de Contornos Mundiais, ele apontou por problemas que continuarão.

7. Nesse Carnaval, o prefeito vai varrer!

25 fevereiro de 2014
Avenida Presidente Vargas, Centro

Acelera, COMLURB
Eu quero ver
Esse lixo vai feder
A prefeitura não deu aumento, não
E esse lixo vai ficar todo no chão

Acho que foi terça-feira, dia 25 de fevereiro, quando fui a um ato em antecipação à greve dxs garis, mas não tenho certeza absoluta, já que as únicas coisas que anotei em qualquer caderno naquela semana antes do carnaval foram listas de coisas para comprar

glitter*, rímel azul, sucrilhos, chocolate,* leggings *prateada, biscoitos*

e de blocos para ir

Rec!clato, Boi Tolo, Minha Luz é de LED.

Pesquisando depois, vi que tinha um ato inicial no 25 de fevereiro, mas que também tinha na quinta-feira, dia 27, na véspera do carnaval. Mas até então imagino que eu já teria me integrado aos entorpecentes e às aglomerações branco-classe-média-intelectual-artístico-gentrificadorxs; blocos que, apesar do Tatu Derrado, das marchinhas re-escritas com letras meio mornas e politizadas e de uma revolta cada vez mais generalizada

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

não mostravam nenhuma urgência tão acirrada e nenhuma ação tão direta quanto o movimento dxs garis. Aliás, xs garis também tinham re-escrito as letras de várias marchinhas que, pela diferença do contexto e o investimento bem mais diretamente pessoal das pessoas cantando, foram gritadas com muito mais força e convicção

Ê ê ê
Nesse carnaval, o prefeito vai varrer[20]

Lembro que, nesse dia,

(seja qual foi)

[20] A ritmo de "Índio quer apito"

centenas de garis se juntaram com muitxs apoiadorxs em frente ao Piranhão, e que andamos pela Presidente Vargas até Cinelândia, cantando durante boa parte do caminho. Não lembro bem de como terminou e nem do que xs garis que fizeram discursos no início ou no fim do ato disseram, além de que estavam quase tão revoltadxs com seu sindicato quanto com Eduardo Paes; recusaram a aceitar o novo piso salarial de R$874,74 negociado pelo sindicato no final de fevereiro[21], e insistiram em um aumento para R$1.200.

Se liga aí, prefeito
se não tiver aumento
Não vai ter Copa!
Iê iê iê iê iê iê iê iê
Só vai ter lixo[22]

A greve foi marcada para 1 de março, o sábado de Carnaval, e, de fato, até o dia seguinte, a cidade estava cheia de lixo. De manhã cedo naquele domingo, indo para Praça XV, vi pilhas de pelo menos um metro de altura de garrafas, latas, fantasias descartadas, fraldas sujas, sacos de plástico e restinhos de comida cobrindo boa parte das Avenidas Rio Branco e Primeiro de Março.

> [A] gente não tem uma greve na cidade. Temos um motim.
> (PAES apud BARBOSA e BARROS in *O DIA*, 7 de março de 2014)

Eduardo Paes desqualificou a greve por ela ter surgido de uma forma dita irregular, sem ser organizada pelo sindicato e pelo suposto papel de serviços terceirizados em organizar a greve com a finalidade de privatizar COMLURB

(algo que, por seu amor declarado a PPPs, poderia ser um programa do próprio prefeito).

Também desqualificou xs garis que entraram em greve por supostas intimidações axs colegas que não aderiram.

> Greve é um instrumento do trabalhador, que apresenta a pauta ao patrão 72 horas antes de entrar em greve e, se for serviço essencial, tem que apontar o que vai continuar e o que vai parar. Isso é greve. (*ibid*)

(No meio de apelar a essas normas supostamente sacrossantas, Paes foi deflagrado em vídeo jogando lixo no chão, um "pequeno delito" claramente em violação aos bons costumes pregados pelo Choque de Ordem e que, teoricamente, deveria ser sujeito a multa aplicada pela própria COMLURB).

O prefeito começou seu contra-ataque com demissões em massa, dispensando xs garis que não foram trabalhar durante os primeiros dias da greve. Frustrado e

---

[21] Ver: DIAS CARNEIRO, Júlia. "Greve de garis divide opiniao no Rio". In BBC, 7 de março de 2014. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140304_greve_garis_jc_lk Acesso em: 30 de agosto de 2017.
[22] A ritmo de "Mulata Bossa Nova"

evidentemente cada vez mais desesperado quando boa parte da categoria ainda resistiu, Paes recorreu à repressão violenta

(para variar).

> O prefeito do Rio, Eduardo Paes, anunciou nesta quarta-feira (5), que a partir da madrugada desta quinta-feira (6), escoltas armadas vão acompanhar todos os caminhões da Comlurb para garantir a coleta.... Para viabilizar a escolta, a prefeitura está contratando empresas de segurança particular.
> (SILVEIRA in *G1*, 5 de março de 2014)

Oficialmente, garantir a coleta seria defender aquelxs garis que queriam continuar trabalhando contra eventuais agressões que poderiam vir dxs colegas em greve. Mas as imagens espalhadas pela imprensa dita tradicional e as mídias ditas sociais mais remeteram a trabalho violentamente forçado.

Você pagou com traição
A quem sempre limpou o chão![23]

Apesar de qualquer coerção militar, gerencial ou midiática de Paes, a greve se mantinha firme durante uma semana inteira. Foi só no sábado, dia 8 de março, que um fator aparentemente decisivo mudou o cenário: choveu pacas. Eu estava rodando de bicicleta entre a Praça da Harmonia

na Gamboa

e a Praça Tiradentes

no Centro

procurando pessoas ou eventos específicos; não vou lembrar mais quem ou quais. Ainda estava descendo a Rua Camerino, na Zona Portuária, quando as águas de março pareciam cair todas de uma vez só; fui por debaixo de um toldo para deixar o pior passar, mas até eu chegar na Lapa, mais que uma hora depois, eu estava totalmente encharcado, e Siririca, além de saturado**,** estava coberto de uma mistura esquisito de purpurina, tinta corporal e fuligem**.** Foi quando parei em algum bar na Lapa para me esquentar com uma cachaça que fiquei sabendo que a greve tinha acabado, e que Eduardo Paes tinha aceito quase todas as condições dxs garis.

> É um marco. Ninguém conseguiu um aumento desse tamanho até hoje no Rio.
> (NEVES apud CARIELLO e COELHO, in *O GLOBO*, 8 de março de 2014.)

De tão inédito que o aumento era, boa parte dxs apoiadores da greve queria ver o sucesso dxs garis como sinal de futuras conquistas.

Se liga aí, prefeito
se não tiver aumento
Não vai ter Copa...

[23] À melodia de "Vou festejar"

> No saldo final, têm-se um prefeito derrotado, um judiciário desmoralizado, a *Globo* ridicularizada. No contexto das lutas, um dos méritos dos garis foi recolocar a *Globo* e o poder na defensiva. Fizeram uma bonita onda laranja, com alegria e apoio social. Que as demais lutas tirem seus aprendizados e que a luta dos garis embale todas as outras que estão à espreita. (CASTAÑEDA, 2014.b)

Mesmo quem se colocava como sendo oposição vocifera do Sonho dos Contornos Mundiais tendia a se definir de acordo com a sua paisagem. Mesmo se, em nosso caso, os contornos assumissem escalas muito mais locais, imaginávamos repercussões maiores. Não dava para resistir a tentação de desejar que seus efeitos se espalhassem pelo mundo.

8. I believe that we will win!

26 de junho de 2014
FIFA Fan Fest, Praia de Copacabana

Passei uns vinte minutos hoje encenando, sozinho, uma certa crise de identidade com as minhas camisetas, na tentativa de criar um tipo de disfarce, um *look* propício à pesquisa que me pus a enfrentar.

Não vai ter Copa!
Não vai ter Copa!

Depois de anos protestando contra a Copa do Mundo FIFA de 2014, e depois dos muitos acontecimentos das duas semanas desde que a Copa começou de fato, pensei em me meter, pelo menos uma vez, no meio da mega-festa. Pensei que, enquanto Pesquisador Responsável, eu deveria pelo menos tentar conhecer um outro lado mais de perto, tentar sentir o Sonho dos Contornos Mundiais na pele de uma forma um pouco mais agradável e menos lacrimogênea. Mais especificamente, pensei em me meter na arena de pelo menos dois quarteirões de extensão erguida na praia de Copacabana onde foi abrigada uma das instalações da FIFA Fan Fest

> uma dúzia de localidades brasileiras icônicas, cuidadosamente selecionadas, eixos pulsantes....de futebol, música e entretenimento, que asseguram destinos seguros e familiares tanto para torcedores internacionais quanto locais[24]. (FIFA FAN FEST)

(Essa tradução é minha porque o português não é uma língua oficial da FIFA; assim, não consegui achar nenhuma descrição oficial da Fan Fest que não fosse em inglês ou francês. Mas sendo um pesquisador basicamente irresponsável, só fui procurar nos primeiros meses de 2017. Assim, pode ser que essas descrições já existiram e que tenham sumido junto com aquelas instalações da Copa, construídas com quantidades aparentemente ilimitadas de dinheiro público e acompanhadas por inúmeras tentativas midiáticas e governamentais de instalar uma euforia coletiva.)

[24] No original, "the dozen carefully selected iconic Brazilian locations…throbbing hubs of football, music and entertainment…ensuring secure and family-friendly 'must-go' destinations for local and international fans alike."

Juntando minha vaga sensação de obrigação profissional ou ética de testemunhar aquilo à minha curiosidade mórbida e fascinação relutante, me preparei para ir à FIFA Fan Fest no dia 26 de junho para assistir o jogo entre os Estados Unidos e Alemanha, final da fase de grupos da Copa. Eu queria efetuar algo que fosse uma performance de espectadorismo, mas sem me tornar algum tipo de arquétipo ou estereótipo hiper-nacionalista, desses que brotam descontroladamente em mega-eventos esportivos e internacionais.

(Sendo um estadunidense cronicamente revoltado, não é de se surpreender que eu estava achando de péssimo gosto os caras – e foram quase sempre caras, bros[25] *de uma masculinidade agressivamente cis – que circulavam pelas ruas da Lapa, Botafogo, Copacabana e Ipanema embrulhados em bandeiras-capa dos Estados Unidos. Além de me sentir desconfortado com bandeiras nacionais de uma forma geral, tendo a pensar que qualquer pessoa com qualquer consciência mínima deveria refletir um pouquinho sobre as miríades histórias centenariamente sangrentas que aquela bandeira específica representa ao redor do mundo, especial e recentemente aqui na América Latina. Mas também tendo a imaginar que pouquíssimas pessoas minimamente conscientes se embrulhariam tão literalmente numa bandeira para se enfiar tão diretamente no meio de qualquer mega-evento destes).*

Na minha ansiedade de poder me considerar uma pessoa minimamente consciente, pensei em efetuar um tipo de *drag* cultural, em tentar assumir um visual que se localizasse entre fã doentio e ativista bolado, entre turista fascinado e residente **meio zen, meio foda-se**, como a irmã de um amigo local descreve a carioquice .

Metodologia de* drag *cultural*; *ou, como performar espectadorismo

Para se integrar à alegria quase obrigatória de um mega-evento esportivo e internacional – contra o qual você, até então, tenha protestado vociferantemente, e se esforçado justamente para não fazer parte – trocar de roupa é um primeiro passo tão recomendável quanto básico.

Comecei por descartar qualquer camisa com frases que remetessem ao ativismo

O CU PA
COPA

LUTA POPULAR

OCUPA DOPS

FESTIVAL DE
PERFORMANCES
INSURGENTES

[25] Abreviação de *brother*, remete às fraternidades universitárias estadunidenses e a heteronormatividade compulsória associada a elas.

Depois, como é de costume, comecei a pensar demais e analisar as possíveis conotações de cada camisa que restava. Além de não querer me deflagrar como ativista – isto é, como portador de qualquer consciência minimamente crítica – busquei evitar traços que deixassem qualquer pista de conhecimento local, ou de uma brasileiridade que não me cabe. Ao mesmo tempo, também não queria advertir a minha gringuice, e nem muito menos fazer de conta de ser algum tipo de super-fã ou super-gringo.

(Como já disse, tenho o costume de pensar demais sobre qualquer assunto; foi mais ou menos assim que fui parar em um programa de doutorado).

Ou seja: me esforcei para assumir um *look* neutro, algo que fosse tão desinteressante quanto aparentemente desinteressado.

Editei as demais camisas, tirando qualquer uma que explicitasse qualquer identidade local ou nacional: a camisa do Paysandu, único time de futebol com qual tenho qualquer sintonia, ficou de fora, (essa, aliás, é duplamente problemática, já que, além de representar um time reconhecível da Série B, a camisa do Paysandu parece bastante com a da seleção argentina). A camisa do Red Sox, meu time de beisebol de coração, idem. Exclui a camisa da Cooperifa, famoso sarau das quebradas da Zona Sul de São Paulo, que me parecia evidenciar algum conhecimento local qualquer, e a de **GENTILEZA GERA GENTILEZA***, que parece tão exageradamente local ao ponto de ser turística.*

Como eu estaria indo de bike*, nenhuma das minhas saias longas era uma opção. Como eu também queria neutralizar qualquer expressão de gênero minimamente complicadora das normas hegemônicas, minhas minissaias e* leggings *também não poderiam fazer parte.*

Finalmente, escolhi uma conjuntura que me parecia ser a mais básica possível: uma camiseta preta com listras brancas e uma larga bermuda azul-e-verde que definitivamente não combinaram. Imaginei que essa não-combinação de roupas supostamente "normais" seria um anti-destaque, uma capa de invisibilidade a mais, reforço da suposta neutralidade do meu corpo branco, aparentemente cis- e classe média e etc. e tal; uma neutralidade dentro de qual a nacionalidade em si seria de menos.

Mas nem precisava de tanto: as mensagens "ativistas" das primeiras camisas que tirei talvez poderiam ter dificultado a minha entrada, mas duvido que teriam apresentado motivo suficiente para que meu corpo fosse barrado pelas pessoas encarregadas com a tarefa de segurar as entradas da FIFA Fan Fest. Eu, por mim, adoraria poder imaginar que há uma diferença significativa entre um gringo *hipster*-ativista e um gringo *hipster*-turista, e que essa diferença seria suficientemente óbvia para qualquer pessoa. Aliás, me esforço bastante para acreditar nessa distinção supostamente clara. Mas, sendo bem sincero, penso cada vez mais que essa diferença só seria perceptível para uma pessoa com bastante contato com gringxs e *hipsters*, ou até mesmo apenas por uma pessoa que fosse, ela mesma, tão gringa quanto *hipster*.

Por meu corpo branco aparentar ser de uma dita classe média que se pensa como sendo internacional, e por parecer estar me comportando razoavelmente bem

(isto é, sem ser notavelmente bêbado ou com raiva ou fora de qualquer padrão tido como aceitável),

passei pelos detectores de metal sem maiores questionamentos, e quando esses não apitaram, me juntei à manada de outros tantos corpos. Muitos desses, especialmente os parecidos com meu, passavam com a mesma facilidade; alguns outros se esforçavam bastante para conseguir chegar naquele lugar. Não consigo e nem vou tentar descrever esses processos atrás da conquista desse tipo de passabilidade, até porque depois de passar tão facilmente pelos detectores de metal, eu estava pensando principalmente no sucesso da minha própria *drag*, e de como a FIFA Fan Fest teria conseguido unir tantos corpos como consumidores no Sonho dos Contornos Mundiais. Essa junção, por si só, constituiu uma Vitória bastante central ao Sonho.

I!
I!
I believe!
I BELIEVE!
I believe that!
I BELIEVE THAT!
I believe that we!
I BELIEVE THAT WE!
I believe that we will win!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!

De cada quatro em quatro anos, uma porção crescente da população dos Estados Unidos se esforça para ostentar seu entusiasmo para a Copa do Mundo. E de cada quatro em quatro anos, uma porção crescente da mídia dos Estados Unidos se esforça para destacar o significado desta apreciação supostamente inédita pelo futebol, que acaba sendo classificada como evidência de uma sofisticação que consegue não ser elitista e um internacionalismo que consegue manter um sabor unicamente estadunidense.

Vale ressaltar que a gente chama futebol de soccer*, já que, para nós,* football *seria apenas o futebol americano. Chamar* soccer *de* football *não faz parte deste entusiasmo quadrienal, já que acaba soando inacreditavelmente prepotente. Também vale a pena ressaltar que a gente chama os Estados Unidos de "*America*", e que especificar que a América em si seria uma coletividade continental, entre qual nosso país seria apenas os Estados Unidos da América, soa inacreditavelmente esquerdista. Vale ressaltar, ainda, que distinguir entre prepotência e esquerdismo nos Estados Unidos soa tão inacreditavelmente esquerdista quanto prepotente.*

America está abraçando soccer, sim. O jogo da America contra Portugal na Copa do Mundo atraiu quase 25 milhões de telespectadores nos EUA, oito milhões a mais que assistiram o jogo mais popular da Copa do Mundo em 2010, e muitos

> mais que o índice médio de espectadores durante o *World Series* do ano passado, ou as finais do NBA deste ano.[26] (BEINART in *THE ATLANTIC*, 30/6/2014)

(O World Series *se refere a campeonato de beisebol entre os vencedores das duas ligas principais do país, entre os quais apenas o Blue Jays, de Toronto, Canadá poderia representar o mundo fora dos Estados Unidos).*

I!
I!
I believe!
I BELIEVE!
I believe that!
I BELIEVE THAT!
I believe that we!
I BELIEVE THAT WE!
I believe that we will win!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!

O sabor unicamente *American* desta Copa do Mundo parecia se destilar neste grito de guerra, que eu ouvi pela primeira vez segundos depois de entrar no espaço cuidadosamente segurado da FIFA Fan Fest, e que continuei a ouvir até pelo menos os últimos momentos do segundo tempo do jogo Alemanha X Estados Unidos, quando ficou bastante óbvio que *America* não ia nem conseguir empatar, e muito menos ganhar.

Na minha gringolândia, não costumamos ter tantos hinos esportivos e nem torcidas tão organizadas ou cantos tão elaborados quanto esse, que aparentemente teria surgido na Academia Naval dos Estados Unidos e que veio a virar mania nacional

pelo menos entre a torcida limitada-porém-apaixonada da seleção na Copa do Mundo FIFA de 2014.

De fato, utilizar um grito de guerra para se juntar ao dito internacionalismo do Mundial

(supostamente, esse grito teria sido berrado lá na Academia Naval para comemorar a morte de Osama Bin Laden por fuzileiros navais)

encapsula quase que perfeitamente o que seria o *Americanismo* na Copa.

> Quando abraçamos soccer, nós americanos estamos aprendendo a pegar algo que não inventamos e nem controlamos e, mesmo assim, de fazer dele uma coisa

[26] No original: "America is embracing soccer. America's World Cup game against Portugal attracted almost 25 million television viewers in the U.S., eight million more than watched the highest rated World Cup game in 2010, and far more than the average viewership for last year's World Series or this year's NBA finals."

> nossa. Precisaremos bastante desta capacidade nos anos que virão.[27] (*ibid*)

Não vejo tanta novidade na capacidade estadunidense de pegar qualquer coisa que venha de fora

(seja um jogo, uma tradição culinária ou uma guerra global que supostamente seria contra o terror)

e fazer dela não apenas uma coisa nossa como algo que acreditamos ser Alvo Inevitável para nossa dominação, um produto para a gente vender ao mundo e, no processo, tornar uma marca nossa. Ou seja: o nosso próprio Sonho de Contornos Mundiais está permanentemente ativado faz um bom tempo; o futebol seria apenas um dos seus componentes mais novos.

Dentro da FIFA Fan Fest, não foi tão difícil ser convencido por essa Inevitabilidade *American*, mesmo diante da derrota por pés alemães.

(Algo que há de mexer com qualquer imaginário nacional).

Entrar naquele espaço, depois de passar pelo esquema de segurança na entrada que confirmava nossos corpos como sendo suficientemente neutros e não-ameaçadores

(isto é, corpos que não foram sobrecarregados de bolsas demasiadamente grandes, objetos metais ou cortantes; e nem de poeira literal ou metafórica, de contramemórias, marcas de pobreza ou violência ou outras experiências que fariam qualquer contraste com o clima festivo da arena)

foi um processo de se juntar a uma visão de futebol-shopping, em que prestar qualquer atenção ao jogo em andamento seria apenas uma opção entre muitas. Poderíamos andar numa mini-montanha-russa; relaxar numa sala equipada com ar condicionado e grama sintética para assistir a *FIFA Fan Experience*, instalação multimídia de seis longos minutos de louvor ao papel do futebol de um modo geral, e da FIFA especificamente, na criação de uma cordialidade mundial, à base de vídeos aparentemente sem fim dos gols mais clássicos de Copas passadas projetados em telas que foram do chão até o teto; ou voar numa tirolesa por cima dos dezenas de milhares de cabeças dxs torcedorxs assistindo o jogo nos mega-telões montadas na areia.

Eu sabia que essa comercialização do futebol não era nenhuma novidade, e que não tinha qualquer ligação única com o entusiasmo pela Copa que se cria quadrienalmente nos Estados Unidos. Seria, antes de mais nada, faceta de *The Brazilian Dream of the American Way of Life* em escala declaradamente Mundial: um shopping-altar ao futebol em plena praia de Copacabana que junta corpos locais e estrangeiros

[27] No original, "In embracing soccer, Americans are learning to take something we neither invented nor control, and nonetheless make it our own. It's a skill we're going to need in the years to come".

desde que esses corpos apresentem um nível aceitável de uma suposta neutralidade.

Porque ao mesmo tempo em que o Sonho dos Contornos Mundiais da Copa do Mundo FIFA de 2014 se fixava numa visão de um Rio e um Brasil Dominantes e Inevitavelmente Maiúsculos, esse sonho não deixava de insistir em um Rio e um Brasil que se juntavam ao mundo justamente por se neutralizarem, por conseguirem apagar qualquer marcas específicas que poderiam evidenciar traços violentos ou pobres ou qualquer outra classificação que não combinasse com qualquer cidade ou país de classe media, e muito menos com um Cidade ou País-Sede Campeão.

Aliás, uma parte significativa da população dos Estados Unidos sonha com uma certa neutralidade, em ser mais parecida com o resto do [primeiro] mundo. E essa seria uma das partes menos reacionárias, uma parte que sonha com futebol, com saúde pública, com sistemas eleitorais um pouco menos arcaicos. Mas isso tudo, é claro, sem nunca largar um pronunciado excepcionalismo; mesmo dentro do sonho, continuamos nos vendo unicamente como dominadorxs, sem imaginar que essa imagem de nós mesmxs tenha alguma coisa a ver com o isolamento com qual dizemos ficar revoltadxs.

Não sou tão besta a não entender que esse sonho-mor social e cultural também tem bastante a ver com a minha não-integração no Rio Comprido.

> Bem ou mal, fazer malandragem e exagerar – ou, dependo das sensibilidades, trapacear – faz parte do futebol de alto nível. Os jogadores exagerem o contato. Amplificam coisas mundanas. Transformam derrubadas miudinhas em algo que mais parece a morte sombria....O talento para aplicar esse tipo de pressão no juiz é algo que os próprios jogadores dos Estados Unidos admitem que geralmente fazem mal (se é que fazem)...
> "Com certeza, isso é algo que a gente não faz da mesma maneira que os outros times", disse Ramos. "Não sei se dá de chamar de problema ou de fracasso, mas é claro que a natureza americana é de tentar fazer com que tudo seja justo, tentar ser justo ao jogo. É simplesmente assim que nos Americanos somos".[28]
> (BORDEN in *New York Times)*

(Por sua parte, Galvão Bueno passou boa parte do segundo tempo do jogo daquele dia reclamando que os "americanos" não sabiam se arriscar).

Mas de fato, prezar por esse tipo de esportitividade metida a besta acaba sendo, no contexto dos Estados Unidos, uma atitude bastante politizada.

[28] No original, "For better or worse, gamesmanship and embellishment — or, depending on your sensibilities, cheating — are part of high-level soccer. Players exaggerate contact. They amplify the mundane. They turn niggling knocks into something closer to grim death. They do all this to force the referee to make decisions.... Applying this sort of pressure on the official is a skill that, by their own admission, United States players generally perform poorly, if they perform it at all. "Absolutely that's something we don't do the way other teams do," Ramos said. "I don't know if you call it a problem or a weakness, but it's clear that the American nature is to try and make everything fair, to try and be fair to the game. That's just how Americans are."

> Fico ressentida com o aspecto forçado de soccer. As mesmas pessoas tentando promover soccer são aquelas exigindo que amemos o seriado *Girls* de HBO; [sistemas] VLT; Beyoncé; e Hillary Clinton. A quantidade de artigos no *New York Times* insistindo que soccer está "pegando" só se excede pela quantidade de artigos fingindo que o basquete feminino é fascinante.[29] (COULTER)

Ann Coulter, provocadora ultra-reaça profissional, cristaliza tudo que tem de errado, política e culturalmente, com os Estados Unidos. Nem vou citar suas colocações mais fascistas aqui, até porque são tão constantes e esdrúxulas que seria difícil identificar qualquer uma como sendo a pior.

(*Vai só a mais famosa, indiretamente: foi Coulter que, logo após o atentado de 11 de setembro de 2001, propôs invadir todos os países muçulmanos para matar seus lideres e converter, a força, as populações ao cristianismo.*

Ou seja: já estou de mal comigo mesmo por ter a citado aqui).

Mas o pior é que, nesse caso, Coulter não está totalmente errada, ao menos pelo paralelismo que traça entre *soccer* à americana (sic) e Hillary Clinton. Porque acreditar enfaticamente no esporte como ele é jogado nos Estados Unidos, ou na candidatura da Clinton como qualquer Progresso Verdadeiro, exige uma certa suspensão de pensamento crítico

> Nos americanos gostamos de soccer pelo mesmo motivo que [Coulter] o odeia: ele nos liga ao resto do mundo.[30] (BEINART in *THE ATLANTIC*, 30/6/2014)

Exige acreditar, primeiro, que se interessar por algo seria o suficiente para, logo em seguida, dominá-lo. Exige acreditar naquele Sonho *Americano* (sic) que se apega, por exemplo, em ter a saúde pública que imaginamos que o resto do mundo tem, sem nunca questionar porque a nossa visão deste "resto do mundo" seria limitada, essencialmente, ao Canadá e ao oeste da Europa. Acaba sendo, assim, mais um Sonho de Contornos Mundiais. E mesmo se esse lado dos Estados Unidos sonha em contornos que seriam um tanto mais progressistas que os contornos que floresceram no Rio de Janeiro e no Brasil pelo Sonho da Copa, estamos convencidxs, da mesma forma, pela Inevitabilidade e Dominação do Sonho e do Progresso que ele representa.

> A coalizão que gosta de futebol – imigrantes, progressistas e jovens – parece bastante com a coalizão que elegeu Obama... as mudanças demográficas que ajudam Obama a ganhar a Casa Branca sem forte apoio da classe trabalhadora branca também estão ajudando o soccer a ser aceito sem esse apoio.[31] (*ibid*)

---

[29] No original, "I resent the force-fed aspect of soccer. The same people trying to push soccer on Americans are the ones demanding that we love HBO's "Girls," light-rail, Beyonce and Hillary Clinton. The number of New York Times articles claiming soccer is "catching on" is exceeded only by the ones pretending women's basketball is fascinating".

[30] No original, "Americans like soccer for the very reason she loathes it: It connects us to the rest of the world".

[31] No original, "[T]he soccer coalition—immigrants, liberals and the young—looks a lot like the Obama coalition… the same demographic changes that have helped Obama win the White House without strong white working class support are helping soccer gain acceptance without it too.

Pior ainda é que, além de acreditarmos tão enfaticamente, tendemos a errar feiamente.

> Nós reunidos aqui hoje estamos emitindo um novo decreto para ser ouvido em cada cidade, em cada capital estrangeira, em cada salão de poder. Deste dia em diante, uma nova visão governará nosso país. Deste dia em diante, será apenas America em primeiro lugar, America em primeiro lugar.[32] (TRUMP)

Eu não queria que Donald Trump aparecesse tão cedo nessa metodologia-sonho. Já chegaremos em 2016, e as complicações de 2014 claramente foram mais que suficientes. Mas, além de Trump ser especialista em vender seus próprios sonhos a preço que ele bem entende, sua crença absoluta na Vitória combinaria muito bem com a torcida na FIFA Fan Fest, mesmo que a maioria desta torcida se orgulhasse por ter valores mais Mundiais; mesmo que a maioria desta torcida jamais votaria em Trump (como eu imagino que seja o caso).

I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!
I BELIEVE THAT WE WILL WIN!

No dia 26 de junho de 2014, xs mais empolgadxs dxs torcedores *Americanxs* (sic) se agrupavam pela frente da FIFA Fan Fest, do lado das telas, enquanto a torcida alemã ficava mais perto da entrada. Como cheguei atrasado, não sei se isso se devia a uma ansiedade prounciada que fez meus conterrânexs chegarem mais cedo, ou se evidenciaria um ímpeto nacional de ultrapassar todxs que estejam na nossa frente. Por minha parte, fiquei vazando pelo primeiro trecho de areia, logo depois dos detectores de metal, aonde boa parte dxs fãs cobertxs de vermelho-e-branco-e-azul pareciam ser adolescentes locais, entregues a algumas das relações mega-complicadas que se entrelaçam internacionalmente pelas muitas variações do Sonho dos Contornos Mundiais.

[32] No original, "We assembled here today are issuing a new decree to be heard in every city, in every foreign capital, and in every hall of power. From this day forward, a new vision will govern our land. From this moment on, it's going to be America First."

Terceira perambulação:
Sonhos Giulianificadores

1. Sonhem, acreditem, planejem e trabalhem

3 de dezembro de 2009
Avenida Pedro Segundo, São Cristóvão, Rio de Janeiro

> Quero ser o Giuliani do Rio. (PAES apud ALMEIDA in *ÚLTIMO SEGUNDO*)

No dia 3 de dezembro de 2009, um pouco menos de um ano depois de iniciar sua gestão como prefeito do Rio de Janeiro, e um pouco mais de 2 anos e meio antes de convocar o fantasma de Francisco Pereira Passos para seu lado na Zona Portuária, Eduardo Paes circulava pela cidade escoltado por um outro corpo emprestado de um outro ex-prefeito. Por mais que o poder evidentemente tão sedutor deste ex-prefeito fosse derivado de um papel que não exercia mais, ele não era exatamente um fantasma. Seria, talvez, um certo tipo de efígie de si mesmo.

> Ao som de "New York, New York" tocada pela banda da Guarda Municipal, o ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani elogiou nesta quinta-feira a estratégia de enfretamento do crime organizado…Célebre ao implantar a política conhecida como Tolerância Zero, Giuliani comparou a violência do Rio e de Nova York e disse que os cariocas estão no caminho certo para tirar partes da cidade do controle do narcotráfico.
> - Vocês estão fazendo um trabalho fabuloso, devolvendo às comunidades territórios que estavam nas mãos de criminosos, disse a integrantes da Guarda Municipal. (*ibid*)

Talvez Giuliani se imaginava falando com policiais responsáveis por "pacificar" favelas; se bem que, como veremos daqui a pouco, as distinções entre diferentes práticas tidas como criminosas interessam o ex-prefeito muito menos que a sua repressão irrestrita.

De qualquer forma, prezar pela transformação, tanto de cidades quanto dos corpos que as habitam, une Rudolph Giuliani a Eduardo Paes. No cargo de Prefeito

(inevitavelmente com "P" maiúsculo e sempre no masculino, já que, tanto em Nova York quanto no Rio, também só houve prefeito cis-homem até agora)

ambos viam a necessidade não apenas de implementar melhorias no espaço urbano, mas também de fazer deste espaço algo quase irreconhecível.

janeiro de 2004
Staten Island, Nova York, EUA

A primeira vez que fui à Staten Island também foi minha primeira vez a ser assaltado. Mentira, não chegou nem de perto a ser um assalto. Ou seja, eu não ia classificar aquela interação como assalto, nem agora e nem na hora em que aconteceu. A amiga que estava comigo, estopim para toda a interação, deveria

ter uma visão diferente da noite, deveria ver o que aconteceu ao menos como um quase-assalto.

(Só não perguntei a ela porque não falamos mais, e não falamos mais justamente pela diferença em como lidamos com os medos que carregamos, que nos carregam pelo mundo e que obviamente refletem em todas as nossas interações).

Não faço ideia de como os outros caras envolvidos enxergaram a nossa interação daquela noite, mas duvido que eles em algum momento já se consideraram assaltantes, ou se teriam considerado o nosso breve encontro qualquer coisa além de uma piada.

No meu último semestre da faculdade, peguei o trem de New Haven até Nova York

uma viagem de mais ou menos 90 minutos

para encontrar com essa amiga brasileira que estava hospedada na casa coletiva, meio hiponga, de um outro amigo, durante um final de semana. Depois de se encontrar em Manhattan, a gente tinha voltado para Staten Island de barca para depois pegar qualquer ônibus no terminal, levando algumas garrafas de cerveja conosco.

(Não lembro, a essa altura, se foram garrafas de uma cerveja que se dizia artesanal ou se foram forties*, garrafas de 40 onças [1,18 litros] de "licor de malte" barato e com teor alcoólico elevado.* Forties *garantem um pileque rápido e duradouro, e estão estereotipicamente associadas a comunidades negras e mais pobres; universitárixs brancxs, como a gente, mesmo estando de olho no custo-benefício, tendem a comprar essas garrafas com uma certa ironia).*

Descemos do ônibus no ponto certo, seja qual for esse; até aí, tudo bem.

O caminho do ponto de ônibus até a casa deu uns cinco minutos, e caminhamos sem pressa; além do mais, o clima naquela noite estava relativamente ameno pelo padrão-inverno em Nova York. Estávamos falando sobre qualquer coisa

em inglês

quando ela olhou para trás e viu que tinham dois caras, adolescentes negros, por trás da gente. Tomou um susto automaticamente e falou para mim

I think they're following us!

em voz alta e também em inglês; ou seja, os caras atrás da gente com certeza conseguiram ouvir e entender.

Aí os caras

que, pelo que entendi, estavam seguindo o mesmo caminho por estar indo no mesmo sentido, e que até então não estavam prestando o mínimo de atenção na gente

se aproveitaram do medo declarado para vier falar com a gente. Pediram muito tranquila e educadamente para ver a minha carteira, que eu não mostrei, e a conversa meio que travou por aí durante alguns minutos, sem que eles fizessem nenhuma ameaça e também sem que ninguém tomasse nenhuma iniciativa de ir embora. Minha amiga

branca, e cria de um bairro dito nobre

ficava mais nervosa a cada segundo. Finalmente, dei algumas garrafas de seja-o-que-for que a gente estava levando para beber, os caras viraram para qualquer outro lado e eu e a minha amiga assustada seguimos para a casa coletiva-hiponga onde ela estava hospedada.

Naquele dia, pensei que toda essa situação foi produto do medo dela, que os adolescentes negros caminhando logo atrás não estavam nem aí para a gente, e que, se ela não tivesse telegrafado seu susto tão claramente

(ou se tivesse ao menos falado em português, que eu já manjava até um certo ponto, mas que ela, a essa altura, geralmente se recusava a usar comigo)

teríamos voltado para casa mais rapidamente e ainda com toda a nossa birita. Hoje em dia, continuo a pensar exatamente deste jeito, e já ouvi diversos relatos de pessoas que já estiveram do outro lado deste tipo de interação, tidas como ameaças automáticas por corpos brancos. Hoje em dia, o episódio não passa de um pequeno intervalo de racismo mais-ou-menos passivo em uma noite basicamente esquecível. Mas também vejo esse medo como inseparável do sonho de Eduardo Paes em ser Giuliani, e dos sonhos transformadores desses ex-prefeitos, sonhos que visam cortar qualquer assombramento pela raiz.

2 de janeiro de 1994
City Hall Park, Distrito Financeiro, Manhattan, Nova York

> Agora é a hora para convencermos os cínicos que o medo, as dúvidas e os cinismos acabaram. Sonhem juntos comigo sobre uma cidade que pode ser melhor de que está agora....Sonhem, acreditem, planejem e trabalhem. Essa é a fundação para o processo de mudança.[33]
> (GIULIANI 1994, in *New York Times*, 2/1/1994)

Logo na cerimônia de tomada de posse, no segundo dia de janeiro de 1994, Giuliani prezava pela transformação drástica. Tinha ganhado uma acirrada vitória eleitoral sobre David Dinkins, primeiro prefeito negro de Nova York

(e, até hoje, o único),

com promessas de reduzir o que, segundo Giuliani, seria uma insuportável onda de crime e desordem. Ou seja: depois de fazer uma campanha baseada

[33] No original, "Now it's time for us to convince the cynics that the fear, the doubts and the cynicisms are over with. Dream with me of a city that can be better than the way it is now... Dream, believe, plan and work. This is the foundation for the process of change."

principalmente no medo como combustível político, o novíssimo prefeito se reinventou, se colocando contra essa ferramenta tão essencial.

De algum modo, Giuliani já incorporava, na sua própria pessoa,

(que, no seu novo cargo de Prefeito, seria o corpo político por excelência da cidade de Nova York)

o tipo de transformação que visava estender à cidade inteira.

> Não deixem que aqueles que têm tanto medo de transformação acabem com o processo antes mesmo dele começar. Matando as ideias pelo medo. Não precisamos ser medrosos[34]. (*ibid*)

Das coisas que davam medo em Nova York e nos Estados Unidos como um todo no início dos anos 1990, o índice de desemprego e o racismo foram especialmente notáveis. Em 1991, o bairro de Crown Heights, em Brooklyn, foi cenário de 3 dias de motins depois que Gavin Cato, menino negro de sete anos, filho de imigrantes da Guiana, morreu atropelado por um carro que fazia a escolta de um rabino ortodoxo; poucas horas depois, um jovem estudante judeu australiano, Yankel Rosenbaum, foi morto esfaqueado como retaliação. A epidemia nacional de *crack* já tinha chegado no seu auge alguns anos antes, mas a devastação causada pela droga persistiu, principalmente em comunidades negras, em termos da dependência química em si, dos outros crimes associados ao seu uso e especialmente na repressão policial e judicial dessas comunidades por causa da droga.

(Além disso, a recessão dos últimos anos da gestão do Presidente George Bush pai devastou boa parte das economias local e nacional).

Para Giuliani, combater o medo teria menos a ver com espalhar ideias e mais com reprimir as pessoas e práticas que ele mesmo via como assustadoras, além de transformar os lugares que associava a essas pessoas e práticas.

> Um bairro estável de famílias que cuidam das suas casas, ficam de olho nas crianças dos outros e confidentemente desaprovam intrusos não-desejados pode se tornar, dentro de alguns anos ou até alguns meses, em uma selva inóspita e assustadora. Uma propriedade é abandonada, ervas daninhas crescem, uma janela está quebrada. Os adultos param de reprovar crianças desordeiras; as crianças, tomando coragem, viram mais desordeiras. As famílias se mudam para outros lugares, e chegam outros adultos, sem laços. Os adolescentes se juntam na frente da loja da esquina. O comerciante pede para eles saírem; eles se recusam a sair. Ocorrem brigas. O lixo acumula. Pessoas começam a beber; em pouco tempo, um bêbado cai na calçada, e o permitem ficar lá, dormindo. Os pedestres são abordados por mendigos.[35] (WILSON e KELLING, p. 3)

---

[34]No original, “Don't let those who are so fearful of transformation stop the process before it begins. Killing ideas by fear. We don't need to be fearful.

[35] No original, “A stable neighborhood of families who care for their homes, mind each other's children, and confidently frown on unwanted intruders can change, in a few years or even a few months, to an inhospitable and frightening jungle. A piece of property is abandoned, weeds grow

Apesar de aparentar ser o *trailer* de um filme de terror banal, essa história de depredação urbana não apenas foi publicada em uma Revista Séria como também virou fundamento principal da política pública das duas gestões de Giuliani como prefeito da maior cidade dos Estados Unidos. A chamada "teoria das janelas quebradas" começou a ser articulada em *The Atlantic* de março de 1982 por James Q. Wilson e George L. Kelling, criminologistas da Harvard University

cujas carreiras, daí em diante, acabaram sendo baseadas basicamente na exaustiva repetição e rearticulação daquela mesma teoria.

A eleição de Giuliani marcou a primeira vez que a teoria das janelas quebradas poderia ser aplicada numa escala realmente significativa, numa cidade tão mega quanto Nova York. Sob seu comando, e o do William Bratton, chefe de polícia durante os primeiros dois anos da sua gestão, o novo Prefeito estabeleceu uma política de Tolerância Zero, um assalto direto aos "pequenos delitos" que supostamente serviriam como raízes dos crimes mais sérios e brutais.

> Existe um continuum de desordem. Obviamente, o assassinato e o grafite são dois crimes vastamente diferentes. Mas fazem parte do mesmo continuum, e um clima que tolera um é mais capaz de tolerar o outro.[36] (GIULIANI 1998)

Ou seja: longe de afastar o medo, Giuliani fez dele parceiro principal da sua governança.

> O cidadão que tem medo do bêbado fedorento, do adolescente descontrolado ou do mendigo importunador não apenas mostra seu desgosto pelo comportamento impróprio, como também dá voz a um conhecimento popular que acaba sendo uma generalização correta: isto é, que o crime sério floresce nas áreas em que não há controle sobre o comportamento desordenado. O pedinte não-controlado é, efetivamente, a primeira janela quebrada[37]. (WILSON e KELLING, p. 3)

A Tolerância Zero confia com tal força no medo do cidadão idealizado

(ignorando que, em geral, bêbados, adolescentes e mendigos também são cidadãos)

que se coloca a agir tanto antecipatória quanto reativamente. Não se dedica apenas a consertar janelas quebradas

---

up, a window is smashed. Adults stop scolding rowdy children; the children, emboldened, become more rowdy. Families move out, unattached adults move in. Teenagers gather in front of the corner store. The merchant asks them to move; they refuse. Fights occur. Litter accumulates. People start drinking in front of the grocery; in time, an inebriate slumps to the sidewalk and is allowed to sleep it off. Pedestrians are approached by panhandlers".

[36] No original, "There's a continuum of disorder. Obviously, murder and graffiti are two vastly different crimes. But they are part of the same continuum, and a climate that tolerates one is more likely to tolerate the other". Também citado em HARCOURT, p. 185-6

[37] No original, "The citizen who fears the ill-smelling drunk, the rowdy teenager, or the importuning beggar is not merely expressing his distaste for unseemly behavior; he is also giving voice to a bit of folk wisdom that happens to be a correct generalization -- namely, that serious street crime flourishes in areas in which disorderly behavior goes unchecked. The unchecked panhandler is, in effect, the first broken window".

("Fixing Broken Windows" *é título do livro escrito por Kelling com Catherine M. Coles)*

como também age para reprimir práticas que venham a ser associadas com a eventual quebra de janelas.

(A política de Tolerância Zero também tem sido chamada de "qualidade da vida", o que mostra uma imaginada progressão em que a intolerância aos pequenos delitos dá diretamente no melhoramento do cotidiano de moradorxs urbanxs idealizadxs).

Se uma cidade que tolera menos pequenos delitos é uma cidade mais segura, a teoria das janelas quebradas se estende também para os chamados "autores" destes pequenos delitos; não há separação entre ação e ator. Já que grafitar seria um primeiro passo no caminho ao assassinato, o medo sentido em relação a qualquer pessoa suspeita, ou mesmo incomodante, poderia servir, por si só, como diagnóstico de crime em potencial.

> Sonhem, acreditem, planejem e trabalhem comigo. (GIULIANI 1994)

O sonho de Giuliani, então, é um sonho que acredita plenamente em uma ligação inseparável entre todo e qualquer crime, atitude e corpo capaz de provocar medo; um sonho que planeja enésimas intervenções para punir tais crimes, atitudes e corpos e que trabalha incansavelmente para fazer com que essa repressão transforme qualquer possível pesadelo em Um Exemplo.

Esse Sonho Giulianificador virou a principal marca do ex-prefeito, um produto especializado, vendido mundo a fora. Sonhando junto com Giuliani,

(ou seja, contratando a consultoria do ex-prefeito, como fez o governo estadual do Rio de Janeiro em 2008, e seguindo à risca seus preceitos e/ou preconceitos)

qualquer cidade pode reduzir o crime quase que magicamente.

> Ele é um grande especialista no assunto. Pegou Nova York, em 1992, com índices altíssimos de criminalidade, e entregou a cidade, em 2000, com índices extraordinários para a população, o que o consagrou como o grande prefeito da história de Nova York. (CABRAL apud *G1* 2009)

O ex-governador e atual detento Sérgio Cabral, ao errar os anos dos dois mandatos de Giuliani,

que tomou posse em 1994 e saiu em 2002

ignorou o fato do ex-prefeito ter comandado Nova York no dia 11 de setembro de 2001, papel que acabou o conferindo a fama de ser

O PREFEITO DA AMERICA

Ignorou também o fato de que, logo depois do atentado, Giuliani tentou declarar uma emergência política para prorrogar seu mandato e frear a realização das eleições municipais agendadas para novembro daquele ano.

A própria liderança de Giuliani no 11 de setembro de 2001 foi duramente criticada por várias autoridades municipais e estaduais de Nova York. Entre outras decisões equivocadas,ele teria insistido durante anos em manter a principal sede de comunicação emergencial da prefeitura dentro do World Trade Center*, apesar das torres gêmeas já terem sido alvos de atentados a partir de 1993. Assim, no ataque de 2001, a coordenação dos serviços mais cruciais da cidade foi seriamente impedida. Mas Giuliani lidou bem com a imprensa, e conseguiu sair do episódio com herói local e nacional.*

O PREFEITO DA AMERICA finalmente entregou a cidade

(fraseologia que implica transferir o território comandado como um tipo de possessão pessoal, bastante apta para quem pretendeu codificar um estado de exceção para se manter no poder)

para Michael Bloomberg, bilionário eleito em novembro de 2001, apontado pelo próprio Giuliani para continuar a implementação das suas políticas. Como os limites que restringiram Giuliani a duas gestões de quatro anos cada foram revogados durante a primeira gestão do seu sucessor, Bloomberg foi prefeito durante 12 anos, fazendo com que o Sonho Giulianificador, tão admirado por Eduardo Paes e Sérgio Cabral e outros tantos políticos ao redor do mundo

(generalizado no masculino e com "p" minúsculo, porque foda-se)

reinasse em Nova York durante vinte anos.

Ou seja: reinou explicitamente durante esses 20 anos. O atual prefeito, Bill de Blasio, foi eleito em 2013 com uma plataforma que se dizia progressista e que proclamava a sua oposição aos excessos repressores do Sonho Giulianificador

> Quando eu disse que colocaríamos o "Conto de Duas Cidades" na mira, estava falando sério...Nova York já enfrentou o colapso fiscal, uma epidemia de crime, ataques terroristas e desastres naturais. Mas agora, em nossa época, enfrentamos uma outra crise: a crise de desigualdade[38]. (BLASIO in *NEW YORK TIMES*)

Mas esse enfrentamento oficial à desigualdade tem demorado bastante a ser realizado. Aliás, depois de basear boa parte da sua campanha numa visão que acabaria com os excessos de modelos de policiamento dos seus predecessores, Blasio trouxe William Bratton, principal idealizador de Tolerância Zero, de volta como seu primeiro chefe de polícia.

O Sonho Giulianificador,

(*um Sonho que eventualmente tem sido Bloomberguiado e até Blasiado, sem falar na sua Paesificação e em outras dezenas de tentativas em todo o mundo, mas que não tem como não atribuir ao* **PREFEITO DA AMERICA**),

[38] No original, "When I said we would take dead aim at the Tale of Two Cities, I meant it… New York has faced fiscal collapse, a crime epidemic, terrorist attacks, and natural disasters. But now, in our time, we face a different crisis – an inequality crisis."

por mais que se sustente numa tolerância zerada e um perpétuo combate às janelas quebradas, também é, nos grandes moldes estadunidenses, um sonho privatizado, em que um policiamento redobrado

(ou re-triplicado ou re-quadruplicado ou seja como for; não sou das estatísticas, mas o crescimento em abordagens policiais citado tanto por Giuliani e Bloomberg quanto por quem critica a Tolerância Zero aponta a fatores quase exponenciais)

acaba abrindo bairros antigamente tidos como ameaçadores a investimentos novos e cada vez maiores. Seria, assim, um tipo de gentrificação à força. De fato, executa uma espécie de entrega da cidade, concedendo espaços historicamente públicos e responsabilidades historicamente governamentais à iniciativa privada, especialmente a grandes empreiteiras. Talvez o desejo de Eduardo Paes de se entregar a esse Sonho seja até mais forte do que sua vontade de incorporar Francisco Pereira Passos.

Quero ser o Giuliani do Rio

Quando fui pra Nova York em setembro de 2015, eu obviamente não queria ser o Giuliani de qualquer merda –

seja do quarto que eu iria sublocar, as malas que eu iria guardar lá ou do meu próprio umbigo –

e nem muito menos queria sonhar junto com ele. Mas entendi que, querendo ou não, eu estaria me entregando ao Sonho Giulianificador, até um pouco mais do que eu já estava entregue. Eu queria ver quais entradas e saídas seriam possíveis para mim em relação a esse sonho, mesmo sabendo que eu nunca teria como sair dele por inteiro. Na medida do possível, eu queria deslizar pela superfície do Sonho e tentar entender até que ponto eu já teria adentrado nele anos atrás e, também, até que ponto esse sonho teria me adentrado.

Depois de focar tanto em sonhos do Brasil e do Rio que se inspiram tanto em sonhos dos Estados Unidos e de Nova York, pensei em me aproximar ao marco zero

(por assim dizer)

do Sonho Giulianificador, de ver de perto como se instala pelas ruas, pelos parques, pelos vagões de metrô e pelos corpos que moram na cidade. Depois de jogar meu corpo gringo pelas ruas de um Rio de Janeiro cada vez mais giulianificado, também queria tentar realizar um tipo de auto-arqueologia mais direta. Fui para Nova York no intuito de aprender com aquela cidade e também de ver o que ela poderia me ensinar de mim mesmo.

2. Auto-arqueologia do sonho; (ou, Identidade rodapé, *go home!*)

3 de setembro de 2015
Douglass Street, Gowanus, Brooklyn, Nova York

> A única coisa que pode te salvar agora é enfrentar a sua própria história...o que não é o seu passado, mas o seu futuro.[39] (BALDWIN in *Esquire*)

Na madrugada do dia 3 de setembro de 2015, durante a primeira noite que passei no quarto que subloquei em Brooklyn, no apartamento de Clare, Alex e Brendan, sonhei que eu estava passeando em alguma quebrada de São Paulo com uma turma do colégio público onde estudei em Cambridge, Massachusetts. Nós, xs bem-intencionados gringxs de Nova Inglaterra

(majoritariamente, mas nem todxs, brancxs),

estaríamos arrecadando grana para ONGs igualmente bem intencionadas, ou algo do tipo. Mas enquanto meus colegas de adolescência perambulavam pelos becos e vielas, me perdi assistindo uma performance feita por uma ex-peguete que mora no Rio. Quando fui sair, já tinha perdido minha carona, e fiquei um pouco desesperado procurando alguma forma de Voltar

(não sei exatamente para onde).

Eventualmente, encontrei dois caras loiros, desconhecidos, e usei o celular de um deles para mandar uma mensagem para alguém da minha turma.

(Não sei porque, mas escrevi a mensagem em português).

Aí acordei, e me encontrei em Douglass Street, entre 3rd e 4th Avenues, quase em cima da fronteira entre os bairros de Gowanus e Park Slope.

(Ou seja, entre a gentrificação em processo e a gentrificação já estabelecida há muitas décadas).

Talvez sonhar com procurar uma forma de Voltar, seja para onde for, seria reflexão de um ímpeto para chegar justamente neste lugar, de volta no país de onde venho. Mas também poderia ser reflexão de uma vontade inconsciente de voltar para Cambridge, em Massachusetts

(cidade universitária por excelência onde me criei, onde ficam Harvard e MIT e muitas outras instituições metidas a besta em vários graus diferentes, e para onde definitivamente não pretendo voltar);

para New Haven, em Connecticut

(cidade onde fiz minha graduação, na Yale, eterno rival da Harvard. New Haven é uma das cidades mais pobres do estado de Connecticut; Yale, por sua parte, é uma das universidades mais ricas do mundo. É outra cidade que não me dá vontade de voltar);

ou até para o Rio de Janeiro

[39] No original, "All that can save you now is your confrontation with your own history…which is not your past, but your present".

(cidade tão desigual que até faz New Haven parecer um pouco menos absurdamente injusta, e de onde, pelo menos por enquanto, me denomino morador).

Ou seja: eu poderia estar sonhando em Voltar a qualquer cidade que já reivindiquei, em algum momento, como sendo minha.

Não seria totalmente certo dizer que Voltei pra Nova York no início de setembro de 2015. Por mais que já conhecesse a cidade bastante e que ela já tivesse sido, durante um bom tempo, uma espécie de base pessoal nos Estados Unidos em termos de frequência de visitas, quantidade de amigxs, vida criativa e vida social e etc. e tal, nunca cheguei a morar lá de fato. Antes de passar dois meses em Nova York em 2015, o máximo que permaneci na cidade foi um mês e pouco no início de 2007, flanando por entre um quarto alugado numa das linhas de frente de gentrificação de Harlem e diversos sofás concedidos ou camas divididas em diversas partes de Brooklyn, todas também polos de gentrificação em andamento.

Digo tudo isso para deixar claro que não me sinto novayorkino

(vindo de um nativo de Massachusetts, esse sentimento seria uma certa apostasia, principalmente se passasse a se aplicar ao Yankees, *time de beisebol inimigo),*

mas também porque, de fato, Nova York sempre foi uma cidade com a qual sonhei, mesmo que nunca tenha sido a cidade dos meus sonhos. Sonhei com Nova York por ela ser a cidade-mor, por ser algo que eu entendi como espaço urbano de verdade, por ser uma cidade cujos traumas e sucessos reverberariam sempre comigo, mesmo que não fossem propriamente meus.

> Pensem nisso: Albany, capital do estado de Nova York. Washington, capital da nação. E a cidade de Nova York será, novamente, capital do mundo.[40] (GIULIANI 1994)

Nunca quis seguir qualquer indicação de Giuliani. Mas, de alguma forma, não consigo deixar de pensar em Nova York como sendo a capital do mundo.

Para mim, aliás, a renovação que Giuliani prometeu em 1994 teria soado menos prepotente de que desnecessária. Na época, tinha 12 anos e, na minha imaginação, Nova York já seria basicamente a capital do mundo. Isto é, senti sobre Nova York algo do medo que Giuliani prometeu vencer, depois de se eleger apelando justamente a este medo. Pensei em Nova York como sendo uma cidade enorme, violenta e assustadora; retrato quase exato da forma que eu imaginava o mundo como um todo.

E por mais afastado que eu fique dos Estados Unidos, Nova York

(além de ter agregado boa parte dos meus parentes e amigxs ao longo dos últimos anos)

foi virando minha referência central de que seria a vida urbana, contemporânea, nos Estados Unidos.

---

[40] No original, “Think of this: Albany, the capital of New York State. Washington, D.C., the capital of the nation. And New York City will again be the capital of the world”.

Não quero sugerir que demográfica, política ou culturalmente, vejo Nova York como especialmente representativa dos Estados Unidos. Mas também nunca deixará de ser reflexão e reflexo do resto do país

(com "p" minúsculo, porque – novamente – foda-se)

mesmo que seja reflexo distorcido ou reflexão negativa ou seja o que for. De qualquer forma, isso não se trata da problematização central desta investigação.

Em outras palavras, mesmo que ir para Nova York não fosse Voltar à minha cidade ou ao lugar exato de onde venho, foi a Volta que me restasse.

> Existe qualquer coisa que eu possa fazer
> sobre qualquer coisa?
> Além de voltar àquela esquina em Manhattan
> E cavar mais fundo, mais fundo essa vez[41]… (DIFRANCO, "Fuel")

Então. Fui para Nova York meio que seguindo esse questionamento de Ani DiFranco, heroína da minha adolescência e ídolo de folk-punk *queer*.

(Já que estou colocando ela como tal, talvez seja inevitável que minha problematização sobre ela venha logo em seguida).

Fui para Nova York querendo cavar o mais fundo que eu conseguiria em dois meses, no intuito de que essa escavação deveria, ou teria que ser, uma auto-arqueologia. Seria um processo tão pessoal quanto urbanístico, em que a cidade, além de ser objeto de pesquisa, também seria ferramenta-chave para o tipo de enfrentamento que James Baldwin descreve.

Não que haja qualquer processo urbanístico que não seja pessoal também, que não deveria provocar algum tipo deste enfrentamento. Mas essa Volta-em-potencial para Nova York colocou a minha própria história em destaque de uma forma mais abrupta e chamativa que o Rio de Janeiro. Ou, pelo menos, é assim que eu senti.

Essa escavação, ou esse enfrentamento, seria algo como o oposto da *drag* cultural que utilizei na FIFA Fan Fest, em plena Copa do Mundo FIFA de 2014. Talvez seria uma investigação dos fatores que possibilitam essa *drag*, das facetas daquela suposta neutralidade branca-classe-média que me serve de disfarce e de escudo sempre que preciso dela. Seria uma tentativa de olhar como, e até que ponto, me encaixo em Nova York

enquanto capital do mundo *e, mais especificamente, cidade principal da gringolândia de onde venho*,

uma tentativa de me situar diretamente em relação ao Sonho Giulianificador.

---

[41] No original, "Is there anything I can do about anything at all?
Except go back to that corner in Manhattan,
And dig deeper, dig deeper this time…"

(Eu sabia que essa aproximação poderia, eventualmente, destacar muitos traços de Nova York que acabam servindo como base para The Brazilian Dream of the American Way of Life*; e que, por mais que eu gostaria de me situar em total oposição a esse Sonho, são traços que podem ser achados dentro de mim com a mesma facilidade que poderiam ser apontados nos discursos e nas políticas do ex-prefeito).*

> Eu tinha visto esse sonho durante toda a minha vida. São casas perfeitas com belos gramados. São refeições ao ar livre no Memorial Day, associações de moradores, entradas de garagem. O Sonho são casas de árvore e escoteiros lobinhos. O Sonho tem aroma de hortelã, mas gosto de torta de morango. E durante muito tempo, eu quis escapar para dentro do Sonho, estender meu país sobre a cabeça como se fosse um cobertor. Mas isso nunca foi opção, porque o Sonho repousa sobre nossas costas, a cama feita de nossos corpos. (COATES 2015, p. 22)

Um dos livros mais comentados de 2015 nos Estados Unidos foi *Entre o mundo e eu*[42], de Ta-Nehisi Coates. O jornalista e comentarista escreveu o livro conciso e incisivo, que marca a sua própria trajetória enquanto homem negro nos Estados Unidos, como uma carta ao seu filho adolescente. Coates equilibra as esperanças que tem para o filho com o medo que o acompanha constantemente, e que só cresce a partir da experiência de criar uma criança negra em um país formado e marcado pelas tradições de um Sonho de branquitude por qual, segundo Coates, pessoas negras se vêem constantemente cercadas e a qual nunca poderão se integrar.

Coates sublinha a ubiquidade deste Sonho e, principalmente, a sua manutenção fervente por

> pessoas que, de forma desesperançosa, trágica e ilusória, foram levadas a acreditar que são brancas (*ibid*, p. 19)

Voltar para Nova York, então, implicava me reconhecer como parte desta manada de sonhadorxs. Me colocar em relação ao Sonho Giulinificador, mesmo na tentativa de opô-lo, seria, necessariamente, assumir esse Sonho Branco e Estadunidense como sendo parte fundamental do meu ser.

Aliás, querer me designar como "opositor" do Sonho Giulianificador é inseparável deste Sonho, já que vem do entendimento visceralmente enraizado que eu posso me desligar das suas atuações, de que meu corpo não será alvo da sua repressão, justamente por eu ser exaustiva e completamente embrulhado no seu manto.

Nós, pessoas brancas de onde eu venho,

(de Cambridge, especificamente; da área metropolitana de Boston, de uma forma mais ampla; dos centros urbanos do nordeste do país, de uma forma mais generalizadamente ampla ainda; e dos centros urbanos das costas dos Estados Unidos, da forma mais amplamente nacional possível)

seriamos especialmente implicadas por acreditarmos ser tão boas quanto brancas, por buscar a diversidade e o multiculturalismo, por sempre desejar,

[42] No original, *Between the World and Me.*

arduamente, nos distanciar dos legados de racismo institucional. Afinal, esses legados podem ser traçados à escravidão, e a escravidão é algo que tendemos a atribuir ao sul do país, como herança mais regional de que nacional.

Enquanto isso, Boston é nacionalmente conhecida por se destacar como eixo de preconceito; várixs amigxs negrxs a apontam como a cidade mais nitidamente racista dos Estados Unidos.

Lá na branquitude *Cantabrigiana* de onde eu venho, nossa eterna tentativa de nós distanciar do racismo difundido, herança das pretensões à superioridade intelectual e ética dxs abolicionistas brancxs do século XIX, sustenta o Sonho ao mesmo tempo que finge desconstruí-lo.

> Este é o fundamento do Sonho: seus adeptos precisam não apenas acreditar nele, mas acreditar que é justo, acreditar que sua posse do Sonho é o resultado natural de determinação, honra e boas obras. (*ibid*, p. 102)

Quando fui buscar sonhos e fantasmas em Nova York, então, saquei que o primeiro passo da pesquisa seria me enfrentar como sonhador. Tentei bastante, mas não digo que foi um passo que consegui dar por completo.

Fui para Nova York querendo acompanhar alguns dxs incontáveis sistemas, histórias, corpos e geografias entrelaçadxs na cidade, sem acreditar necessariamente que seria possível isolar ou distingui-los; queria sentir na pele (por assim dizer) como meu próprio corpo estaria implicado neles. Porque sei que meu próprio corpo é bem implicado. Assim, queria me dedicar a uma psicogeografia em que entendi meu corpo como sendo ponto de partida e referência-mor, mas também entendendo, contraditoriamente, que eu não deveria ser o protagonista principal no questionamento de fatores que passam bem longe da minha própria experiência. Ou seja: fui para Nova York com minha identidade rodapé apontando o caminho, mas não digo que esse caminho seja certo.

3. Eu levantarei

9 de setembro de 2015
***African Burial Ground*, 290 Broadway, Distrito Financeiro, Manhattan, Nova York**

Acordando em Nova York

Cortinas forçando a sua vontade
contra o vento,
crianças dormem,
trocando sonhos com os
serafins. A cidade
se arrasta para acordar nas
alças do metrô; e
eu, um despertador, tão acordada quanto um
boato de guerra,
deitada, me espreguiçando na alvorada,

sem ter sido perguntada e nem percebida.[43] (ANGELOU 1994)

Existe uma inquietude de baixo de qualquer superfície de qualquer cidade; imagino que, por mais coberta que essa inquietude seja, mais profundamente ela se estende. O metrô de Nova York, sempre acordado e se arrastando crônica, ruidosa e sujamente por toda a cidade, não tem como não refletir esta inquietude. Por um lado, é célebre como Inevitável ponto de encontro de Nova York, utilizado por quase toda a população. Por outro lado, também é tido como ponto de foco das piores tendências de uma cidade grande e da natureza humana de uma forma geral. Boa parte das primeiras iterações do Sonho Giulinificador, da implementação da política de Tolerância Zero, focou no metrô.

> Restaurar a ordem dentro do metrô não foi apenas uma meta importante por si só, como também fez surgir a atual estratégia da Polícia da Cidade de Nova York (NYPD). Pois a pessoa encarregada de implementar políticas da manutenção da ordem no metrô – William Bratton, chefe da Polícia do Departamento de Trânsito – depois virou o chefe da Polícia da Cidade de Nova York na gestão do Prefeito Rudolph Giuliani.[44] (KELLING AND COLES, p. 109)

Obviamente, O Sonho Giulianificador não brotou do nada durante os anos noventa. Ele refina, cientifica e tecnologiza um Sonho secular, aquele mesmo Sonho que Coates aponta sem nem precisar especificar que se trata do próprio Sonho Americano. É um Sonho que Maya Angelou

uma das mais conhecidas escritoras negras na história dos Estados Unidos

enxerga de longe enquanto ela mesma permanece

tão acordada quanto
um boato de guerra...

---

[43] No original, "**Awaking in New York**
Curtains forcing their will
against the wind,
children sleep,
exchanging dreams with
seraphim. The city
drags itself awake on
subway straps; and
I, an alarm, awake as a
rumor of war,
lie stretching into dawn,
unasked and unheeded".

[44] No original, "Restoring order in the subway was not only important in its own right, but gave rise as well to the New York City Police Department's (NYPD) current anticrime strategy. For the person charged with implementing order-maintenance policies in the subway – Chief of the Transit Authority Police Department, William Bratton – would later become Commissioner of Police for New York City Under Mayor Rudolph Giuliani".

A inquietude de Angelou reflete numa profundidade tão literalmente enraizada sob as ruas de Nova York quanto os 394 quilômetros de extensão do metrô.

> Fiquei pensando em como o sul de Manhattan sempre tinha sido, para nós, o Ground Zero. Lá eles leiloavam nossos corpos, no mesmo devastado distrito financeiro. E ali houve certa vez um cemitério para os leiloados. Sobre parte dele foi erguida uma loja de departamentos, e depois tentaram erguer um prédio do governo em outra parte. Só foram detidos pela ação de uma comunidade de pessoas negras sensatas...[eu] sabia que Bin Laden não tinha sido o primeiro a levar o terror para essa parte da cidade. Nunca esqueci isso. Nem você deve esquecer. (COATES, p. 92)

No dia 11 de setembro de 2001, enquanto Coates olhava de longe a fumaça subindo do World Trade Center e lembrava da história escravocrata do sul de Manhattan, Rudolph Giuliani, no meio do dia mais letal na história moderna de Nova York, já estaria ostentando sua liderança firme e determinada para a mídia internacional, já a caminho de se consagrar como a Pessoa do Ano da revista *TIME* e como o **PREFEITO DA AMERICA.**

(Aliás, para Giuliani, o duradouro capital político que foi a soma da carnificina daquele dia faz um certo paralelo na relação entre o Sonho e os corpos sobre os quais ele atua).

Enquanto as ruínas do World Trade Center foram transformadas em um tipo altar consagrado, lugubremente preservado e semi-público

(no National September 11 Memorial and Museum, lugar de memória *por excelência do século XXI, onde o ingresso custa 24 dólares)*

os corpos lembrados por Coates, alguns enterrados desde o século XVII, sofreram outro destino. De fato, seria difícil pensar em práticas mais concretamente ilustrativas de um Sonho que

> descansa sobre nossas costas

ou de uma violação mais quintessencialmente estadunidense que construir uma mega-loja literalmente em cima dos restos mortais de pessoas escravizadas, mascarando um passado já enterrado com um tipo de monumento ao consumo conspícuo, para depois ainda passar por cima destes restos com um prédio governamental.

> Esquecida pela maior parte do mundo durante muito tempo, o African Burial Ground veio à luz em 1991. Durante as primeiras fases da construção de um prédio federal de escritórios na 290 Broadway, obreiros descobriram, enterrados, restos mortais humanos. (NATIONAL PARK SERVICE, panfleto)

Quando cheguei a Nova York, já soube vagamente desta história, e o African Burial Ground foi um dos primeiros lugares que fui na minha tentativa de pesquisar os sonhos da cidade, os corpos ausentes e especialmente os corpos ausentados à força. É vergonhoso admitir

(por motivos que ficarão ainda mais claros daqui a pouco)

mas ouvi sobre o African Burial Ground pela primeira vez através de uma música de Ani DiFranco

> Estavam cavando um novo alicerce em Manhattan,
> E lá, descobriram um cemitério de escravos.
> Que as suas almas descansem em paz,
> agora que o linchamento é mal-visto,
> E prosseguimos para a cadeira elétrica...[45]
> (DIFRANCO, "Fuel")

A própria "descoberta" do terreno de enterro em 1991 foi outro sintoma do poder apagador do Sonho. A existência do cemitério constava em mapas desde o século XVIII, e se atribuiu a

> [u]ma lei britânica de 1697 [que] proibiu enterros africanos no cemitério público de Nova York, portanto o cemitério africano se localizou ao norte dos limites da cidade, perto de um riacho[46]. (NATIONAL PARK SERVICE)

O terreno nunca teria saído dos registros históricos, e pesquisas arqueológicas feitas ao longo do século XX apontavam à sua existência sem nunca se preocuparem em determinar sua localização exata. Foi só com a escavação para o prédio federal Ted Weiss**,** que resultou na remoção perfunctória de 419 ossadas, que a relação entre a história do lugar e as pretensões contemporâneas para seu uso virou polêmica.

> A perturbação da terra sagrada causou controvérsias imediatas, além de questionamentos sobre se os restos humanos estavam sendo tratados respeitosamente. Descendentes de africanos, cleros, políticos, cientistas, historiadores e cidadãos preocupados se uniram para parar a escavação[47]. (*ibid*)

(Mesmo aqui, no panfleto oficial do African Burial Ground, *a distinção feita entre "descendentes de africanos" e qualquer outra identidade profissional ou nacional é bastante chamativa; ou seja, gritante).*

Começou, assim, uma luta de mais de dez anos em que ativistas locais reivindicaram a preservação do terreno como direito ancestral da população negra da cidade, enquanto representantes do governo federal argumentaram que a construção já começada não poderia parar, e que o reconhecimento oficial da existência do terreno já seria o suficiente.

---

[45] No original, "They were digging a new foundation in Manhattan,
And they discovered a slave cemetery there.
May their souls rest easy now that lynching is frowned upon
And we've moved on to the electric chair".

[46] No original, "A 1697 British Law banned African burials in New York City's public cemetery, so the African burial ground lay North of the city limits near a ravine".

[47] No original, "Controversy immediately arose over the disturbance of the sacred ground and questions about whether the remains were being respectfully cared for. African descendants, clergy, politicians, scientists, historians, and concerned citizens united to halt the excavation".

> A descorporificação é um tipo de terrorismo, e a sua ameaça altera a órbita de todas as nossas vidas, e, como no terrorismo, essa distorção é intencional. (COATES 2015, p. 116)

O prédio federal Ted Weiss acabou sendo construído, mas com planos ligeiramente alterados para ceder espaço para o *African Burial Ground*, conjuntura de museu e monumento também administrada pelo governo federal, e que constitui um dos lugares de memória especificamente negra mais notáveis da cidade de Nova York. Seu pequeno centro de visitantes, composto por duas salas de exibição, um mini-cinema e uma lojinha, se põe a abordar uma trajetória de quase 400 anos, com reconstruções dos ritos funerários de pessoas negras escravizadas na cidade e registros cuidadosos dos detalhes de cada uma das 419 ossadas encontradas durante a escavação: idade aproximada, sexo designado por heteronormas ditas cientificas e provável causa da morte. O centro constrói uma meta-narrativa de história local, em que o reconhecimento oficial da significância daquele espaço pelos governos municipal e federal seria uma das mais recentes conquistas na história das pessoas negras em Nova York.

O monumento do lado de fora do prédio é feito de muros de pedra preta e polida, inscritos com símbolos sagrados de diversas culturas africanas, que descem até um platô, também de pedra preta, onde está esculpido um mapa da África. Do lado de uma pequena torre está inscrito

> Para todos que foram perdidos
> Para todos que foram roubados
> Para todos que foram deixados para trás
> Para todos que não foram esquecidos[48]

Apesar do African Burial Ground ser oficialmente reconhecido e designado pelo governo federal como sítio histórico desde 1993, a construção do monumento só foi realizado uma década depois

(notavelmente, depois do fim da gestão de Giuliani).

[48] No original, "For all those who were lost
For all those who were robbed
For all those who were left behind
For all those who were not forgotten"

Depois de anos de disputas e protestos, uma cerimônia de re-enterro foi realizada

> [e]m outubro de 2003, todos as 419 ossadas foram colocadas em caixões de mogno esculpidos à mão e forrados com tecidos Kente. Assim começaram os seis dias dos Ritos do Retorno Ancestral, organizados pelo Schomburg Center de Pesquisa da Cultura Negra. A jornada começou na Howard University[49], onde milhares de pessoas estavam presentes na cerimônia de despedida. O cortejo, recebido ao longo do caminho por grandes aglomerações, passou por Baltimore, Wilmington, Philadelphia, Newark e Jersey City antes de terminar em Nova York. Os caixões foram re-enterrados muito próximos ao ponto de descoberta original dos restos mortais. Sete colinas agora marcam o lugar.[50]
> (NATIONAL PARK SERVICE)

Michael Bloomberg foi o prefeito branco e bilionário na época do re-enterro, e o único corpo branco visível na frente do cortejo em registros daquele dia. Ele fez um discurso na dedicação do memorial, em 2007, em que identificou o reconhecimento do *African Burial Ground* como parte de um processo de

> fazer as pazes com o nosso passado[51].
> (BLOOMBERG apud LOMBARDI in *NEW YORK DAILY NEWS*)

---

[49] Universidade historicamente negra em Washington D.C.

[50] No original, "In October 2003, all 419 remains were placed in mahogany coffins from Ghana that were hand-carved and lined with Kente cloth. Thus began the six-day Rites of Ancestral Return, organized by the Schomburg Center for Research in Black Culture. The journey started at Howard University, where thousands attended the departure ceremony. The procession, greeted by crowds along the way, continued through Baltimore, Wilmington, Philadelphia, Newark, Jersey City, and finally ended in New York City. The coffins were reinterred very near where the remains were originally found. Seven earthen mounds now mark this site".

[51] No original, "come to peace with our past".

Mas Maya Angelou, que também estava presente naquele dia, resumiu o evento como sendo menos um processo de fazer as pazes e mais uma ativação de memória, de corpos e, principalmente, de resistência.

> Pode me enterrar no fundo de Manhattan;
> eu levantarei.
> Meu povo irá me buscar.
> Eu levantarei das barracas de vergonha da história.[52]
> (ANGELOU 2007)

Existe uma diferença enorme entre fazer as pazes com o passado e buscá-lo, entre fazer as pazes com o passado e se levantar dele. Não sei até que ponto Bloomberg poderia reconhecer essa diferença; ou até que ponto eu, apesar de querer apontar a essa diferença, poderia entendê-la de fato. Imagino que depois dos vários séculos em que o desprezo em relação a corpos negros se estabeleceu como princípio central dos Estados Unidos**,** se levantar da vergonha da história talvez só seja possível para esses corpos e outros corpos não-brancos.

> Existe qualquer coisa que eu possa fazer
> sobre qualquer coisa?
> Além de voltar àquela esquina em Manhattan
> e cavar mais fundo, mais fundo essa vez:
> para de baixo da dor impossível da nossa história,
> para de baixo dos ossos desconhecidos,
> para de baixo da base rochosa do mistério[53]...
> (DIFRANCO, "Fuel")

Entendo muito bem o desespero de Ani DiFranco, um desespero de não saber como enfrentar uma história da qual não consegue se levantar

(ou seja: um desespero essencialmente branco, que se diz "aliado" e que eu compartilho bastante)

e que se põe a cavar atrás de alguma verdade essencial. Mas me pergunto se, nesse caso, cavar seria realmente o curso de ação mais importante; e, de qualquer forma, até que ponto essa decisão de cavar ou de levantar ou de fazer qualquer outra coisa a respeito deveria ser escolha minha. Tendo a pensar que não.

Olha eu aqui de novo: vou fazer um pequeno desvio agora, para fora de Nova York, porque meio que segui Ani DiFranco até aqui, e porque ela foi grande inspiração para mim da adolescência em diante. É meio foda, porque estou tirando o foco de uma questão da memória negra enraizada e não minha para olhar as confusões da branquitude de que faço parte. Mas cabe lembrar que, em 2013, Ani

---

[52] No original, "You may bury me at the bottom of Manhattan/I will rise./My people will get me./I will rise out of history's shame".

[53] No original, "Down beneath the impossible pain of our history
Beneath the unknown bones, beneath the bedrock of the mystery..."

(muita gente do meu naipe político-cultural-político-musical refere-se a Ani DiFranco apenas como "Ani". Não sei porque, mas nunca ouvi ninguém chamá-la pelo sobrenome)

organizou, através da gravadora que ela fundou e de qual é presidente, um retiro de composição musical, para um público pagante, no estado sulista de Louisiana, numa mansão que tinha sido casa grande de uma plantação escravocrata. Quando algumas das pessoas inscritas descobriram que a ex-plantação abrigava um museu que comemora seu passado de um modo bastante saudoso, o evento virou escândalo. Finalmente, Ani cancelou o retiro, mas seu anúncio levou um tom de acusação às pessoas ofendidas que só serviu para exacerbar a tensão. Depois de várias semanas de denúncias pela internet, a cantora acabou pedindo desculpas, explicando que não tinha reconhecido como certas pessoas, especialmente pessoas cujos antepassados foram escravizados, poderiam ficar tão magoadas com a sua postura em se associar com aquele espaço.

Não destaco essa história só para falar mal de Ani. Mas acho fundamental reconhecer que o ato de levantar referenciado por Angelou implica mais que um enfrentamento à história; implica também uma incorporação dela e implica que qualquer tentativa de cavar também teria que vir desta mesma incorporação. Porque as vergonhas da história continuam se perpetuando, e uma cidade giulianificada, por mais que se diga modernizada, continua a mirar corpos negros como fundamentalmente ameaçadores e fundamentalmente sujeitos a apagamento; aliás, não há como separar o processo "modernizador" desta violência.

4. Soundview

29 de setembro de 2015
Wheeler Avenue, Soundview, Bronx, Nova York

O senhor disse que ele estava alcançando
mas ele não tinha arma, senhor.
Agora ele descansa em paz, senhor,
na "barriga da besta", senhor[54]. (JEAN et al, "Diallo")

Na madrugada do dia 4 de fevereiro de 1999, Amadou Diallo, imigrante de Guiné, foi abordado por quatro policiais à paisana

(todos homens brancos)

na porta da sua casa na 1157 Wheeler Avenue em Soundview, no Bronx. Pegou na sua carteira, provavelmente pensando que o encontro se tratasse de um assalto, ou então para mostrar algum documento de identidade.

[54] No original, "You said he reached, sir
But he didn't have no piece, sir
And now he rests in peace, sir
In the belly of the beast, sir."

(Os policiais envolvidos disseram depois que se identificaram como tal, mas não houveram outras testemunhas).

Logo depois de abordar Diallo, os quatro agentes disparam 41 tiros contra o guineano, o matando instantaneamente. Supostamente, teriam confundido o objeto na sua mão com uma arma de fogo.

O caso foi um dos mais notáveis incidentes de violência policial ao longo da gestão de Giuliani

(sem ser de longe o único),

tanto pelo número de tiros quanto pela aparente falta de preparação entre os agentes envolvidos, integrantes da *Street Crime Unit* (Unidade de Crime de Rua – SCU), cujo tamanho dobrou por iniciativa de Howard Safir, chefe de polícia que substituiu Bratton em 1997[55]. Segundo a lógica explicitamente declarada pela teoria das janelas quebradas de Wilson e Kelling, Diallo seria suspeito por ser um

> adulto...sem laços (WILSON e KELLING, p. 3)

madrugando pela rua em um bairro pobre. Segundo a lógica implícita da teoria, a sua negritude já o colocaria como ameaçador. Assim, seu assassinato na primeira parte do segundo mandato de Giuliani cristalizou os excessos de Tolerância Zero.

> Vocês são vampiros
> No meio da noite.
> Chupando sangue humano:
> Seu apetite é esse?[56] (JEAN et al)

A NYPD dos anos 1990 se destacava por casos de truculência contra pessoas negras: o estupro e espancamento do imigrante haitiano Abner Louima em 1997, numa delegacia em Brooklyn; o assassinato de Patrick Dorismond, por policiais à paisana, em Manhattan em 2000; o assassinato, também em 2000, de Malcolm Ferguson, em Soundview, no mesmo bairro e a poucos quarteirões de onde Diallo foi morto. Todos foram sem armas, e nenhum estava sendo preso e nem mesmo detido por qualquer "pequeno delito"; apenas viraram alvos da polícia por supostamente aparentarem comportamentos tidos como suspeitos.

> [P]oliciais devem educar, persuadir, confortar, informar, avisar, ameaçar e até coagir, tudo de acordo com seu juízo racional e profissionalmente construído.

---

[55] Ver HARCOURT, p. 50

[56] No original, "You guys are vampires
In the middle of the night
Sucking on human blood
Is that your appetite?"

> Assim é a natureza da manutenção de ordem e do discernimento policial.[57] (KELLING e COLES p. 165)

Cabe notar que, de todos esses casos citados, apenas os policiais responsáveis por brutalizar e estuprar Abner Louima foram julgados culpados de qualquer crime; os que chegaram a matar suas vitimas foram todos absolvidos.

Por mais que a NYPD sempre fosse conhecida por práticas racistas, a adoção de Tolerância Zero e seu foco em pequenos delitos acabou estimulando o preconceito individual e sistêmico como estopim para a ação policial.

> ...mais negros são presos para pequenos delitos do que brancos, em termos da sua proporção na população geral. A decisão de prender os responsáveis para pequenos delitos, em vez de não os prender, é uma política que tem impacto disparate para minorias [raciais]. [58] (HARCOURT, p. 172)

(Por sua parte, os policiais responsáveis por matar Diallo também foram inocentados de qualquer crime; o único que ainda trabalha como policial foi promovido a sargento no final de 2015[59]).

A violência policial é tão enraizada na cultura de Nova York quanto qualquer outra forma de racismo, e a mudança de regimes ou ideologias políticas nunca tem sido e nem será o suficiente para freá-la.

> Você já morreu
> Só para viver?
> Já viveu só para morrer de novo
> E nascer de novo?[60] (JEAN et al)

Olha eu aqui de novo.

Cheguei em Nova York já com o Amadou Diallo na minha mente

(como ele tinha sido desde que eu fiquei sabendo do assassinato, no final da minha adolescência em Cambridge, que já entendi na época como abuso de poder relacionado a uma dita "limpeza" urbana).

---

[57] No original, "police must educate, cajole, comfort, inform, warn, threaten, and even coerce, all subject to their own reasoned and professionally formed judgment. Such is the stuff of order maintenance, and of police discretion".

[58] No original, "…more blacks are arrested for misdemeanors than whites given their proportion in the overall population. The decision to arrest misdemeanants – rather than not arrest them – is a policy that has a disparate effect on minorities".

[59] Ver: PARANSCANDOLA, Rocco and Larry MCSHANE. "NYPD officer acquitted in 41-shot killing of unarmed Bronx resident Amadou Diallo in 1999 promoted to sergeant." *New York Daily News*, December 17, 2015.
http://www.nydailynews.com/new-york/nypd-involved-amadou-diallo-slay-promoted-sergeant-article-1.2469062. Acesso em: 30 de agosto de 2017

[60] No original, "Have you ever died
Only so you could live?
Have you ever lived
Only so you could die again, and be born again?

Mas demorei quase um mês para ir a Soundview, bairro em que o assassinato ocorreu. Aliás, em todas as viagens que eu já tinha feito para Nova York ao longo da minha vida, seria apenas minha terceira vez no Bronx, distrito conhecido por sua população majoritariamente negra e latina e com uma reputação de altos índices de pobreza e crime. Demorei porque, apesar de saber que eu estaria procurando o local exato onde Diallo morreu, não soube exatamente o quê eu faria lá, se eu teria como chegar na Wheeler Avenue sem me tornar outro `vampiro`, menos beligerante que os policiais brancos que os mataram, mas sem fazer nada além de satisfazer a minha própria curiosidade, fazendo a sua história nascer de novo durante algumas horas, só para morrer mais uma vez

pelo menos para mim

enquanto voltei para as ruas mais conhecidas e muito mais gentrificadas de Gowanus.

Não digo que minha ida para Soundview acabou servindo para qualquer fim além da minha própria edificação; espero, pelo menos, que minhas andanças pelo bairro não tenham exacerbado as violências do seu passado. Nesse sentido, penso que a foto que não tirei talvez tenha sido um dos aspectos mais importantes da minha circulação por lá.

Um corpo branco em Soundview não tem como se fingir de neutro; nem lembro quais roupas usei

(provavelmente uma calça jeans e um casaco xadrez)

mas por menos notáveis que fossem, continuei sendo visivelmente uma das únicas pessoas não negras ou latinas durante toda a tarde que passei lá.

(As outras exceções que vi foram dois brancos vendendo kits de maquiagem na calçada de Westchester Avenue, a via comercial principal do bairro e o dono, aparentemente árabe, de uma loja de conveniência, já na Wheeler Avenue, onde parei para comprar chiclete antes de seguir para o quarteirão onde Diallo foi morto).

Antes de localizar 1157 Wheeler Avenue, passei duas horas de longas perambulações em que me perdi tanto por acaso quanto de propósito, na tentativa de ganhar qualquer sensação do cotidiano do bairro. Olhei os *projects*, prédios de moradia publicamente subsidiada, com cartazes proibindo visitas não-anunciadas, jogos de bola e música barulhenta. Procurei alguma opção vegetariana para almoçar que não fosse pizza, e depois de muita indecisão, pulei os restaurantes mexicanos para comer um sanduíche de queijo com salada num lanchonete. Passei por um jogo de dominó na calçada e senti um vago cheiro de maconha subindo da mesa

(o dominó não é tido como um jogo exclusivamente negro nos Estados Unidos, mas, enquanto jogo de aposta, é bastante associado a um imaginário que seria "do gueto").

O quarteirão onde Diallo foi assassinado foi designado "Amadou Diallo Place" em 2003. Lá, vi um retrato do guineano pintado no muro exterior de uma

barbearia, resto de um mural muito maior que também mostrava policiais encapuzados no estilo do Ku Klux Klan, e que foi alvo de constantes apagamentos

(provavelmente de policiais, já que, em 2015, alterações na página de Wikipédia sobre o assassinato de Diallo foram ligadas ao Quartel Geral da NYPD[61]).

As casas na Amadou Diallo Place são feitas de tijolo. São baixas, de dois ou três andares, e parecem ser residências particulares

(pelo menos ao meu olhar).

A entrada da casa onde o assassinato ocorreu não apresentava nenhuma marca que a distinguia, a não ser pelo fato de ser a única do quarteirão em que a porta estava pintada de vermelho

(houve outras soleiras vermelhas, mas pelo que vi, número 1157 foi a única casa em que a porta em si estava pintada).

Quando passei pela primeira vez, procurei algo do lado

(placa, relicário ou o que fosse)

que marcasse aquela história, aquela perda. Mas não achei nada. Caminhei até a esquina com Watson Avenue, onde ficam *projects* de prédios maiores. Começou a chover, e esperei embaixo de um toldo. Depois de alguns minutos, ainda sob um chuvisco, voltei a andar na direção de 1157, na intenção de pelo menos sair de Soundview com uma imagem daquela porta vermelha.

Só que logo quando passei novamente, atravessei o caminho de uma pessoa que parou justamente na entrada para conversar com mais alguém. Andei um pouco mais devagar e ouvi o início da conversa delxs, que me fez entender que moravam lá. E não fiquei para ouvir mais. Senti que já haviam passado mais de 16 anos, e que as pessoas que hoje moram ali estão vivendo o seu dia-a-dia, lembrando,

ou não,

aquele passado, saindo e entrando todo dia por aquela porta vermelha, atravessando Amadou Diallo Place para ir ao trabalho ou comprar refrigerantes na esquina. Senti que não seria minha vez de parar lá, e que uma foto da casa não seria uma imagem que eu teria o direito e nem o porquê de tirar.

5. ...e não posso ir embora

30 de setembro de 2015
202A Bay Street, Tompkinsville, Staten Island, New York

[61] Ver: WEILL, KELLY. "Edits to Wikipedia Pages on Bell, Garner, Diallo traced to 1 Police Plaza". In Politico New York, 13 de março de 2015. http://www.politico.com/states/new-york/city-hall/story/2015/03/edits-to-wikipedia-pages-on-bell-garner-diallo-traced-to-1-police-plaza-087652

Ainda ouço meu irmão gritando "Não consigo respirar!"
Agora estou na luta, e não posso ir embora.
Denunciando a violência dessa polícia racista
e não iremos parar – até que as pessoas estejam livres[62].
(PEACE POETS, "I Can't Breathe")

No dia 17 de julho de 2014, em Tompkinsville, Staten Island, Eric Garner, um homem negro de 43 anos, foi morto, estrangulado pelas costas por um policial. O homicídio

(assim descrito pelo laudo do médico-legista; no estado de Nova York, morte por homicídio não necessariamente implica culpabilidade criminosa da pessoa responsável)

aconteceu por volta das 15h30 na 202A Bay Street, via comercial principal do bairro. O policial responsável, Daniel Pantaleo, foi auxiliado por pelo menos mais nove colegas, nenhum dos quais o tirou das costas da sua vítima quando Garner começava a repetir "*I can't breathe!*" ("Não consigo respirar!") onze vezes, e nem prestava pronto socorro depois que Garner começou a convulsionar. Garner não portava nenhuma arma: sua suposta ofensa teria sido vender cigarros a varejo.

(Taxas municipais e estaduais fazem com que os maços de cigarros comprados na cidade de Nova York estejam entre os mais caros dos Estados Unidos, enquanto que, no estado vizinho de New Jersey, os preços são significantemente menores. Assim, a importação interestadual de cigarros gera bastante emprego informal).

O vídeo[63] do assassinato de Garner circulou pela internet, e o caso ganhou ainda mais atenção com a decisão do grande júri, no dia 3 de dezembro de 2014, a não intimar Pantaleo por nenhum crime sequer. Junto com o caso de Michael Brown, adolescente negro morto a tiros por um policial branco em Ferguson, Missouri em agosto de 2014

(outro caso em que a vítima não portava nenhuma arma e em que o grande júri se recusou a intimar o policial responsável)

a morte de Garner virou foco de protestos e manifestações pelo país inteiro, especialmente em Nova York. Se destacou como prova da violência policial incessante e desproporcional a qual pessoas negras são sujeitas nos Estados Unidos. Instigado por esses dois casos, e mais ainda pela falta de consequências legais para qualquer policial envolvido, o lema *Black Lives Matter* (Vidas negras importam) se espalhou pela internet, e "*I can't breathe!*", que já tinha virado palavra de ordem em manifestações por toda parte dos Estados Unidos, foi musicado pelo coletivo novayorkino Peace Poets, se tornando hino não-oficial de diversos movimentos contra a violência policial

---

[62] No original, "I still hear my brother crying, "I can't breathe!"
Now I'm in the struggle and I can't leave
Calling out the violence of these racist police
And we ain't gonna stop – til people are free".

[63] https://www.youtube.com/watch?v=g-xHqf1BVE4. (Aviso de acionador: Conteúdo extremamente violento)

Ainda ouço meu irmão gritando "Não consigo respirar!"
Agora estou na luta, e não posso ir embora.
Denunciando a violência dessa polícia racista
E não iremos parar – até que as pessoas estejam livres.

Um dia depois de me perder pelas ruas de Soundview, fui a Tompkinsville.

Olha eu aqui de novo.

Segui um padrão parecido, pegando caminhos indiretos até chegar ao quarteirão onde Garner foi morto, em uma tentativa de absorver algum sentido do bairro antes de enfrentar o local do assassinato.

Me senti muito menos ansioso e menos estranho em Tompkinsville de que em Soundview. Não sei se seria pela estrutura do bairro, com suas várias ruas de médio porte, ao invés do monopólio que Westchester Avenue exerce em termos de trânsito e comércio em Soundview; se seria pelo caráter mais suburbano

(no sentido estadunidense de explicitamente afastado, tanto demográfica e cultural quanto fisicamente, das grandes cidades; no imaginário brasileiro, o melhor atalho para descrever esse "subúrbio" talvez seria pela visão dos Estados Unidos que passa nos filmes do Sessão da Tarde)

e aparentemente classe média-baixa, com casas de madeira de dois andares e sem apartamentos; ou se seria pela composição racial, uma mistura de negrxs, latinxs, brancxs e srilankesxs. Talvez seria pela mera sugestão que "Staten Island" traz em comparação ao "Bronx" no meu imaginário, mesmo depois daquele não-assalto que passei em 2004: ambas são zonas de Nova York que mal conheço, mas a primeira remete ao conservadorismo suburbano-aspirante de uma classe trabalhadora e média majoritariamente branca, enquanto a outra sugere a pobreza estereotipada de um gueto negro e latino. Em princípio, simpatizo muito mais com esse sonho-Bronx de que com o sonho-Staten Island, mas a minha presença física não é muito confortável em nenhum dos dois lugares, nem para mim e

(imagino eu)

nem para as pessoas que cruzaram comigo na rua. Caminhando tanto por Tompkinsville quanto por Soundview, pensei em como as experiências traumáticas com as quais associo esses bairros, e que são os únicos motivos que explicam o fato de eu ter ido até lá, são distanciados do meu corpo.

> Toda vez que um policial nos confronta, morte, ferimentos, mutilações podem ocorrer. Não basta dizer que isso vale para qualquer um, ou que acontece mais com criminosos...Os Sonhadores aceitam isso como o preço de fazer negócio, aceitar nossos corpos como moeda, porque essa é a sua tradição[64].

[64] No original, "each time a police officer engages us, death, injury, maiming is possible. It is not enough to say that this is true of anyone or more true of criminals….the dreamers accept this as the cost of doing business, accept our bodies as currency, because it is their tradition".

(COATES 2015, p. 131-2)

Posso me esforçar para não aceitar esse custo de negócios, me esforçar para não ir embora...da luta, para fazer algo para desafiar a governança à base de medo que teria provocado e justificado os assassinatos de Amadou Diallo, Eric Garner e tantxs outrxs. Espero que as minhas perambulações confusas e meio desconfortáveis por Soundview e Tompkinsville sejam uma forma mínima de combater a aceitação dessa governança, pelo menos de uma forma pessoal. Mas entendo cada vez mais que enxergar as diversas formas pelas quais meu corpo está fundamentalmente diferenciado diante da atuação policial é um passo necessário para eu poder tentar articular qualquer coisa sincera sobre esse corpo e sobre essa cidade.

(Minha única lembrança pessoal de ser abordado pela NYPD é do início da primavera de 2011, saindo de Prospect Park em Brooklyn com um pequeno grupo de pessoas, todas brancas, no meio da madrugada. Nesse horário, era proibido entrar no parque, e estávamos obviamente bastante chapadxs, mas fomos liberadxs sem nem sermos revisadxs, apenas com o aviso informal a não voltar para o parque antes do amanhecer).

Enfrentar essa diferenciação tornou pauta dentro dos próprios movimentos contra a violência policial. Carregar um cartaz escrito "*I can't breathe!*" ou recitar a frase como palavra de ordem é geralmente visto como pertencente apenas a pessoas negras e de outras minorias raciais, já que elas são as pessoas literalmente sufocadas pelo racismo policial.

Eric Garner foi morto no meio da calçada de 202A Bay Street, basicamente no meio do que seria o pequeno centro comercial de Tompkinsville. Uma espécie de relicário foi erguido no lugar exato onde morreu: uma caixa transparente de acrílico de mais-ou-menos um metro quadrado, cheia de flores de plástico e bichos de pelúcia por dentro e coberta com fotos por fora.

Pensei que Wheeler Avenue em Soundview já teria virado uma espécie de cicatriz, inapagável mas feita de pele inegavelmente morta, o assassinato de Eric Garner ainda é uma ferida aberta. O fato do vídeo da sua morte circular no YouTube também faz com que seu caso fique mais imediato: não o conhecemos apenas através de um relato ouvido; somos testemunhas, espectadores cujo distanciamento talvez nos provoque mais ainda, já que se trata de um passado recente e quase tangível, porem totalmente inalterável.

6. Entre atos

24 de outubro de 2015
6th Avenue, Manhattan, Nova York

Estamos em guerra com os cana
Porque estão nos estrangulando[65]

[65] No original, "We at war with the po-po
Cuz they got us in a chokehold"

Se tiver de saco cheio da polícia assassina
Saiam da calçada, venham pra rua![66]

Rebelar-se é certo:
NYPD, vá a inferno![67]

Olha eu aqui de novo

falando, mais uma vez, no presente.

Quatro ou cinco mil pessoas de toda parte dos Estados Unidos se juntam em Nova York para protestar contra a violência policial em um ato que começa em Washington Square Park, na 8th Street, no West Village, e sobe 6th Avenue até Bryant Park, na 42nd Street. A presença policial segue exageradamente firme e forte, mas nós manifestantes formamos uma evidente maioria.

Todas as vidas importarão
Quando as vidas negras importem[68]**.**

Vale ressaltar aqui que muitxs brancxs dos Estados Unidos – especialmente aquelxs identificados com o partido Republicano e demais organizações conservadores, mas também de todas as camadas da sociedade – têm respondido à visibilidade de Black Lives Matter *com o slogan* All Lives Matter*, numa tentativa de mudar a reivindicação sobre a violência desproporcionalmente focada contra negrxs para um olhar generalizado, com o efeito de negar o racismo nítido da atuação policial. Tem também uma resposta especificamente policial*: Blue Lives Matter, *que foi repetida diversas vezes na convenção do partido Republicano em julho de 2016 que conferiu a nomeação do partido ao então-presidenciável Donald Trump.*

Vidas negras importam!
As vidas dos canas, não![69]

Essa "Marcha para o Fim do Terror Policial" está sendo liderada inteiramente por pessoas negras

(mesmo assim, a presença de Quentin Tarantino acaba vira destaque em várias reportagens do dia seguinte).

Chegando em Washington Square Park logo na hora da saída, vejo uma aglomeração muito mais diversa do que imaginei, tanto em termos de raça e idade quanto agrupamentos ideológicos. Grupos *queer* de universidades particulares andam ao lado de micro-partidos comunistas, que andam ao lado de

---

[66] No original, "If you're sick of the killer police
Out of the sidewalks, into the streets!"

[67] No original, "It is right to rebel:
NYPD, go to hell!

[68] No original, "All lives will matter
When black lives matter!"

[69] No original, "Black lives matter!
Cops' lives don't!"

grupos carregando a bandeira pan-africanista.

(É claro que eu, branco de Cambridge, estaria pregando sempre pela diversidade, um instinto que pode se aproximar desconfortavelmente aos gritos de "All Lives Matter!", *temperado por um dito progressismo*).

E as palavras de ordem, que brotam de várias alas diferentes sem que a maioria dos participantes siga os gritos que emanam dos carros de som, variam drasticamente em intensidade.

Fodam-se os porcos! Todos mexam com eles!
Se tiver medo dos porcos, você não tem firmeza.
Se correr dos porcos, você não tem firmeza.
Oinc oinc – bang bang[70]!

A polícia, por sua parte, nos monitora de perto, mas pelo que vejo, não interfere diretamente até a nossa chegada na 42nd Street, do lado de Bryant Park, quando montam bloqueios improvisados para bifurcar a marcha. Não vejo como esse movimento começa, só que, de repente, surge um tumulto uns 300 metros atrás de onde eu estou e que, pelo visto, manifestantes já estão sendo detidxs. Também não sei como a confusão se resolve, mas sei que uma aglomeração que parece ser composta por todxs xs participantes anteriores se junta logo depois, em volta de um outro carro de som na rua do lado oeste de Bryant Park.

E aí começam os relatos de dezenas de parentes de gente morta pela polícia em toda parte dos Estados Unidos

(e, em um caso, em Londres).

Os tons das falas variam e as histórias retratadas também. Ouvimos do caso de uma adolescente lésbica no sul do país cuja família chamou a polícia no meio de um crise maníaca; em vez de tentar acalmá-la, xs agentes colocaram a menina em algemas e atiraram contra ela com uma arma de choque. Em outro caso, um jovem muçulmano, que não portava nenhuma arma, foi seguido pela NYPD até um outro munícipe, onde aparentemente foi baleado por não levantar as mãos suficientemente rápido.

Como se escreve "racista"?
N-Y-P-D![71]

Alguns dxs parentes que falam se mostram teimosamente fortes ou até serenxs diante do trauma que sofreram; outros continuam abaladxs, como a mãe de um adolescente assassinado que diz ter perdido conta da sua vida desde a morte do filho, e que agora está viciada em *crack*. Além dos fatos devastadores, a quantidade das falas em si, que continuam durante mais de uma hora, é

---

[70] No original, "Fuck the pigs, and everybody fuck with 'em!
If you scared of the pigs, then you ain't a real hitter.
If you run from the pigs, then you ain't a real hitter.
Oink oink – bang bang!"

[71] No original, "How do you spell "racist"?
"NYPD!"

chocante. A recitação dos nomes, a longa lista de vidas acabadas, de corpos sumidos, reforça quanto esta violência está enraizada, e sublinha a necessidade urgente da marcha, da nossa presença, da recusa em deixar que esses assassinatos apaguem a memória das suas vítimas, da insistência de fazer com que seus nomes e histórias sejam ouvidos nas ruas.

Sandra Bland....fale seu nome!

Michelle Cusseaux...fale seu nome!

Rekia Boyd...fale seu nome!

A iniciativa *Say Her Name* ("Fale o nome dela"), cujo lema é repetido frequentemente ao longo da manifestação, busca preservar a memória de mulheres negras mortas pela polícia, já que tanto a mídia nacional quanto movimentos populares tendem a focar em casos de violência policial cometidos contra homens

(como, por exemplo, eu tenho feito aqui).

A epidemia da violência policial vai além de qualquer único caso, e também vai além dos policiais individuais envolvidos. Aliás, vai além da polícia enquanto instituição:

> A verdade é que a polícia é um reflexo da América em toda a sua vontade e determinação e em todo o seu medo, e apesar de que possamos achar da política de segurança pública deste país, não se pode dizer que ela foi imposta por uma minoria repressiva...O problema com a polícia não é que eles sejam porcos fascistas, mas que o nosso país seja governado por porcos majoritários.
> (COATES 2015, p. 84-85)

7. *Hipsters?*

19 de setembro de 2015
Prospect Park, Brooklyn, Nova York

Eu estava passeando por Prospect Park com Carla, amiga de amigas recém-chegada do Rio para um ano de pesquisa na Columbia University. Ela usava brincos grandes e coloridos e uma camisa regada preta, e eu vestia uma saia longa e colorida e uma camiseta branca-e-laranja daquelas que fizeram parte do uniforme das escolas municipais do Rio de Janeiro na segunda gestão do Cesar Maia como prefeito.

Meu uso da camisa – que visto esporadicamente desde o início de 2009, logo após o término do mandato de Cesar Maia – seria, sem dúvida, um totem mega-*hipster, apropriação irônica de uma carioquice a qual nunca fiz parte. Aliás, quase exatamente um ano depois do meu passeio com Carla, o próprio* Globo *noticiou o alto* hipsterismo *da camisa*

> Uma carioca que acaba de voltar de Nova York se surpreendeu ao ver alguns americanos moderninhos usando a camisa de uniforme das escolas públicas da cidade, aquelas azuis e brancas, com o logotipo da prefeitura do Rio. Virou item cool, souvenir bacana da Olimpíada. Está para eles assim como os casacos das universidades americanas já estiveram para a gente.
> (GUIMARÃES in *O GLOBO*, 8 de setembro de 2016)

Até cabe fazer a distinção entre a minha camisa e aquela referida na notícia, que seria da gestão de Eduardo Paes, desde que não se imagine que se faça alguma diferença. Aliás, por ser mais vintage*, a minha camisa escolar poderia ser entendida como mais* hipster *ainda. Mesmo assim, pelo menos entendo a sua proveniência. Em um dos primeiros dias do meu mestrado, um professor – carioca da gema que provavelmente nunca nem pisou numa escola pública que não fosse universidade federal – me perguntou porque eu estava usando uma camisa de gari.*

Carla e eu andamos da principal entrada do lado norte do parque, em Prospect Heights

(bairro tradicionalmente negro desde os anos 1950, já bastante gentrificado ao longo dos últimos 10-e-tantos anos)

até a entrada sul, no início de Flatbush

(bairro também tradicionalmente negro e caribenho, e atual lócus de uma intensa gentrificação)

onde saímos para andar pelas ruas. Nossas roupas, o fato de estarmos falando em português e principalmente nosso tom de pele

(Carla também é branca, mas em Nova York sua brasilidade obviamente complica essa leitura)

nos distinguiram nitidamente da maioria das pessoas que transitavam pelo bairro. Voltando para uma das entradas do lado oeste do parque, já em Windsor Terrace

(bairro tradicionalmente branco e de classe média-baixa),

fomos abordadxs por um adolescente negro vendendo barras de chocolate na tentativa de arrecadar dinheiro para sua liga de basquete juvenil

(iniciativa ubíqua em boa parte de Nova York, principalmente em Brooklyn e especialmente no outono; ninguém soube me dizer quantas ligas de basquete se sustentam assim de fato, ou até que ponto seria apenas uma arrecadação de dinheiro para o uso pessoal).

Pedimos desculpas por não dar nada. O menino nos olhou curiosamente e perguntou:

Hipsters?

O perene clichê do hipsterismo é que hipster *de verdade nunca suportaria ser chamdx assim. De fato, ninguém nunca quer se identificar como tal: todo mundo chamado de* hipster *se ofende e reivindica alguma característica pessoal qualquer para comprovar que, de fato, seria qualquer outra coisa, menos* hipster*. Gentrificação é basicamente a mesma coisa: ninguém quer ser gentrificadorx, cria mil explicações para defender sua presença e seu comportamento como sendo exceções a essa tendência demográfica. E em todo os Estados Unidos, mas especialmente em Brooklyn, a galera* hipster *tem sido a vanguarda da gentrificação há pelo menos 15 anos.*

Em ambos esses casos, eu gostaria de não ser aquilo que é apontado. Mas me esforço para ao menos conseguir assumir meu hipsterismo-gentrificador, numa tentativa de ser mais honesto, para talvez conseguir ir mais fundo em entender a relação dessas identidades com as ameaças que, querendo ou não, elas inevitavelmente apresentam.

Naquele dia, porém, menti:

Brazilians.

A interação terminou por lá. Não faço ideia se, para ele, teria alguma diferença entre ser brasileirx e ser hipster. Aliás, nem sei exatamente o que eu queria dizer, além de fugir (previsivelmente) do rótulo de hipsterismo, e de adotar um identidade que, por ser latino-americanx e/ou exóticx, poderia esconder um tanto a minha branquitude, me fazendo parecer mais camarada ou menos invasor ou menos branco ou algo do tipo; uma identidade que, apesar de eu estar falando português com Carla, não me pertence e nunca me pertencerá. Mas me aproveitando da brasilidade assim, numa mistura de disfarce com piada pessoal-irônica, só acabo me verificando mais ainda enquanto hipster e gentrificador.

(grafite em Floyd-Bennet Field, Brooklyn)

8. Queremos ser um centro comunitário local

14 de outubro de 2015
Whole Foods, 214 3rd Street, Gowanus, Brooklyn, Nova York

De um modo geral, fumar maconha antes de ir para o supermercado é uma péssima ideia; fazer compras sem ter comido antes já não é aconselhável, aí fumar seria basicamente pedir para uma enorme larica bater a qualquer momento. Seria quase garantir uma distração constante. Fazer pesquisa chapadx também não deveria se encontrar entre as normas aceitas por qualquer instituição que beira às ciências humanas. Assim, foi basicamente no intuito de quebrar regras estabelecidas e furar com o senso comum

(agindo, sem duvida, do auge no meu hipsterismo)

que dei alguns tragos antes de sair do apartamento em Douglass Street e andar os 8 quarteirões no sentido sul para a esquina de 3rd Street com 3rd Avenue

onde fica Whole Foods, mega-supermercado de mais de 5200 metros quadrados e um dos principais símbolos do aprofundamento da gentrificação de Brooklyn. Ao invés dos negócios gentrificadores primordiais e mais independentes

(tipo pequenos cafés ou restaurantes ou seja o que for)

o tamanho e a solidez de Whole Foods representam uma aposta na continuação das tendências demográficas e mercadológicas associadas à gentrificação; ou seja, uma aposta em essa parte de Brooklyn como bairro cujxs moradorxs terão bastante dinheiro sobrando durante um bom tempo.

(A rede Whole Foods, presente em boa parte dos Estados Unidos e do Canadá, seria algo como o Starbucks de supermercados naturebas. Seu apelido clichê e não-muito-criativo é "whole paycheck"*, pela facilidade com que se pode gastar o salário inteiro ao fazer compras lá. Foi comprada pelo Amazon.com em junho de 2017, exagerando mais ainda sua hegemonia no setor de estilos de vida chique nos Estados Unidos.*

Obviamente, não é por nenhum acaso que esse "estilo de vida" remete tão diretamente a "qualidade de vida", rótulo mais brando da mesma Tolerância Zero promovida à força pelo Sonho Giulianificador).

Esse primeiro Whole Foods em Brooklyn surge do asfalto como um altar ao consumo luxo-orgânico, apesar de ser localizado literalmente do lado do Canal de Gowanus, uma das veias de água mais toxicamente poluídas em todo os Estados Unidos. Em certas noites, a estufa enorme instalada no telhado fica iluminada, fazendo o mercado parecer um castelo mágico de um Oz hiper-capitalista.

> Além da estufa de 20.000 pés [1858 metros] quadrados que irá fornecer legumes e verduras para o hortifruti do supermercado, e da sala de cerveja e restaurante no telhado, com vista para o riacho fedorento, o mercado também terá um chefe de *ramen* da casa, um barraca de pizza com forno à lenha, um bar de sucos e uma barraca para amolar facas.[72] (MUSUMECI, in *New York Daily News*)

Pessoalmente, me distraí menos com os sucos e a pizza e mais com a cerveja: primeiro, com a longa parede formada inteiramente por geladeiras com milhares de garrafas de centenas de marcas e variedades, e depois com a barraca de choppes artesanais, na sua maior parte produzidos em Brooklyn, que podem ser consumidos na hora ou levados para casa em um *growler*, garrafa de 1,89 litros

(ou seja, 66 onças. É meio ridículo, mas acaba fazendo mais sentido para a gente).

Também fiquei fascinado com a enorme oferta de "carnes" vegetarianas, com variações, sabores e ingredientes aparentemente infinitas (vegan! sem glúten! orgânica! sem soja! sem sulfitos!). Não como carne desde 1990, quando tinha 8

[72] No original, "In addition to the 20,000 square-foot, glass-enclosed roof greenhouse that will supply veggies and greens to the store's produce selection, and the rooftop beer hall and restaurant that overlooks the smelly inlet, there will be an in-house ramen chef, a pizza station with a wood-fired oven, a made-to-order juice bar, and a knife-sharpening station".

anos, e adoro um hambúrguer de soja ou de quinoa ou de alguma outra alternativa cuja proveniência geralmente acaba sendo tão eticamente complicada quanto a carne em si. Quase fui seduzido por um bacon alternativo e naturalmente defumado

(não lembro de que foi feito)

mas acabei não caindo na tentação.

Antes de ir para o Whole Foods naquele dia

e também antes de fumar

resolvi tratar a minha ida apenas como uma missão de pesquisa, de honrar a promessa que fiz comigo mesmo no início de setembro, quando cheguei em Gowanus, de não subsidiar essa incursão tão mega

em termos comerciais, socioeconômicos e culturais; ou seja, hipsteríficos

no bairro.

Quebrei a promessa apenas duas vezes ao longo dos dois meses que morei na Douglass Street: primeiro para buscar uma torta vegana (mas com glúten) encomendada por uma amiga, e depois para levar marshmallows veganos e orgânicos e talvez até sem açúcar refinado (e certamente sem glúten) a uma fogueira em uma festa em Ditmas Park (bairro também bastante gentrificado, mas com apenas um único mercado orgânico pequeno que não faz parte de nenhuma rede internacional).

Mas fiz a maior parte das minhas compras no Trader Joe's, outro supermercado de rede nacional que, apesar da sua fama por produtos únicos oferecidos a preços acessíveis, também aponta a transformações socioeconômicos bastante ligadas a processos gentrificadores. A rede tem dois supermercados em Brooklyn; o primeiro, que abriu em

2008, fica em Cobble Hill, uns 20 minutos a pé para o noroeste de onde eu estava morando.

Até consegui não comprar nada durante minha missão-pesquisa no Whole Foods, mas esse não-comprar exigiu auto-controle e foco que,

por eu estar chapado,

foram bastante limitados, e que provavelmente poderiam ser melhor dirigidos à pesquisa em si. Perdi pelo menos quinze minutos que poderiam ter sido gastos em observações mais sofisticadas procurando alguma amostra grátis de alguma comida qualquer. Perambulei pelo menos três vezes entre o hortifruti

(do lado da entrada)

e a padaria

(no outro lado da mega-expansão),

mas não tinha nada para beliscar sem pagar.

Desde que abriu em dezembro de 2013, o Whole Foods de Gowanus tem sido um dos principais emblemas da transformação de Brooklyn, da conquista de um bairro literalmente atravessado por lixo tóxico pelas forças de consumo. Com sua construção ambiciosa e seus preços notoriamente altos, o mercado foi alvo de desafios comunitários e legalísticos durante anos: a rede de Whole Foods comprou o lote em Gowanus em 2004, mas depois de reuniões constantes com a comunidade e mudanças contínuas aos seus planos, a construção do mercado só foi aprovada pela cidade em 2012. Nesses oito anos, a gentrificação de Brooklyn, já bastante acelerada, se espalhou e se fixou, fazendo do distrito o reduto *hipster* principal dos Estados Unidos, e deslocando milhares de residentes que não conseguiram pagar aluguéis cada vez mais caros.

Por sua parte, Whole Foods

(que seria um dos maiores promotores de uma ideologia de "consumo sustentável" nos Estados Unidos, e talvez no mundo)

defendeu sua mega-instalação como um fenômeno fundamentalmente local.

> "Parece que existe uma visão em que somos um atacadão, em que não estamos construindo e desenhando esse mercado para fazer parte da comunidade", disse Michael Sinatra, porta-voz regional da Whole Foods. "Queremos ser um centro comunitário local"[73]. (ROBBINS in *New York Times)*

"Local" é palavra chave para questões de consumo responsável em todo os Estados Unidos, mas especialmente em Brooklyn, onde açougues, cervejarias e

[73] No original, "'There seems to be this vision that we're a big-box store and not building and designing the store to be a part of the community,' said Michael Sinatra, a regional spokesman for Whole Foods. 'We want to be a local community center'."

pequenas fábricas de chocolate, entre milhares de outras iniciativas ainda mais especializadas, parecem brotar quase espontaneamente tanto de pequenas lojas em vias comerciais principais quanto de espaços nas poucas zonas industriais ainda existentes

(lugares onde inquilinos estabelecidos há décadas se mostram especialmente vulneráveis aos tremores imobiliários estimulados por fenômenos como a abertura de uma porra de um Whole Foods de 5200 metros quadrados).

"Local" também é uma reivindicação muito comum entre moradorxs e ativistas comunitárixs impactadxs pela gentrificação; a insistência em investimentos e empregos locais é pauta constante, e a falta de uma perspectiva local é uma das críticas mais fundamentais às pessoas e instituições que mais estimulam e aprofundam as mudanças socioeconômicas, culturais e raciais plenamente em vista em boa parte de Brooklyn. Whole Foods, bastante ciente disso e do simbolismo da sua aterrissagem em Gowanus, tem se esforçado para se mostrar o mais "local" possível. E de fato, além de gerar empregos, o mercado acaba servindo como uma espécie de armazém brooklyniana; muitos dos enésimos produtos oferecidos aqui dentro vêm de pequenxs comerciantes do distrito, desde os choppes artesanais que eu tanto admirava a biscoitos caseiros, pratos cerâmicos pintados a mão e sabonetes localmente fabricados.

Ao mesmo tempo, tanto a potencial importância quanto a potencial vacuidade do "local"

(e do "sustentável")

ficavam bem claras em uma mostra, bem no meio do mercado, de cerâmicos, aventais, toalhas de mesa e outros artigos para a cozinha. Organizada pelo site Etsy, epicentro virtual de produtos artesanais de uma certa dada fofura

(e cuja sede corporativa fica em Brooklyn),

a mostra juntava objetos feitos por perto com outros fabricados em Ithaca, no norte do estado de Nova York

(a 365 quilômetros de distância),

ou em Oakland, na Califórnia

(4700 quilômetros).

Fotos dxs produtorxs explicavam porque esses trecos foram únicos:

Promove a sustentabilidade

Inspirado em alimentação saudável, direto da fazenda para a sua mesa

Ou seja: tanto o local quanto o sustentável acabam virando marcas,

borrando qualquer relação concreta com a geografia. Sem dúvida, existem fortes laços psicogeográficos entre Brooklyn e Oakland, cidade historicamente tida como espelho mais "racializado"

(e portanto mais pobre e violento)

de São Francisco, e que tem virado um dos principais polos de gentrificação *hipster* no costa oeste dos Estados Unidos. Mas é só se entregando quase totalmente a um certo Sonho de alto consumismo que Califórnia poderia fazer parte de uma visão local de Brooklyn, e que adquirir cada vez mais objetos poderia ser, de alguma forma, sustentável.

9. PAREM DE OCUPAR NOSSOS BAIRROS

17 de setembro de 2015
Ponte de Manhattan, sobre o East River, Nova York

1, 2, 3!
Que se foda a burguesia!
4, 5, 6!
Que se foda a burguesia![74]

Olha eu aqui de novo.

Junto com mais umas 50-e-tantas pessoas, eu estava atravessando a Ponte de Manhattan, rumo a Brooklyn, no "dia de ação" da *Brooklyn Anti-Gentrification Network* (*BAN*, a Rede Anti-Gentrificação de Brooklyn), uma coalizão recém-fundada que contava com o apoio de grupos de ativismo anti-racista e associações de moradores em bairros tradicionalmente negros e latinos.

A marcha se concentrou por volta das 18h00 numa praça em Chinatown, em Manhattan, perto da entrada da Ponte. Enquanto umxs 25 policiais com algemas descartáveis nos olhavam com uma mistura de desprezo e tédio, organizadorxs e participantes falavam num megafone das suas experiências com a gentrificação, e cartazes foram distribuídos entre a pequena massa de manifestantes.

TOMEM NOSSAS COMUNIDADES DE VOLTA!

EXIGIMOS MORADIA ALTERNATIVA E CRIATIVA PARA TODOS![75]

Esses foram entre os cartazes mais fáceis de entender. Muitos deles foram extremamente específicos, tratando de artigos de lei obscuros

[74] No original, "1, 2, 3
Fuck the bourgeoisie!
4, 5, 6
Fuck the bourgeoisie!"

[75] No original, "Take back our communities!"
"We demand alternative and creative housing for all!"

EXIGIMOS QUE TIREM AS MÃOS DE NCIE, ORIE E HASA.

EXIGIMOS FIM AO BENEFÍCIO 421A NO IMPOSTO.

EXIGIMOS UM REQUERIMENTO DE REFUTAÇÃO NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO 197-A[76].

Eu certamente não entendi nada do primeiro cartaz que uma organizadora da marcha, mulher negra com 40-e-tantos anos, me ofereceu. Pedi, então, para segurar outra que dizia muito mais respeito a mim enquanto homem branco e doutorando em planejamento urbano.

PLANEJAMENTO URBANO!
PARE COM SEU PLANEJAMENTO RACISTA![77]

Então. Não tem como entender a gentrificação em Nova York

(nem no Rio, e provavelmente em qualquer cidade do mundo)

sem sacar alguma coisa de racismo institucional, tanto pela história de discriminação do mercado imobiliário quanto pelos efeitos de Tolerância Zero. Políticas de moradia poderiam agir de uma forma menos explosiva de que as ações de NYPD, mas têm tanto a ver com ausentar corpos quanto os episódios de truculência policial que eu estava seguindo pela cidade.

A GENTRIFICAÇÃO É VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS RACIALIZADAS.[78]

Uma das grandes ironias nada engraçadas da gentrificação é como o processo representa uma reversão quase exata das práticas de segregação racial-espacial que definiram boa parte da segunda metade do século XX nos Estados Unidos, especialmente a *White Flight* (Fuga Branca) para os subúrbios

(novamente, no sentido Sessão da Tarde).

Esses subúrbios cresceram, em grande parte, através da padronização de hipotecas, depois que a Autoridade Federal de Moradia (FHA), criada em 1934,

> adotou um sistema de mapas que avaliaram bairros de acordo com a percepção da sua estabilidade...Bairros onde moravam pessoas negras foram avaliados com um "D", e geralmente considerados inelegíveis de receber o apoio da FHA. [Os mapas] foram coloridos em vermelho. *Redlining* foi além dos empréstimos garantidos pela FHA e se espalhou por todo o mercado hipotecário, onde o

---

[76] No original, "We demand hands off NCIE, ORIE, and HASA".
"We demand an end to the 421A tax break".
"We demand a rebuttal requirement in the 197-A Plan Process".

[77] No original, "City Planning!
Stop Your Racist Planning!"

[78] No original, "Gentrification is violence against people of color".

> racismo já era bastante difundido, assim excluindo negros da maioria dos meios legítimos para obter hipotecas[79]. (COATES 2014 in *The Atlantic*)

Em uma certa ironia jornalística, Ta-Nehisi Coates escreveu essa síntese de redlining, *parte de um artigo que defendeu o pagamento de reparações para negrxs, enquanto correspondente nacional da revista* The Atlantic, *a mesma em que Wilson e Kelling publicaram sua nova teoria das janelas quebradas em 1982.*

O processo de *redlining* começou ao redor de grandes metrópoles como Nova York, mas a própria cidade, assim como todas as cidades nos Estados Unidos, também acabou a estimulando. Além da segregação formalizada na política governamental

algo que só começou a ser revertido ao longo dos anos 1960,

a prática informal persiste até hoje, e sempre foi associada a grandes empreiteiras novayorkinas.

> [E]nquanto Donald J. Trump assumiu um papel cada vez mais destacado na empreiteira [do seu pai], a prática da companhia de afastar potenciais inquilinos negros foi documentada exaustivamente por ativistas e organizações que enxergaram a igualdade na moradia como a próxima fronteira na luta para direitos civis...
>
> "O meu legado é enraizado no legado do meu pai", [Trump] disse.[80] (MAHLER e EDER in *New York Times*)

A gentrificação frequentemente se destaca por uma discriminação um tanto mais branda, em que o dramático aumento de aluguéis acaba afastando moradorxs tradicionais tidxs como não desejáveis.

Que se foda a polícia e que se foda meu novo contrato de aluguel![81]

A violência da gentrificação vai além dos deslocamentos e remoções que têm virado quase marcas registradas nos bairros historicamente negros e latinos em toda parte de Nova York, principalmente em Brooklyn. Como quase todas as pessoas que aproveitaram o megafone aberto no início do ato lembraram, o deslocamento combina com intimidação de todas as formas, como na recusa oficial de reforçar políticas de estabilização do custo de aluguel

---

[79] No original, "The FHA had adopted a system of maps that rated neighborhoods according to their perceived stability....Neighborhoods where black people lived were rated "D" and were usually considered ineligible for FHA backing. They were colored in red...Redlining went beyond FHA-backed loans and spread to the entire mortgage industry, which was already rife with racism, excluding Black people from most legitimate means of obtaining a mortgage".

[80] No original, "as Donald J. Trump assumed an increasingly prominent role in the business, the company's practice of turning away potential black tenants was painstakingly documented by activists and organizations that viewed equal housing as the next frontier in the civil rights struggle.
"My legacy has its roots in my father's legacy," he said last year.

[81] No original, "Fuck the police and fuck my new lease!"

(que existem em Nova York há mais de cem anos, mas que são frequentemente ignoradas por proprietários ou mal aplicadas pelas autoridades responsáveis),

ou a negligência intencional de *projects* de moradia popular, para que propriedades decadentes possam ser condenadas e vendidas a interesses particulares. Enquanto isso, mudanças demográficas fazem com que um policiamento Tolerância Zero se multiplique pelos bairros em processo de gentrificação, aumentando o monitoramento de todxs e focando sua agressão contra jovens negrxs e latinxs.

Nenhum porco a mais na minha comunidade
(Que se fodam os porcos!)
Nenhum companheiro a mais na cadeia
(Que se fodam os porcos!)[82]

O ato saiu de Chinatown às 19h00 em ponto.

Lute, lute, lute!
A moradia é um direito!

Sem mais prédios altos;
Exigimos preços baixos![83]

Atravessamos a ponte cantando palavras de ordem, acompanhadxs por uma banda de fanfarra, tocando desde cumbia até marchas típicas de Nova Orleans. Ninguém se arriscou em tentar bloquear o caminho dxs ocasionais ciclistas e turistas que esbarraram com a gente.

(Algo que, além de ser basicamente inviável pelo tamanho do ato, teria nos tornado alvos muito fáceis para xs dezenas de policias que nos seguiram por trás e que nos esperavam pela frente; imaginei que teriam mais policiais monitorando o ato de que pessoas participando).

O quê queremos? Justiça!
Quando queremos? Agora!
Se não a conseguimos – fecha tudo!
Se não a conseguimos – fecha tudo!
Se – não – a conseguimos - fecha! tudo![84]

---

[82] No original, "No more pigs in my community
(Fuck the pigs!)
No more comrades in jail
(Fuck the pigs!)"

[83] No original, "Fight fight fight!
Housing is a right!"

"No more high rises;
We demand low prices!"

[84] No original, "What do we want? Justice!
When do we want it? Now!
If we don't get it...shut it down!
If we don't get it...shut it down!

Dxs 50-e-tantos manifestantes, pelo menos metade aparentava ser gente branca, e muitos de nós parecíamos ser, nós mesmxs, gentrificadorxs. Éramos relativamente jovens, tínhamos tatuagens, roupas *vintage* ou semi-punk ou seja o que for, e outros tantos traços tipicamente *hipsters*. Isto tudo só para dizer que, mesmo no próprio ato contra gentrificação, nós gentrificadorxs estávamos sempre por perto.

1, 2, 3!
Foda-se a burguesia!
4, 5, 6!
Foda-se a burguesia![85]

(Por um lado, há uma certa esperança nessa tentativa de construir laços de solidariedade; ou, pelo menos, é assim que eu a vejo, com meus constantes apelos cantabrigianos pela diversidade. Por outro lado: olha a apropriação aí!)

Não me culpo por minha presença no ato, muito menos culpo qualquer outrx brancx gentrificadorx revoltadx que estava presente. Mas me preocupo por saber da minha própria capacidade de me convencer que estar presente no ato seria uma conquista no combate da desigualdade enraizada em Nova York, da mesma forma que sei da minha capacidade de pensar que colocar um *button* com *"Black Lives Matter"* na minha bolsa seria uma ação por si só, e não apenas um lembrete. Estar no ato seria um primeiro passo em me engajar com os miríades problemas da gentrificação, mas simplesmente estar presente não implicava em nenhuma ação concreta.

PAREM DE OCUPAR NOSSOS BAIRROS.[86]

Chegando em Brooklyn, mais algumas dezenas de policiais, algumxs a pé, outrxs dirigindo carrinhos de golfe, motos ou viaturas, nos esperavam logo na saída da ponte. Seguimos rumo à Atlantic Avenue no centro de Brooklyn, se dirigindo à Barclay's Center, mega-arena construída em 2012, e talvez o símbolo mais espetacular do investimento internacional na *giulianificação* de Brooklyn. Lá, moradores de Wyckoff Gardens e Gowanus Houses

projects *de moradia popular que ficam literalmente do lado de onde eu estava morando na Douglass Street, e onde nunca entrei*

nos esperavam.

Formamos uma roda, e diversas pessoas impactadas pela gentrificação falaram das suas experiências. Com uma exceção, todxs foram negrxs ou latinxs

---

[85] No original, "1, 2, 3
Fuck the bourgeoisie!
4, 5, 6
Fuck the bourgeoisie!"

[86] No original, "Stop occupying our neighborhoods"

(a única pessoa branca a tomar o megafone falava da sua decepção com a falta de apoio dado por sua rede de moradores; ou seja, não se disse ameaçada por remoção).

Lee, mulher negra de 20-e-tantos anos, com um olhar intenso e cabelo raspado, foi uma dxs últimxs a falar

Preciso que todos vocês entendam que sim, isso é sistêmico, e sim, é o sistema em que funcionamos. Mas o sistema funciona quando as pessoas funcionam em prole do sistema....

Então, formas que vocês podem combater a gentrificação:

Se tiver alguma mercearia familiar nas quebradas onde moram, vão lá. Que o Starbucks se foda! Que o Whole Foods se foda!

...Se você mesmo é gentrificador, aprenda modos para combater a gentrificação. Como se mudar de bairro...não há vergonha. Mas o único motivo que a gente está sendo empurrada para fora é que vocês estão chegando. Se quiser combater a gentrificação, falem com as pessoas no seu bairro. Falem com as pessoas que já moram lá há anos. Falem com as famílias que vocês deslocam. É assim que se combate a gentrificação.

Esse ato está lindo e fico feliz que todo mundo veio, mas ele não é suficiente. Porque enquanto vocês estão voltando para seus apartamentos bonitos – seus apartamentos pequenos – muitos de nós estamos preocupados em onde dormiremos hoje à noite.[87]

Pensei nas palavras de Lee enquanto eu andava para o apartamento nada pequeno em que estava morando,

e onde fiquei no maior quarto,

sabendo que, nos 15 minutos de caminhada da Barclay's Center até a porta da frente do prédio na Douglass Street, nenhum policial iria me parar, nem me revistar e muito menos me prender, e que ninguém iria me assaltar. No máximo, alguém que more nos *projects* talvez poderia me olhar feio, ou alguém em situação de rua, talvez um recém-desalojado, poderia pedir um trocadinho.

---

[87] No original, "I need y'all to understand that yes, this is systemic, and yes, this is the system that we're working under, but the system works when the people work for the system. So, ways that you can combat gentrification: If there are any mom & pop shops in the hoods that you live in, go there. Fuck the Starbucks! Fuck Whole Foods!

...if you're a gentrifier yourself, learn ways to combat gentrification. Like move out... it's no shame. But the only reason that we are being pushed out is that you are coming in. If you want to fight gentrification, talk to the people in your hood. Talk to the people that have lived there for years. Talk to the families that you displace. That is how you fight gentrification.

This rally is beautiful and I'm glad that everybody came out, but it is not enough. because while you are going back to your nice apartments – your small apartments – there are many of us worrying about where they're going to sleep at night.

Já em casa, sentado na janela e fumando beck

(ou seja: cometendo um "pequeno delito" para qual eu jamais sofreria qualquer consequencia negativa)

enquanto remoía os eventos do dia com Maddy,

também branca e gentrificadora-sem-querer

olhei diretamente para as torres de Wyckoff Houses. Mas mesmo enquanto falávamos em remoção, no apagamento de corpos subjugados, me perdia nos confortos da brisa do fim de verão; das estrelas que, por algum milagre, foram visíveis naquela noite; na qualidade da maconha estadunidense.

Ainda ouço meu irmão gritando "Não consigo respirar!"
Agora estou na luta, e não posso ir embora.
Denunciando a violência dessa polícia racista
E não iremos parar – até que as pessoas estejam livres[88].
(PEACE POETS, *"I Can't Breathe"*)

Posso fazer o possível para ouvir, para me colocar na luta, mas Lee, na sua fala, sublinhou um fato crucial: eu posso ir embora quando eu quiser. Posso deixar a luta para trás, ou sair de Gowanus, e voltar sempre que for conveniente, e meus movimentos muito provavelmente vão acontecer por escolhas minhas, e não pelo deslocamento forçado ou pela intimidação, gentrificação ou Tolerância Zero. Aliás, naquele momento, eu já tinha minha passagem de volta para o Rio

onde minha presença no Rio Comprido seria um pouco mais desconfortável do que estava sendo em Gowanus; digo, desconfortável para mim.

Para os corpos como meu que podem escolher, mesmo se pretendemos nos somar à Luta

(seja qual for essa Luta, deve ser imaginada quase sempre no maiúsculo),

a gentrificação pode ser tão confortável quanto a minha conversa na janela estava sendo. Aliás, pode ser uma delícia.

10. Delícias da gentrificação

14 de outubro de 2015
Whole Foods, 214 3rd Street, Gowanus, Brooklyn, Nova York

Foi por eu acreditar, em alguma medida, nessas possibilidade deliciosas que, depois de sentar na frente do Whole Foods, em uma das mesas de madeira

[88] No original, "I still hear my brother crying, "I can't breathe!"
Now I'm in the struggle and I can't leave
Calling out the violence of these racist police
And we ain't gonna stop – til people are free".

(aparentemente nobre e provavelmente reciclada)

voltei a rondar pelo mercado em busca de amostras grátis pela última vez. Novamente, não achei nada e finalmente saí; não lembro exatamente para onde, mas imagino que eu deveria ter parado na primeira bodega para comprar um sanduíche definitivamente não-orgânico de queijo com salada.

("Bodega" é usada em Nova York para descrever qualquer pequena mercearia. Historicamente, foram empresas majoritariamente latinas, mas hoje são bastante árabes).

Depois

(isto é, um tempão depois; certamente não no mesmo dia, e provavelmente não enquanto permaneci em Gowanus)

consegui refletir em como a minha possibilidade de escolher pesa tanto em outro lugar quanto dentro do Whole Foods. É verdade que Whole Foods é alvo conveniente e frequente

(e bastante merecido)

de críticas à gentrificação, mas não representa nem de longe a soma deste processo. Me recusar a gastar dinheiro aqui poderia até carregar algum sentido simbólico para mim, mas um boicote pessoal de um mercado que eu considero uma paródia concretizada da ideologia de consumo responsável não passa de uma tentativa de me fundar nessa mesma ideologia. Ou seja: acabei me parodiando, ou, no mínimo, me perdendo dentro da lógica de um sonho do qual eu quis sair.

(Ainda mais nos dias em que passei pelo lado de fora de Wyckoff Gardens com quase 25 libras (11 quilos) de queijo, pão integral, chocolate amargo com caramelo e sal marinho, leite integral orgânico, ovos caipira, cerveja artesanal e seja mais o que fosse, tudo comprado no Trader Joe's).

Passar pelo Wyckoff Gardens implicava passar também pelas pequenas mercearias e bodegas na 3rd Avenue que estão muito claramente destinados axs moradorxs dos *projects*. Não é nem que seus produtos sejam necessariamente mais baratos de que no Trader Joe's ou no Key Foods

(supermercado classe-média-padrão com preços razoáveis e sem maiores pretensões a menos de 10 minutos de distância a pé),

mas tanto sua proximidade imediata ao Wyckoff Gardens quanto a falta de apelos a sustentabilidade ou de alimentação que vem direto da fazenda para a sua mesa marcam esses mercadinhos como sendo dirigidos a uma clientela que não caberia dentro do sonho orgânico de Whole Foods, e que sabe bem disso.

(Esses mercados formam um cerne não-gentrificado e cada vez mais ilhado entre os bairros de Park Slope, pelo leste; Cobble Hill pelo oeste; Boerum Hill pelo norte e a porra do Whole Foods pelo sul).

Nunca conheci o proprietário do prédio em que eu estava morando, mas ouvi dizer que ele se esforçava em participar, e lucrar, com a transformação do bairro. Quando xs amigxs com quem eu estava morando, todos brancxs de 20-e-tantos anos, chegaram em 2013, eram xs únicxs moradorxs não-latinxs do prédio. Mas enquanto seu contrato de aluguel, o mais caro do prédio, foi renovado anualmente com valores mais ou menos constantes, os da vizinhança aumentaram por 40 ou 50%.

Não me dediquei a pesquisar as infinitamente complexas leis de propriedade e locação em Nova York. Basta dizer que, de acordo com vários fatores, esse tipo de aumento poderia até ser legal. Cabe ressaltar, também, que o aumento ilegal é prática extremamente comum, principalmente usado contra inquilinos imigrantes em bairros passando por processos de gentrificação.

Até minha chegada na Douglass Street, todas as famílias latinas menos uma tinham saído do prédio; aquela que ficou estava pagando para um espaço que, legalmente, não poderia ser alugado. Todos os apartamentos "legais" que não estavam sendo renovados pareciam estar ocupados por outros brancos com 20-e-tantos anos. Entre xs vizinhxs que cheguei a conhecer, eu, com meus 34 anos, era o mais velho.

11. Mal assombrada

30 de outubro de 2015
65 6th Avenue, Park Slope, Brooklyn, Nova York

Na véspera de Halloween, e quatro dias antes de eu sair de Nova York e voltar para o Rio de Janeiro, fui numa "casa mal-assombrada" organizada por policiais auxiliares

(ou seja, da galera aspirante a ser policial de verdade, e dotada com poderes ligeiramente comparáveis aos da Guarda Municipal do Rio).

A casa mal-assombrada, tradicional de Halloween, foi montada na 78ª Delegacia, a mais próxima da minha casa, entre Flatbush Avenue e Sterling Place, bem na divisa entre Park Slope

(mega-gentrificada há décadas)

e Prospect Heights

(bastante gentrificada há pelo menos 10 anos).

Depois de andar pela cidade atrás de locais que se destacaram por atos de violência policial, depois de ler relatos e olhar fotos de pessoas

(na sua absoluta maioria negras)

que teriam virado fantasmas, que se distinguiram por terem seus corpos ausentados, queria ver como essxs policias abordaram o desafio de brincar de assombrar.

Ou seja: queria ver como uma instituição que ao mesmo tempo se alimenta por medo e que provoca tanto medo se encarregaria de assustar a criançada da área em que eu estava morando, e como isso poderia se inserir no padrão festivo de Halloween.

Também queria experimentar alguma coisa fora do circuito *hipster* em que eu estava bastante inserido.

É claro que reconheci que tentar sair do hipsterismo seria uma prova absoluta da minha própria hipsterice. Pelo menos eu não estava colocando fotos da experiência no meu Instagram (que aliás nunca existiu). Mas estou colocando a experiência aqui na porra da minha tese de doutorado, que só sublinha meu lado hipster-*cult.*

Por questões de afetividade e de orçamento

(a disparidade na cotação do dólar contra o real chegou a níveis históricos em setembro e outubro de 2015),

passei muito mais tempo nas cozinhas e salas de amigxs em Brooklyn do que em bares ou boates especialmente representativas da hipsterificação da área. A princípio, eu não iria atribuir qualquer uma dessas salas ou cozinhas como sendo, por si só, um espaço gentrificador, mas, seguindo as observações da Lee no ato contra a gentrificação, também não acho que gentrificar seria muito ligado a uma intencionalidade individual. Era só pensar no prédio onde eu estava morando para entender como corpos como o meu acabam expulsando outros corpos da mesma forma que atraem novos investimentos. Independente da nossa vontade, corpos como o meu alimentam e são alimentados por sonhos Giulianificadores.

Não imaginei que conseguiria me separar destes sonhos numa rápida passagem por uma casa mal-assombrada de Halloween, muito menos dentro de uma delegacia policial. Mas também não deixei de ver que essa seria uma das únicas vezes em que fui um dos únicxs brancxs em qualquer lugar que fui em Brooklyn; pelo menos nesse sentido, eu estaria sentindo

(bem brevemente)

algo da região como tinha sido 15 ou 20 anos antes.

Ao longo da hora-e-tanto que fiquei esperando, vi mais quatro brancxs dentro da fila de mais ou menos 150 pessoas, mas várixs brancxs passaram pela rua enquanto ficamos esperando. Um cara de barba enorme, roupas vintage *e outros traços estereotipicamente* hipster *passou pela fila 3 ou 4 vezes. Não chegou a parar, mas olhou para a aglomeração quase como se o Brooklyn do passado tivesse voltado para assombrá-lo; o que, naquele contexto especifico, talvez não deixasse de ser pelo menos uma verdade parcial.*

Além do mais, me meti naquela fila porque sempre curti Halloween. Tenho saudades das casas mal-assombradas, do excesso de açúcar, da permissividade relativa do único dia nos Estados Unidos em que sair na rua fantasiadx seria simplesmente aderir à norma.

A fila ocupava quase um quarteirão inteiro quando cheguei às 20h00. Crianças inventaram variações de pega-pega que podiam jogar sem perder seus lugares. Nas pausas da brincadeira, o gênero determinava as distrações: os meninos trocavam palmadas e socos, enquanto as meninas praticavam coreografias. De vez em quanto, algum "monstro" – umx policial auxiliar mascaradx de caveira, zumbi ou lobisomem, "armadx" com machado ou marreta de borracha – caminhava lentamente à borda da calçada, inspirando gritos e correria de algumas crianças e parando para tirar selfies com outras.

Atrás de mim, duas mulheres negras de mais ou menos a minha idade olhavam quatro ou cinco filhxs pequenxs enquanto conversavam

Maneiro que eles fazem isso todo ano para a criançada! Não poderiam fazer em East New York!

East New York é tido como um dos poucos bairros de Brooklyn que ainda seria quase intocado pela gentrificação. É o mais pobre, o mais racialmente segregado, e é constantemente apontado, por estudos tidos como Sérios e senso tido como Comum, como o mais perigoso. Foi lá, no dia 20 de novembro de 2014, que Akai Gurley, morador negro de 28 anos, foi morto com um único tiro, que teria sido disparado acidentalmente por um policial novato, dentro de um corredor sem luzes em um dos projects.

Como se escreve "racista"?
N-Y-P-D![89]

A palavra de ordem se repetia apenas na minha própria cabeça; ninguém na fila estava minimamente a fim de fazer esse tipo de questionamento, ou pelo menos não hoje, ou não em voz alta. Ao mesmo tempo, ninguém puxava conversa com xs policiais auxiliares fardadxs que apareciam de cada 5 em 5 minutos para conferir se tudo estava relativamente em ordem na fila. A única problematização explícita do cenário

(pelo menos que eu vi)

veio de um menino de uns 15 anos que, por seu tamanho, idade e talvez mais alguns fatores, se distinguia como um certo líder da meninada. Em uma das rondas dxs mascaradxs, ele seguiu o monstro, tentando provocar

E se eu pegasse uma marreta em casa agora e andasse pela rua com ela?
Vocês iam me prender! Não é?

[89] No original, "How do you spell "racist"?
"NYPD!"

O monstro não respondeu. Pelo menos não nessa hora, ou pelo menos não de uma forma que consegui ver ou ouvir.

Finalmente cheguei na entrada da delegacia, decorada com morcegos de isopor, vampiros de tecido e fantasmas infláveis. As crianças pequenas atrás de mim, que deveriam ter 3 ou 4 anos no máximo, começaram a chorar. Uma das mulheres que eu entendi como sendo mãe ressaltava, numa vaga tentativa de acalmá-las,

Eles não podem tocar em você.

Mas isso não ajudou em nada quando fomos encurralados para dentro.

Não existe outra palavra, era isso mesmo, talvez pelo tamanho do público, ou pela estreiteza dos corredores da delegacia, ou porque encurralar seria uma prática bastante própria da cultura institucional da NYPD.

A fila se transferiu para atrás das barricadas de metal, de onde descemos para um porão escuro que estava cheio de lápides de isopor e de diversos zumbis e monstros mascarados, escondidos nos cantos e atrás das portas. Não lembro se, de fato, chegaram a tocar na gente

acho que uma monstra em cima de um balanço montado numa porta talvez tenha encostado em mim quando parei para tentar tirar sua foto.

De qualquer forma, a gritaria das crianças atrás de mim não cessou, nem quando finalmente subimos uma outra escada para sair no fundo da delegacia, onde um policial fardado e sorridente distribuiu o que sobrou dos doces baratos em oferta.

Não faço ideia de como aquelas criancinhas levarão essa experiência adiante. Pode ser que vire pesadelo constante. Pode ser que seja rapidamente esquecida. Pode ser que a associação entre policiais, monstros e pavor nunca as deixe. Mas também pode ser que essa associação viria sem qualquer casa que se diz mal-assombrada; não faço ideia de como seria se criar negrx ou latinx em Nova York, ou em qualquer lugar dos Estados Unidos. Ou em qualquer lugar, ponto.

Não passei tempo o suficiente em Brooklyn para saber das demais atividades extracurriculares da 78ª Delegacia, se é que existam. Talvez os policiais organizem mini-ligas de basquete ou de beisebol, talvez façam piqueniques na primavera ou um baile natalino no inverno

(todas iniciativas comunitárias bastante comuns entre agências de polícia nos Estados Unidos).

Só sei que entrar, encurralado, naquele porão no escuro e me deparar com as lápides, mesmo que fossem lápides feitos de isopor para “Nosferatu” e “Glen Rhee”,

(personagem da série The Walking Dead*).*

me marcou. Não porque chegou a me assustar, mas porque faz todo sentido que corpos perdidos, escondidos, se encontrariam perto da base de uma delegacia em Nova York.

12. Sonhando com de Blasio

13 de outubro de 2015
Metrô Linha 3, entre Brooklyn e Manhattan, Nova York

Eu demorava para terminar de ler os textos enunciadores do Sonho Giulinificador. Levava o livro de Kelling e Coles para ler em Bryant Park, celebrado no próprio livro por sua semi-privatização

> uma das muitas histórias de sucesso que cresce do planejamento estratégico e investimento na comunidade local por corporações particulares e comerciais.[90] (KELLING e COLES, p. 109)

O livro estava na minha mochila enquanto caminhei por Soundview e Tompkinsville, mas a raiva que tive das suas apologias à repressão sem fim alternava com uma profunda preguiça da sua escrita burocrática e totalmente sem sal, e mal consegui focar em mais de 5 páginas cada vez que eu o abri.

*A burocracia, é claro, é faceta fundamental do Sonho Giulianificador, já que tira qualquer gosto de exagero e de brutalidade. Em inglês, "sem sal" se traduz como "*bloodless", *e é bem assim que a teoria de janelas quebradas se esforça a se apresentar, invisibilizando o sangue derramado a serviço do Sonho.*

Levei o livro comigo no dia 13 de outubro, depois de passar horas em casa sem ter terminado de lê-lo ou de ter escrito qualquer coisa que valesse. Já sentindo que eu tinha perdido um dia inteiro sem realmente me jogar pela cidade, peguei a linha 3 de metrô na Atlantic Avenue

(maior terminal no centro de Brooklyn)

para encontrar minha irmã em um bar no Upper West Side

(tradicional reduto da classe média-alta judaica , ao longo de Central Park em Manhattan).

Consegui um lugar para sentar no metrô, e fiz o possível para ignorar o cara branco e bigodudo de 50-e-tantos anos que arrastava duas enormes sacolas de plástico e berrava referências bíblicas, olhando apenas para as mulheres negras no outro lado do vagão.

Leia Salmo 91, Salmo 92...leia Ezequiel...leia Daniel. O mundo está em chamas, e eles querem que nós assistamos beisebol...eles atacarão os Estados

[90] No original, "one of many success stories growing out of strategic planning for and investment in the local community undertaken by private corporations and commercial enterprises".

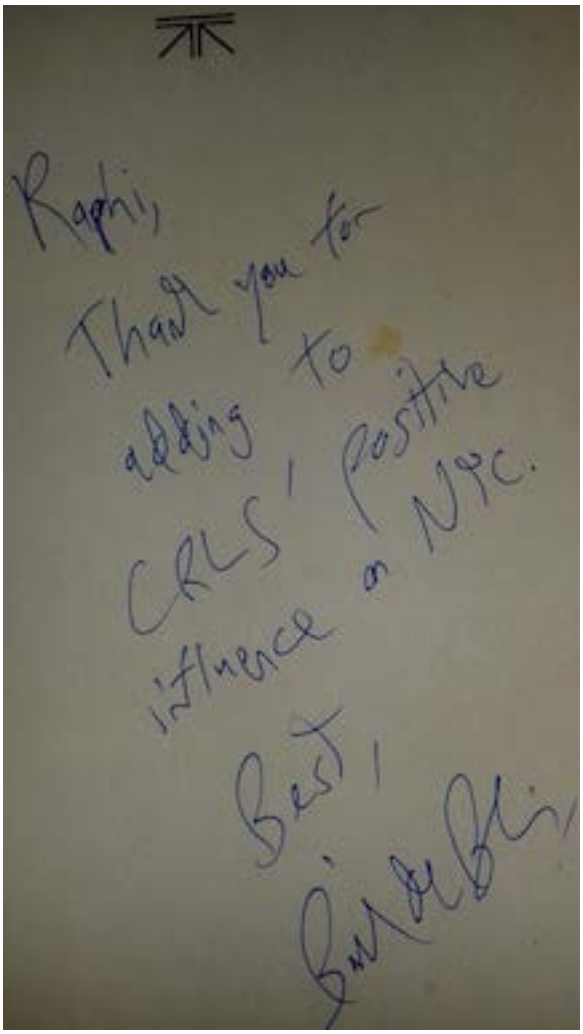
Unidos como estão atacando Israel!...O povo americano tem que se proteger com a Bíblia sagrada.

Enquanto o vagão enchia no sul de Manhattan, o foco comandado pelo bigodudo foi diminuindo. Aliás, nem sei quando ele desembarcou. Na minha frente, um cara alto e branco conversava com uma mulher asiática de trinta-e-tantos anos sobre os melhores restaurantes de Park Slope. Foi só depois que uma outra mulher branca pediu para tirar uma foto com o cara alto que olhei e vi que era Bill de Blasio, prefeito atual de Nova York

(e conterrâneo meu de Cambridge, Massachusetts).

Ele andava acompanhado por dois outros caras brancos: um segurança com rádio no ouvido e um outro assessor qualquer. Todos eles ficavam de pé, e o prefeito puxava conversa e tirava *selfies* com quem seja que se aproximasse.

Como o prefeito ficava bem na minha frente, permaneci sentado enquanto chamei a sua atenção. Me apresentei como ex-aluno do mesmo colégio público em Cambridge onde ele tinha completado seu segundo grau, e expliquei que estava fazendo um doutorado em Planejamento Urbano. Mostrei o livro de Kelling e Coles, dizendo que achei tudo aquilo uma bosta, e que esperava que ele não seguisse o exemplo dos seus antecessores mais recentes. Pedi para ele assinar o livro, para que pudesse servir de uma espécie de talismã para proteger nós dois contra aquele modelo de cidade.



Raphi,
Obrigado por acrescentar a influência positiva de CRLS em NYC.
Tudo de bom,
Bill de Blasio

(CRLS é a Cambridge Rindge and Latin School; apesar do nome prepotente, é o único colégio público de ensino médio da nossa cidade natal).

Não deu tempo

(ou seja, não tive a coragem e nem a ousadia)

de dizer que eu andava ouvindo que a sua gestão estava sendo uma merda em termos de reforma policial, redução de desigualdade, moradia acessível e outras questões fundamentais para a cidade

(e fatores centrais na sua eleição).

Não questionei Bill de Blasio sobre seu laços com grandes empreiteiras. Nem cheguei a perguntar o motivo por trás de escolher William Bratton como seu chefe de polícia; o mesmo William Bratton que foi o primeiro escolhido por Giuliani e para quem, segundo Coles e Kelling,

> a função-base da polícia se trata de controlar crimes, mirando a desordem, o medo e crimes pequenos[91]. (*ibid*, p. 145)

(Bratton pediu demissão em setembro de 2016).

Quando conheci Bill de Blasio, nem pensei no bigodudo que tinha subido no vagão do metrô algumas paradas antes do prefeito. Foi só depois de algumas semanas, quando já estava de volta no Rio e relendo minhas anotações daquele dia, que resolvi seguir suas orientações bíblicas, pelo menos ao ponto de ler os salmos que ele citou.

> Não te assustarás do terror noturno,
> nem da seta que voa de dia
> nem da peste que se propaga nas trevas,
> nem da mortandade que assola ao meio-dia. (SALMO 91)

Não penso em me proteger **com a Bíblia sagrada**, conforme indicado pelo bigodudo; não sei até que ponto qualquer leitura de qualquer texto poderia, por si só, servir como proteção. Mas a retórica que o salmo dirige contra o medo, por mais inflada que seja, reverberou comigo.

> Mil cairão ao teu lado, e dez mil a tua direita, mas não chegará a ti. (*ibid*)

[91] No original, “the core function of police is crime control, aimed at disorder, fear, and index crime”.

Em Nova York

(e no Rio de Janeiro, e na maior parte do mundo)

esse verso-clichê talvez seja aplicável ao meu corpo, mas com certeza seria um sentimento distintamente inaplicável às pessoas mais miradas pela NYPD. Seria, muito mais que os versos anteriores, sentimento essencial ao Sonho Giulianificador, justamente por ser um sonho movido a medo, um sonho articulado e difundido à base do terror noturno e da peste que se propaga nas trevas; um sonho que visa transformar o incomodo em medo, e transformar cidades a partir da codificação de Soluções que combatam qualquer corpo tido como suficientemente assustador.

Quarta perambulação:
O ano novo veio pra ficar

> Florecen las plantas del sueño
> y maduran sus graves frutos?
>
> - Pablo Neruda, *(*p. 92*)*

1. Réveillon

1 de janeiro de 2016
Jardins do Museu de Arte Moderna (MAM), Centro, Rio de Janeiro

> Dois mil e dezesseis.
> Nunca se falou tanto sobre um ano, nunca se esperou tanto por um ano.
> (PAES 2016 in *O GLOBO*)

2016 veio pairar sobre a cidade do Rio de Janeiro um bom tempo antes que começou de fato: o ano foi anunciado como já sendo carregado de história, projetado para um futuro que ele mesmo viria a definir.

> Desde 2009, quando o Rio venceu a disputa para sediar os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul, o ano de 2016 virou meta, referência, futuro. Os grandes projetos de infraestrutura, as instalações esportivas, a preparação da cidade, as promessas de um Rio melhor, tudo apontava para 2016 — que já é hoje. (*ibid*)

Não era apenas um ano para ser vivido;
se pá a vivência em si nem importava tanto, e nem a sobrevivência.
O que importava de verdade era o legado,
definido antes mesmo de ser construído.
O que importava era que o ano entrasse na memória.
Outdoors nas ruas principais, cartazes na praia, vídeos projetados nos Arcos da Lapa e letras gigantescas pintadas ao lado do sambódromo lembraram a todos nós que esse era

> **2016: o ano que veio para ficar.**
> 2016: o ano que veio para ficar.

O ano já chegou como algo a ser lembrado; assim, já começou desgastado com a energia de velhos esforços e excessos misturados, sem o mínimo cuidado, com novos deveres e expectativas.

Faz todo sentido, então, que, dentro do contexto do meu mundinho bastante branco-classe-média-intelectual-artístico-gentrificado(r), eu teria começado o ano numa espécie de ressaca sócio-emocional.

De vestido branco, ainda me recuperando de uma doença que me derrubou durante 8 dias,

(diagnosticada, às pressas, como Zika por alguém da UPA da Tijuca).

assisti a alvorada do dia primeiro de janeiro sobre a Baía de Guanabara numa festa *hipster* nos jardins do MAM

um ambiente branco-classe-média-intelectual-artística-gentrificado(r) por excelência.

Enquanto o sol foi marcando sua presença cada vez mais fortemente, senti cada vez menos vontade de dançar. O álcool e a maconha não estavam fazendo mais efeito, e mesmo o quartinho que eu tinha tomado foi, de fato, muito pouco diante do MD e cocaína que me cercavam; que eu estava meio perdido entre pessoas muito mais chapadas que eu, que se mexeram e falaram de maneiras cada vez menos compreensíveis e mais perturbadoras.

Ainda sem Uber instalado no meu celular, peguei um táxi sozinho para o Rio Comprido. Já senti uma leve dor de cabeça, além de uma vaga sensação de *déjà-vu*.

E foi assim que, para mim, o ano novo veio para ficar.

```
o ano novo veio pra ficar
mal começou, mas já vai se memorializar
seu legado se instaurou antes mesmo de chegar
o ano novo veio pra ficar
```

2. Embotando Janelas Quebradas

22 de agosto de 2016
Boulevard Olímpico, Zona Portuária

Volto a falar no presente.

Ando pelo Boulevard Olímpico com o fantasma de Francisco Pereira Passos nessa segunda-feira chuvosa e fria,
em que um feriado público foi declarado para marcar o fim dos Jogos Olímpicos, para amenizar a primeira fase da sua lenta decomposição
e para facilitar a saída em massa de atletas, técnicxs, burocratas e turistas.

Metodologia-fantasma olímpica:

Para realizar pesquisas do lado de um fantasma,
e se adentrar num sonho olímpico que você não queria compartilhar, basta uma combinação de um conhecimento histórico básico

(por mais incompleta que esse possa ser)

uma imaginação minimamente ativa

(algo que, de fato, se torna mais difícil de se exercitar durante os mega-eventos que se esforçam para providenciar experiências que, sendo devidamente compradas através de vieses oficiais, e devidamente consumidas, possam substituir qualquer imaginação individual ou coletiva)

um distanciamento um tanto brechtiano

e uma paciência resignada.

(Suspiro forte).

Aqui no Boulevard Olímpico, eu e o Sr. Pereira Passos

(seria difícil chamá-lo de Francisco, e – versos anteriores à parte – impossível pensar nele como realmente sendo um Chico)

nos colocamos como observadores e não-participantes, uma identificação que a invisibilidade do prefeito-fantasma talvez reforça. Mas é uma a distinção que não pesa tanto ao longo desta grande passeio pseudo-público em que participar seria observar, já que a base do envolvimento de todxs que passam pelo Boulevard
seria de vadiar ou flanar por entre os muros pintados e as casas temáticas, pausando para posar em selfies e sentir a mega-escala disso tudo.

O "Boulevard" se trata de um trecho modelo de 3,2 quilômetros

> [O] maior live site da história dos Jogos Olímpicos…
> (PREFEITURA DO RIO 2016a)

(que junta a Zona Portuária à Praça XV, frente as celebradas "superbacterias" da Baía de Guanabara. É zelosamente segurado por uma conjuntura da Guarda Municipal, Polícia Militar, Força Nacional, Polícia da Marinha e Polícia do Exército, além de soldadxs do mesmo Exército, todxs fortemente armadxs com fuzis semi-automáticos)

> ...com mais de 100 shows, atrações culturais e esportivas (*ibid*)

como, por exemplo, um *Bungee Jump* patrocinado pela Nissan,
um Balão Panorâmico patrocinado pela Skol,
um maquete da cidade do Rio de Janeiro patrocinado pela Lego e

> um espaço voltado totalmente para os jovens (*ibid*)

patrocinado, é claro, pela Coca-Cola.

(Enquanto isso, no Parque Madureira, um outro Boulevard Olímpico

> transformou a Zona Norte do Rio na maior festa de todos os tempos em celebração do esporte. (*ibid*)

Mas por uma combinação de preguiça, ódio e desespero, além do boicote pessoal ao sistema de transporte público que me esforcei a honrar ao longo de quase todo o mês de agosto, só fui, de bike*, até o Boulevard do Porto dito Maravilha.*

Não tenho certeza, mas imagino que o fantasma de Pereira Passos também estaria presente – no sentido de altamente perceptível – no Boulevard do Parque Madureira).

Do lado do fantasma do prefeito morto, ando por esse *live site*

(sem itálico no uso oficial)

tentando entender o que, exatamente, seria um live site, já que a designação parece ter sido utilizada, no máximo, uma única vez antes, nos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres.

Pelo visto, um live site se trata de um tipo de fusão entre uma rua fechada e um shopping aberto; um espaço teoricamente público que tem sido altamente patrocinado e regulamentado para poder se tornar altamente lucrativo, pelo menos hipoteticamente.

(Isto é, se não for lucrativo por si só, pelo menos seria capaz de gerar ou inspirar futuros lucros).

Esse *live site* seria, assim, uma concretização do Sonho de uma Cidade Olímpica.

O ex-prefeito, é claro, entende algo desta concretização.
Suprimindo gargalhadas, ele abre um jornal-fantasma da sua época:

> ...a todos nós, ainda nos parecem um sonho essa construcção de porto e essa radiante promessa de longas avenidas e de amplíssimos caes, saneando e aformoseando a cidade. Mas não é sonho. Já a nossa geração pode agradecer aos céos a alta graça que lhe foi concedida, de ser por ella iniciada a regeneração do Brasil. (*O Malho*, "Renascimento", 13/6/1903, em DEL BRENNA, p. 68)

O sorriso quase eufórico que eu visualizo no rosto imaginado do prefeito-fantasma enquanto ele lê se mistura com as dezenas de sorrisos dos retratos que cobrem boa parte das fachadas dos três prédios no meio do Boulevard. A única figura que não consegue se juntar aos sorrisos é o feitio de um menino em um prédio azul, que se encosta, desleixado, por entre esses retratos.

O menino está rodeado por dezenas de janelas quebradas. Vidro pontiagudo o cerca por todos os lados: em cima da sua cabeça, aos seus pés, atrás das suas costas, na altura dos seus olhos contemplativos e entristecidos. Mas esses cacos cortantes são quase escondidos pelos rostos sorridentes e pelos muros multicoloridos que também cercam o menino.

As janelas quebradas e os retratos felizes também cobram os dois prédios beges do lado do prédio azul. Mas vale dizer que é só no prédio azul, na altura dos olhos do menino, que uma faixa feita de plástico amarelo, pendurada de uma maneira meio torta por entre vidraças fragmentadas, adverte que o prédio está disponível para ser alugado. E vale dizer também que foi deste prédio azul que dezenas de famílias que fizeram parte de uma ocupação conhecida como Casarão Azul foram expulsas em 2009, por não caberem dentro dos planos ditos maravilhosos do Sonho de uma Cidade Olímpica que virariam a ser aplicados à esta Zona Portuária.

> ...lamentavelmente, está aqui intacta, a ocupação está intacta, não foi mexida uma palha sequer, continua da mesma forma que fizeram que os moradores saíssem numa pressão muito grande, continua aqui intacta. E um desses moradores, hoje em dia, mora num espaço que poderia ser considerado um cortiço, de apenas três por três, um quarto de três por três onde moram ele, a esposa e os seis filhos. Então, é lamentável, né, estão esperando para valorizar mais ainda pela questão de especulação imobiliária, e as pessoas morando em situações completamente precarizadas.
> (SANTOS in *CONTAGEM REGRESSIVA*, 8:17)

O despejo da Casarão Azul produziu um vazio que nenhuma autoridade pública se apressava a preencher, já que, na lógica especulativa do Sonho da Cidade Olímpica**,** enfeitar a fachada de um prédio pode virar muito mais lucrativo que habitar sua parte interior. Dentro deste Sonho, o potencial projetado e

imaginado da Cidade Olímpica vale muito mais de que a experiência fisicamente produzida e vivida por quem ali morava.

Parece contraditório, mas no caso da Casarão Azul, e da maioria dos prédios ao longo do Boulevard Olímpico, é justamente a fachada do prédio – no caso da antiga ocupação, a única "palha mexida" nos últimos sete anos – que, através do feitio do menino não-sorridente, apresenta qualquer pista possível sobre o seu passado.

> Um bairro estável de famílias que cuidam das suas casas, ficam de olho nas crianças dos outros e confidentemente desaprovam de intrusos não-desejados pode se tornar, dentro de alguns anos ou até alguns meses, numa selva inóspita e assustadora. Uma propriedade é abandonada, ervas daninhas crescem, uma janela é quebrada. (WILSON e KELLING, p. 3)

Hoje em dia, qualquer Cidade que Sonha em Ser Olímpica sonha, necessariamente, em se giulianificar. Mas o processo giulianificador atrás do Sonho da Cidade Olímpica exerce um poder de inversão sobre os valores que, em outras circunstâncias e contextos, ele reivindica como sendo seus próprios.

Dentro do Sonho da Cidade Olímpica tão claramente fisicalizado no Boulevard,
tanto o prédio vazio do ex-Casarão Azul,
quanto a placa amarela que anuncia a possibilidade de alugá-lo
e até as próprias janelas quebradas
acabam sinalizando um certo PROGRESSO.
Aqui, a própria ausência das famílias que cuidam dos seus lares é o que está tornando o bairro supostamente estável. A presença dessas famílias seria mais de que uma inconveniência: seria o suficiente para torná-lo numa selva inóspita.

O problema com as janelas quebradas não seria os vidros pontiagudos em si, mas as pessoas que esses vidros poderiam representar, instigar e inspirar:
as pessoas-caco cujos corpos carregam memórias de todo um processo esmagador da instauração de poder:

Traços atribuídos às pessoas-caco:

Corpos com pele escura;
corpos com formas de falar ditas menos inteligíveis que a norma culta;
corpos com renda baixa;
enfim, todos os tipos de corpos que tradicionalmente habitam a Zona Portuária.

Mas, depois que esses corpos, essas pessoas-caco, sejam tirados, as janelas em si podem permanecer quebradas.

O grafite pode se espalhar como sinal de conquista**,** de toda a grandeza dos Jogos, de um espírito que se diz cada vez mais internacional.

> Existe um continuum de desordem. Obviamente, o assassinato e o grafite são dois crimes vastamente diferentes. Mas fazem parte do mesmo continuum, e um clima que tolera um é mais capaz de tolerar o outro. (GIULIANI 1998)

Esse continuum se destaca quando o grafite se trata de uma manobra executada por alguma pessoa-caco. Mas o continuum das fachadas dos prédios majoritariamente vazios de uma Cidade que Sonha em Ser Olímpica é totalmente outro.

> Na Gamboa está o maior grafite do mundo. O painel, de 2500 m², é assinado pelo muralista Eduardo Kobra, que tem trabalhos espalhados por mais de 20 países. A arte se chama "Etnias" e foi inspirada nos aros olímpicos que representam os 5 continentes. (REVISTA EVENTOS)

Para reverter o continuum de desordem, uma Cidade que Sonha em Ser Olímpica teria, antes de mais nada, que sumir com os tipos de corpos que poderiam cometer qualquer ação indesejável –

seja quebrando janelas,
grafitando
ou, seguindo a lógica de Giuliani,
assassinando –

```
(Eu poderia estar matando
poderia estar grafitando
mas não estou nem aqui
porque estou sendo removido).
```

e que, antes de mais nada, poderiam remeter a selva inóspita tão assustadora para os Corpos Tidos como Suficientemente Olímpicos.

Traços atribuídas aos Corpos Tidos como Suficientemente Olímpicos:

Corpos que tem pele suficientemente clara

com exceções para atletas mega-especializadxs;
turistas de lugares suficientemente distantes
(São Paulo, nesse caso, já seria aceitável);
figuras suficientemente exóticas para serem pintadas nas fachadas,
como os rostos ditos "étnicos" do grafite de Eduardo Kobra;
ou vendedorxs de cerveja;

renda o suficiente para andar pelo Boulevard;

e, o que parece mais importante, nenhum plano de permanecer por aqui,
a não ser que seja através de investimentos suficientemente Olímpicos.

```
o ano novo veio pra ganhar.
as olimpíadas não são nada; tem mais ouro pra lucrar.
quem vence sempre tem mais outro alguém pra derrotar.
o ano novo veio pra ganhar.
```

São corpos que não tendem a ser relegados às notas de rodapé.
São corpos basicamente parecidos com o meu.

Aqui, no Sonho da Cidade Olímpica, a desordem se resolve principalmente pela ausência forçada.

Aqui, nem se preza pelo reparo de janelas quebradas; já basta embotá-las.

Aqui, o abandono se resolve com uma simples aplicação de rostos alheios em duas dimensões, sejam esses feitos de tinta ou de papel.

Começo a entender o Sonho Giulianificador de uma Cidade Olímpica como um projeto que, principalmente, cuida muito bem de fachadas.

3. Entre atos

8 de janeiro de 2016
Cinelândia, Centro

Olha eu aqui de novo.

A sensação de ressaca e de *déjà-vu* que começou no Réveillon só aumentou no dia 8 de janeiro, no primeiro grande ato/protesto/manifestação deste ano novo que veio para ficar, em resposta a mais um aumento na passagem de ônibus

(que depois de passar de R$2,75 para R$3,00 no fim de janeiro de 2014 –
uma semana antes do Ato do Rojão –
passou de R$3,00 para R$3,40 em janeiro de 2015
e agora estava indo de R$3,40 a R$3,80)

Olé olé, olé olá
Olé olé, olé olá
Se a passagem aumentar
O Rio, o Rio, o Rio vai parar!

Não gosto de me sentir covarde, mas não consegui me desvincular da tensão que invadiu meu corpo logo quando saí de casa, no Rio Comprido, e que só foi aumentando ao longo do percurso que caminhei pelo Estácio, através do túnel Martim de Sá, e pela Rua Riachuelo e os Arcos da Lapa,

onde não consegui localizar a galera que tinha convocado Bloco Livre Rec!clato,

até eu chegar na Cinelândia, sozinho, sem lata e assustado, me sentindo perdido por entre as bandeiras de sindicatos e partidos políticos e sem vontade e nem coragem de me juntar a galera encapuzada, de rostos cobertos e visivelmente bem novinha, que já estava formando o *Black Bloc* do dia.

Eu vi o Choque
correr do *Black Bloc*!

E mesmo depois de encontrar com toda uma galera do IPPUR e depois com toda uma galera de Rec!clato que também estava sem latas, e depois, finalmente, com uma outra galera de Rec!clato que, de alguma forma, tinha

conseguido achar latas para todo mundo, continuei mal, senti muito solitário e bastante exposto. Eu já estava pensando na Porradaria Inevitável; estava revoltado pelo gás que eu já senti de uma forma visceral, sem ser pelo cheiro. Talvez seria algum assombramento, contramemória das repressões de vários atos passados.

Não acabou!
Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

A tensão só piorou quando saímos da Cinelândia; imaginei que a gente ia apanhar logo na saída, já que o padrão da Copa tinha sido assim. Alguém me passou uma lata logo durante os primeiros passos pelos escombros da Avenida Rio Branco, onde o VLT ainda estava para surgir. Nós, os escombros fragmentados de uma memória do Bloco Livre Rec!clato, fantasmas de protestos passados, ficamos pela frente do ato. Tentei amenizar a minha ansiedade batendo na lata, técnica que tendia a funcionar bem alguns anos antes, durante nossas sextas-feiras lapianas. Naquela época, eu estava sempre fantasiado e, no mínimo, meio bêbado, e tanto meu visual quanto a cachaça comprada no depósito mais perto da Praça da Cruz Vermelha ajudaram a me dar uma segurança para me jogar pela rua. Hoje, à luz do dia, sóbrio, sem roupas interessantes e cercado por policiais e pelos gritos de palavras de ordem, só consegui pensar no gás e nas balas de borracha que estavam para vir. Se, antigamente, o bloco tinha me servido como válvula de escape, agora, neste primeiro ato deste Ano Que Veio Para Ficar, fiquei fixado em tentar identificar uma rota de fuga que me levaria para fora do próprio bloco quando o ato começasse a apanhar.

Não tem arrego!
Não tem arrego!

Por algum milagre, ou pelo calor, ou algo do tipo, chegamos na ALERJ sem gás e sem porradaria, pelo menos até onde eu vi. Lá, um carro de som puxado por algum partido ou sindicato qualquer parou e tentou organizar um debate aberto para decidir o caminho do ato,

ou talvez para ensinar um caminho que esse partido ou sindicato qualquer já teria escolhido para o ato seguir.

Xs demais percussionistas do Rec!clato, na sua maior parte anarquistas convictas, não estavam nem aí para seguir as indicações de um carro de som, e começaram a tocar o mais alto possível. Cada vez mais nervoso, e convencido que a repressão viria a qualquer minuto, passei a minha lata adiante para alguém que queria tocar e segui o ato bem às margens. Quando o gás começou de fato, em frente à Central do Brasil, eu já estava bem longe, quase na esquina com o Campo de Santana, e saí numa boa.

Athol Fugard, dramaturgo sul-africano, descreveu a censura como hesitação. Para ele, a censura não é necessariamente a proximidade de

> inspetores do governo ou a ameaça de prisão, mas a hesitação física da sua mão enquanto escreve[92]. (BOGART, p. 51)

O fato de que, pensando o medo e a repressão, me refiro a experiências e colocações de artistas teatrais diz muito sobre o conforto e segurança com qual meu corpo sempre estava acostumado, que são inseparáveis da forte aversão a conflito que levo comigo para qualquer ato de rua, e que me dirigem, quase sempre, para fora do cerne da ação.

Mas de fato, para mim, 2016 já começou com esse tipo de hesitação instintiva, como um ano de auto-censura, um Ano Que Veio Para Ficar com consequências que, mesmo sem saber especificamente quais seriam, já consegui sentir como sendo bastante pesadas. Outro ato foi marcado para a próxima sexta-feira, dia 15. Combinei de ir com uma galera, pensando que eu iria sentir um pouco mais seguro por estar em grupo. Mas no dia, uma chuva forte começou por volta das 16h00, logo depois da hora da concentração na Cinelândia. A gente se juntou no Catete e resolveu deixar a chuva passar, mas acabamos ficando em casa durante a tarde e a noite inteira, enquanto a chuva não diminuiu; só terminou na manhã do dia seguinte, mas que 12 horas depois.

4. Quero meu país de volta!

13 de março de 2016
Avenida Atlântica, Praia de Copacabana

Depois de uma grande chuva, se torna impossível
circular pelas ruas lamacentas e entulhadas do Rio de Janeiro
sem pensar nos traços que aquilo que chamamos de história
põe em nossos caminhos,
sem pensar nos fantasmas que pairam por aí,
nas recorrentes manchas que se inscrevem
sobre uma cidade perpetuamente mal preparada a lidar com forças inteiramente previsíveis e repetitivamente destrutivas.

Metodologia da Meta-Disfarce Pseudo-Coxinha

Para pesquisar a marcha pró-impeachment, resolvi me disfarçar.

Tirei o esmalte das unhas,
e saí de bermudão azul, camisa larga, e um tênis
(que antigamente foi branco, mas que agora se encontrava mais cinza),
e tomei a iniciativa de só falar inglês com quem fosse que eu encontrasse.

Em outras palavras, efetivei uma outra drag *cultural, me disfarçando de mim mesmo mais uma vez, exagerando o gringo homem branco que sou com atenção especial no lado cis-hetero classicão de qual geralmente dou umas saídas, mas que consigo assumir sempre que for estrategicamente conveniente.*

[92] No original, "Athol Fugard, the South African playwright, described censorship as hesitation. For him censorship is not necessarily the proximity of government inspectors or a threat of imprisonment but, rather, on the physical hesitation of his hand while writing."

(Se a minha abordagem não parece totalmente ética, é porque se trata de uma metodologia para pesquisar uma manifestação que também não me parecia ser).

Depois dos furiosos temporais do sábado, o céu daquele domingo se mostrava mais impenetravelmente grosso, uma mistura de cinza dura com verde doentio. Saí de bicicleta, quase em câmara lenta, pesquisando a nova paisagem de buracos recém-formados e calçadas em desintegração entre Rio Comprido e o Aterro do Flamengo.

Logo depois de sair da ciclovia e virar na Avenida Atlântica para a direita,

(olha a metáfora barata!)

vi um cara de mais ou menos minha idade
cuja camisa de amarelo canarinho levava um desenho de um carro *vintage*
com uma legenda, escrita em letras grandes e pretas

1964: California Dream

Pensei que, historicamente falando,
seria conveniente demais para ser coincidência.

A primeira pessoa com quem falei foi um homem branco de cabelos brancos que segurava uma enorme bandeira do império brasileiro.

(A grande maioria das pessoas que vi nessa marcha me pareciam brancas. Mas também tirei foto de um integralista negro. Ou seja: tinha de tudo).

Gentilmente, o monarquista me deixou tirar a sua foto, e entusiasticamente tentou responder às minhas perguntas sobre a sua visão para o Brasil. Só que ele não falava inglês, e como eu não estava assumindo nada da minha lusofonia, a conversa não foi muito além de estabelecer que era uma vez um império chamado Brasil, e que esse homem branco de cabelos brancos, apesar de não ter nenhuma ascendência aristocrática, gostaria que esse império voltasse a existir.

Pensei que 1889 e 1964, assim como 2016, também foram anos que vieram para ficar.

```
o ano novo veio pra domar
de domingo a domingo a domingo
é o que há
para quem tem esperança
de uma intervenção militar
o ano novo veio pra domar
```

Enquanto eu chegava no Posto 3, a primeira grande massa verde-e-amarela passou pela Avenida Atlântica

Lula cachaceiro!
Devolve meu dinheiro!

Seguravam cartazes com cores e frases padronizadas, que complementavam tanto seus gritos de guerra quanto suas camisas

Brasil um filho teu não foge à luta.

QUEM PAGA O PATO?

Todo mundo se ajudando pelo Brasil.

Corrupção tolerância ZERO

Quero meu país de volta!

Pensei que esse último cartaz resumia a única pauta que realmente unificou quem marchava e gritava pela Avenida Atlântica naquele dia: exigia a devolução de um passado tão mal-definido quanto querido, demandava dar uma volta no tempo para uma outra memória de uma outra conjuntura social também chamada de Brasil.

INTERVENÇÃO MILITAR JÁ

Mas já foram visíveis as rixas entre os que queriam voltar para 2002
e os que preferiam 1985
ou 1968

ou 1964
ou 1930
ou 1887...

Cada um com suas próprias nostalgias.

Ao mesmo tempo, um outro cartaz se esforçava para viver no presente, fugindo de qualquer memória, qualquer passado além daquele dia e de qualquer espaço além daquela avenida

Brasil, olha eu. Aqui.

Ou seja: "preste atenção: vim pra rua. Cheguei onde tinha que chegar".

Em 2013,

(um ano que obviamente carrego comigo sem necessariamente querer que passe novamente),

invocamos momentos e movimentos que vieram antes, nos juntávamos a um outro passado, o carregando adiante sem procurar voltar.

Olha eu aqui de novo!
Olha eu aqui de novo!

E agora:

Brasil, olha eu. Aqui.

Olha eu, e ponto. Aqui, e ponto.
Não pense em que veio antes; não pense nos demais Brasis.

Ou seja: o País teria que parar para prestar atenção nesses corpos

(na sua absoluta maioria brancos)

caminhando pela beira da praia, ao longo destas margens nada plácidas, abençoadas pelo mar e pelo dinheiro.

5. Boi tolo

3 de janeiro de 2016
Cinelândia, Centro

E a ressaca persiste.

Talvez eu também esteja querendo dar uma volta no tempo, já que eu também carrego meus próprios anos que vieram para ficar.

E talvez 2016 teria começado de fato para mim, e para mais algumas centenas de pessoas, levantando a poeira desses outros anos no dia 3 de janeiro, por volta das 19h da noite, na Cinelândia.

Estávamos lá seguindo o bloco Boi Tolo, que desfilava desde a Praça XV, subindo até a Candelária,
para depois descer a Rio Branco coberta de entulhos ditos renovadores
na abertura não-oficial do carnaval.
Chegamos na Cinelândia, onde seguimos nossos instintos e fomos logo ocupar as escadas na frente da Câmara de Vereadorxs.

Ocupar essas escadas é efetivar uma organização espacial já embutida em nossos corpos, uma organização lembrada de diversos outros atos realizados em diversos outros anos que ficaram com a gente:

desde 2013 e suas "jornadas" de junho (e de tantos outros meses);
desde 2011 e Ocupa Rio;
desde as inúmeras greves e festas públicas e protestos de sabe-se-lá quando,
a gente sempre se dirige àquelas escadas para mostrar que,
mesmo que essa praça não fosse nossa para sempre, agora está sendo.

Ou talvez seria uma memória corporal embutida, de alguma forma, pelo espaço:
uma leve subversão que mistura brincadeira com revolta.
É o legado de qualquer multidão:
estar na Cinelândia sem ocupar aquelas escadas mostraria uma escassez,
uma falta fatal de tamanho, de fôlego, de ousadia.

Ou seja: eu já estava sentindo o espaço no meu corpo, e usando meu corpo para sentir o espaço, quando a música parou depois de uns 15 minutos.

Camila tinha acabado de chegar. Já fomos companheirxs de inúmeros blocos em anos anteriores, e de inúmeros atos, e, consequentemente, de inúmeras fugas diante de bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral

inclusive uma que bateu no peito da Camila no ato contra a comemoração dos cinquenta anos do golpe de 1964, no dia 31 de marco de 2014, no Clube Militar, também na Cinelândia.

(Apesar de oficialmente condenada pela então-presidente e ex-presa política, Dilma, essa comemoração milico continuou sem aparentes restrições, e com direito a um aparato policial que lembrasse pelo menos os primeiros anos da ditadura, se não os anos de chumbo em si).

Talvez pela presença da Camila,
e pela distribuição de corpos naquele lugar
e pelo percurso que a gente tinha andado
senti que eu já sabia qual seria o próximo passo, a próxima jogada a acontecer.

Eu já estava virando minha cabeça para Camila, quase falando

(Agora, só falta um motim...)

quando a correria começou e a gente foi empurrado pra frente.

Dava pra ver que, no cerne da confusão, no início da praça, quase em frente ao Theatro Municipal, tinha um grupo de guardas municipais, mas não deu pra ver o motivo daquela jogada.

Depois de alguns poucos minutos de calma, fui pegar minha nova *bike* de verde neon, que eu tinha trancado logo em frente das escadas,
e enquanto a guiava de volta à Camila
algo pequeno passou a alguns pouquíssimos metros da minha cabeça.
Algo voando.
Algo em chamas.

Meti pé, conduzindo a bike até a escadaria do Selarón na Lapa.

Ficamos sabendo depois que toda aquela confusão começou quando guardas municipais quebraram o isopor de um vendedor ambulante, sem crachá oficial, que vendia Heineken, marca de cerveja não-cadastrada com a Prefeitura para vendas em atividades carnavalescas.

Quem está aplicando as regras pode tudo, inclusive quebrá-las, ou quebrar qualquer outra coisa que lhes valham, como isopores ou mercadorias, ou, principalmente, os corpos que os carregam.

E também foi assim que 2016, o Ano Que Veio Para Ficar, começou.

30 de novembro de 1999
721 Pine Street, Seattle, EUA

Olha eu aqui de novo.

No dia que fui tomar gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta pela primeira vez em frente ao Hotel Sheraton, no centro de Seattle, lembro de uma menina de mais-ou-menos minha idade, de cabelo louro e pele branca. Ela estava em cima de um carro e tomou boa parte deste gás, ou talvez deste *spray.*

(Se não me engano. Pelo menos, fica mais dramático assim, e até mais relevante, já que o corpo dela, como meu, era de um tipo que não tende a sonhar que o pequeno delito de ficar em cima de um carro o levaria a nenhuma repressão seria).

Lembro dela chorando aos prantos com o rosto e os olhos todos vermelhos, gritando

Isso não era para acontecer!

Não era para acontecer porque era uma novidade para nós: para mim, e provavelmente para ela e para boa parte das pessoas que foram para as ruas naquele dia, aquela violência parecia inédita. Não carregávamos nenhuma contramemória desse tipo de consequencia, nenhuma lembrança de estar tão perto aos mecanismos de repressão.

(Isso também poderia ser chamado de privilégio, ou se pá de ingenuidade).

Porque tudo aquilo era para acontecer, sim: o gás e o *spray* estavam fabricados para soltar justamente esses efeitos sobre corpos; só que, essa vez, esses corpos foram nossos.

6. BRASIL VOLTA A SONHAR APÓS LONGO PESADELO

17 de abril de 2016
Avenida Atlântica, praia de Copacabana

A política finge ser etérea, como se fosse ao mesmo tempo mais leve e mais duradoura que os corpos que ela ordena, organiza e reprime;
como se ela mesma não fosse composta por outros tantos corpos fardados ou engravatados, tão capazes de fazer cocô quanto de cagar regras,
tão capazes de sangrar quanto de mandar gatilhos a serem puxados.

Portanto, uma regra quase universal do faz-de-conta do jogo político
é que xs que se dizem representantes escondem sua corporalidade muito bem escondida entre títulos, ternos e foros privilegiados.
Vimos hoje, por exemplo, que xs deputadxs federais do Brasil-il-il só assumem seus corpos quando vão ao microfone,
e, mesmo assim, só para dar forma às suas palavras *wrapped in the flag*
tão verde-e-amarelamente.

(Embrulhar[-se] na bandeira é uma expressão lá da gringolândia de onde venho que descreve um nacionalismo exagerado e espetacular, e que frequentemente implica fins nefastos. Por isso, fiquei meio pasmado de ver a sua aplicação tão literal, generalizada e aparentemente sem ironia na Câmara dxs Deputadxs).

Poucas horas antes, na praia de Copacabana, uma outra massa verde-e-amarela se preparava para assistir essa catarse nacional em 4 ou 5 telões postos no meio da Avenida Atlântica, acenando com bandeiras, com bonecos infláveis dxs vilões

(Dilma e Lula)

e heróis

(Sérgio Moro)

do dia, acenando para si mesma cada vez que o helicóptero da Rede Globo passava por cima.

> Essa sociedade que suprime a distância geográfica recolhe interiormente a distância, como separação espetacular. (DEBORD, p. 112)

Prezavam à contabilização e ao binarismo nas suas palavras de ordem

1, 2, 3! Dilma no xadrez!

Tchau, querida!

e nas palavras estampadas nas suas camisas verde-e-amarelas

Super-Moro

Sérgio Moro, Livrai-Nos Do Mal

enquanto se filmavam com iPads decorados com a bandeira dos Estados Unidos.

(You can't make this shit up).

> A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. (*ibid*, p. 18)

Tudo estava devidamente empacotado e registrado, mas não necessariamente nessa ordem, e sem que isso necessariamente implicasse qualquer progresso.

Na real, nem tinha tanta gente na praia: Angelita, vendedora ambulante de colarinhos e pulseirinhas de plástico e enfeites para o cabelo em várias cores

(tanto verde-e-amarelo quanto vermelho, além de azul e laranja)

reclamava da falta de fregueses.

(roubado de algum canto da internet)

Parece que tinha até menos gente de manhã, quando era a vez da massa das camisas vermelhas ocupar o outro lado da praia, do Posto 1 a Posto 3, com Furação 2000.

Não vai ter golpe!
Não vai ter golpe!

(Cabe notar que, por mais coxinhamente insuportável que qualquer simbolismo verde-e-amarelo tenha virado, sua apropriação basicamente incontestada representa uma clara vitória estética; enquanto a oposição ao golpe-impeachment assumia vermelho como sua cor organizatória, acabava perpetuando, implicitamente, a oposição entre partido [dos Trabalhadores] e nação [brasileira]).

Seja patriota, vem lutar pra sua nação
Patriota verdadeiro vem pra manifestação
Veste verde e amarelo com determinação
Pra livrar nosso país dessa corrupção

Grita forte brasileiro
Ê! Ê!
Fora Dilma! Fora Lula!
Fora PT!

(CONSCIÊNCIA PATRIOTA, *Youtube*, 8/3/2016*)*

Tinha tão pouca gente naquele dia que as grades erguidas para corporificar essas divisões ideológicas pela areia do Posto 3 separavam apenas dois trechos de uma praia basicamente vazia.

Assim, teríamos que recorrer a outras metáforas.

Vamos lá:

Enquanto foi se anoitecendo e a votação foi chegando,
e xs deputdxs federais do Brasil foram para seus camarins

(ou o que os valham)

para se embrulhar em suas bandeiras municipal, estadual ou nacional,
o mar ficava cada vez mais áspero, com ondas cada vez mais brabas,
e a lua se pendurava pesadamente no céu cada vez mais cinzenta
e todas as demais falácias se tornavam bastante patéticas .

Sob uma das grande telas em que se projetava os discursos preliminares,
sob as enormes charges de Dilma e Lula como “Irmãos Petralha”
sob uma enorme bandeira nacional e duas bandeiras de tamanho igual do site **vemprarua.net,**
um cartaz, amarrado nas grades, gritava em letras maiúsculas:

BRASIL VOLTA A SONHAR APÓS LONGO PESADELO

(Não consegui não pensar em Gerald Ford, o único presidente dos Estados Unidos a exercer o cargo sem se eleger nem como vice. Tomando posse em 1974, depois da renuncia de Richard Nixon, ele se dirigiu a nação – naquela altura, com “n” bastante minúsculo – e prometeu

Meus compatriotas americanos, nosso longo pesadelo nacional acabou[93].

Só que, de fato, não tinha acabado nem de longe).

Não consegui não pensar em Dilma, três anos antes, comemorando a abertura de um museu espetacular na Zona Portuária, saboreando os contornos tão mega de *The Brazilian Dream of the American Way of Life* que certamente foi compartilhado por seus então aliadxs da Fundação Marinho, da Vale e do PMDB.

Não consegui não me perguntar quando, exatamente, esse **LONGO PESADELO** teria começado? O quê é que ele teria de mais assustador? E, nesse momento, qual Brasil voltaria a sonhar sobre o quê?

Seria só uma versão mais restrita desse mesmo *Brazilian Dream of the American Way of Life*, com filas mais curtas nos aeroportos, e menos direitos trabalhistas e bolsas família, mas com as mesmas parcerias público-privadas tão tentadoras com quais a Dilma sonhava enquanto seu índice de aprovação flutuava por entre as estrelas?

Ou seria um sonho à base de memórias mais poeirentas?

(Para não dizer "reprimidas"; para não dizer "enterradas").

Pensei no esquecimento da Dilma, naquele dia três anos antes

> A gente lembra de algumas coisas, não lembra de tudo, o que até é muito bom. (ROUSSEFF 2013)

Enquanto o sol começava a se pôr, um inferno astral foi baixando em mim, e eu sabia que eu não daria conta de continuar naquela praia. Escoltava a minha bicicleta verde neon por entre os corpos majoritariamente brancos e cobertos de verde-e-amarelo até chegar na ciclovia. Descia até a beira do mar para dar um mergulhinho, mas as ondas, de tão brabas que estavam, mal me deixavam entrar. Meti pé, seguindo para um lado mais conhecido e mais confortável da Zona Sul.

[93] No original, "My fellow Americans, our long national nightmare is over".

Quarenta-e-tantos minutos depois, cheguei no Catete, na casa da Cíntia e do Mario, onde me joguei no sofá.

A votação já estava em andamento e a cerveja estava circulando resignadamente enquanto elxs se recuperavam, aos poucos, de chikungunha.

(A referência à doença específica me parece bastante relevante porque ela dói).

E foi bem ali que estávamos quando Jair Bolsonaro deixava muito claro quais foram seus sonhos, e de qual **PESADELO** ele pretendia sair:

> Perderam em 64, perderam agora em 2016...pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim. (BOLSONARO)

Sublinhando:

A poeira de memória apenas paira sobre e se atraca às coisas: ela não carrega qualquer sentido moral específico. E o ato de lembrar, por si só, não é o mesmo que salvar. Não é um salvo-conduto, e nem garante a salvação; no máximo, seria um salve-se quem puder.

O que me parece ser garantido é que sempre alguém vai lembrar, e que esse ato de lembrar vai carregar, sim, um sentido moral específico que se esforça a representar algum tipo de salvação. Não adianta esconder nenhum corpo, porque sempre alguém irá buscá-lo, mesmo que for para reivindicar a sua quebra.

Jair Bolsonaro pode ser apagador de sonhos, instituições e corpos, mas, pelo visto, ele não tende a esquecer. Além do seu apelo direito ao genocida Exercito de Caxias e do seu apelo semi-indireto ao hino nacional nazista

(*Deutschland uber alles)*

ele levantava toda a poeira que, durante décadas, Dilma teria tentado deixar para trás.

Não importa o quanto Dilma tenha se esforçado para neutralizar o seu corpo e relegar sua tortura a um passado esquecível e puramente individual. Sempre vai aparecer algum Bolsonaro da vida para religar esse corpo específico à essa violência específica, para revitalizar esse pesadelo cuidadosamente abafado e transformá-lo em um Sonho do Futuro da Nação.

O corpo-político-enquanto-passado-comum, refletido na tortura da Dilma, generalizado e relegado até uma suposta irrelevância pela então-Presidente no dia primeiro de março de 2013, foi lembrado em toda sua especificidade sangrenta como um apelo à volta de uma política que se exerce ainda mais brutalmente sobre os corpos contrários a ela. Longe de se juntar a um esquecimento de um passado nefasto, Bolsonaro o revitalizava com prazer;

e, desse prazer, levantou poeira.

Me parece que, diante esse levantamento, diante essa perversa memória muscular,

(ou seja, a memória da obliteração de outros músculos, sem ser os do lembrador)

não há discurso capaz de rebater a orgulhosa degradação de corpos

(muito menos meu discurso aqui)

sem que esse sublinhe sua própria corporeidade,
sem que saia do blá-blá-blá para dar forma às suas palavras
ou, de preferência, para dispensar com palavras inteiramente.

> Eu reagi cuspindo no fascista. Não vou negar e nem me envergonhar disso. É o mínimo que merece um deputado que "dedica" seu voto a favor do golpe ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra...Ele cospe diariamente nos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. Ele cospe diariamente na democracia. Ele usa a violência física contra seus colegas na Câmara, chamou uma deputada de vagabunda e ameaçou estuprá-la. Ele cospe o tempo todo nos direitos humanos, na liberdade e na dignidade de milhões de pessoas. (WYLLYS)

Não pretendo reverenciar o cuspe de Jean Wyllys como heróico: não quero colocá-lo em nenhum pedestal ou copo dourado ou alguma outra relíquia qualquer, e nem muito menos entrar por um jogo partidário de reverenciar a boca de onde saiu o cospe. Mas não consigo deixar de pensar que as ações de Jean Wyllys nesse dia, além de muito merecidas, formaram o discurso político mais coerente deste ano que veio pra ficar.

7. Embotando janelas quebras

22 de agosto de 2016
Boulevard Olímpico, Zona Portuária

Durante todo esse mês de agosto do Ano Que Veio Para Ficar, uma campanha de Google Tradutor se espalha ubiquamente pela cidade, naquelas placas iluminadas aparentemente chamadas de *Out of House* que fazem parte dos pontos de ônibus mais desenvolvidos,

(e naquelas outras placas iluminadas que só parecem fazer parte dos pontos de ônibus, mas que brotam da calcada só para fazer propaganda).

Em idiomas do mundo inteiro, essas placas dão dicas e indicações de uma dita cultura carioca generalizada

> **To say hi to 5 people, you need 10 kisses.**
> **Para dizer oi a cinco pessoas, você precisa de 10 beijos.**

“Parada” signifie beaucoup de choses.
“Parada” significa muitas coisas.

لطلل دلوي لطلل
Gentileza gera gentileza

Beleza can mean yes, cool, deal, and OK.
Beleza pode significar sim, legal, fechado e tudo bem.

Aqui, no meio do Boulevard, no cerne do Sonho, essas carioquices traduzidas brincam de ser, ao mesmo tempo, mais especificamente locais e mais historicamente significativas.

В Порто Maravilha, улицы наш музей
No Porto Maravilha, as ruas são nosso museu.

Na Cidade que Sonha em Ser Olímpica, a memória em si, como a própria cidade, acaba se tornando em mais um produto que, mesmo sendo intangível, possui uma embalagem muito cuidadosamente definida e mantida. A memória é outra marca especulativamente lucrativa, uma marca que se estabelece e se propaga justamente pela ausência das pessoas-caco cujos corpos já estavam marcados. Ao longo do Boulevard, essas pessoas-caco foram expulsas; em outras partes da cidade, desde Providência à Maré, sua ausência veio, muitas vezes, através de um apagamento letal.

17 de dezembro de 2012
Rua Riachuelo 46, Lapa

Foi de noite quando passei por uma galera pintando a fachada do prédio na Rua Riachuelo 46**,** onde até setembro de 2010 existia a antiga ocupação Carlos Marighella. Sobre as paredes cinzentas do prédio oco, já lacradas com tijolo e cimento para evitar uma nova “invasão”, penduraram “Olhos de deus” gigantes e pintaram, repetidas vezes e em letras enormes, uma única frase:

LIBERTE SEUS SONHOS
LIBERTE SEUS SONHOS
LIBERTE SEUS SONHOS

Por baixo dessas palavras, em letras um pouco menores, uma outra frase se repetiu dezenas de vezes, com uma linha deixada vazia para que quem passasse por lá pudesse preencher a sua própria resposta.

Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.
Meu sonho é _____.

Cinco anos antes da inauguração do Boulevard, o grafite outrora tão ameaçador já mostrava a sua plena utilidade na Cidade que Sonha em ser Olímpica; na fachada da antiga ocupação Carlos Marighella, apelava por palavras para preencher frases que ficariam incompletas sem a intervenção de quem viesse de fora; palavras para preencher esses espaços deixados em branco.

De fato, a expulsão dxs moradorxs de Carlos Marighella, ou de qualquer outra ocupação do centro do Rio de Janeiro, tende a deixar o espaço esvaziado mais branco; isto é, menos negro, com menos corpos de pele escura e – apesar de qualquer intervenção feita à tinta – menos colorido.

Uma vez que as pessoas-caco estejam retiradas à força, esses espaços só poderão ser preenchidos pelos sonhos de quem passa ali sem a intenção de ficar.

A cidade-marca se inverte no sonho, facilmente vendido, empacotado e

crucialmente

facilmente esquecido; se torna um sonho coletivo de deixar as nossas marcas pela cidade.

Assim, os sonhos de quem nunca nem sequer entrou no prédio da antiga ocupação Carlos Marighella se carimbam por sua fachada, atestando ao apagamento decisivo daquele passado.

Como no caso da Casarão Azul, o prédio em que existia a ocupação Carlos Marighella também está vazia desde o desalojo forçado das mais ou menos 40 famílias que a habitavam.

8. Tecnobloco

13 de fevereiro de 2016
Praça São Francisco da Paula, Centro

Carnaval já tinha basicamente acabado
quando cheguei no Largo de São Francisco, atrás do IFCS,
empurrado por amigxs depois de um churrasco

numa casa em que eu já tinha morado e sobre qual ainda tenho vários sonhos, nem todos bons, que não cabem aqui.

O bloco já tinha andado.

Mijei, devidamente, no lado do IFCS e guiava minha *bike* de verde neon em direção à musica; resolvi não ficar tanto tempo assim, porque eu já estava

cansado e porque bloco com bike tem uma outra lógica, outra abordagem, outra metodologia.

Metodologia de bloco-com-bike:

Não pode-se perder em um bloco com uma bike*,*
a não ser que se perca a própria bike*.*
Isso acaba formando uma certa barreira natural aos excessos do bloco,
colocando limites na capacidade de se deslocar, de se aproximar às pessoas, de
dançar. É um lembrete, uma lembrança, um totem de responsabilidade.
Portanto, seguir um bloco com uma bike *já implica uma certa distância,*
um certo papel de espectador.

Ou seja: minha bike *foi ferramenta que me fez enfrentar o bloco menos como*
brincalhão ou folião ou seja o que for, e mais como Pesquisador,
com "P" relativamente maiúsculo).

Eu já teria ido embora logo no início, mas a energia estava realmente contagiosa: fiquei seduzido pelo enfático absurdismo da música eletrônica puxada por uma banda de fanfarra, pela purpurina descontrolada, pelos pulos de milhares de corpos e os sorrisos de milhares de rostos,

na sua absoluta maioria brancos-classe-médias-intelectuais-artísticos-gentrificado(re)s

todos desesperados para ainda não deixar o carnaval morrer. Aí resolvi voltar para casa logo quando o bloco pegasse o caminho quase-inevitável para o MAM.

(Durante carnaval, os gramados do MAM tendem a se tornar em um tipo de Playground
branco-classe-média-intelectual-artística-gentrificado(r)

Mas aí que foi: viramos à esquerda

(olha a metáfora barata!)

na Avenida Primeiro de Março, se dirigindo para a ALERJ.

Rio de Janeiro, sensacional!
Tomou ALERJ
de pedra e pau…

E essa mudança para um caminho estabelecido como padrão-protesto por enésimas atos de 2013 e 2014

(outros anos que vieram para ficar)

fez com que os corpos que compuseram o bloco foram assumir outras formas e outros gestos: arrastavam as barricadas de plástico cor-de-laranja que se impuseram pela Avenida Nilo Peçanha e chutavam as grandes lixeiras daquele mesmo plástico para as sarjetas e baias. Soltavam fogos de artifício, o que me lembrava ao mesmo tempo dos desfiles no Sambódromo e do Ato do Rojão de 6 de fevereiro de 2014.

(A tomada da escadaria da ALERJ é outra organização espacial já embutida em nossos corpos, tanto ou até mais de que a escadaria da Câmara de Vereadorxs).

Não consigo e nem quero apontar para um único momento em que essa saída do Tecnobloco teria se transformado de um bloco carnavalesco em um ato político, já que não costumo ver uma distinção muito clara entre essas duas formas de se manifestar:

tendo a pensar que qualquer bloco minimamente interessante teria alguma consciência qualquer da sua força política de resignificar relações espaciais e sociais; e qualquer ato político minimamente sedutor teria um lado dançante

(parafraseando minha saudosa conterrânea Emma Goldman).

Acho que cabe notar que, enquanto o Tecnobloco subia a escadaria da ALERJ, a banda trocava Barbie Girl *e* Blue *para* A Marcha Imperial *de* Star Wars*.*

Logo depois, a música ficou abafada pelo imenso volume de gritos e cantos

Não acabou! Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

Fora Cunha!
Fora Cunha!

Eu assistia da calçada com Gatynhx,

performer *e coreografx brilhante, incisivx e escrotx em partes basicamente iguais, nascidx e criadx nas quebradas de Belém do Pará.*

Elx se empolgou quando uma mulher branca, baixinha, loira e de vestida rosa começou a gritar

Fora Dilma!

aí se juntou para fazer alguns segundos de escândalo

Fora todos!
Ah, quer saber? Vai a merda, meu bem!
Fora todxs!

Mas desistiu logo quando começou a sacar o quanto transtornada a mulher loira estava.

Fora PT!
Corruptos!
Fora Diiiilma!
Vagabunda suja!
Foooora Diiiilma!

Gatynhx, sempre curiosx e cronicamente sem vergonha, até foi falar com ela, perguntando, antes de mais nada, o que ela tinha tomado. Ela respondeu que era servidora pública, que não usava drogas além de álcool e alguns comprimidos.

Gatynhx voltou dessa breve conversa e começou a brincar sobre o caráter basicamente branco-classe-média-intelectual-artístico-gentrificado(r) do bloco, dizendo que, depois da grande tomada da escadaria, todo mundo iria embora de táxi. E de fato, muitxs foram, mas o grosso do bloco seguiu andando, e em vez de virar para o sul, no sentido do MAM e do Aterro, foi para o norte, no sentido Avenida Presidente Vargas, o caminho lógico

(para não dizer consagrado)

do padrão-protesto.

De lá, seguiu para a Praça Mauá, onde a banda tocou durante uns 15 minutos em volta de uma estátua. Quase no final das músicas, encontrei com Violeta e Ana B e tranquei minha *bike* num poste para sentar com elas. Enquanto um mini-comboio de carrinhos cheio de Guardas Municipal foi se aproximando, eu e Ana B discutimos rotas hipotéticas para o bloco. Eu queria continuar até o Museu do Amanhã e enfrentar aquela enorme barata branca, aquela força arquitetônica que se diz ser do Futuro, tão emblemática deste Ano Que Veio Para Ficar. Ela não achava que valeria a pena sem uma estratégia muito claramente desenvolvida, enquanto eu pregava pela ocupação do espaço enquanto uma estratégia em si. Ela disse que a gente ia apanhar sem saber porquê; rebati que vários blocos já tinham apanhado ao longo do Carnaval:

como Boi Tolo (tanto no Carnaval quanto em janeiro);
Viemos do Egyto; Me Enterra na Quarta,
entre muitos outros que não presenciei
como, por exemplo, uma festa de bairro em Inhaúma

E foi mais ou menos neste momento que Violeta avisou que estava rolando alguma confusão no outro lado da praça.

Olha eu aqui de novo.

Fui destrancar minha *bike* para me aproximar à pequena multidão que se formava em volta dxs Guardas quando vi algo voando pelo ar. Não sei o que foi e nem de onde veio, só sei que foi seguido logo pela primeira nuvem de gás. Saí correndo junto com um monte de gente, arrastando a *bike* de lado até que o caminho abriu suficientemente para montá-la; quando olhei para trás, vi novas ondas de pessoas correndo na mesma direção, de volta para os entulhos da Avenida Rio Branco, e, mais distante, as balas de borracha e os cassetetes. Vi Ana B e Violeta correndo no outro lado da rua. Chegando na esquina da Rio Branco com Presidente Vargas, ainda senti o cheiro do gás.

> Nunca imaginei em 40 anos de vida que iria fazer uma exibição pública da minha bunda. Mas também, jamais pensei que seria algemado e preso, depois de tomar muita porrada e ser enforcado pela Guarda Municipal do Rio de Janeiro. (TABAK apud BACELAR 2016 in *O GLOBO*, 15 de fevereiro de 2016)

De fato, a bunda do Bernardo Tabak, jornalista brutalizado naquela madrugada na Praça Mauá, virou sensação midiática num certo canto do Facebook nos próximos dias.

(Não cabe tão bem aqui, mas acho que vale dizer que Bernardo é irmão de Flávio Tabak, jornalista que escreveu sobre a quase-incorporação de Francisco Pereira Passos por Eduardo Paes em julho de 2012).

A violência que Bernardo Tabak sofreu e que eu testemunhei "não era para acontecer", como aquela violência que sofri 16 anos antes em Seattle, ou como aquele que presenciei algumas semanas antes na Cinelândia.

> Já passei por situações perigosas, da pacificação no Alemão, com o tiro comendo solto, até a ditadura no Egito, onde muitos têm medo de falar. Mas aqui é uma democracia, e posso gritar, espernear, dar entrevista: e filmar! (*ibid)*

Não aponto para o contraste feito entre Praça Mauá, por um lado, e lugares como Egito e Alemão, pelo outro, para ridicularizar; mesmo que, nessa construção, a democracia para qual o Tabak prega parece se estender apenas até Leopoldina, ou talvez até o Piranhão, sem contemplar o grosso da Zona Norte

(e aparentemente nada da Zona Oeste ou da Baixada).

Nesse exato momento em que escrevo essas palavras, meu corpo se encontra numa situação nada perigosa: sentadinho numa cadeira confortável numa manhã ensolarada de junho de 2016, saudável e inteiro, com uma caneca de chá quente e adoçado do meu lado e com os ocasionais tiros do São Carlos

(ou seriam do Turano?)

audíveis apenas abafadamente da janela do meu apartamento na Praça Condessa Paulo de Frontin.

(Ninguém nunca fala o nome oficial da Praça do Rio Comprido em voz alta; só se escreve para que as contas cheguem no dia certo).

Isso tudo me proporciona um distanciamento físico e emocional propício para problematizar colocações feitas na ressaca de uma situação de dor e medo. E essas colocações apenas ressaltam o choque de qualquer violência dirigida contra corpos como meu, contra aglomerações basicamente brancas-classe-média-intelectuais-artísticos-gentrificadoras. A repressão alheia, seja no Egito ou na Zona Norte, não nos surpreende, mas demora um bom tempo para a gente começar a se enxergar como potenciais alvos e para nossos corpos ser carregados por qualquer contramemória. Nós nos vemos como protagonistas de quase tudo, menos da repressão.

Chegamos a sentir que os nossos corpos são intocáveis,

e quase invisíveis; que as nossas bundas nunca serão publicamente vistas.

Ou seja, a sentir que sempre nos serão permitidas certas transgressões que, vindo de outros corpos, seriam rapidamente reprimidas.
Mas descobrimos, em certos determinados momentos,
que os limites dessa transgressão aceitada, por mais secularmente difundidos que sejam, são essencialmente arbitrários. E assim, o choque continua nos surpreendendo, seja isso um sinal de ingenuidade ou de privilégio, ou seja apenas resultado da dor provocada por essas ações, pela lembrança da nossa vulnerabilidade.

9. O legado antecipado

3 de agosto de 2016
Rua do Matoso 60, Praça da Bandeira

E é por isso que o Brasil não vai pra fora.
Digo, pra frente.

Dois dias antes do começo dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016, eu estava no Supermercado Mundial da Rua do Matoso, onde fui fazer estoque nessa véspera da véspera da abertura.

(Já na expectativa de que não haveria nenhuma vida social propriamente dito durante os Jogos, resolvi me preparar para comer e beber bem em casa).

Eu tinha acabado de voltar de um terreiro de Candomblé na Zona Oeste, onde a mãe de santo, logo no início do jogo de búzios, me avisou que eu estaria correndo riscos se eu saísse à rua junto com grandes multidões. Eu já estava com medo das possíveis bizarrices da repressão policial ou de atentados e peguei o trem de volta para o centro um pouco mais nervoso. Mas desci sem problemas na Praça da Bandeira e caminhei tranquilamente até o mercado mega-lotado.

E é por isso que o Brasil não vai pra fora.
Digo, pra frente.

Quem soltou essa frase foi um homem branco de uns quarenta-e-tantos anos.

De um modo geral, tendo a imaginar que a ideia de que o Brasil não vai pra frente *deve ser uma colocação usada majoritariamente por homens brancos de quarenta-e-tantos anos para cima. Mas isso não implica, de jeito nenhum, que a frase (e nem o sentimento que ela expressa) pertença exclusivamente a estes caras.*

Nesse caso, a frase identificava o que seria um suposto excesso de feriados concedidos no Rio de Janeiro por causa das Olimpíadas. Segundo esse homem branco de quarenta-e-tantos anos, outros Países

(todos evidentemente à frente do Brasil, e portanto mais evidentemente Maiúsculos)

valorizam o trabalho.

(Ou algo do tipo; confesso que sua argumentação em si não me interessava tanto, e que, depois de prestar atenção na sua primeira colocação, voltei a procurar queijos).

Mas o que mais me chamou atenção foi seu evidente desespero com a impossibilidade do Brasil sair de si mesmo e tirar a sua própria brasilidade para se tornar um País mais focado ou mais sério ou seja o que for.

Claro que foi um o ato falho**,** mas representou um desejo não apenas sincero como também perenemente presente na impaciência com um Brasil que supostamente não consegue avançar, e na convicção de que a sonhada Solução

(quase sempre única e com S bem maiúsculo)

só se encontrará para além do Brasil.

> Dahi não existirem no Brazil estas emprezas e firmas constructoras, dispondo de avultados capitaes e perfeito apparelhamento, que fazem honra aos paizes adiantados da Europa e aos Estados Unidos da America do Norte e entre os quaes se salienta aquella com que o Governo contractou a execução das obras de melhoramento do porto do Rio de Janeiro.
>
> Que este facto nos sirva de proveitosa lição, afim de reparar essa deficiência de que se ressente a nossa organisação industrial.
> (Paulo de Frontin, in DEL BRENNA, p. 105-6)

Quem disse isso foi Paulo de Frontin

(engenheiro que virou prefeito, e deu seu nome para o elevado que dá no Túnel Rebouças, e cuja esposa deu seu nome – ou pelo menos seu título, herança do pai – à Praça Condessa Paulo de Frontin no Rio Comprido, onde eu morava)

E isso em setembro de 1903. Ou seja: dá lhe, Odebrecht.

(As reviravoltas dadas e jatos lavados a partir das construções que vieram para ficar e que marcaram tanto esse ano de 2016 terão que ficar bem às margens desta metodologia-sonho).

Quase 113 anos depois, aqui estávamos nós, no Supermercado Mundial da Praça da Bandeira, numa cidade cada vez mais voltada para seu futuro legado, uma cidade que se disse cada vez mais Brasil, uma cidade que se disse cada vez mais mundial, através de um internacionalismo obrigatório sendo empurrado goela abaixo da população do Rio de Janeiro

por um verdadeiro exército de voluntárixs uniformizadxs,
que crescia exponencialmente todo dia;
além da crescente presença do Exército Nacional

ostentando suas metralhadoras nas principais vias do centro e da Zona Sul da Cidade;
auxiliado por uma Polícia Militar disparando suas metralhadoras
cada vez mais ostensivamente nas favelas, especialmente as da Zona Norte;
e tudo isso acompanhado por bandeiras internacionais
ubíqua e aleatoriamente penduradas pela cidade inteira.

7 de outubro de 2009
Copenhague, Dinamarca

A cidade do Rio de Janeiro teria "acordado" no dia 2 de outubro de 2009, quando foi eleita sede dos Jogos. Isto é, já teria se despertado dentro do sonho de uma cidade que se diz Olímpica.

> A conquista que veio finalmente na semana passada tem tudo para acordar o Rio de Janeiro de seu longo sono. É a oportunidade de um salto para o futuro....O poder econômico de Chicago, a eficiência de Tóquio e a historia de Madri ficaram a comer poeira... A tocha do ideal Olímpico já ilumina o Rio de Janeiro com sua mensagem de superação individual com respeito às regras: "Citius, altius, fortius!" (*VEJA* 2009, p. 203)

Ao invés de ser um país

ainda meio minúsculo

beirando

ou berrando

a contornos mundiais, um país sediando uma Copa por um processo de eliminação, se mostrar uma Cidade Olimpicamente Vitoriosa é se mostrar sonhadora sem limites. E para se integrar a esse Sonho o mais rápido possível, a cidade teria, antes de mais nada, que se jogar em uma sinédoque temporal, fazendo com que todo o presente de muitos anos se dirigisse para um imaginado futuro.

> Há duas maneiras de identificar um momento histórico. Ou estar diante dele, ou reconhecê-lo analisando fatos passados. Prevê-lo é possível, mas o duro é que ele precisa acontecer. É nessa situação que se encontra a cidade do Rio de Janeiro. (*ibid*, p. 41)

A cidade do Rio de Janeiro

(isto é, o corpo político da cidade do Rio de Janeiro,
ou então o corpus político da cidade do Rio de Janeiro,
já que seria uma conjuntura de corpos empoderados, e não apenas o corpo do Eduardo
Paes, prefeito mega-incorporador)

se fez de tudo para se posicionar bem diante das Olimpíadas, executando enésimas jogadas em que aqueles corpos tidos como não-políticos serviram de peças de jogo. Além das centenas de famílias removidas da Zona Portuária, um

total de 22.059 famílias[94] foram removidas pela cidade inteira em preparação aos Jogos. Todxs nós, moradorxs da cidade, fomos submetidxs a anos de sonhos especulativos: de obras interrompendo o fluxo de trânsito da cidade; anos de linhas de ônibus cortadas; anos ruas invertidas ou cobertas de entulhos recém-desenterrados; anos que jogaram a cidade contra si mesma para tentar garantir alguma tranquilidade durante agosto de 2016.

Essa sinédoque temporal, além de destacar e contemporizar o especulativismo crônico que teria colocado o Brasil como um eterno "país do futuro" há décadas

(ou há séculos),

fez de tudo para colocar o Rio de Janeiro como a expressão-mor desse futuro, e, assim, como cidade-mor deste país especulado

(com "p" e "e" ainda minúsculos,
porém com ambições bastante maiúsculos)

> Em muitos aspectos, o Rio de Janeiro voltou na sexta-feira passada a ser a capital do Brasil, privilégio que perdeu a Brasília há 49 anos. Volta a ser o centro das atenções internacionais não por ter uma população refém ao crime organizado, mas pela capacidade dos seus moradores e governos de se organizar de tal forma que o crime passará a ser o que é em toda grande metrópole: uma moléstia crônica, se não curável, pelo menos tratável. O melhor indicador de que uma cidade ficou pronta para sediar uma Olimpíada é ela estar pronta para viver bem e receber com segurança seus visitantes. (*VEJA* 2009, p. 210)

Os Jogos

(com "J" bem maiúsculo)

deram à cidade a oportunidade de se reformar de uma forma que poderia servir como comprovante da capacidade organizatória do Brasil de uma forma geral, sinal da maturidade do um País prestes a interagir de uma forma integral com quaisquer visitantes.

Esse negócio da Olimpíada é sensacional pra se usar como desculpa pra tudo. Então tudo que eu tenho que fazer, "Isso é pra Olimpíada. Isso é pra Olimpíada". Tem coisa que tem a ver, tem coisa que não tem nada a ver, mas eu uso.
(PAES apud *FOLHA TV*, vídeo, 1:07)

(Outro passo bastante básico deste jogo de sinédoque
seria colocar a cidade inteira do Rio de Janeiro
como representação da vontade dxs sonhadorxs olímpicos

[94] Ver: COMITE POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS. "Olimpiada Rio 2016, os Jogos da Exclusão". Dossiê. Rio de Janeiro: 2015.
https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf
Acesso em: 30 de agosto de 2017

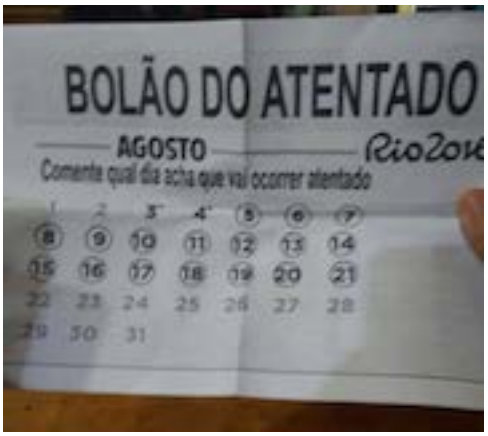
e vice versa,
como se a cidade não contivesse outros sonhos
contrários, revoltados ou apenas indiferentes)...

21 de julho de 2016
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido

O atentado olímpico, como o próprio ano de 2016, já veio anunciado bem antes da sua chegada. Aliás, foi tão antecipado que nunca chegou a chegar. Mas que virou sensação, virou. No dia 21 de julho, duas semanas antes da abertura dos Jogos, a Polícia Federal prendeu 12 integrantes de uma suposta célula do Estado Islâmico e os mantinha em prisão preventiva, da mesma maneira que a Polícia Militar tinha mantido xs 23 presxs da Copa do Mundo.

> A prisão dos suspeitos de preparar atentados na Olimpíada é correta e necessária, mas o barulho excessivo em torno da captura de um grupo "absolutamente amador" amplia de maneira exagerada o medo e a insegurança – e escancara a disputa entre a Polícia Federal e a Abin pelo protagonismo no combate ao terror. (VEJA 2014, p. 78*)*

Mas já estávamos falando de um possível atentado desde muito antes, se preparando na medida do possível e de uma maneira bastante carioca.



(imagem roubada de algum canto da internet)

O atentado já estava até palpável, já dava para sentir à flor da pele, já me vi controlando meus próprios movimentos, exercendo uma censura no sentido empregado por Fugard e Bogart. Não costumo viajar de metrô, mas a partir de julho, me esforcei conscientemente para evitá-lo. Ando de *bike* sempre que for possível, mas meu plano para as Olimpíadas, aliás para todo o mês de agosto, foi de não utilizar nunca o transporte público. Se não fosse pela minha determinação de pelo menos fazer de conta de ser um Bom Pesquisador, eu teria ido passar a época dos Jogos em qualquer lugar fora do Rio. Tentando ser consciente ou preparado ou seja o que for, fiquei, desenvolvendo uma certa metodologia-solidão:

Metodologia-solidão:

Isole-se em casa com os dispositivos que lhe restam:
a internet e suas miríades distrações,
os livros pouco tocados,
o violão quase-abandonado.
Abra exceções ocasionais para dar pequenos rolés pela cidade
(executados quase sempre numa escala individual e isolada
em contraste com as dimensões esforçadamente mega *das atrações principais),*
ou para visitas às casas dxs amigxs
que, por compromissos de trabalho,
de pesquisa ou de ativismo
ou por simples falta de opção,
também se encontram pela cidade.

Andei me esforçando para fazer estoque das necessidades, para minimizar meu enfrentamento tanto dos espaços físicos de supermercados quanto dos preços, no intuito de que os dois poderiam explodir facilmente. Foi por isso, inclusive, que me achei entre os frios do Mundial da Praça da Bandeira duas noites antes da abertura dos Jogos.

Cesta Básica* Hipster*:
arroz integral, feijão, leite UHT, macarrão sem ovos, manteiga sem sal, queijo bola,
cerveja que se diz artesanal, polpa de tomate, azeite extra virgem, açúcar demerara,
maconha estilo delivery.

A enorme quantidade de soldados patrulhando as ruas e portando enormes metralhadoras pelas praias e vias principais da Zona Sul, além da reforçada e ainda mais violenta presença da polícia "pacificadora" pelas favelas, era para dar uma amenizada nesse medo generalizado, para mostrar uma preparação face a crescente possibilidade do Atentado

(que, de tão Inevitável que parecia, começava a virar bastante maiúsculo.
Cabe lembrar, é claro, que essas forças que visavam "pacificar" e "ordenar" a cidade
através de demonstrações mega*-espetaculares do seu poder de fogo já têm sido*
classificados como terrorismo durante muito tempo por muitas pessoas, com quais eu
obviamente concordo plenamente).

A crescente onda da militarização pela cidade inteira me lembrou dos soldados uniformizados, portando metralhadoras, nas principais terminais de trânsito em Nova York, e também dos soldados que tomaram as principais vias do Rio de Janeiro no dia primeiro de abril de 1964.

É claro que não tenho nenhuma lembrança pessoal deste dia, mas ao longo de vários
anos lendo e escutando e prestando outros tipos de atenção, absorvi alguma coisa de
uma memória coletiva ou compartilhada daquele golpe, mesmo sabendo que essa
memória se diz respeito ao meu corpo de um modo bastante diferente de que aos
corpos com quem eu tendo a me relacionar por aqui.

Mas o contraste que se construiu ao longo da praia entre areia e fardas me fez lembrar, antes de mais nada

e de uma maneira bastante pessoal,
do carnaval de 2003.

Março de 2003
Avenida Niemeyer, entre São Conrado e Leblon

2003 foi o primeiro carnaval que passei no Rio. Aliás, foi o primeiro carnaval da minha vida. Também foi a primeira vez que vi um corpo morto.

(Na verdade, vi dois, ambos aparentemente jogados na rua:
um no Centro e outro na Barra da Tijuca.
Não sei mais sobre como foram parar ali, e nem muito menos quem foram).

Lembro de caminhar pela praia ou pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana e ver soldados com metralhadoras a cada 10 ou 20 metros. Lembro, vagamente, de comprar e ler a *VEJA* daquela semana, mesmo já desconfiando do posicionamento político da revista, na tentativa de me informar e de dar um tchan no meu português

> A batalha que se instalou pelas ruas teve um vencedor. Foi o traficante Fernandinho Beira-Mar – sempre ele – o líder da ação. Beira-Mar comandou o dantesco espetáculo de ônibus incendiados, bombas e tiros...A batalha da última semana teve um perdedor também. A autoridade do Estado tombou, gravemente ferida, diante da própria inoperância e da inadmissível leniência... (FRANÇA e CARNEIRO in *VEJA*, 5/3/2003, p. 36-40)

Lembro de sentir que essa presença militar até que combinava bastante com a incessante preparação para a guerra que eu tinha deixado para trás nos Estados Unidos.

(No maior golpe – por assim dizer – da minha vida acadêmica até então, ganhei uma bolsa para pesquisar o carnaval do Rio, em especial o desfile da agora-extinta escola de samba Acadêmicos da Barra da Tijuca em homenagem ao então-vivíssimo Augusto Boal).

É claro que, mesmo no meio do Carnaval e com a internet muito mais lenta e menos ubíqua daquela idade sombria, a guerra no Iraque me seguia por toda parte. Mas estar no Rio e dentro do Carnaval me distanciou não apenas física como também emocionalmente, como no bloco que segui por acaso em Ipanema

```
Que merda é essa, seu Bush?
Só quer saber de brigar!
Não joga bombas no bloco,
nem joga em Bagdá!
```

Não é nenhuma novidade afirmar que o Carnaval, além de dar suas próprias jogadas de temporalidade, se instala pela cidade como um grande Jogo. E que, para certas pessoas, esse Jogo por si só seria uma espécie de salvação.

> Ao ouvir a música, cuja letra falava em alegria e alto-astral, é possível que, para muitos comerciantes do quarteirão, a vida tivesse voltado ao normal – e, se eles se haviam rendido à pressão dos bandidos, voltaram atrás e abriram as portas. Os pivetes foram embora. O bloco dançou e pulou noite adentro. O Carnaval, como sempre, restabelecera a moralidade...A folia e a felicidade abafaram as manchetes que insistiam em falar de violência e medo. A presença do Exército garantiu que cada carioca tivesse direito ao Carnaval. (CASTRO, p. 5-6)

Em 2003, eu teria dito que senti as possibilidades salvadoras deste Jogo apesar dos soldados tomando as ruas; pensando agora, em 2017, tendo a imaginar que, mesmo sem querer, senti essas possibilidades justamente por causa deles.

(Só lembro de ter visto soldados homens nas ruas naquela época).

Não quero ficar muito tempo batendo boca com Ruy Castro, quero voltar logo para 2016 e as Olimpíadas. Só quero destacar a oposição que ele faz entre, por um lado, pivetes e bandidos e, por outro lado, comerciantes, o bloco, o Exército e, aliás, cada carioca. É uma oposição que quase não se distingue das

> manchetes que insistiam em falar de violência e medo

como, por exemplo, a da própria *VEJA*, que, com uma foto da carcaça de um ônibus queimado no fundo, acentuada com ilustrações de furos de bala, declarava um

ESTADO DE CALAMIDADE

17 de junho de 2016
Qualquer banca de jornal por ali

Se em 2003, a **CALAMIDADE** foi tão severa ao ponto de necessitar a presença reativa do Exército pelas ruas, agora, neste Ano Que Veio Para Ficar, a presença do Exército foi preventiva e antecipatória, uma garantia contra esse tipo de dantesco espetáculo e a serviço de uma outra espetacularidade. Cabe lembrar, é claro, que, a partir do dia 17 de junho, o governo do Estado do Rio de Janeiro também se atrelou na antecipatoriedade drástica

> Fica decretado o estado de calamidade pública, em razão da grave crise financeira do Estado do Rio de Janeiro, que impede o cumprimento de obrigações assumidas em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016...
>
> Ficam as autoridades competentes autorizadas a adotar medidas excepcionais necessárias à racionalização de todos os serviços públicos essenciais, com visto à realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016.
> (DORNELLES in *D.O.E.*, 17/6/2016)

```
o ano novo veio pra somar.
o salário atrasou,
mas a passagem já vai aumentar.
eis o preço pago por
```

quem queira se modernizar.
o ano novo veio pra somar.

Esta calamidade pública seria um estado de exceção dentro de outro estado de exceção já estabelecido durante um bom tempo; como a “Lei da Copa” e como tantas outras iniciativas próprias aos Sonhos que se implementaram através de Parcerias Público-Privadas, a “Lei Olímpica” visou o mega-evento como uma conquista em si.

> O Governo Federal….promoverá a disponibilização para a realização dos Jogos Rio 2016, sem qualquer custo para o seu Comitê Organizador, de serviços de sua competência relacionados, entre outros, a:
> I – segurança;
> II – saúde e serviços médicos;
> III – vigilância sanitária; e
> IV – alfândega e imigração. (Lei 12.035, 1 de outubro de 2009)

De fato, ao longo deste Ano Que Veio Para Ficar, os atos emitidos no papel para fortalecer o Sonho de uma Cidade Olímpica se mostraram muito mais poderosos que os atos nas ruas que lidavam com outros sonhos.

(É claro que não incluo os atos pro-impeachment como expressões desses outros sonhos; por tudo que eu vi no meio destes atos, esses se tratavam de expressões ainda mais extremas do mesmo Sonho que, dado a chance, prezaria por estados de exceção cada vez mais rígidas e permanentes).

Os atos que, de alguma forma, lidavam com sonhos mais sujos e menos racionalizados da cidade foram bastante escassos, principalmente depois daquele dia 8 de janeiro. Até o caráter perenemente festivo-político do Carnaval foi enfatizado e canalizado, nesse Ano Que Veio Para Ficar, não por algum Tatu Derrado ou qualquer palavra de ordem

como a **Não vai ter Copa** *de 2014*
ou o **Fora Temer** *que ainda viraria ubíquo no Carnaval de 2017*

mas por jatos aparentemente irrestritos de spray de pimenta. Se o Carnaval de 2016 tivesse, seguindo Ruy Castro e suas lembranças de 2003, restabelecido alguma moralidade, seria uma moralidade que parte diretamente deste Sonho Olímpico, de vias controladas e praças facilmente esvaziadas. O atos em si

isto é, atos que se classificaram como tal

pareciam, quase todos, olimpicamente esvaziados antes mesmo do início dos Jogos.

5 de agosto de 2016
Praça Afonso Peña, Tijuca

Não vai ter tocha!
Não vai ter tocha!

Olha eu aqui de novo.

Eu tinha acabado de comprar uma Heineken e estava começando a acender um cigarro

(careta mesmo, e comprado a varejo;
don't worry, mom)

perto do canto nordeste da Praça Afonso Pena quando vi uma correria começando. Resolvi que seria uma hora bem boa de seguir o fluxo da multidão e meter pé. Dentro de trinta segundos, quando eu mal tinha chegado no canto sul da praça

(beirando a Avenida João Paulo I),

as plumas finas de gás lacrimogêneo já começaram a fazer suas cambalhotas ardentes no exato lugar onde eu estava antes, seguidas poucos segundos depois por verdadeiras nuvens grossas. Essa vez, estavam vermelhas, algo que eu nunca tinha visto antes em todas minhas experiências gasosas. Alguém do meu lado disse que se tratava de uma classe de gás mais potente.

(Lembrei que já se falava em gás azul em 2014. Na época, até vi várias fotos na internet, mas nenhuma me convenceu que não se tratasse de uma teoria de conspiração).

Algumas centenas de nós tínhamos andado desde a Praça Saens Peña, acompanhadxs por um número quase igual de policiais militares da Tropa de Choque a pé e montadxs. O clima tinha sido de tensão constante, mas apesar das correrias espasmódicas

ao longo da Avenida Senhor do Bonfim, ou para dentro de uma padaria

e algumas poucas prisões, aparentemente aleatórias

(no sentido nada aleatório de focadas nos tipos de corpos
que poderiam ser classificados como pessoas-caco),

a grande e inevitável explosão só veio bem no final, quando já não estávamos mais andando. Parece que um menino Black Bloc subiu no mastro de bandeira no meio da Praça, tirou a bandeira nacional e desceu correndo, para sumir com a bandeira ou queimá-la ou seja o que for. De qualquer forma, esse pequeno gesto de vandalismo, um gesto até meio *vintage*, foi o suficiente para provocar a ira nebulosa da Polícia Militar.

Não acabou! Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

Michelle e Lázaro apareceram alguns minutos depois de eu fugir das nuvens; seus olhos estavam vermelhos e seus rostos cobertos com leite de magnésia. Elxs estavam diretamente no caminho das bombas e tomaram uma baforada

exagerada do gás. Aliás, eu estava falando com elxs logo antes de ir comprar aquela cerveja e aquele único cigarro

(really, mom, it's fine);

só o acaso e uns quinze passos me separaram das bombas desta vez.

Na manhã daquele mesmo dia, algumas dezenas de milhares de pessoas tinham se juntadas em Copacabana em um ato ao longo da praia contra os Jogos e Michel Temer.

Fora Temer! Fora Temer!

Temer jamais!
Eu 197tô na rua por direitos sociais!

Não fui no ato em Copacabana. Até acordei numa hora que teria dado para ir e voltar, mas queria colocar algumas coisas em ordem antes. Na noite anterior, numa mesa de bar de ativistas locais, conheci uma conterrânea minha que só teria morado no Rio alguns meses e já estava falando um português mega-sofisticado. Ela disse que não iria no ato do dia 5, que já tinha premonições ruins de que poderia acontecer, que ela sempre tinha sonhos meio proféticos e que, sem querer especificar nada, já não guardava boas esperanças dos protestos contra as Olimpíadas.

(Não lembro bem, mas acho que ela acabou aparecendo lá na Saens Peña; acho que ela estava segurando uma faixa que passou para mim antes de sumir).

Cheguei na Saens Peña por volta das 15h, logo no início da concentração, já pensando nas várias premonições dos dias anteriores; no ato do final da Copa em 2014, com aquelas incessantes plumas de gás e aquele encurralamento que parecia interminável; e na presença cada vez mais mega das forcas armadas pelas ruas

(de manhã, naquele mesmo dia, dezenas de tropas responderam à ameaça de uma bomba na Voluntários da Pátria, em Botafogo; ou talvez teria sido só um pacote abandonado, sem nenhuma ameaça explicitamente articulada. De qualquer forma, as fotos da ação militar bombaram pelo WhatsApp).

Assim, cheguei no ato já me sentindo impaciente e vulnerável, de modo que a minha impaciência alimentou a minha vulnerabilidade e vice versa; eu queria algum escudo qualquer. Queria um ato com o tamanho da marcha em Copacabana, com a suavidade das areias da praia e do foratemer-ismo.

Nos dias antes do ato, encontrei com colegas que tinham integrado muitos Blocos Rec!clato passados. Combinamos de ficarmos espertxs e de não organizar nada, e fiquei pensando que um dos infinitos legados dos Jogos Olímpicos e dos Contornos da Copa e das muitas outras canalizações de *The Brazilian Dream of the American Way of Life* seria o fim definitivo do Bloco, através da instalação de uma Ordem que não tolerasse nem barulho e nem

detritos pelas ruas da cidade. Mas agora, um pequeno contingente de um Rec!clato improvisado chegou com algumas poucas latas e algumas velhas antenas parabólicas pintadas

OLIMPÍADA MATA POBRE

OLIMPÍADA ASSASSINA

Tirei fotos e troquei algumas poucas ideias com xs batedorxs, querendo ter tido a mesma preparação ou coragem ou seja o que for de vir preparado assim. Mesmo cercado por gente conhecida, me senti cada vez mais sozinho ao longo da caminhada.

Mario estava na organização do ato, e cheguei a comentar tudo isso com ele logo depois de eu chegar. Falei que aquela era a hora de somar forças, de mostrar uma frente unificada contra um Sonho Olímpico que se difundiu cada vez mais pela cidade e pelo mundo. Por mais que eu não me alinhasse com a relativa festividade que imaginei no ato da praia

Volta, querida!

Se empurrar, o Temer cai!
Ai ai ai!
Ai ai ai ai ai ai ai!

eu queria me sentir parte de algo bem maior que as poucas centenas de pessoas se juntando por Praça Saens Peña.

O problema, como Mario me lembrava, é que o ato na praia, com suas dezenas de milhares de pessoas, não enxergava os Jogos em si como o problema, e sim o fato dos Jogos serem presididos por Michel Temer. Ou seja, protestava uma virada, um desvio no Sonho da Cidade Olímpica, mas não o Sonho em si; protestava contra um Governo Golpista sem focar nos múltiplos, inevitáveis e duradouros golpes dados por todo o processo de preparação olímpica desde antes da aprovação do Rio como cidade sede em 2009. Tive que concordar; na verdade, já concordava com o argumento antes de Mario articulá-lo. Eu mesmo já tinha articulado argumentos bastante parecidos no passado bastante recente, mas ouvir de novo não fez nada para diminuir a minha ansiedade, que só aumentava cada uma das várias vezes que o ato parou no meio da Avenida Conde de Bonfim, bloqueado por policiais por dois ou três lado e sem nenhum outro caminho aparentemente acessível.

Depois das Bombas Inevitáveis na Praça Afonso Pena, passei em casa no Rio Comprido para pegar minha *bike* e uma das cervejas artesanais que comprei numa mega-promação no Mundial da Praça da Bandeira. Segui para Cinelândia, onde sentei na escadaria da Câmara de Vereadorxs com mais algumas centenas de pessoas

porém quase nenhumx conhecidx

para assistir os últimos minutos do filme “Olympia” que estava sendo projetado ali, mistura de documentário com ficção sobre uma cidade controlada por um prefeito autocrata chamado Fernando Guerra**.**

Saindo da Cinelândia, saquei que a Cerimônia de Abertura dos Jogos, rolando desde as 20h00, já estava chegando no final das apresentações individuais de cada País Participante

com “P”s maiusculosíssimos.

Parei para assistir na frente do Bar Verdinho, que estava bastante cheio

VANUATU

VATICANO

VENEZUELA

VIETNÃ

ZAMBIA

ZIMBÁBUE

O País Sede, o mais inextricavelmente envolvido em sonhar a sua própria olimpicidade, é sempre o último a ser chamado.

BRASIL

Numa mesa na frente do bar, um grupo bastante empolgado de turistas ingleses

(que identifiquei pelos sotaques, não por qualquer traje hiper-nacionalista)

começou a aplaudir durante alguns segundos, até perceber que estavam sendo ignoradxs ou então olhadxs de uma maneira bastante torta pelxs outrxs freguesxs. Alguns outros pequenos grupos sentados ao seu redor batiam nas mesas e gritavam

Fora Temer!

Mas a maioria das pessoas sentada na maioria das mesas ignorava a cerimônia ou assistia meio atonitamente.

O Sonho das Olimpíadas, que já chegou como uma espécie de ressaca, demorou bastante para se instalar, bem mais do Sonho dos Contornos Mundiais da Copa de 2014. Além da mega-militarização de qualquer parte da cidade dada como estratégica, do bolão do atentado e das crises político-econômico-social-moral-ético-espirituais que dominavam as manchetes e se infiltravam nas almas da cidade, houve um incessante dilúvio de boatos e manchetes sobre a falta de preparação

(como a incerteza sobre as regras do funcionamento das "faixas olímpicas" pela vias principais da cidade, a briga entre Eduardo Paes e a delegação australiana sobre a integridade da Vila dos Atletas e a poluição teimosamente duradoura da Baía de Guanabara e da Lagoa Rodrigo Freitas).

Depois da entrada pronunciadamente morna do Brasil, segui caminhando para a Lapa. Logo depois dos Arcos, passei pelo Bar Sarau da Lapa

bastante representativo da gentrificação do bairro; seria uma espécie de uma imitação carioca dos bares dos chamados bairros nobres de São Paulo que imaginam imitar pés sujos cariocas. Ou seja: uma visão meio Disneyficada de um passado idealizado do bairro.

Fiquei parado lá durante a declaração de abertura dada por Michel Temer

que aliás nem foi apresentado por ninguém, para não ser referido nem como "presidente" e muito menos como "presidente em exercício", e também para conter as vaias que, mesmo assim, seguiram com bastante força dentro do Maracanã.

As respostas do público desse bar também foram poucas: um dxs freguesxs aplaudiu entusiasticamente

(naquela época, algumas pessoas ainda fingiram gostar de Temer)

enquanto dois outros mostraram seus dedos de meio.

Até na porra da Globo, o próprio Galvão Bueno observou

Tem mais vaias que aplausos

mas a maior parte do público parecia não se importar com aquilo.

Segui para casa, onde não dormi nada bem.

10. Uma volta à ditadura militar

17 de outubro de 2016
Rua Lélio Gama, Centro

Lá estávamos nós –

eu, Laura e Letícia, mais Glaucia e um amigo dela cujo nome eu não perguntei –

esperando na esquina de uma rua que todo mundo conhece mais pela localização de que pelo nome; aquela onde funcionava o terminal do bonde de Santa Teresa até o acidente fatal de 2011, quando a falta de manutenção dos freios matou seis pessoas e freou todo o serviço.

Talvez o bonde voltou a terminar lá quando, no início deste Ano Que Veio Para Ficar, o serviço foi ressuscitado de uma forma limitado, turístico e privatizado (ou seja, ainda mais espetacular de que costumava ser antes), e que chegou a custar R$20 por viagem. De qualquer maneira, a rua em que a gente estava se chama Lélio Gama.

As primeiras bombas de gás e/ou de efeito moral tinham acabado de ecoar pela Avenida Almirante Barroso, e a gente estava esperando perto da esquina para ver se o ato duraria mais um tempinho, se a multidão conseguiria avançar, ou se o ato já iria terminar daquele jeito a qual todo mundo já tinha se acostumado faz um tempão.

Você é minha bomba de efeito moral
É minha bomba de efeito moral

Dessa vez, a correria nos alcançou bem antes do gás. Seguíamos andando, soltando alguns gritos fracos de

Não corra!

No fim da rua, perto da pequena curva onde Lélio Gama se junta à Senador Dantas, um homem branco e barrigudo de uns cinquenta-e-tantos anos xingava a polícia por ter jogado bombas aparentemente sem provocação.

É uma volta à ditadura militar!

Seus xingamentos nem alcançavam seu alvo; centenas de policiais foram espalhadxs pelas ruas do centro, mas nenhumx delxs se encontrava nem pela Lélio Gama e nem pela Senador Dantas.

Minha resposta, por sua vez, também não alcançava seu alvo; me afastava do cara e andava pelo menos uns cinquenta metros antes de murmurar

Quem é mesmo que estava no governo em 2013? Já esqueci...

Tipo assim:

Tem todo um monte de gente

na sua maioria branca, classe média, e com idade para lembrar alguma coisa dos anos ditos de chumbo na pele

que só começou a prestar atenção na potência das ruas quando viu a Dilma ameaçada

e, sinedoquemente, no corpo dela, todo o PT

e que imagina que a repressão se resume em um projeto partidário.

Não duvido nem que a ditadura esteja voltando.
Só que, se a ditadura voltou, sua volta não é de hoje.
Se a ditadura voltou, sua volta não começou nem com o impeachment de Dilma ou com todas as repressões de 2013,
nem com as constantes chacinas nas favelas e periferias do país inteiro
nem com a manipulação das eleições de 1989

A verdade é dura:
A Rede Globo apoiou a ditadura! (Ainda apoia!)

Além do mais, quem nem presenciou as repressões de 2013 ou de qualquer outro ano desde a anistia de 1979, ou desde a Constituição de 1988 ou desde qualquer outra data que poderia ser apontada como sendo o "fim" da ditadura militar, quem, no máximo, tenha assistido essas repressões por qualquer mídia

(seja essa social, golpista ou ninja)

talvez não tenha tanta base para dizer que esse tipo de acontecimento seria inédito desde 1968.

Eu, já bombado nos efeitos morais, só duvido que a ditadura tenha voltado na medida em que duvido que ela teria, de fato, terminado. Seus resquícios e relíquias ainda estão espalhados por toda parte, ativamente mantidxs e caramente alimentadxs

Não acabou! Tem que acabar!
Eu quero fim da Polícia Militar!

Duvido até que a própria ditadura militar teria começado no início da ditadura militar, já que se baseou em tantas estruturas existentes, na continuação de tantos padrões que visavam voltar para um passado imaginado como sendo glorioso;

> ...a restauração da ordem interna e do prestigio internacional da nossa Pátria. (COSTA E SILVA *et al*, "Ato Institucional 5")

Essa ordem interna já espancava e matava desde bem antes de 1964, e não parou de vez em 1985 ou 1989, e nem em 2003.

> O passado não está morto. Nem sequer passou[95]. (FAULKNER, p. 69)

Laura e Letícia e eu fomos até a Praça XV, onde eu tinha trancado a minha *bike* de verde neon, e para onde o Professor Doutor Frederico, depois de ficar na Léilo Gomes tirando fotos da correria e do gás, foi nos encontrar

Professor Doutor Frederico é branco, da classe média e tem lembranças pessoais dos anos de chumbo. Ele também estava presente em muitos atos desde pelo menos dia 20 de junho de 2013, e tem uma visão bastante complexa da repressão (e de voltas e tempo e origens e frases sem fim e...)

Quando se juntou à gente, Professor Doutor Frederico confessou que, em certos momentos, ele queria se juntar ao *Black Bloc*.

Voltamos para a Avenida Rio Branco recém-renovada

(ecoando Faulkner, eu diria que ninguém pode andar pelo centro do Rio sem, mesmo sem saber, ser assombradx pelo fantasma de Francisco Pereira Passos, o primeiro a "revitalizar" aquela porra)

e descemos no sentido da Cinelândia, onde soubemos que o ato estava sendo retomado. Mas começamos a ouvir bombas estourando desde a altura do Largo da Carioca e ver plumas de gás chegando mais grossas e mais de perto, e pessoas correndo mais rápido e em números maiores. Resolvemos voltar para nossas casas.

11. Desculpas olímpicas

8 de agosto de 2016
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido

Bom. Pelo menos foi Rafaela que ganhou a primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos do Rio do Ano Que Veio Para Ficar.

[95] No original, "The past isn't dead. It's not even past."

Não digo que sua vitória no judô no terceiro dia completo dos Olimpíadas teria conseguido juntar o país ou a cidade,

já que, apesar da escala cada vez mais mega das proclamações de uma preparação olímpica vindo dos governos municipal, estadual e nacional, e a determinação com que cada um desses governos se esforçava para ostentar seu poder bélico

(ou talvez pelo contraste entre essas proclamações, esse poder bélico e as múltiplas e cada vez mais pronunciadas crises pairadas pelo Brasil e pelo Rio),

tanto o país quanto a cidade pareciam se perceber cada vez mais minúsculos.

Além do mais, qualquer junção da cidade ou do país já não seria muito possível porque um cansaço generalizado já tinha se instalado por quase toda parte;
porque quem já tinha se adentrado no Sonho da Cidade Olímpica provavelmente não precisava de medalhas para se manter lá;
porque quem apoiou o ato de três dias antes não iria mudar de ideia só pela conquista de Rafaela Silva, e nem pela explosão de manchetes das capas dos jornais que se esforçavam para fazer dela a nova efígie nacional por excelência

OURO QUE VEM DA CIDADE DE DEUS
(*O GLOBO*, 9 de agosto de 2016)

O BRASIL QUE NÃO FOGE A LUTA
(*EXTRA*, 9 de agosto de 2016)

Mas sem duvida, mesmo sem efetivar alguma junção mágica da cidade ou país ou seja o que for, as articulações da trajetória que levou Rafaela à vitória teria levado muitas pessoas para dentro do Sonho, e sua medalha de ouro reverberou por toda parte. Rafaela parecia oferecer infinitas interpretações para fortalecer qualquer sonho; se destacou não apenas pela medalha em si, mas porque a sua vitória virou um alvo fácil para enésimas analogias e metáforas. Negra e pobre, nascida e criada na Cidade de Deus, reservista da Marinha, lésbica assumida e com namorada de longo prazo, batalhadora que tinha sido desqualificada nas olimpíadas de 2012 por um golpe ilegal

(olha a metáfora barata aí!)

vítima de constante racismo de torcedorxs e da grande mídia, a judoca campeã parecia apresentar uma oportunidade para quase qualquer tendência ideológica colar na sua história, sua figura, sua medalha de ouro ou seu corpo.

SOMOS TODOS SILVA
(Globoesporte.com/ponatpe10.com/cidadecopacabana.com)
(e várias outras fontes por aí)

Como no Caso do Amarildo, a tentação de todo mundo se ver representado na Rafaela foi forte; a sua conquista seria representação generalizada do potencial do País, mas toda a história e a contramemória carregada por seu corpo

específico só passaram a ser consideradxs universais a partir da sua medalha de ouro. Como Caito postou em uma das redes que se dizem sociais:

> [O] cavalo de troia da olimpíada são essas histórias de superação...ignorando as trajetórias de vida de milhares de pessoas removidas, mortas, tudo feito assim pq sabiam que a gente ia acabar consumindo, pq as histórias são mesmo lindas. (CAITO, postagem de Facebook, 9 de agosto de 2016)

Aliás, horas depois de Rafaela ser consagrada como campeã mundial, a Cidade de Deus "pacificada" foi novamente assolada por tiroteios, sublinhando a excepcionalidade da conquista da judoca e as forças perenemente ativas que não apenas impedem vitórias pessoais como agem para esmagar toda a comunidade de onde Rafaela vem.

(imagem roubada de algum canto da internet)

Enquanto as manchetes do Brasil proclamavam que aqui seria uma nação de Rafaelas, seu quase-xará Rafael Braga**,** preso pela segunda vez sob a acusação de associação a trafico, não atraiu quase nenhuma atenção, e muito menos exaltação, na grande mídia. Dentro do Sonho, a sua prisão não seria exemplo da irrestrita repressão que também chega atirando na Cidade de Deus

e em tantas outras favelas pela cidade

mas de uma suposta falta de perseverança pessoal.

Aliás, xs organizadorxs da campanha pela libertação de Rafael Braga têm enfatizado sempre que

somos todos defensores de Rafael Braga

universalizando a causa sem apagar a forma específica que o racismo estrutural tem agido contra o catador de lixo; ou seja, sem apagar as características especificas do seu corpo.

```
o ano novo veio pra acertar:
com invasão, prisão e caveirão, pra variar.
as armas que atiram miram em pacificar.
o ano novo veio pra acertar.
```

O Sonho de uma Cidade Olímpica até celebra os corpos que conseguem avançar apesar dos impedimentos que o mantêm. Aliás, como notou Caito, esses sucessos acabam alimentando o Sonho como combustível; a quase-impossibilidade que tanta destaca os corpos declarados vitoriosos serve também para assegurar o apagamento de tantos outros corpos.

13 de agosto de 2016
Barra da Tijuca

Nesse sábado, dia 13 de agosto, o evento "Vila Autódromo ocupa Olimpíada" estava marcado para a tarde na favela do mesmo nome da Zona Oeste, estabelecida nos anos 1980, que já tinha virado uma das principais campos de batalha do Sonho da Cidade Olímpica desde a escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos.

> [G]rande parte dos moradores possui documento de concessão real de uso pelo poder público estadual, dificultando as ações de remoção violenta.
> (COMITÊ 2013, p. 25)

Mas como o Sonho de uma Cidade Olímpica se espalhava em parte por atos que estabeleceram exceções legais para qualquer iniciativa supostamente a serviço dos Jogos, e em outra parte por ações que simplesmente ignoravam precedentes legais, a Vila Autódromo continuou sendo alvo das preparações físicas que seriam alegadas como necessárias para que os Jogos se instalassem com sucesso.

Nada disso era novidade:

> Em 1992, a comunidade sofreu sua primeira ameaça de remoção. A Procuradoria Municipal alegava que a Vila causava dano estético e ambiental à paisagem...a partir do momento que o Rio de Janeiro foi eleito para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 que as ameaças a permanência da Vila Autódromo ficaram ainda mais constantes. Primeiramente, aquela área deveria ser ocupada por um Centro da Mídia. Uma vez alterado o projeto, com a realização de um concurso internacional, a região do Autódromo abrigará o Parque Olímpico....Refutadas as razões e mediações apontadas originalmente pela Prefeitura, a construção de uma controversa ligação entre os BRT's TransOlímpico e TransCarioca que não estava no projeto original é o mais novo motivo para a remoção da Vila Autódromo.
> (FAULHABER, p. 88-9)

Mas todo mundo já sabia que o Sonho Olímpico não nasceu espontaneamente com a aprovação do projeto para sediar os Jogos no Rio de Janeiro, com a idealização inicial daquele projeto ou com qualquer outro ponto cronologicamente fixável. E todo mundo sabia também que, além de pairar por

aí muito antes dos Jogos, o Sonho pretendia se estender para muito além da própria Olimpíada.

> **Esse negócio da Olimpíada é sensacional pra se usar como desculpa pra tudo.**
> (PAES apud *FOLHA TV*, vídeo, 1:07)

Na Vila Autódromo, as ditas mudanças e melhoramentos olímpicxs se resumiram na prolongada destruição da comunidade para alimentar o Sonho. Das mais de 500 famílias que moravam lá em 2009

(ou mais de 700 famílias, dependendo da fonte)

apenas 11 restavam até esse dia de Ocupa Olimpíada.

Para ir à Vila Autódromo, tentei me juntar a alguns grupos de amigxs que estava indo, mas como eu tive que passar pela Praça XV de tarde

(para emprestar uma camiseta da campanha pela liberdade de Rafael Braga a Karlla, amiga DJ que iria tocar em um dos palcos oficiais do Boulevard e queria fazer um pequeno protesto visual),

todo mundo já tinha chegado lá, ou pelo menos já estava a caminho quando parti do Centro. Acionei a metodologia-solidão

já bastante internalizada depois de mais de uma semana inteira dos Jogos

e peguei um Uber-pool

(serviço do aplicativo de carona compartilhada)

que oferecia uma promoção olímpica de R$25 por pessoa de qualquer lugar da cidade até o Parque Olímpico, principal sede dos Jogos

> onde foram disputadas 16 modalidades olímpicas (basquetebol, judô, taekwondo, luta-livre, luta greco-romana, handebol, tênis, ciclismo (pista), polo aquático, natação, nado sincronizado, ginástica artística, ginástica rítmica e ginástica de trampolim, esgrima e saltos ornamentais)...
> (PREFEITURA DO RIO 2017b, "Parque Olímpico")

Depois de circular algumas vezes pela Lapa, o motorista desistiu de procurar outrxs passageirxs e resolveu me levar direto para Barra. Fomos em silêncio completo, sem nem música tocando na rádio, o que acabou reforçando mais ainda a metodologia-solidão; só lembro da gente ter conversado no fim da viagem, quando concordamos que, por nossa relativa proximidade ao Parque Olímpico, e pelo engarrafamento cada vez mais entupido pela frente, eu deveria desembarcar.

Algo da caminhada até o Parque me fez sentir um *déjà-vu* meio invertido, de estar dentro de uma imagem já visto. Poderia ter sido pela combinação do tamanho e iluminação mega-exagerados do Parque Olímpico com a empolgação palpável das multidões andando em uma única direção. Ou poderia

ter alguma coisa a ver com as piscinas de treino que ficavam plenamente visíveis desde a rua, onde nadadoras sincronizadas pareciam suas coreografias em um *looping* permanente. De qualquer forma, algo da escala e do implícito esportismo me lembrava dos missionários perpetuamente presentes do lado de fora de Fenway Park, em Boston

(estádio de beisebol do meu querido Red Sox),

que seguravam enormes placas, ameaçando todo mundo com eterno castigo, e também um enorme quadro com um desenho de uma procissão, aparentemente sem fim, de pessoas caminhando, aparentemente sem saber, para as chamas do inferno.

Mas deu para entender que, aqui e agora, entre as bandeiras, camisas, jaquetas e bonés estampadas em cores nacionais do mundo inteiro

(a minha impressão bastante superficial foi que a maior parte dxs torcedorxs era de brasileirxs ou estadunidenses),

entre os berros e hinos nacionais e a energia cada vez mais pulsante, o meu corpo seria um dos poucos naquela aglomeração que sentia que esse Sonho Olímpico teria qualquer lado infernal.

Talvez numa tentativa semi-consciente de comprovar para mim mesmo de que esse sentimento teria alguma base, ou então numa continuação pseudo-intencional da minha metodologia-solidão, consegui me perder totalmente a caminho para a Vila Autódromo. Sem sentir que eu poderia perguntar axs seguranças e muito menos axs policiais e soldadxs ao redor dos estádios como chegar na comunidade, segui na direção que me parecia ser certa, passando por cada vez menos espectadorxs e cada vez mais atletas que andavam em pequenos bandos uniformizados

(Republica Tcheca, Reino Unido, Alemanha;
só lembro de ter visto uniformes do primeiro mundo).

Passei pelos enormes quadros da Vila dos Atletas, onde certos países anunciaram sua presença em letras enormes que dominavam blocos inteiros de prédios

RUSSIA

enquanto outros se mostravam por bandeiras penduradas pelas janelas

(Trinidad e Tobago, se não me engano, e se pá Cazaquistão)

e outros ditos super-poderes se esconderam por inteiro

ou, pelo menos, não estavam visíveis da estrada.

Foi só depois de andar uns quatro quilômetros, mandar dezenas de mensagens no WhatsApp para pelo menos quatro amigxs que não responderam, deixar o

Parque dos Atletas para trás, continuar andando pela Avenida que aparentemente se chama Salvador Allende

(as possíveis metáforas são tantas que nem vou tentar escolher uma)

até que qualquer coisa parecida com uma calçada de pedestres sumiu e, finalmente, me dar de frente com uma enorme capivara se adentrando numa galeria de águas pluviais que entendi que eu definitivamente estava no caminho errado.

(Tentei tirar uma foto da capivara; infelizmente, não saiu bem).

Voltei os quase quatro quilômetros; acho que logo depois que passei mais uma vez pelo complexo da Vila dos Atletas, alguma das pelo menos quatro pessoas para quem eu tinha mandado mensagens mais que uma hora antes finalmente respondeu, avisando que um pequeno grupo de moradorxs da Vila Autódromo e ativistas não-moradorxs estava na frente do Parque Olímpico com faixas

#CALAMIDADEOLÍMPICA

TERRORISTA É O ESTADO

JOGOS DA EXCLUSÃO

O grupo aparentemente estava lá durante uma hora, mas voltava logo depois para o que restou da Vila Autódromo. Pelo visto, eu tinha passado batido pelo local antes de me perder pela Avenida Salvador Allende: uma pequena via única formava um tipo de enclave dentro do estacionamento do Parque Olímpico, com umas vinte pequenas casas brancas, todas idênticas, montadas nos dois lados.

> Em agosto de 2013, as vielas da comunidade Vila Autódromo eram tomadas por um emaranhado de casas, enquanto o vizinho Parque Olímpico, na Barra, não passava de um descampado. Passados 26 meses, as arenas esportivas estão em fase de conclusão, e boa parte dos barracos... foi demolida pela prefeitura. Até agora, cerca de 83% das 700 famílias deixaram a favela.
> (MAGALHÃES in *O GLOBO*, 25 de outubro de 2015)

Ao longo dos últimos anos, a Prefeitura chegou na Vila com uma combinação incessante de ameaças e promessas, alternando entre ofertas de novas casas ou até indenizações milionários; avisos de que qualquer casa da comunidade poderia ser derrubada a qualquer hora, com ou sem notificação prévia; e declarações

principalmente à imprensa, especialmente nos casos em que houvesse alguma presença internacional

de que ninguém teria que deixar a comunidade contra a sua vontade.

> Quem ainda mora lá recebeu a garantia da Prefeitura de que poderia permanecer,

> mas também já se acostumou a interferências no dia a dia. Representantes das cerca de 60 famílias se dizem "sufocados" pelo descaso e acusam a Prefeitura de degradar a Vila Autódromo propositalmente, para forçar a saída de quem resistiu. (MELLO in *O GLOBO*, 5 de fevereiro de 2016)

(Isso em fevereiro do Ano Que Veio Para Ficar. Mais 49 famílias teriam saído até agosto, quando tudo que restou foram aquelas 20 casas "garantidas" pela prefeitura[96]).

De tão descaradamente desonesto, arbitrário e resolvidamente cruel que o processo de remoção foi, de tão organizadxs que foram xs moradorxs e de tão ligado que ficava o destino da comunidade ao implacável avanço do Sonho de uma Cidade Olímpica, a Vila Autódromo virou outra espécie de Causa

com "C" maiúsculo.

Como o desaparecimento do Amarildo e a prisão quase perpetua do Rafael Braga, a saga da Vila Autódromo virou exemplo-mor dos excessos violentos do Sonho que acabou atraindo ativistas da cidade inteira, além de pesquisadorxs e simpatizantes de diversos partes do Brasil e do mundo.

(Me coloco meio por dentro e meio entre essas últimas categorias; olha eu aqui de novo. Aliás, o fato de eu fazer o percurso, em um dia, de entregar uma camisa da campanha do Rafael Braga para depois ir na Vila Autódromo seria uma boa síntese do ativismo mais visível da época).

O que restou da Vila ficou a algumas centenas de metros de distância do Estádio mais mega do Parque Olímpico**.** O "Ocupa Olimpíada" na favela contava com exibições em um pequeno "Museu das Remoções" sobre processos vividos por moradorxs da Vila Autódromo e pessoas expulsas de outras comunidades do Rio; um pequeno café ao ar livre que vendia espetos de churrasco e fatias de bolo; e um sarau de poesia, música e curtas cenas teatrais realizada por moradorxs em frente e em cima da laje de uma das pequenas casas brancas, designada

ESPAÇO CULTURAL SR. HIPPIE

Lembrei das outras duas ou três vezes que eu tinha ido na Vila Autódromo

(primeiro em novembro de 2012 e mais recentemente em março deste mesmo Ano Que Veio Para Ficar)

quando a comunidade ainda era uma coletânea de casas coloridas e não-idênticas juntadas por estradas de terra e espaços verdes, um campo de futebol, uma igreja em que algumas famílias moravam depois que suas casas foram destruídas. Acompanhei bem de longe e bastante seletivamente todo o

[96] Vê: GERAQUE, Eduardo. "Após resistência, moradores da Vila Autódromo recebem casas no Rio". Folha de São Paulo, 1 de agosto de 2016. http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1797472-apos-resistencia-moradores-da-vila-autodromo-recebem-casas-no-rio.shtml Acesso em: 30 de agosto de 2017

processo das remoções, das promessas descumpridas, do determinado apagamento que se afiava ao longo dos anos.

A trajetória da Vila Autódromo é muito mais importante que minhas andanças para conseguir chegar lá durante os Jogos; mais importante que qualquer síntese que eu poderia fazer do pouquíssimo que sei da resistência de quem morava lá

(e dos poucos casos de quem ainda mora)

frente à destruição literal e física das suas casas, seus pertences, sua comunidade; muito mais importante que qualquer colocação que eu poderia compor para situar a Vila em relação a um Sonho que eu tenho articulado muito confortavelmente enquanto morava em alguns apartamentos diferentes, sem nunca ter sido ameaçado por remoção.

A persistência e resistência da Vila Autódromo importa muito mais de que a superação da Rafaela, muito mais de que qualquer significação atribuída a qualquer medalha de ouro. As 20 casas brancas pequenas, uniformes e construídas às pressas testemunham tanto as histórias que vieram antes quanto a forma com qual essas histórias chegaram a ser tiradas e derrubadas.

> Aqui ninguém olha para o passado. Deixamos de ser a capital, não nos deram nada? Que pena...Mas não vamos perder mais tempo com essas discussões.
> (PAES apud *VEJA* 2009, p. 240)

Já não se surpreende com a hipocrisia de um prefeito, que se esforçou para invocar seu predecessor de mais de cem anos antes, em classificar o Rio de Janeiro como uma cidade que nem liga para seu passado, que classifica memória como uma perda de tempo. Mas também não dá para imaginar que seria tão fácil desviar o olhar do legado do Sonho Olímpico bastante personalizado deste prefeito, um legado de derrubar e apagar e de lucrar com a destruição, um legado de calamidade manufaturada e estimulado.

20 de agosto de 2016
Rua Sacadura Cabral 183, Gamboa

Olha eu aqui de novo.

Vim ao Boulevard nesta penúltima noite dos Jogos querendo me juntar com o ato da #FomeDeViver, campanha contra violência policial

> **COM QUANTOS CORPOS**
> **NEGROS E FAVELADOS**
> **SE FAZ UMA [OLIMPÍADA] ?**

(a palavra "olimpíada" foi representada por aros olímpicos na faixa principal do ato). Mas eu estava tão desatualizado sobre os Jogos em si que nem notei que o ato estava marcado para coincidir com o último jogo de futebol olímpico, e que esse jogo seria da Seleção contra Alemanha, uma oportunidade de efetivar uma certa

vingança bem morna e incompleta do 7 X 1 de dois anos antes. Assim, toda a expansão do Boulevard estava mega-cheia, principalmente ao redor dos telões na Praça Mauá onde, pelo que entendi depois, o ato da #FomeDeViver estava acontecendo. Depois de algumas mal-sucedidas tentativas de me adentrar por ali, desisti e me arrastei pelo resto do Boulevard, prestando semi-atenção nos gigantescos cruzeiros atracados no cais

(um dos quais hospedava os times de basquete olímpico dos Estados Unidos);

nas *selfies* aparentemente obrigatórias sendo tiradas em frente ao grafite "Etnias"; no baile charme prestes a rolar em uma das armazéns. Peguei minha *bike*, trancada em alguma esquina que não lembro mais, e comecei a seguir rumo ao Rio Comprido.

Parei no lado não-gentrificado da Rua Sacadura Cabral

ou pelo menos o lado menos gentrificado; isto é, o lado sentido Gamboa, depois da bifurcação da Rua Camerino. O lado sentido Saúde/Centro já estava cheia de boates chiques faz tempo, enquanto a Zona Portuária dita cada vez mais Maravilha já estava rapidamente se tornando numa espécie de destino noturno mais controlado e menos voltado à rua de que a Lapa.

Entrei no primeiro bar que achei para comer um salgado de queijo minas e tomar uma Caracu

(uma cerveja escura clássica, nada hipster *por si só, mas que acaba virando bastante hipsterificada na hora de eu tomar).*

O jogo continuava empatado, e os pênaltis estavam prestes a começar. Boa parte do bar já estava em pé; sentei numa mesa e abri meu caderno para fazer anotações sobre o processo,

um instinto tão relacionado ao meu cansaço com todo o Sonho Olímpico de que com qualquer vontade de pesquisar. Fazer isso me separou de todo mundo no bar, mas desde que eu cheguei, senti claramente que ninguém estava nem aí para qualquer coisa fora do jogo.

Entre os gritos dos torcedores

(todos aparentemente homens cis, que xingavam um jogador alemão negro bem entusiasticamente),

a crescente tensão e a eventual explosão de felicidade que acompanhava o pênalti decisivo do Neymar

(ecoada por explosões literais por toda a região, que me pareciam ser fogos de artifício vindo da Praça Mauá e da Providência),

não senti que eu não estava vendo nada disso pela primeira vez.

12. Nada deve parecer impossível de piorar

30 de outubro de 2016
Cinelândia, Centro

Eu estava indo para Cinelândia assistir a apuração dos resultados do segundo turno da eleição de prefeito junto com a galera que fecha com Marcelo Freixo,

(perpétua esperança encarnada de uma certa esquerda carioca e/ou nacional)

para ver se, depois de ser derrotado por Eduardo Paes logo no primeiro turno de 2012,

que o então prefeito ganhou com quase 65% do voto,

o candidato do PSOL teria mais sorte contra Marcelo Crivella, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus.

```
[Segundo] turn[o] around
Every now and then, I get a little bit nervous that the
best of all the years have gone by...
[Segundo] turn[o] around
every now and then I fall apart! (TYLER)
```

Passei o início da tarde ajudando

(muito pouco)

em um mutirão de uma okupa no Morro da Jaqueira, Complexo do Alemão, de lado de anarquistas que definitivamente não fecharam com Freixo, que não fecham com qualquer processo eleitoral institucional e que, nesse dia, estavam fechando, com barro e garrafas de vidro, as paredes do banheiro seco onde estavam enterrando sua merda

(no sentido mais literal possível).

Algumas semanas antes deste segundo turno, fotos se viralizavam no Facebook mostrando Eduardo Paes sorrindo e segurando um adesivo de Marcelo Freixo do lado de apoiadorxs alegres do candidato

todxs aparentemente brancxs e da classe média, se encaixando diretinho no estereótipo da galera que "fecha com Freixo".

Paes teria afirmado que o socialista é "melhor que o bispo".
(LARGHI in *Estado de São Paulo*, 16/10/2016)

Acompanhei aquela viralização de longe, como estava acompanhando o resto da campanha. Por um lado, o apoio inusitado do Prefeito Sonhador ao seu rival constante se espantou um pavor dos possíveis exageros de uma gestão Crivella; ao longo da campanha, se ouviu muito que

Nada deve parecer impossível de piorar

(O lema eterno do Freixo, e de boa parte de qualquer movimento associado a ele, inclusive Ocupa Carnaval e o saudoso Tatu Derrado, cita Bertolt Brecht para afirmar que

Nada deve parecer impossível de mudar).

Por outro lado, ver os sorrisos largos e quase iguais de Eduardo Paes e das pessoas que supostamente seriam seus oponentes

(em fotos tiradas num festival de cervejas importadas)

tendia a reforçar a total falta de importância que xs punks construindo o banheiro seco deram a todo o processo eleitoral.

Eleição é farsa! Não muda nada, não!
O povo organizado vai fazer revolução!

Desci o morro ainda um pouco coberto de lama e fui me perdendo pelas ladeiras daquela parte do Complexo. Assim, atrasei para chegar na Cinelândia; fui acompanhando os resultados da apuração do segundo turno no meu celular, pelo novo aplicativo do TSE e, quando esse travou, pelo Facebook. Até eu descer do ônibus no Campo de Santana, Crivella já tinha aberto uma vantagem imbatível; até eu chegar na Lapa, na esquina da Gomes Freire com Mem de Sá, sua vitoria já estava confirmada. Mais uma vez, enquanto caminhei para Cinelândia, vi boa parte da multidão saindo no outro sentido, mas hoje foi sem correria nem gás

e, até onde eu vi, sem lágrimas.

8 de novembro de 2016
Casa da Elizabeth, Flamengo

Saí de Vila Isabel por volta das 22h00, depois de um treino de capoeira nem-tão-puxado, indo de *bike* a caminho de Flamengo, para a casa da Elizabeth,

(conterrânea minha, professora concursada da UNIRIO e comunista convicta, não necessariamente nessa ordem).

Com chocolate e bourbon na minha mochila, eu estava indo para poder assistir a apuração da eleição estadunidense com alguém que já se preocupasse tanto com os possíveis resultados quanto eu.

(Estávamos preocupadxs com o que poderia vir com qualquer dos dois resultados possíveis, mas, obviamente, um desses resultados nos preocupou muito mais).

Enquanto eu passava em frente dos novos COHABs de São Carlos, algumas poucas centenas de metros antes do túnel Martins de Sá

aquele que liga Catumbi com Rua Riachuelo

umas seis ou sete crianças e adolescentes, sentadas em cima de um dos muros baixos, gritavam comigo. Soltei um

EEEII!!

e sorria até que, de repente, senti algo roçar meu braço, quase na altura do ombro, e percebi que estavam jogando pedras em mim, e provavelmente em qualquer carro ou bicicleta e talvez qualquer pedestre que passasse por ali. Fui seguindo para o túnel sem parar para conversar. Naquela hora da noite, ainda não imaginei quão grande seria a pedrada que me esperava um pouco mais pela frente.

(Olha a metáfora barata!)

Os demais detalhes daquela noite não tem importância nenhuma; basta dizer que ficamos tão atônitxs que nem chegamos a tocar na porra do bourbon e que, mais uma vez, voltei para casa sentindo que o mundo seria um tanto pior de que era antes.

A eleição nos Estados Unidos não era para ser mais de que uma nota de rodapé aqui; não era para ter tanto peso nessas paginas que fazem sua passagem pela paisagem deste ano que veio pra ficar.

A eleição nos Estados Unidos não era para figurar como mais de uma nota de rodapé nessa perambulação que pretende circular principalmente pelas ruas do Rio de Janeiro, mas aqui estamos. E estamos aqui, em parte, porque o Sonho Giulianificador se espalhou pelo planeta inteiro.

(Giuliani foi conselheiro e porta-voz psuedo-oficial de Donald Trump durante boa parte da campanha; aliás, seu apoio foi tido como conferindo uma certa seriedade à campanha na sua fase inicial).

Estamos aqui porque certas forças de um auto-declarado PROGRESSO

com "P" maiúsculo

se dirigem com determinação, teimosia e bastante violência para trás, rumo a um Passado dito Glorioso; andam lado a lado, sem necessariamente estarem de mãos dadas.

MAKE AMERICA GREAT AGAIN

QUERO MEU PAÍS DE VOLTA

As promessas de trazer de volta normas e crenças e até industrias que floresceram numa versão imaginada dos anos 1950, tal como a esperança de acordar o Brasil de um longo pesadelo de filas nos aeroportos, se sustentam por encorajar a volta de uma antiga Ordem Social muito claramente delineada como branca, masculina, cristã e heterossexual.

Retomando Faulkner, é claro que essa Ordem nunca passou e que muito menos tenha morrido. Mas agora assumiu toda a força de uma ressaca especialmente braba, trazendo as inevitáveis consequências do recente passado bem para a frente.

Enquanto algumas milhões de pessoas acreditam que estão voltando a sonhar após longos pesadelos, que o poder dos seus votos pode fazer reviver fantasmas de décadas passadas, muitas outras aconselham que agora seria a hora da gente se acordar para ocupar, resistir ou seja o que for. Mas não imagino que resistir, estar acordadx ou estar alertx significa deixar de sonhar, da mesma maneira que tomar coragem não significa deixar de ser assombradx.

Não prezo a sonhos em cores do arco-íris, nem muito menos a sonhos removidos de corpos e ruas, de ações concretas que se arrastam pelo asfalto e pelos paralelepípedos e por outros tantos caminhos. Ao contrário: penso que essas ações são tanto substância quanto resultado dos sonhos das cidades em que sempre estamos nos trombando e que nós mesmxs construímos.

13. Embotando janelas quebradas

21 de agosto de 2016
Boulevard Olímpico, Zona Portuária

Perambulo sozinho pelo Boulevard na última noite dos Jogos.

O fantasma de Francisco Pereira Passos pode até estar presente; provavelmente está, mas não sou eu que o invoco nesse exato momento.

Por todo lado, esse Rio de Janeiro que Sonha em Ser Olímpico
se enfeita, se marca para mostrar como teria virado um destino mundial por excelência, para comprovar seu caráter altamente internacional.
O jogo de se juntar às marcas
de ser marcadx por marcas
ou, mais dificilmente, de deixar sua própria marca sobre essas marcas
continua a todo vapor.

Nesse jogo, é claro, a cidade em si seria a marca principal.

Além da escala esforçadamente mega das atividades patrocinadas pelas maiores marcas do planeta, há outros esforços que se dizem tão internacionais quanto, mesmo operando em escalas bem menores

(mas ainda autorizadas):

ao longo do Boulevard, *food trucks* vendem comidas ditas típicas de lugares ditos exóticos

(por serem colocados assim, em inglês, os food trucks *negam, implicitamente, qualquer semelhança com o tradicional podrex, mesmo quando brincam de apropriá-lo):*

desde os tacos do México

às batatas fritas da Bélgica
ao sorvete dos Estados Unidos
e a uma pizza que se esforça a se proclamar italiana.

Nota de rodapé anti-metodológica

No outro lado do Boulevard,
um food truck *posto na Praça XV*
se descreve simplesmente como Subúrbio;
Em meu zelo por me estabelecer como sendo um observador
que mostra seu engajamento por não participar ativamente com os ditos destaques do
Boulevard, não gasto nenhum dinheiro nessas perambulações.
Sendo assim, não provo a comida de nenhum desses food trucks.
Nem chego a averiguar qual seria o cardápio de um food truck *suburbano-chique.*
Além do meu vegetarianismo, isso se deve a um cansaço e a uma revolta
que nunca se diriam metodológicxs mas que, sem dúvida, são componentes cruciais da
minha pesquisa.

Dentro desse esforço para se marcar, desse *marketing* em que a cidade abrange o mundo inteiro, o lado avesso

mas igualmente importante

seria mostrar o mundo inteiro sendo marcado pela Cidade que Sonha em Ser Olímpica.

Em outra jogada clássica de sinédoque, tanto vale marcar a parte pelo todo ou o todo pela parte. Assim, não é só que o Rio de Janeiro seria o mundo inteiro; o mundo inteiro também estaria se tornando no Rio de Janeiro.

Esse sentimento se proclama em gritos florescentes a uns poucos metros da antiga Casarão Azul, onde um quiosque literalmente eletrificado e iluminado do jornal *O Globo* promete colocar

VOCÊ NA CAPA

sob a manchete

O mundo todo é carioca
O mundo todo é carioca
O mundo todo é carioca

Ser carioca, nesse caso, junta a identidade ao consumo. Pertencer à Cidade que Sonha em Ser Olímpica exige um *buy-in*, uma vontade de consumir que teria menos a ver com comprar produtos específicos e mais com aceitar o especulativismo que se ostenta ao longo do Boulevard: aceitar a possibilidade de tudo isso render, e render muito; aceitar uma *passabilidade* carregada por corpos individuais e, além do mais, aceitar um poder de esquecimento ou de uma falta de curiosidade sobre as pessoas-caco,

cariocas, na sua grande maioria,

que teriam sido escondidas ou apagadas para que o Sonho pudesse seguir.

Ressaltando aqui que a minha branquitude gringa e/ou gringuice branca faz com que eu possa me colocar muito facilmente dentro do Sonho sem nenhuma tentativa por parte de nenhuma autoridade de me tirar. Ou seja: faço parte deste "todo mundo" que está liberado a consumir a carioquice.

É claro que o espaço físico deste pertencimento-sonho carioca não abrange a cidade inteira. Ele não se restringe completamente ao Boulevard da Zona Portuária, nem aos demais espaços oficializados para os Jogos e pelos Jogos, mas se dissipa facilmente com simples deslocamentos, como a minha deriva perdida à procura da Vila Autódromo.

Por aqui, nem precisa andar tanto: a alguns poucos metros para fora do Boulevard e para dentro deste Porto dito Maravilha, boa parte das ruas, se não a maioria, se encontram impassíveis, cheias de entulho, de lixo, de canos quebrados boiando por entre poços de água e esgoto.

Mesmo que o entulho e o esgoto não acabem de vez com o Sonho, eles reforçam como as fachadas que formam uma espécie de fronteira entre a Cidade Que Sonha em ser Olímpica e o Rio de Janeiro que esse Sonho se esforça tanto para tapar, expulsar ou apagar são capengas. Por trás do

Boulevard, ou mesmo dentro do Boulevard – alias, por toda a cidade – ainda dá para sentir uma poeira assombradora. E nem é preciso saber nomear essa poeira para senti-la

> Quanto menos você fala com os cariocas, como são conhecidos os nativos do Rio, mais você desfrutará deste lugar.[97] (SEGAL, *New York Times*, 10 de agosto de 2016)

O conselho do *New York Times* é tão preciso quando escrotamente esdrúxulo. Porque, de fato, a Cidade que Sonha em Ser Olímpica também sonha em apagar qualquer traço que poderia abafar as suas ambições.

```
o ano novo veio pra ficar
e a coisa já tá dura; imagine se durar...
o ano novo veio pra ficar
```

[97] No original, “The less you speak to Cariocas, as natives of Rio are known, the more you will enjoy this place”.

Quinta perambulação: Outros tantos sonhos

Na verdade, não precisa acreditar na crítica.
Não precisa analisar logística.
Toda cidade vai ficar turística,
polícia violenta vai ditar política.

Mística, tem uma força me esticando.
Mística, vai ficar sinistra.
Calamidade toma conta da cidade,
tem buzu pegando fogo,
o jogo da atrocidade

- BaianaSystem, "Dia da Caça"

1. Passageiro

10 de julho de 2017
Rua Carlos de Carvalho, Centro, Rio de Janeiro

Mas que sonhar acontece, acontece. Até demais.

A essa altura, cito a mim mesmo.

Olha eu aqui de novo. Olha nós.

A essa altura, queria te contar um dos meus sonhos recorrentes.

Sei que ninguém está nem aí para ouvir os sonhos dxs outrxs, mas, mesmo empurrando a minha identidade rodapé para as margens (ou, de repente, de estar elevando minhas notas de rodapé para cima), não sei se consigo me desconstruir até o ponto de realmente me entender como sendo Outrx.

Eu gostaria de contar sobre um sonho recorrente minimamente interessante, um sonho recorrente flâneur, um sonho sujo como tanto ando defendendo por aí.

Mas a verdade é que sonho, antes de mais nada, com aeroportos, e de estar meio perdido entre origem e destino. Eu até poderia romantizar esse sonho dizendo que se trata de um sonho de um viajante, de um errante navegante ou algo caetanamente bonito assim. Talvez não deixe de ser. Mas tendo a pensar que é só um Sonho Passageiro.

Ou seja: sonho em estar entre caminhos, entre atos; sonho em estar entre espaços, sem estar dentro de nenhuma cidade propriamente dita. Sonho, augeanamente, com o Aeroporto, o *não-lugar* por excelência.

Ou seja: até na porra dos meus sonhos, mesmo sem querer, acabo quase seguindo aquele conselho de *New York Times* durante as Olimpíadas, o de não

falar com nativos para poder desfrutar melhor a cidade. Aliás, no caso desses sonhos recorrentes de aeroportos

(ou de sonhos de aeroportos recorrentes),

falar com xs habitantes nativxs seria impossível, porque nem existem habitantes. Só que nunca consigo desfrutar desses sonhos. Eles me assombram, mas não chegam a ser pesadelos. Não são sonhos-fantasma e nem sonhos com fantasmas; são sonhos de lugares tão passageiros que quase não têm fantasmas, lugares em que todos os corpos se apressam para se ausentar, para sair, para viajar, para terminar a sua jornada.

Não quero pensar que sou próprio desses sonhos, próprio dessa negação; que eu seria um corpo sempre apressado, querendo chegar em algum outro lugar sem poder se concentrar no lugar onde se encontra. Espero que esse não seja o resumo da minha história. Aliás, não acredito que qualquer sonho tenha uma interpretação única; cabe esperar, assim, que as analises que eu já afixei nesses sonhos não sejam asfixiantes, que não sejam absolutas, que não privem meus sonhos de outras interpretações possíveis. Mas sei que meu corpo flutua bastante em um certo estado-sonho passageiro, que é muito bem capacitado e acostumado a ser levado sem ter que levar nada e nem ninguém, a passar por aí sem ter que se adentrar.

15 de maio de 2015
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido

Na madrugada, mataram dois caras ao lado de onde morava no Rio Comprido: Ramon Moura Oliveira e Rodrigo Lourenço, dois moto-taxistas de São Carlos, com 22 e 29 anos. No mesmo dia, João Vitor Petrato Gomes, outro moto-taxista, de 15 anos, e Ysmailon da Luz Alves Santos, camelô de 21 anos, foram mortos por tiros, também em São Carlos, por balas supostamente “perdidas”.

> De acordo com moradores e familiares, Rodrigo e Ramon teriam sido abordados por homens do Batalhão de Operações Especiais (Bope) durante a noite desta quinta- feira, 14, quando deixaram um campo de futebol na favela, e foram mortos a facadas. Os corpos foram encontrados em uma vala no alto da comunidade, para onde teriam sido arrastados pelos policiais.
> (BACELAR 2015 in *ESTADO DE SÃO PAULO*, 15/5/15)

O clima nas favelas em torno do Rio Comprido ficou cada vez mais tenso ao longo de 2015, e os registros de moradorxes assassinadxs por policiais das UPPs da região foram constantes. Mas a madrugada do dia 14 para o dia 15 de maio foi pior, por causa da quantidade de gente morta, da idade de João Vitor, das mortes com facadas e à presença do BOPE. Imagens dos corpos de Ramon e Rodrigo circulavam por Facebook e WhatsApp, mas a mídia tradicional seguiu suas normas, escolhendo focar na reação de moradorxs revoltadxs

> **Moradores do Morro de São Carlos, no Estácio, incendeiam ônibus** (*ibid*)

Eu não sabia nada disso quando acordei de manhã cedo e vi que a internet não estava pegando em casa.

Olha eu aqui de novo.

Por volta das 9h, senti um cheiro forte de borracha queimada, ouvi sirenes bem perto de casa e fiquei pensando que, talvez, eu teria que sair correndo, ainda de cueca. Pensei que poderia ser um incêndio dentro do prédio onde eu morava, e comecei a fazer uma lista mental de tudo que eu levaria comigo, caso eu tivesse que vazar de repente

(computador, HD externo, bichos de pelúcia, passaporte, whisky...)

Só fiquei sabendo de toda a merda que estava rolando quando a internet finalmente voltou

(neste dia, o 3G também não estava pegando em casa)

e vi que a Violeta tinha me marcado em um aviso para amigxs que moravam na região

> Aí rapeizi, bicho peganu nazarea do long river! Se liga! …**Raphi,** já nasceu ligado, né? (FACEBOOK, 14 de maio de 2015; conta particular, faça amizade com Violeta se estiver a fim de conferir)

(Em certos circuitos e certas circunstâncias, tenho uma certa reputação de antenado, se não necessariamente de esperto, de estar ciente de vários movimentos da cidade. Isso porque frequento atos e shows e performances, porque sou pesquisador/artista de rua/ciclista convicta e coisa e tal. Mas vale ressaltar que, nesse caso, eu estava de cueca, tomando uma segunda ou terceira caneca de chá, tentando fazer o primeiro capitulo da minha tese de doutorado avançar, sem saber bulhufas das coisas que estavam acontecendo a pouco mais de 100 metros de onde eu morava).

> Um ato de moradores em um dos acessos da favela foi dispersado com bombas de gás lacrimogêneo. Os artefatos foram lançados em frente a uma creche, onde estudam bebês e crianças até três anos de idade. Por causa do ocorrido, pais compareciam à unidade para buscar seus filhos por volta de 11h desta sexta-feira. (BACELAR 2015, in *ESTADO DE SÃO PAULO*)

De fato, mesmo depois de saber da situação, e independente de eu estar ligado ou não, tudo o que estava passando – as quatro pessoas assassinadas; os ônibus queimados na Rua do Estácio e na Rua Campos da Paz, logo atrás do meu prédio; o comércio fechado em volta no Estácio, em boa parte do Catumbi e ao redor da Praça Condessa Paulo de Frontin – não chegou a fazer muita diferença no meu dia, na minha vida, no meu corpo. Escrevi algumas poucas coisas; preparei um almoço legal; tirei um cochilo e segui para um ensaio do Teatro de Operações em Santa Teresa.

Fui para Lapa de Kombi

acho que, além da confusão, tinha algum problema com a minha bicicleta, mas não lembro exatamente o que foi.

Ao longo do caminho, algumxs dxs passageirxs mostravam fotos dos corpos dos moto-taxistas assassinados a facadas, fotos que estavam circulando pelo bairro inteiro, pela cidade inteira, mas que ainda não tinham circulado em minha *timeline.* Depois de ver as fotos, o cobrador olhou pelas janelas do Kombi para as lojas fechadas ao longo da Rua do Catumbi

Aí, os cara mandaram fechar tudo.

Durante os quase três anos e meio que morei no Rio Comprido, eu fiquei sabendo de vários movimentos sem saber dos detalhes. Conheci vagamente quais favelas estavam em conflito com quais outras, mas nem cheguei a saber quais foram as alianças entre uma dada comunidade e uma dada facção, sem falar no envolvimento da polícia. Na Kombi, entendi que "os cara" seriam traficantes de São Carlos e que deram o toque de recolher, mas, àquela altura, eu não poderia explicar muito mais sobre o que tinha acontecido na noite anterior.

Quando cheguei na Lapa, encostei no muro de um prédio da Rua Gomes Freire e comecei a escrever; escrevi porque sentia que precisava fazer algo mas que, de fato, eu não era capaz de fazer nada.

(Traduzido do inglês)

Essa é a cara da "Pacificação."

Esse é o processo que era para a gente esquecer daqui a 3 dias, 10 dias, um mês, quando o comércio abre de novo e os preços do pão, da cerveja e do aluguel voltam a aumentar....

Isso é o que a polícia de elite faz, estão fazendo, vão fazer, treinaram para fazer, tem feito. (Ouvi que 15 ou 25 ou 30 anos atrás, policiais do BOPE mataram os donos do tráfico na Tavares Bastos e arrastaram os corpos pelas ruas).

Nada disso é novidade em São Carlos, no Rio Comprido, no Estácio, no Rio de Janeiro, ou seja qual for a designação do lugar; e só senti algo da gravidade da situação quando saí na rua e vi o comércio do bairro fechado. Será que meu coração é tão capitalista assim?

9 de outubro de 2015
Wall Street com Water Street, Nova York, EUA

Pelo menos em parte, foi por isso, por minha inquietação com o capitalismo embutido em meu coração,

que nunca tirei por inteiro

que fui procurar fantasmas na Wall Street.

Às 23h00 na sexta-feira, dia 9 de outubro de 2015, me juntei a mais vinte-e-tantas pessoas numa pracinha na esquina de Wall Street com Water Street,

quase à beira do East River. Uma tempestade tinha castigado Nova York com chuva fria no fim da tarde e início da noite, mas deu uma trégua algumas horas antes. Nosso pequeno grupo estava se formando para *Midnight Monuments*, um *tour* mensal de lugares ligados a histórias pouco conhecidas da cidade, principalmente histórias que tratem de repressão, de direitos humanos e de movimentos de resistência.

A maioria das vinte-e-tantas pessoas tinha entre 25 e 40 anos, era branca, e descobriu o evento através de Nonsense*, um boletim de email bastante* hipster *focado em arte experimental,* raves *e experiências urbanas inusitadas.*

Este mês, o guia convidado foi Chris Cobb, artista conceitual e historiador amador que liderou o processo de instalação de uma placa para o reconhecimento oficial da cidade de Nova York do Mercado Municipal de Escravos, que funcionou entre 1711 e 1762. Chris, homem branco de 40-e-poucos anos, explicou que, para o público sentir alguma ligação com a história de qualquer lugar, aquela história deveria ser concretizada de alguma forma.

Se a história não estiver numa placa, ela não existe.

Foi por isso que assumiu a tarefa de fazer da pracinha em frente ao 100 Wall Street, uma das propriedades mais caras daquela parte da cidade[98], um lugar de memória.

> Na Wall Street, entre Pearl Street e Water Street, um mercado que leiloava pessoas escravizadas de ascendência africana foi estabelecido através de uma lei do Cônsul Comum de 30 de novembro de 1711. Esse Mercado de Escravos funcionou até 1762. Donos que queriam alugar o trabalho de seus trabalhadores escravizados, que também incluía pessoas de ascendência indígena, também eram obrigados a usar esse local.[99]

Chris assumiu essa tarefa em parceria com o African Burial Ground *e com o* Schomburg Center*, fundação de cultura negra fundada no início do século XX. Como ele mesmo afirmou*

Não seria meu lugar, enquanto um cara branco

determinar nem a localização e nem muito menos o conteúdo da placa.

Ao longo de uma hora e meia, Chris explicou que o centro financeiro de Nova York, a área que fez da cidade um eixo de comércio mundial desde muito antes da fundação da bolsa de valores, sempre foi por aqui. A economia escravocrata

---

[98] Vê Lois Weiss, "100 Wall St.'s $275M pricetag a downtown record". New York Post, 19 de maio de 2015. http://nypost.com/2015/05/19/100-wall-st-s-275m-pricetag-a-downtown-record/. Acesso em: 30 de agosto de 2017

[99] No original, "On Wall Street, between Pearl and Water Streets, a market that auctioned enslaved people of African descent was established by a Common Council law on November 30, 1711. This Slave Market was in use until 1762. Slave owners wanting to hire out their enslaved workers, which included people of Native American ancestry, as day workers also had to do so at that location".

assegurou a centralidade de Nova York no capitalismo mundial, e suas influências ainda são bastante presentes em sua manutenção

Muitas das técnicas de gerenciamento que as pessoas usam em corporações têm raízes no gerenciamento de escravos[100].

Também nos contou uma história generalizada, mas bastante detalhada, sobre vários traços geográficos que, como no caso do *African Burial Ground* e de tantos lugares relegades a subalteridade, têm desaparecido, ou sido esquecidos e apagados à força, da cidade de Nova York. Falou da rebelião de pessoas escravizadas em 1712, ao redor do Mercado de Escravos, que começou com um incêndio e terminou com a tortura e execução pública de 21 pessoas; da "Conspiração de 1741", suposto esquema para incendiar a cidade que terminou na execução de mais de cem pessoas negras; da recente destruição de uma casa na 29th Street, alguns quilômetros para o norte, que havia servido de refúgio na *Underground Railroad*, a "ferrovia subterrânea" pela qual as pessoas fugiam da escravidão no sul do país; de Seneca Village, espécie de quilombo urbano formado por negrxs libertxs no início do século XIX, e destruído em 1857 para ceder espaço à iminente construção de Central Park.

(Esse último processo provavelmente foi conhecido por Francisco Pereira Passos; não é por acaso que é precursor quase idêntico ao destino das comunidades, majoritariamente negras, "botadas abaixo" para dar prioridade a grandiosas obras ditas "publicas").

Ao lidar com o passado dos Estados Unidos, é cada vez mais comum ouvir, de políticxs e pensadorxs brancxs e influentes, que o sistema escravocrata seria o "pecado original" do país.

(Ou pelo menos ouvir isso foi cada vez mais comum até que Trump aconteceu).

Mas os detalhes desse pecado foram perdidos ao longo dos anos, geralmente de propósito, consignados a um passado nebuloso.

> O esquecimento é um hábito, e é ainda um componente necessário do Sonho. Eles tinham esquecido a escala do roubo que os enriquecera com a escravidão; o terror que lhes permitiu, durante um século, furtar votos; a política segregacionista que lhes deu os subúrbios. Eles tinham esquecido, porque lembrar seria derrubá-los do belo Sonho e forçá-los a viver aqui embaixo conosco, aqui em baixo no mundo. (COATES 2015, p. 142)

Andar pelo sul de Manhattan com Chris, por mais que seja um processo de ativação de memória, não seria nem de longe suficiente para derrubar alguém de dentro do Sonho, como ficava cada vez mais evidente pelos questionamentos de uma menina branca, provavelmente universitária, que insistia em pontuar qualquer fala de Chris

[100] No original, "A lot of the management techniques that people have in corporations had their roots in the management of slaves".

ou de qualquer uma das poucas pessoas negras no nosso grupo, que incluía um outro guia profissional

com perguntas e observações tão sem noção quanto ofensivas

comparando, por exemplo, o massivo genocídio de pessoas africanas por poderes colonizadores aos raptos cometidos pelo IRA (Exercito Irlandês Republicano) nos anos 1970 e 1980.

Não que eu tenha tanta noção assim. Talvez eu tenha mais sensibilidade ou saiba escutar melhor. Mas fica cada vez mais claro para mim que sou passageiro, pegando carona ao lado de acontecimentos que podem até me afetar, mas que provavelmente nunca irão me atingir. Em Nova York, fui atrás de fantasmas, algo que não faço tão ativamente no Rio. Será que eu sinto que os fantasmas daqui estão por toda parte, que basta olhar pela janela da Kombi no Catumbi para me lembrar deles? Será que, por aqui, os fantasmas são mais recentes, mais imediatos, mais tangíveis?

Tanto em Nova York quanto no Rio, os fantasmas não são meus; ao mesmo tempo, não consigo me extricar deles.

2. Sonhos de corpos que não se tocam

28 de janeiro de 2016
Rua Aristides Lobo, Rio Comprido, Rio de Janeiro

Propriamente dito, não foi tentativa de assalto. Propriamente dito, não foi nada, foi um esbarro na madrugada. Aliás, ninguém nem se esbarrou em ninguém antes de eu me extricar da situação.

Voltando para casa de *bike* depois de uma noitada pré-carnaval qualquer

(não vou lembrar nem aonde e nem com quem),

peguei o caminho de sempre, andando pela contra-mão na Rua Aristides Lobo, onde, a qualquer hora, muito menos carros passam e muito mais lentamente do que na Avenida Paulo de Frontin, e que, por volta das 4h00, sempre está praticamente deserta.

Vi quatro moleques andando pela calcada em um lado da rua. Quase como se fosse em câmara lenta, saquei o momento exato em que eles me enxergaram e, logo depois, o momento em que resolveram ver qual era.

("Moleque" é uma palavra bem desconfortável de usar; é uma forma de acessar um estereótipo, um arquétipo, um entendimento coletivo e bastante problemático. Sei que, descrevendo os quatro caras como "moleques", todo mundo vai entender que eram adolescentes com pele escura que muito provavelmente moravam em alguma favela; nesse caso, estávamos do ladinho de São Carlos. Parte do desconforto vem dessa facilidade de entendimento, e parte vem por sentir que a palavra já carrega uma certa ameaça, tanto atribuída a um corpo tido como "moleque" quanto retida pelo corpo que usa a palavra para se distanciar, para se manter a parte).

Não me chama de moleque
Que moleque não sou eu
Quem me chamou de moleque
Foi Besouro Preto, já morreu

Eu não sou moleque (moleque é tu)
Eu não sou moleque (moleque é tu)

Os quatro saíram da calçada e foram para o meio da rua, bloqueando o caminho

(ou pelo menos parte do caminho);

o cara mais alto, no meio dos quatro, sinalizou com a mão para eu parar, e começou a repetir a mesma pergunta, ecoada por mais um ou dois dos outros

Ei, tu mora aonde?

Onde é que tu mora?

Tu mora aonde?

Não olhei para eles, nem parei e muito menos respondi. Acelerei e conduzi minha *bike* por entre os quatro, o que não foi tão difícil assim; Aristides Lobo é uma rua larga, e eles eram relativamente poucos. Além do mais, imaginei, depois de reparar neles reparando em mim, que eles me viram como uma oportunidade em vez de um alvo, que tinham saído para dar um rolê, sem ter uma intenção definida de assaltar alguém no caminho. A oportunidade se apresentou por vários fatores: a hora, a rua esvaziada, o fato de eu estar pedalando sozinho de capacete rosa e minissaia, o fato deles estarem em grupo e o fato de que eles deveriam estar cientes de que eu, com minha pele branquela, provavelmente estava olhando para eles como “moleques”, mesmo sem querer, e que esse olhar bastante racista estaria carregado de medo.

Acho que nem tentaram me seguir, mas não lembro bem. Sempre ando meio devagar de *bike*, mas corri durante todo o quilometro de distância que ainda restava, sem olhar para trás e, muito menos, sem avisar às poucas pessoas que vi na calçada que, mais para frente, poderia estar complicado. Cheguei em casa tremendo, mal consegui fazer a bicicleta caber dentro do elevador. Fechei os vários ferrolhos da minha porta pela primeira vez desde que me mudei para o Rio Comprido quase três anos antes. Eu estava assustado, e furioso por estar assustado. Mesmo sabendo, desde que me mudei, que a “Pacificação” que me cercava estava fazendo aquela área muito mais perigosa para muitas pessoas que sempre moraram lá, de que a polícia estava matando gente a toa e até a facadas, essa foi a primeira vez que fiquei tão visceralmente bolado, por sentir que o bairro em que eu morava poderia não ser tão seguro para meu corpo.

Olha eu aqui de novo.

Tem um velho axioma, bastante idiota, lá da gringolândia de onde eu venho:

Um conservador nada mais é do que um liberal que já sofreu um assalto.

(Lembrando que, lá na gringolândia de onde eu venho, "liberal" seria algo como "progressista"; estamos acostomadxs a usar a palavra como se fosse igual a "esquerdista", já que não estamos acostomadxs a pensar na possível existência de qualquer esquerda para muito além do Partido Democrata).

De fato, mesmo com todo meu jeitinho problematizador, me orgulho de saber que já passei por quatro ou cinco assaltos sem me tornar um conservador.

(Don't worry too much, mom).

Mas toda aquela agitação e aquele tremor de raiva e de medo me fizeram sentir muito visceralmente em que base esse axioma se funda. Aliás, esse encontro, que nem foi uma tentativa de assalto propriamente dita, esse fechamento de rua, mexeu muito mais comigo do que qualquer assalto que de fato eu já tenha passado, muito mais do que qualquer outro fechamento de rua que eu não tenha presenciado tão de perto, muito mais do que toda a violência que também me cerca sem me tocar.

10 de fevereiro de 2013
Rua Frei Caneca, Centro, Rio de Janeiro

Hoje, neste domingo de carnaval, dia 10 de fevereiro de 2013, um PM resolveu me roubar enquanto eu andava na Rua Frei Caneca por volta das 9h30.

Eu estava de ressaca e de vestido vermelho, no caminho para o Cordão do Boitatá e do Boi Tolo, blocos com diferentes graus de *hipsterismo* que, naquela época, ainda se concentravam, os dois, na Praça XV. O policial, por sua vez, estava sem nada a fazer.

(A Rua Frei Caneca estava deserta;
ou seja, fui o alvo mais conveniente justamente por ser o único alvo disponível).

Sem sair da viatura, o PM assinalou para eu me aproximar. Quando cheguei mais perto, apontou sua pistola na minha cara e me perguntou sobre o pingente de metralhadora pendurado do meu pescoço por um cordão de aço.

(Comprei o pingente em Belém, para usar numa performance feita no Círio de Nazaré em 2012 onde, vestido de anjo, saí atrás da procissão recolhendo lixo numa peneira, ao lado de um outro anjo chamado Romário e/ou Wellington, que estava juntando lixo dentro de uma rede de pesca furada. Ou seja: minha mini-metralhadora veio de um outro sonho sujo de uma outra cidade, mas que tinha tudo a ver com o carnaval do Rio).

Aliás, vou me citar mais uma vez:

> estou demorando a aprender que bagunçar é o que eu mais tenho para contribuir...
> ...nosso recolhimento não era um serviço público, nem uma limpeza e muito menos uma revisão do que a cidade tinha acabado de jogar fora. era uma

> comemoração do lixo, de como esse passado recém-descartado produz as condições para as nossas promessas se dizerem bem realizadas.
> (SOIFER 2014, p. 57)

Só que, aqui e agora, na Rua Frei Caneca deserta, neste domingo de carnaval de 2013, não achei que seria nada estratégico me citar para um policial militar com uma pistola apontada na minha cara e tentar explicar algo dos sonhos sujos das cidades que tanto me fascinam. Acabei adotando a estratégia clássica de gringo-disfarce:

(I pretended not to speak Portuguese, which was the first thing that came to mind; I told him that I didn't understand what he wanted with the stainless steel machine gun pendant around my neck).

Aí ele, ainda com a porra da arma apontada para minha cara, mostrou que era para eu passar o cordão pelo vidro aberto da viatura. Arrancou o pingente e devolveu o resto. E eu, sem saber mais o que fazer, o desejei um

Feliz carnaval

(in Portuguese)

e segui meu caminho para Praça XV e para o Boitatá e o Boi Tolo

cordões mais intactos e bem mais efervescentes que o meu de aço,

para me intoxicar com marchinhas e entorpecentes.

Obviamente, peguei bem de leve naquele nesse dia 10 de fevereiro de 2013 na Rua Frei Caneca; perdi o pingente, mas continuei dentro do sonho sujo em qual saí de casa. Mesmo assim, por mais leve que tenha pegado e por mais chapado que eu provavelmente tenha ficado

(o fato de eu não lembrar é um bom sinal de que foi isso mesmo que aconteceu),

não tive como esquecer a pequena interrupção, a pequena lembrança de que, para preservar os sonhos mais ordeiros e ordenados da cidade, vale tudo, inclusive usar armas de verdade para reprimir replicas.

Por outro lado, mesmo dentro desse sonho ordeiro, dentro desse sonho bastante giulianificado, o meu pequeno delito foi atribuído a algo que estava pendurado no meu corpo sem estar embutido nele, algo que não chegou a adentrar em mim ou de fazer de mim uma pessoa-caco. Assim, tirar o pingente do cordão já foi o suficiente; a pistola que o PM me apontou foi apenas uma amostra grátis e gratuita, prova de que essa arma eventualmente poderia ser usada, sem chegar a me ameaçar de verdade.

Mais uma vez, como sempre, meu corpo passou invicto por um sonho desses.

3. Eu, mijão

6 de fevereiro de 2016
Praça da Harmonia, Gamboa, Rio de Janeiro

Junto com mais algumas milhares de pessoas, eu estava chegando na Praça da Harmonia, no final da tarde do sábado de carnaval desse Ano Que Veio Para Ficar, meio bêbado e chapado e bastante apertado depois de várias horas seguindo as marchinhas do Prata Preta

(bloco da Gamboa cujo nome homenageia o grande líder da Revolta da Vacina de 1904,
que talvez seria o mais temido opositor de Francisco Pereira Passos, mas que também chegou a ser acusado de ser informante policial[101]).

Não lembro do número exato de banheiros químicos colocados na praça, mas imagino que não havia mais do que dois ou três. Não nego e nem confirmo que, quando andei por um lado mais deserto da praça, foi especificamente para fazer xixi; não nego nem confirmo que eu ou qualquer outra pessoa da pequena manada fantasiada que se agrupou por lá, virando as costas para a rua ou se abaixando, de cócoras, estaria mijando de fato. Só sei que, quando voltava para o meio da praça, fiz parte da maioria dessa pequena manada a ser abordada por uma outra mini-manada fantasiada com fardas da COMLURB e da Guarda Municipal. Os três fardados que me abordaram me acusavam de ser mijão, um dos principais alvos declarados do Choque de Ordem de Eduardo Paes.

Em todos os carnavais desde 2010, os grandes jornais do Rio fazem tabelas diárias dos "mijões" e das "mijonas" pegxs nas folias do dia anterior.

(Sempre com esse binarismo de gênero).

Até que ganhei um destaque entre xs acusadxs numa reportagem do dia seguinte.

> Agentes da Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop) multaram 191 pessoas que foram flagradas urinando em público nos desfiles de blocos durante o sábado de carnaval. Um estrangeiro e 23 mulheres estavam entre os "mijões". (*G1*, 2016)

(Além do binarismo de gênero, a diferenciação binária entre "estrangeiro" e "mulher", como se fossem categorias exclusivas, poderia ser comentada muito mais profundamente, mas basta dizer que, como qualquer faceta do Choque de Ordem e das enunciações a seu favor, se trata de uma idiotice).

Enfatizando aqui, mais uma vez, que não vou negar e nem confirmar a possibilidade de que eu, na Praça da Harmonia, naquele fim de tarde do dia 6 de fevereiro de 2016, estava, de fato, mijando contra um tapume em uma via poeirenta e des-asfaltada, coberta de entulho e partes aparentemente aleatórias

[101] Ver: SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do Século XX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 134

dos futuros trilhos do VLT

que eram para ser instalados lá até junho daquele ano, mas, pelo que eu saiba, não estavam em uso até pelo menos o primeiro semestre de 2017.

Enfim, independentemente do que eu estivesse fazendo naquele lugar, me parece um lugar muito apto a ser mijado.

QUERO MIJAR EM PAES

Não lembro em qual bloco de carnaval ou em que ano vi alguém segurando essa frase escrita em um pedaço de papelão.

(Aliás, poderia ter sido em qualquer ato ocorrido durante ou desde as "jornadas", mas a minha impressão é de ter visto bem antes, talvez no carnaval de 2010 ou 2011).

Guardei a frase, que me pareceu uma síntese ideal, uma resposta perfeita à constante batalha contra o "mijonismo" e qualquer corporalidade inconveniente à qualquer sonho que beba na fonte

(por assim dizer)

de *The Brazilian Dream of the American Way of Life*.

Também desde 2010 ou 2011, eu idealizava um protesto/performance em forma de um "mijaço" a ser realizada no Piranhão ou na entrada da casa de Eduardo Paes ou em qualquer outro lugar suficientemente simbólico; mas, por motivos legalistas, principalmente por causa da minha perene preocupação com meu visto, nunca cheguei a fazer mais do que falar sobre a ideia em milhares de festas e mesas de bar, na vaga esperança de que alguém a levasse adiante.

Também pensei que um "mijaço", apesar de esteticamente perfeito como um ato de terrorismo poético, teria o grande problema de responsabilizar garis da cidade ou empregadxs domésticxs, ou jardineirxs, ou quem quer que seja que cuida de qualquer sujeira gerada em volta de Eduardo Paes, por limpar poças de mijo que não teriam nada a ver com elxs. Mas confesso que não me preocupei tanto quanto eu deveria, e que essa não-preocupação veio tanto do meu enorme distanciamento daquelas pessoas que limpam profissionalmente quanto da falta de uma oportunidade concreta para colocar o sonhado "mijaço" em ação.

> [I]sso é inconcebível num lugar civilizado. Estamos buscando os meios para multar quem joga sujeira no chão, quem faz xixi no espaço público.
> (PAES apud BASTOS in *O GLOBO*, 7 de julho de 2009)

O impulso explicitamente freudiano-capitalista de civilizar a cidade, ensinando moradorxs selvagens a usar o pinico através de multas astronômicas aplicadas a todxs que fazem xixi indevidamente, poderia ser atribuído a mil instintos políticos ou traumas pessoais de Eduardo Paes, mas prefiro pensar que ele estaria bebendo diretamente na fonte

(novamente, não resisti)

do seu antecessor Francisco Pereira Passos, pai psíquico-espiritual de qualquer projeto no Rio de Janeiro que se diz civilizatório.

> As condições da cidade, dia a dia, pioravam... Velhas usanças se mantinham que, em muitos casos, lhe negavam os foros de capital e mesmo de simples "habitat" de um povo civilisado. (PEREIRA PASSOS apud DEL BRENNA, p. 21)

Naquele sábado de carnaval do Ano Que Veio Para Ficar, a combinação da lombra das drogas que eu já havia ingerido, a raiva com o valor da multa que foi aplicada na hora

(vinculada ao meu CPF e emitida numa espécie de mini-impressora portátil)

e o vexame

(não de mijar, mas de ser pego),

quase me levaram a perder a paciência com os três fardados da COMLURB e da Guarda Municipal que me abordaram. Felizmente, Iaci chegou na hora e agiu como uma certa anja-da-guarda civilizada

(sem ser necessariamente civilizatória),

me mandando calar, explicando respeitosamente aos fardados que eu não iria assinar aquela ordem de multa e me levando embora para qualquer outro lado da praça, para eu não passar por maiores problemas.

> A falta de educação vai doer ainda mais no bolso. A multa para quem for flagrado urinando ou defecando em vias públicas do Rio subiu de R$ 170 para R$ 510. O projeto de lei do poder Executivo foi sancionado pelo prefeito Eduardo Paes nesta sexta-feira (21). (BARREIRA 2015 in *G1*)

Entrei com um recurso, que demorou meses antes de ser indeferido. Como só fui avisado do indeferimento por uma carta que chegou quase um mês depois da decisão, ainda tive que pagar juros; o total ajustado foi de R$536,18.

(Ou seja, 24,37% da minha bolsa mensal da CAPES.
Ou seja, 52,23% do salário mínimo em vigor no Rio de Janeiro em fevereiro de 2016)

Em meio a tantas tentativas de fazer da cidade uma marca,

naquela altura do Ano Que Veio Para Ficar, uma marca cada vez mais Olímpica,

e de marcar a cidade com traços de um sonhado PROGRESSO,

seja pelos trilhos do VLT ou pelas expulsões sem fim e as incursões sangrentas em favelas por toda parte da cidade,

mijar na rua não passa de uma marcação de território bastante primordial, um ato nada sofisticado. Mas diante dos sonhos de uma cidade modernizada, tão espetacular e mecanicamente focada em esmagar qualquer corporalidade que

foge ao seu ordenamento, o próprio xixi começa a assumir a rebeldia de um detrito bakhtianamente heteroglóssico.

Isso seria a interpretação otimista.
A pessimista seria que mijar na rua é uma das poucas formas de revolta que nos resta.

4. Outras marcações

28 de abril de 2017
Centro e Glória, Rio de Janeiro

Ficou muito claro, bem antes da concentração do grande ato desse dia de greve geral contra o sucateamento da previdência pública pelo governo Temer, que a PM tinha ordens de não deixar ninguém avançar. De manhã cedo, manifestações relativamente pequenas bloquearam a Avenida Brasil, o Aeroporto Santos Dumont e o terminal das barcas em Niterói, no outro lado da Baía de Guanabara; enquanto isso, relatos e fotos sobre o sucesso desses atos foram espalhadxs pelas redes ditas sociais, além de avisos do rápido aumento da presença da Tropa de Choque.

Pelo que entendi, a porradaria começou de fato por volta das 15h30, quando uma primeira leva de manifestantes começou a andar da ALERJ para a Cinelândia, onde uma grande concentração tinha sido convocada para às 17h00. Cheguei às 16h55, já sabendo dos várixs tiros, porradas e bombas que estavam rolando por ali. Enquanto atravessava a Rua Evaristo da Vega

(onde fica sediado o QG da PM do RJ)

o cheiro afinado dos restinhos de gás lacrimogêneo já estava forte.

Fora Temer!
Fora Temer!

Segui a Rua das Marrecas para chegar na Cinelândia pela Rua do Passeio, o que acabou sendo uma boa estratégia, já a Tropa de Choque começou a jogar uma caralhada de bombas

(recorro à essa descrição específica por ela encapsular a masculinidade tóxica)

pelo outro lado da Cinelândia, perto do Theatro Municipal, às 17h00, praticamente em ponto. O fluxo do ato se reverteu para a Lapa, a Glória, o Aterro, o Consulado da Trumplândia. Passei pelo menos uns 10 minutos indo e vindo pelos meios-fios entre o Aterro, o Passeio Público e a Praça Paris, tentando me distanciar das correrias e bombas que vinham por trás, e tentando entender os direcionamentos gritados,

quase sempre por homens, de diversas idades e raças, que pareciam se imaginar líderes e queriam levar qualquer coisa adiante.

Não corre!

Fecha o aterro!

Vamos pro Santos Dumont!

Consulado Americano!

Entre os gritadores, vi Godô, figura lendária e meio perenemente presente em qualquer teatro de rua ou manifestação política do Rio. A imagem que ficou comigo foi dele gritando

É Céu na Terra, porra!

Mas, por mais que eu queira, não posso jurar com 100% de certeza que isso aconteceu de fato; talvez tenha sido uma invenção minha, uma projeção, uma esperança qualquer.

Imaginada ou não, entendi aquela colocação como uma referência ao lendário bloco carnavalesco de Santa Teresa, do qual desisti de ir pelo menos cinco anos atrás, por achar impossivelmente cheio e confuso. Mas pode ser também que Godô estivesse apontando algo como um paraíso efêmero em meio ao gás e balas de borracha, algo de esperançoso na determinação de dezenas de milhares de pessoas que enfrentavam toda aquela repressão para ocupar o centro da cidade. Também pode ser apenas uma ironia, ou então, simplesmente que Godô estivesse bêbado (ou, como ele pediu para dizer, "em desvario").

Se, de fato, era para ter alguma esperança, acho que ela viria em termos do nosso tamanho; visto que a determinação da polícia em não deixar o ato acontecer, as bombas de gás, as torrentes de *spray* de pimenta e as balas de borracha não dispersaram o ato de vez, apenas fizeram com que mudássemos de direção.

Amanhã vai ser maior!
Amanhã vai ser maior!

Na verdade, não ouvi ninguém repetindo essa palavra de ordem

que, aliás, me parece ter desaparecido logo nos primeiros meses das "jornadas"

e, de fato, não estivemos em maior número desde aquele 20 de junho de 2013. Por outro lado, tinha muito mais gente do que eu lembro ter visto desde 2013, e tudo

(as mudanças de direção, a quantidade de gás e spray *e balas de borracha, a confusão)*

parecia se juntar em algum sentido que beirava a novas possibilidades, que beirava a uma mudança cada vez mais Inevitável, mas não necessariamente para o bem.

Amanhã vai ser pior!
Amanhã vai ser pior!

Depois do meu pega-pega pessoal ao longo da Rua Teixeira de Freitas e da Avenida Beira Mar, fui me aproximando ao Consulado dos Estados Unidos

(de acordo com as indicações que o Professor Doutor Frederico mandava pelo Whatsapp; afinal, me esforço para seguir as orientações do meu orientador de doutorado),

mas muitas salvas de balas de borracha começaram a pipocar por vários lados. Voltei, semi-correndo, para o entorno lamacento da Praça Paris, que parecia estar livre da Tropa de Choque, pelo menos até aquele momento.

Quinze minutos depois, encontrei com Camila e Violeta na Rua da Glória, na esquina com a Cândido Mendes, onde outrxs 300 ou 400 manifestantes recém-escapadxs

(na sua maioria brancxs-classe-média-intelectuais-artísticxs-gentrificadorxs-em-potencial)

conversavam ao redor de uma banca de jornal, enquanto outrxs se reuniam pra tomar chope em um bar na calçada. Mas nem deu tempo da gente pegar uma Heineken na banca antes que bombas de gás, vindas da direção da Lapa, começaram a explodir a poucos metros de nós. Metemos pé, subindo a Cândido Mendes, tentando lembrar se, desde as "jornadas", a Tropa de Choque tinha subido Santa Teresa.

Mantivemos uma distância confortável, dando algumas descidas curtas e rápidas para conferir até que ponto a confusão havia chegado. Enquanto isso, nossos celulares continuaram vibrando com relatos de mais balas de borracha pelo Aterro, fotos dos ônibus recém-queimados na Lapa, avisos de gás no Flamengo. Em algum momento desses, sem que nenhumx de nós desse qualquer declaração oficial, ficou claro que o ato já havia acabado para a gente, e descemos alguns poucos metros até o bar mais próximo. Eu tinha tentado seguir a greve geral do dia ao pé da letra, sem trabalhar e sem gastar nenhum dinheiro, mas não resisti mais do que alguns minutos em frente ao bar antes de comprar uma Caracu para embotar minhas tensões ou fortalecer minhas esperanças ou algo do tipo.

11 de setembro de 2016
Praça Condessa Paulo de Frontin, Rio Comprido, Rio de Janeiro

Os tiros foram intensos no início da tarde, mas diminuíram bastante pouco antes de eu sair de casa para participar de uma performance de Gatynhx no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, em Santa Teresa. Aliás, os tiros que fiquei ouvindo do meu apartamento no Rio Comprido já vinham se intensificando a algum tempo, pelo menos desde o ano anterior, mas com o fim das Olimpíadas e a volta da **CALAMIDADE** nas finanças públicas, o aumento da violência estava basicamente Inevitável.

(Isso pode ser visto como um fracasso no processo de "Pacificação", mas tendo a imaginar que tornar as favelas cada vez mais letais para seus moradores seria objetivo bastante primordial das UPPs, mesmo que não fosse explicitamente declarado).

> Um suspeito morreu e duas pessoas foram atingidas por bala perdida após troca de tiros entre criminosos e policiais do Grupamento de Intervenções Táticas (GIT) das UPPs, na Avenida Paulo de Frontin, no Rio Comprido, na Zona Norte do Rio. Muitos tiros foram ouvidos durante todo o domingo (11) na região… Relatos em redes sociais apontam para uma guerra entre facções do tráfico de drogas. Desde sexta-feira (9) tiros são ouvidos na região do Morro do Turano. (*G1*, 11/9/2016)

Aparentemente, os tiros mais notáveis rolaram no meio da tarde, logo depois da pequena brecha que eu havia aproveitado pra sair de casa. Voltei pelo caminho de sempre, e sem saber de nada disso, às 21h-e-tanto.

Retrospectivamente, Aristides Lobo já estava bem vazia naquela hora, mas foi só quando cheguei na praça que saquei que essa não era uma noite normal. Eu estava pensado em comprar um queijo coalho e uma Coca-Cola no churrasquinho que ficava aberto a noite inteira, mas que, nessa noite estava desmontado, um claro sinal de que algo extremamente errado estava acontecendo.

(A única outra vez que lembro de não ter visto o churrasquinho funcionando foi duas semanas antes, num dia em que foi dado um toque de recolher para o comércio do bairro, por motivos que nem lembro).

Quando me mudei para o Rio Comprido, logo reparei que o churrasquinho funcionando na praça era uma garantia de que tudo estava mais ou menos bem. Lembro, naquela época, de ter ouvido muito sobre o passado aparentemente infame do bairro:

Aqui já era a faixa de Gaza

Quem me dizia isso

balconistas, taxistas, novxs vizinhxs

tendia a falar com um tom que misturava orgulho, por o Rio Comprido ter superado àquela fase, com o receio de que o bairro pudesse voltar a ser assim.

(Seria fascinante fazer um levantamento de todos os lugares no Rio de Janeiro que são ou já foram conhecidos como **Faixas de Gaza***; deve ter mais de vinte)*.

Nessa noite, o churrasquinho desmontado combinava com um sentimento de vazio generalizado. Todos os bares ao redor da praça estavam fechados, e o contêiner de podrex, que também costumava ficar aberto durante boa parte da madrugada, estava selado. O único sinal de uma vida mais ou menos cotidiana era um pipoqueiro, sozinho em um canto da praça com as luzes do seu carrinho acentuando o escuro generalizado; mas qualquer normalidade que ele pudesse representar logo se desfez pelo fato de eu nunca o ter visto antes

(e nem depois).

Fora isso, pelo menos dez soldados do BOPE estavam rodando a praça com fuzis enormes.

(Pelo menos, eu acho que eram do BOPE; não fiquei parado para conferir as insígnias de suas fardas).

Subi para casa, e provavelmente fechei todos os ferrolhos mais uma vez. Mas não fiquei tão assustado com a situação e nem tão bolado como naquela noite de janeiro, quando furei a ala no meio da Aristides Lobo que entendi como parte de uma tentativa de assalto; desta vez, não cheguei a sentir que eu tivesse qualquer papel importante na história.

Fiquei pensando que qualquer farda, independente das insígnias que carregue, acaba fazendo da pessoa que a usa uma efígie de carne. Seja do BOPE, da Tropa de Choque, da Força Nacional, a farda insere a pessoa que se insere nela em uma linhagem legitimada de autoridade e poder, de ordem e ordenamento, de uma violência permitida e, portanto, permissível; tira a sua individualidade, a sua corporalidade específica e, em troca, confere ao seu corpo uma letalidade excepcional. Qualquer uma dessas fardas leva consigo rastros muito mais sangrentos do que quaisquer traços de idade e raça e roupa e jeito com os quais eu tenha identificado os quatro meninos que bloquearam meu caminho em janeiro como sendo “moleques”. Porém, meu corpo não tende a ficar ameaçado por essas fardas e essas linhagens; pode fugir de gás em atos, pode até tomar um susto com patrulhas ou viaturas ou seja com o que for, mas se preocupa automaticamente, muito mais, com a possibilidade de qualquer violência não-legitimada, não-uniformizada.

> O Rio Comprido vai se tornar o próximo polo artístico da cidade.
> (DALE in *O GLOBO*, 21/9/2013)

Ao longo do Ano Que Veio Para Ficar, ficou cada vez mais óbvio que as efervescentes previsões gentrificadoras de poucos anos antes não seriam tão facilmente colocadas em ação; e, por mais que eu goste de me manter à parte desses planos, não tenho como negar que os mesmos fatores também contribuíram muito em minha busca por um outro paradeiro. Na real, eu já estava pretendendo sair do bairro a algum tempo: meu contrato já tinha vencido, o aluguel tinha subido vertiginosamente

(para além dos limites legais, porque imobiliária carioca é foda),

o vaso sanitário não funcionava direto desde o final de 2014 e eu queria morar mais perto do centro da cidade. Mas os tiros que pareciam cada vez mais incessantes e mais próximos, aquela patrulha na praça, as mensagens que amigxs assustadxs começaram a me mandar logo depois de eu fechar a porta do apartamento naquela noite, me avisando a não sair de casa ou a não voltar para o Rio Comprido, e

mais do que eu gostaria de admitir

a lembrança dos “moleques” de algumas semanas antes do carnaval, deram uma urgência e me fizeram cada vez mais resoluto a sair do bairro e a voltar para o centro da cidade.

5. Não acabou

18 de maio de 2017
Avenida Rio Branco, Centro, Rio de Janeiro

Porra, Temer.

Na noite anterior, dia 17 de maio, todo mundo ficou sabendo das denúncias de Joesley Batista, que implicavam Michel Temer e Aécio Neves bem direta e conscientemente em mega-esquemas de corrupção, mostrando pela enésima vez que *The Brazilian Dream of the American Way of Life*, por mais polido e estreito que se esforce a ser em suas articulações, é carregado de imundice; aliás, é carregado por imundice.

Tendo a imaginar que um sonho sujo, por se assumir poeirento, bagunceiro e heteroglossianamente manchado, talvez consiga se distanciar de certos exageros mais sórdidos; e que toda a poeira, microbianamente acumulada dentro de um sonho sujo talvez aja como uma espécie de flora intestinal onírica. Mas as metáforas biológicas, assim como as metáforas futebolísticas, definitivamente não são dispositivos que eu consigo levar muito adiante.

Em algumas poucas horas depois dessas revelações não-tão-revelatórias,

ou até em alguns poucos minutos,

um ato já estava marcado para o dia seguinte, quinta-feira 18, às 17h00 na Candelária, e milhares de nós já confirmávamos presença em pelo menos um das dezenas de eventos que pipocavam nas mídias que se dizem sociais.

Já de manhã, todo mundo ficou sabendo que Temer iria fazer um pronunciamento por volta das 16h. E todo mundo parecia ver uma postagem no blog de Ricardo Noblat instantes depois que foi ao ar, às 15h06

> O presidente Michel Temer está pronto para anunciar sua renúncia ao cargo e deverá fazê-lo ainda hoje, no início da noite. Já conversou a respeito com alguns ministros de Estado e, pessoalmente, acompanha a redação do pronunciamento que informará o país a respeito.
>
> Rodrigo Maia (PMDB-RJ), presidente da Câmara dos Deputados, já foi avisado sobre a decisão de Temer. Ele o substituirá como previsto na Constituição, convocando o Congresso para que eleja o novo presidente que governará o país até o final de 2018.
> (NOBLAT, in *Blog do Noblat – O GLOBO,* 18 de maio de 2017)

Aí os memes começaram a rolar;

alguns eram muito bons, mas basicamente todos eram irresistíveis, porque é basicamente assim que os memes sempre são.

Foi um daqueles momentos de efervescência virtual e inescapável, de grandes reviravoltas nas politicagens,

ou de séries ou de esportes ou de fofocas de celebridades

que todo mundo acaba acompanhando em alguma medida, em que qualquer comentário ganha dezenas de curtidas e respostas quase instantâneas, em que todo mundo sabe que está ligado exatamente na mesma coisa, só que de longe. Aliás, tenho sentido que atos e manifestações e protestos estão ficando cada vez mais assim, mesmo para quem está na rua.

Não vou lembrar quem, em minha *timeline,* interrompeu o fluxo de memes para postar o *streaming* do pronunciamento do Temer, alguns minutos depois das 16h00. Lembro apenas que apareceu de repente e que lá estava ele, falando bem rápido

> Não preciso de cargo público e nem de foro especial. Nada tenho a esconder. Sempre honrei meu nome, na universidade, na vida pública, na vida profissional, nos meus escritos, nos meus trabalhos… Não renunciarei. Repito. Não renunciarei. Sei o que fiz e sei da correção dos meus atos.
> (TEMER apud *G1* 2017, 18/5/2017)

Saí da Glória com Cíntia às 18h-e-tanto. Chegando na Cinelândia, logo esbarramos com um pequeno fluxo de gente saindo do ato, além de uma longa ala de policiais da Tropa de Choque semi-escondida nas sombras da Biblioteca Nacional. Pelo visto, o ato tinha acabado de andar; quando a gente se juntou à aglomeração, ainda estava perto da esquina com a Presidente Vargas.

Fora Temer!
Fora Temer!

Ficamos meio que pulando por entre grupos

correndo para frente para não andar perto da CUT, que aparentemente tinha contratado seguranças para bater em integrantes do Black Bloc *em outros atos recentes, e depois se esquivando por entre os muitos corpos jovens que, de repente, começaram a gritar*

UJS! UJS!

(Sempre que ouço ou vejo essa sigla, penso imediatamente na constante, dedicada e explícita defesa à Copa e, implicitamente, a The Brazilian Dream of the American Way of Life, *que distinguiu o grupo em 2014).*

Ficamos fluindo por entre pequenos grupos até que nos achamos entre manifestantes que pareciam ser mais do nosso naipe não-partidário-pseudo-anarco

Não acabou!
Tem que acabar!
Ainda falta o Rafael pra libertar!

Tomamos uma Heineken, comprada de umx dxs várixs camelôs no meio do ato; nos perdemos algumas vezes, para depois nos reencontrarmos. Ao longo da Rio Branco, Cíntia foi se descobrindo pichadora, tirando um canetão azul do bolso de sua jaqueta para escrever em placas, na plataforma do VLT, do lado do Theatro Municipal

QUEIMA

QUEBRA

MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ

Cíntia estava curtindo todo o processo da pichação: a correria, a marcação, os rastros anônimos que estava deixando pela cidade, mas, principalmente, se deliciava com os olhares cada vez mais chocados de certxs manifestantes brancxs que ficavam atônitxs, sem saber lidar com essa última colocação, a sua predileta.

Chegando de volta na Cinelândia, tive a impressão de que o ato estava crescendo, mas deve ter sido devido à concentração que o espaço proporcionava, o acúmulo de pessoas, que se distribuía em vários quarteirões até então, agora estava se juntando na parte da frente da praça, ocupando

como sempre

a escadaria da Câmara de Vereadorxs, cercando um carro de som de algum sindicato ou partido político ou seja o que for. Eu já estava com sono, pensando em voltar pra casa, enquanto a Cíntia se dirigia para pichar uma daquelas placas do *Walk Rio*, instaladas ao longo do Ano Que Veio Para Ficar com o fim de dar orientações a turistas que pretendam sair passeando pela cidade

(e que, segundo boatos que se espalharam por aí, chegaram a custar até R$19 mil por unidade).

Enquanto a gente se despedia, várias ondas de encapuzadxs do *Black Bloc* começaram a se juntar, andando em direção à Rio Branco.

As explosões de bombas de gás, rojões, bombas de efeito moral e seja mais o que for começaram uns 10 segundos depois que comecei a andar em direção à Lapa; já não dava pra voltar e buscar Cíntia no meio da confusão

e mesmo se tivesse dado, duvido que eu teria a coragem de enfrentar aquelas nuvens de gás.

Vinte minutos depois, e após muitas mensagens pelo WhatsApp, nos reencontramos perto dos Arcos. Ela, na linha de frente, tinha tomado muitas baforadas de gás

(asmática, Cíntia teve o cuidado de parar no meio do caminho para o ato e comprar uma bombinha);

alguém já havia passado leite de magnésia em todo o seu rosto, mas depois de correr e suar, só alguns rastros meio branco-azuis permaneciam. A explosividade daquela noite foi um tanto mais contida do que na greve geral, duas semanas antes: não soube de nenhum ônibus queimado, mas vi fogueiras em baixo dos Arcos, que me lembraram de outras fogueiras no mesmo lugar, durante o auge do Rec!clato, quando a gente se arrastava pela Lapa com uma certa impunidade que, pelo visto, não voltará tão cedo.

3 de maio de 2013
Rua do Passeio, Centro, Rio de Janeiro

Talvez o Bloco Livre Rec!clato tenha ficado como uma espécie de sonho recorrente para mim.

Desde o segundo semestre de 2012, alguns meses antes da inauguração do MAR, Rec!clato tinha passado por uma série de desencontros entre xs integrantes de sempre

(de uma forma anarca-ortodoxo, ninguém nunca se assumiu líder do Bloco, mas teve um pequeno cerne de gente que sempre puxava as ações, juntando latas, distribuindo filipetas físicas e virtuais e instigando outras pessoas a aparecerem),

além de ameaças vindas de gerentes de bares, bocas de fumo, e unidades da Guarda Municipal

(talvez enquanto representantes do Lapa Legal, que ainda não tinha se tornado Lapa Presente)

que, em pelo menos um caso, se transformaram em agressão física em um bar da Rua Mem de Sá.

Nem saímos no carnaval de 2013, por nenhumx dxs não-líderes tomar a iniciativa organizatória. E nossa presença na inauguração do MAR, além de efervescente e chamativa e necessária, foi bastante desgastante para muitxs dxs integrantes de sempre. Então, aquela primeira sexta-feira de maio virou uma espécie de destino-limite para Rec!clato; seria a última saída mensal do Bloco, pelo menos daquele jeito e naquele formato. Se viesse a acontecer depois, de algum outro modo, puxado por outras pessoas, ninguém iria atrapalhar. Ao mesmo tempo, já dava pra sentir uma crescente inquietude pelas ruas, uma inquietude da qual Rec!clato certamente fez parte, mas que o Bloco, por si só, não conseguiria canalizar.

Nós juntamos na Cinelândia, mais-ou-menos em frente ao Cinema Odeon.

(Que, desde então, já deixou de ser Cinema Odeon para depois voltar).

X, especialista em catar latas pelas ruas da cidade

além de roupas, livros, partes de bonecos, eletrônicos desgastados, e comidas não-completamente-estragadas

chegou com dois enormes sacos de plástico preto cheios de bolas plásticas e multicoloridas. Não lembro exatamente como o movimento começou, mas logo depois do Bloco sair pela Rua do Passeio, alguém deve ter indicado um prédio alto, na esquina com Rua Senador Dantas, como sendo propriedade de Eike Batista.

(Naquela época, Eike ainda era tido como o homem mais rico do Brasil, e ainda seria por mais alguns meses. Na verdade, não chegava a ser proprietário do Edifício Francisco Serrador, mas era o único inquilino do prédio, e as letras **EBX**, *empresa através da qual Batista apoiava as UPPs da cidade com milhões de reais por mês, se destacavam na fachada.)*

> Ao lado de todos os esforços que estão sendo feitos para ampliar e fortalecer o Programa de Polícia Pacificadora, o governo, em parceria com o Grupo EBX, está investindo no reaparelhamento da polícia, com novos equipamentos, veículos, modernas tecnologias e na recuperação e construção de unidades.
> (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, p. 31)

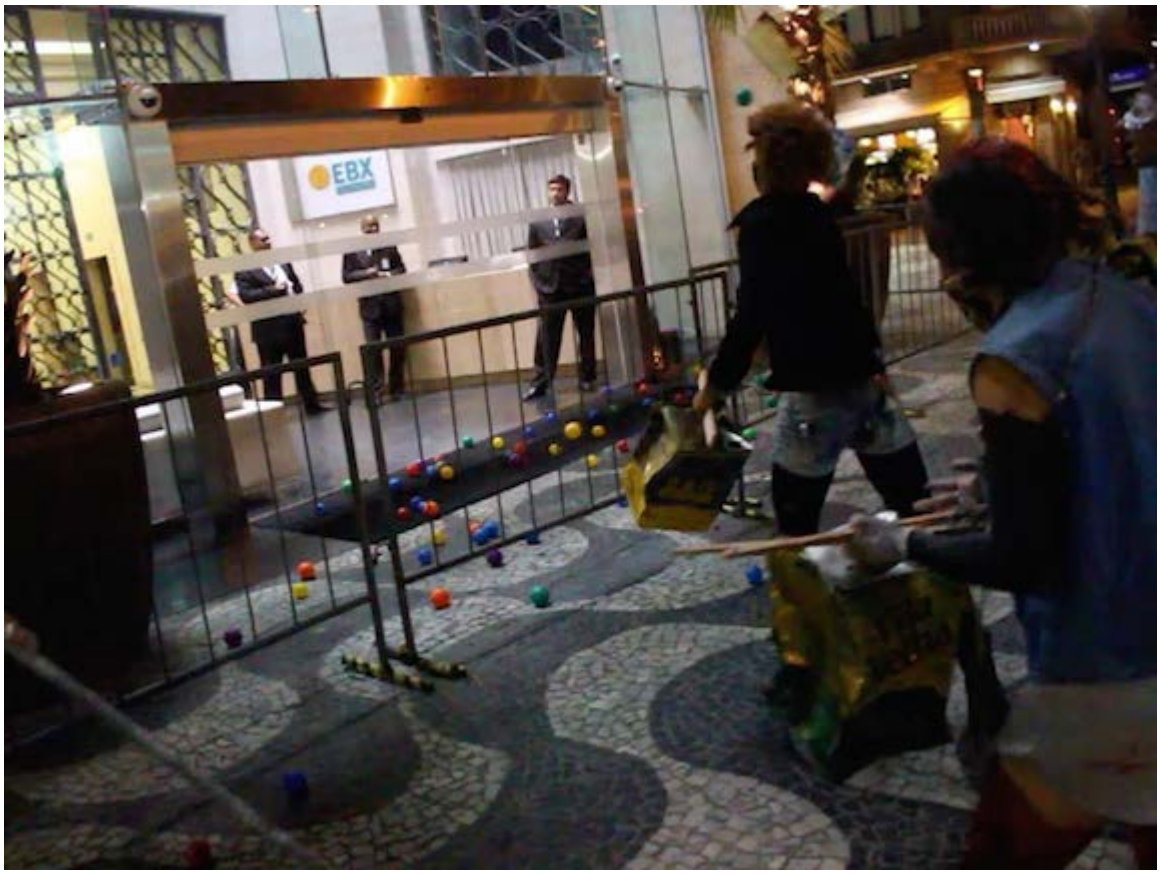
As batidas das latas continuaram meio escassas, mas de repente, todxs nós, as vinte-e-tantas pessoas do Rec!clato desse mês, estávamos tacando uma rajada de bolas de plástico contra as portas de vidro, contra as janelas, contra as grades de metal colocadas a uns dois metros em frente à entrada do Edifício Francisco Serrador.

Fora Eike Batista!
Fora Eike Batista!

Morra Eike Batista!

A, ha ha
Tua hora vai chegar!

Três seguranças, atrás das portas, olhavam aquilo sem saber exatamente o que fazer contra aquela torrente multicolorida que, por um lado, parecia estar sem fim e, por outro, não chegava a quebrar absolutamente nada.



(fotografx anônimx)

Sonâmbulo (Epílogo)

1 de agosto de 2017
Rua Carlos de Carvalho, Centro, Rio de Janeiro

Enquanto isso, as Forças Armadas estão de volta ao Rio de Janeiro, tomando a Avenida Brasil e a Linha Vermelha e a Avenida Atlântica e o Largo do Machado e a Linha Amarela e o Boulevard Olímpico e outros tantos pontos marcantes da cidade, sem nenhum prazo oficialmente previsto ou estipulado para a sua saída. Ouvi dizer, inclusive, que estavam sendo aplaudidas por moradorxs em várias partes da cidade.

Não cheguei a ver ou ouvir esses aplausos, a não ser representados por emojis *na capa do* Meia Hora*. Ainda nem cheguei a ver essas tropas, que, pelo que eu entendi, estão aqui desde a semana passada. Estou meio fora de circulação; aliás, totalmente fora de circulação, tentando freneticamente terminar esta escritura.*

Enquanto isso, manchetes do tipo "Mais um dia no Rio" têm virado padrão para notícias espetacularizadas, notícias sangrentas, notícias trágicas.

> **No Rio, balas**
> **perdidas fazem**
> **3 vítimas por dia**
> (*O GLOBO*, 6 de julho de 2017)

> **Alunos do**
> **Rio terão**
> **aula para**
> **se proteger**
> **de tiroteio**
> (*EXTRA*, 12 de julho de 2017)

> **UM DOMINGO**
> **NORMAL NO RIO**
> **Mais um dia de tiroteios, perseguições e mortes**
> (*EXTRA*, 3 de julho de 2017)

Ou seja: a violência que tanto marca a cidade acaba sendo posicionada como a principal marca da cidade, pelo menos para quem mora aqui.

(Por isso que o New York Times *não quer falar com* nativos*).*

O Sonho Olímpico passou faz tempo; agora, a cidade sonha dentro da ressaca, ou à beira do abismo ou algo do tipo. Talvez, dentro dos sonhos que hoje predominam, o Rio de Janeiro em si estaria se tornando um tipo de cidade-abismo, como

pelo que eu ouvi dizer

já teria sido antes.

(SCHVARSBERG)

Lembro que em 2002, durante meus primeiros dias no Brasil, eu estava lendo Teatro Legislativo*, de Augusto Boal, e que fiquei apavorado com suas descrições do Rio de Janeiro nos anos 1990 como uma cidade que sofria um certo estado de terror permanente. E lembro de ter ouvido centenas de histórias, de centenas de cariocas, sobre assaltos constantes, tiroteios incessantes e medo generalizado naquela época. Mas também lembro de ter acompanhado, de longe e sem nenhum foco muito intenso, a dita "Pacificação" e revitalização de diversas áreas da cidade, de ver de perto algo da truculência de outros tantos sonhos de outros tantos choques e de ver e ouvir relatos e testemunhos de violências mais difundidas. A marca dessas brutalidades sempre se integrou aos sonhos do Rio, que sempre foi uma espécie de cidade-abismo.*

MORRE BEBÊ
BALEADO NA
BARRIGA DA MÃE
(*MEIA HORA*, 31 de julho de 2017)

Aliás, imagino que seja o contraste entre essa brutalidade e o famoso jeito sedutor da cidade, tal como o brutal contraste entre riqueza e miséria, que faz do Rio um lugar de tantos sonhos.

Cada uma dessas manchetes cria poeira, mas talvez também disperse pelo menos uma parte da poeira existente. Talvez, no clima de desespero crônico, esqueçamos de outros tantos desesperos anteriores; talvez seja esse levantamento e essa dispersão de poeira, por exemplo, que inspirem pessoas a baterem palmas para a invasão militar nos bairros onde moram.

Forças armadas já atuam
no Rio para 'golpear crime'
(*O GLOBO*, 29 de julho de 2017)

Enquanto isso, Jair Bolsonaro está chegando cada vez mais perto da presidência com seu sangrento e nostálgico levantamento de poeira.

Já tem bastante gente duvidando se realmente haverá eleição para presidência no ano que vem. Sem me aprofundar nesse debate, sublinho apenas que estou dizendo que Bolsonaro está mais perto da presidência, e não como ele poderia chegar lá. Por seu saudosismo aos ditos Anos de Chumbo, imagino que ele mesmo preferiria chegar ao poder por vieses que não fossem eleitorais.

Não que nada disso seja novidade, e nem que a ditadura militar-civil de 1964 que Bolsonaro tanto ama seja alguma origem única. Enquanto filas se formam de moradorxs Rio querendo posar para *selfies* com soldadxs em frente aos seus tanques de guerra

(como tantxs já fizeram na Copa do Mundo FIFA de 2014, nas Olimpíadas de 2016 e até na Copa das Confederações FIFA de 2013),

imagino que o fantasma de Francisco Pereira Passos estaria bem de ladinho, acenando a cabeça em aprovação.

> O Sr. Presidente da República disse ao novo prefeito que elle tinha carta branca para dirigir os destinos do Distrito Federal. Accresentou sua excelência que podia demittir funccionarios, regularisar repartições, recommendando que não se deixara levar por considerações meramente políticas e garantindo que elle estava disposto a não ouvir as queixas por ventura levantadas pelos politicos descontentes.
>
> O Sr. dr. Passos, depois de ouvir a declaração de que o governo nele deposita a mais absoluta confiança, respondeu que só naquellas condições, com a liberdade de agir como entendesse, tinha aceitado a nomeação para o cargo de prefeito. (*CORREIO DA MANHÃ* de 31/12/1903, in DEL BRENNA, p. 20-21)

O prefeito-fantasma que, na sua época, convocou o Presidente Rodrigues Alves para convocar o exército e esmagar a Revolta da Vacina no fim de 1904, certamente apreciaria a eficácia de qualquer estado de exceção, e qualquer papel central dado à marcialidade para melhor executar os sonhos da cidade. Eduardo Paes apreciou esse papel central durante a invasão do Complexo do Alemão em 2010 e da ocupação militar do Complexo da Maré em 2013 e da porra da cidade inteira durante a Copa de 2014 e os Jogos de 2016. E Rudolph Giuliani, por sua parte, que ajudou a convocar a Guarda Nacional dos Estados Unidos para Times Square e outros pontos marcantes de Nova York, logo depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, também aprecia essa fusão ostensiva do poder bélico federal com a segurança de uma cidade com zero tolerância, uma cidade que sonha com protagonismos e contornos mundiais.

(Agora, no dia 1 de agosto de 2017, tem muitas pessoas de uma dita esquerda que estão ficando apopléticas com xs soldadxs tomando a Avenida Brasil e a Linha

Vermelha e a Avenida Atlântica e o Largo do Machado e a Linha Amarela e o Boulevard Olímpico, mas que pareciam não se incomodar nem um pouco quando Dilma Rousseff autorizou a ocupação da Maré na véspera do quinquagésimo aniversário do golpe de 1964. Como se a história só passasse a se repetir, só passasse a contar como História com H maiúsculo, a partir do momento em que alguém tenha chamado a atenção para os Golpes mais partidários e com G maiúsculo).

Foi golpe? Foi sim, sem dúvida. Aliás, tem sido golpe faz tempo. Foram muitos golpes dados em vários anos anteriores. Aliás, em todos os anos. Foi golpe, sim, mas imaginar que a derrubada de Dilma, no Ano Que Veio Para Ficar, teria sido o maior, o mais grave, o mais duro desde 1964, fazer de conta que ela

junto com Lula e o PT de uma forma geral e tantas outras pessoas e instituições que não caberiam aqui

não teria se integrado aos sonhos e axs sonhadorxs que eventualmente a derrubaram também é um golpe bastante brutal

sem dizer desonesto.

A verdade é dura!
A Rede Globo apoiou a ditadura! (Ainda apoia!)

(Além de perder a guerra de cores em 2016, quando o verde-e-amarelo passava a representar o País e o vermelho passava a representar o PT, os atos e comícios e seja o que for em apoio à Dilma se distinguiram por serem quase todos fixos e estacionários. Enquanto quem queria o impeachment, a galera do **Quero meu país de volta***, marchava e avançava, a galera do* **Fica Querida** *ficava parada, no mesmo lugar).*

O pior é que, sem saber de todos os detalhes, muita gente já sabia como seria essa ressaca de proporções olímpicas, como as mega-apostas de anos anteriores iriam deixar o Rio de Janeiro mega-quebrado. Anos atrás, Rec!clato já sabia, de uma forma coletiva e geral, como a cidade estaria em 2017; com a dita "Pacificação" tomando rumos cada vez mais violentos, com o custo de vida sempre aumentando, ainda que o preço médio do metro quadrado estivesse baixando, e a especulação começando de novo, sonhando com outras fronteiras, outras demarcações, outras marcas.

Xs anarco-ocupantes da Flor de Asfalto, de onde Rec!clato e tantos outros ruídos brotaram, já sabiam, antes de serem despejadxs, como a Zona Portuária ficaria depois da sua expulsão. Sabiam que, independente de quem fosse presidente, seja essx presidente colocadx no masculino generalizado ou no maiúsculo, seja eleitx ou instaladx através de qualquer outro esquema, aquela revitalização continuaria adiante; sabiam que quaisquer que fossem as reviravoltas na política nacional ou mundial, The Brazilian Dream of the American Way of Life *não seria apagada*.

(No lugar exato em que Flor de Asfalto ficava, a menos de um quilometro do Boulevard Olímpico, está sendo construído um dos maiores prédios novos da área).

Quando confessei sobre meus sonhos recorrentes de aeroportos, não queria que você pensasse que eu só tenho sonhos chatos. Sonho com muitas coisas, até tenho sonhos recorrentes mais interessantes.

São menos frequentes do que aqueles de aeroportos, e também são bastante passageiros, bastante indefinidos, mas bastante inspiradores.

Sonho, vagamente, com revoluções
ou então sonho com revoluções vagas
ou com revoluções que sonham.

Sonho com pedras voando,
marceloyukanamente, na direção certa.

(Tendo a achar mais fácil adivinhar qual seria a Direção Certa dentro de um sonho; talvez meus sonhos não carreguem tantas notas de rodapé, ou talvez estejam feitos exclusivamente de notas de rodapé, se espalhando para todo e qualquer lado).

Amanhã vai ser maior!
Amanhã vai ser maior!

Mas, recentemente, os atos têm sido poucos e bastante escassos.

(Ou, pelo menos, foi isso que ouvi dizer; eu certamente não fui a nenhum desde maio).

Enquanto isso, o Bispo Marcelo Crivella, no papel de prefeito da cidade bastante herética de São Sebastião, vai universalizando seu reino sobre a cidade, tirando tudo que pode das escolas de samba, das escolas da rede pública, dos hospitais, dos terreiros. Isso não só em termos de dinheiro; o controle interessa até mais. No final de maio, o Bispo soltou um decreto exigindo que qualquer

> atividade econômica, cultural, esportiva, recreativa, musical, artística, expositiva, cívica, comemorativa, social, religiosa ou política, com fins lucrativos ou não, que gere:
> I – concentração de público, em áreas abertas ou fechadas, particulares ou não (CRIVELLA, 26 de maio de 2017)

passasse a ser registrada na prefeitura antes de acontecer, que fosse abençoadamente autorizada por seu anel de sinete.

Sem me adentrar nos Sonhos das Igrejas Universais, convém dizer que, mesmo que esses se distingam de The Brazilian Dream of the American Way of Life *em alguns fatores fundamentais (e fundamentalistas), a escala de seus contornos é bastante parecida, assim como também é sua aplicação de coturnos locais para se realizarem.*

Enquanto isso, o Maracanã continua dormindo em um silêncio quase total desde os últimos meses do Ano Que Veio Para Ficar. A propriedade antigamente pública, agora administrada pela Odebrecht, está virando um estádio-fantasma porque ninguém quer pagar seu aluguel ou se responsabilizar pela milionária conta da Light.

Enquanto isso,

> **Governo comemora falta de mobilização popular contra aumento de impostos** (*O GLOBO*, 29 de julho de 2017)

Ou seja: fica cada vez mais claro que o famoso Pato só será pago pelas mesmas pessoas, pelos mesmos processos e pelo mesmo sofrimento de sempre.

O seu imposto de renda
paga *spray* de pimenta

Olha eu aqui de novo.

Também tenho sonhos recorrentes

porém menos frequentes

com cartas de tarô. Sempre acabo jogando para alguma outra pessoa, e acordo sem saber se eu deveria analisá-las como se fossem tiradas para mim. Não se trata exatamente de uma tentativa de utilizar meus sonhos como ferramenta para prever o futuro

por mais tentador que isso possa ser;

seria apenas para ter qualquer ideia ligeira sobre quais tipos de posturas psico-espiritual-político-corporais podem ser úteis. Mas de qualquer forma, como eu também nunca consigo lembrar das cartas, nunca fico sabendo qual seria a orientação onírica para qualquer uma dessas posturas.

Mesmo assim, não é difícil prever que *The Brazilian Dream of the American Way of Life* ainda continuará pairando sobre o Rio de Janeiro durante muito tempo, e que as medidas tomadas para concretizar qualquer parte dele continuarão a se destacar por sua brutalidade.

Nada deve parecer impossível de mudar
Nada deve parecer impossível de privatizar
Nada deve parecer impossível de piorar

(Diante da aceleração e expansão de The Brazilian Dream of the American Way of Life *e suas muitas vertentes, articular qualquer sonho sujo tem sido cada vez mais difícil; apenas lembrar da possibilidade desses sonhos já tem exigido muito esforço).*

Ontem fez exatamente onze meses desde que o impeachment de Dilma foi selado pelo Senado. Fez 20 dias desde que Lula foi condenado, na primeira instância, pelo **Super Moro** tão adorado nos vários cartazes e camisas e bonecas infláveis que vi na marcha na Avenida Atlântica que fui em abril do ano passado, quando todas essas jogadas políticas começaram a ser realmente acionadas. Hoje também foi o dia em que o pedido de *habeas corpus* de Rafael

Braga foi adiado, mais de quatro anos e um mês depois dele ter sido preso por portar uma garrafa de desinfetante, e mais de um ano e meio depois de ser preso pela segunda vez e condenado a mais de onze anos de prisão pelo suposto porte de 0,6 gramas de maconha e 9 gramas de cocaína. Desde 20 de junho de 2013, ele tem passado menos do que um total de três meses em liberdade.

Não acabou!
Tem que acabar!

Eu quero o fim da Polícia Militar, como tantxs outrxs também querem. Mesmo sabendo o quanto está enraizada enquanto instituição, e mesmo sabendo que, se um dia passasse a ser reformada ou desfeita, iria persistir em muitos sonhos, e que toda a poeira que ela tem deixado ao longo de décadas e séculos não poderia ser dispersa fácil e nem, muito menos, rapidamente. Mesmo sabendo que, na hora que chegasse a ser desfeita, não seriam poucas as pessoas que sonhariam cada vez mais arduamente com a sua volta.

Nada disso começou de vez em junho de 2013: nada destes relatos ou sonhos ou assombramentos. Não nego que existam muitas linhas que podem e que devem ser traçadas ou tecidas por entre aquelas “jornadas” e tudo que veio depois: como a ressaca cada vez mais espetacular em que a cidade-abismo do Rio de Janeiro se encontra; a prisão quase-perpétua de Rafael Braga; a derrubada de Dilma. Mas não consigo acreditar que exista qualquer progressão estreitamente direta entre esses eventos, ou que qualquer um dos muitos golpes, dados desde então, tenham uma única origem fixada naquela época. Não consigo acreditar que nenhum gigante tenha acordado de repente, mas nem, muito menos, que tenha voltado a dormir.

(GAIMAN e STEVENS, p. 377)

REFERÊNCIAS

Textos

ANGELOU, Maya. “Awaking in New York”. In: *The Complete Collected Poems of Maya Angelou*. Random House: Nova York, 1994.
(Reproduzido no metrô de Nova York:
http://web.mta.info/mta/aft/poetry/poetry.html?year=2014&poem=12
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. Poema sem título. In: “African Burial: Rediscovery, Reinterment, Remembrance” de National Park Service.

ALMEIDA, Rodrigo de. “Criador de Tolerância Zero, ex-prefeito de Nova York diz que Rio está no caminho certo”. *Ultimo Segundo*, 3 de dezembro de 2009.
http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/criador-do-tolerancia-zero-exprefeito-de-ny-diz-que-rio-aposaposesta-no-caminho-certoaposapos/n1237609572230.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

ARAÚJO, Fábio Alves. *Das “técnicas” de fazer desaparecer corpos: desaparecimentos, violência, sofrimento e política*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ 2014

BACELAR, Carina. “Moradores do Morro de São Carlos, no Estácio, incendeiam ônibus”. In *Estado de São Paulo,* 15 de maio de 2015.
http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,moradores-do-morro-de-sao-carlos-no-estacio-incendeiam-onibus,1688153
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “‘Houve despreparo’, diz jovem que teve braço fraturado em ação da Guarda Municipal”. In *O GLOBO*, 15 de fevereiro de 2016.
https://oglobo.globo.com/rio/houve-despreparo-diz-jovem-que-teve-braco-fraturado-em-acao-da-guarda-municipal-18677881 Acesso em: 30 de agosto de 2017

BARBOSA, Caio e João Antônio BARROS. “Paes classifica greve dos lixeiros como um motim”. In *O DIA*. 7 de março de 2014.
http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-03-07/paes-classifica-greve-dos-lixeiros-como-um-motim.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

BARREIRA, Gabriel. “Amarildo vira máscara de Carnaval no Rio e família terá parte dos lucros”. In *G1*, 23 de janeiro de 2014.
http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2014/noticia/2014/01/amarildo-vira-mascara-de-carnaval-no-rio-e-familia-tera-parte-dos-lucros.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “Triplica multa para ‘mijões’: valor para quem urinar na rua vai a R$510 no Rio”. In *G1*, 21 de agosto de 2015.

http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/triplica-multa-para-mijoes-valor-para-quem-urinar-na-rua-vai-r-510-no-rio.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

BASTOS, Isabela. "**Prefeitura** prepara novas regras para quem urina ou joga lixo na rua". In *O GLOBO*, 7 de julho de 2009, p. 17

BEINART, Peter. "Anne Coulter is Right to Fear the World Cup." In *The Atlantic*, 30 de junho de 2014.
https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2014/06/ann-coulter-is-right-to fear-the-world-cup/373680/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

BLASIO, Bill de. Discurso inaugural, 1 de janeiro de 2014. In *New York Times*, 1 de janeiro de 2014. https://www.nytimes.com/2014/01/02/nyregion/complete-text-of-bill-de-blasios-inauguration-speech.html?_r=0
Acesso em: 30 de agosto de 2017

BOAL, Augusto. *Milagre no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

---. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOGART, Anne. *A Director Prepares: Seven Essays on Art and Theatre.* Londres: Routledge, 2001

BOLSONARO, Jair. Citação em BARRUCHO, Luis. "'Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava', diz torturado aos 19 anos". In *BBC Brasil*, 21 de abril de 2016
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustra_bolsonaro_lgb Acesso em: 30 de agosto de 2017

BORDEN, Sam. "Where Dishonesty is the Best Policy, U.S. Soccer Falls Short". In *New York Times*, 15 de junho de 2014.
https://www.nytimes.com/2014/06/16/sports/worldcup/for-us-soccer-team-honesty-may-not-be-the-best-policy.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

CASTAÑEDA, Marcelo. "2014: O ano que começou antes do Carnaval". In *Red UniNômade*, 27 de fevereiro de 2014.
http://uninomade.net/tenda/2014-o-ano-que-comecou-antes-do-carnaval
Acesso em 30 de agosto

_____. "Obrigado, garis: amanhã vai ser maior". In Red UniNômade, 10 de março de 2014.
http://uninomade.net/tenda/obrigado-garis-amanha-vai-ser-maior/
Acesso em: 30 de agosto de 2017

CASTRO, Rodrigo. “Porque o Fuleco anda tão sumido”. In *Folha de São Paulo,* 26 de junho de 2014. http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2014/06/1476240-porque-o-fuleco-anda-tao-sumido.shtml Acesso em: 30 de agosto de 2017

CASTRO, RUY. *Carnaval no fogo: Crônica de uma cidade excitante demais.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Vol. 1: Artes de fazer.* 15ª edição. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2008.

CINCO, Renato. “Conheça as marchinas do Ocupa Carnaval”. http://renatocinco.com/teste/?p=1749 Acesso em: 30 de agosto de 2017

COATES, Ta-Nehisi. *Entre o mundo e eu.* Trad. Paulo Geiger. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

---. “The Case for Reparations”. In: *The Atlantic,* junho de 2014. https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2014/06/the-case-for-reparations/361631/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

COLETIVO COIOTE. “Bloco Livre Reciclato, Museu de Colagens Urbanas, Coletivo Coiote e Bloco Pula Roleta” (vídeo). 16 de janeiro de 2015, https://www.youtube.com/watch?v=L0QENYP8EOY Acesso em: 30 de agosto de 2017

COLETIVO PROBLEMA. “MAR: Monetária Ambição da Riqueza”. Livreto auto-produzido. Rio de Janeiro: 2013.

---. “O mundo capitalista do mascote Fulero”. Livreto auto-publicado. Rio de Janeiro: 2014

COMITÊ POPULAR DA COPA E OLIMPÍADAS NO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: 2013. https://comitepopulario.files.wordpress.com/2013/05/dossie_comitepopularcoparj_2013.pdf Acesso em: 30 de agosto de 2017

COSTA E SILVA, Artur, et al. “Ato Institucional 5”. 13 de dezembro de 1968. http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194620 Acesso em: 30 de agosto de 2017

COULTER, Anne. America’s Favorite National Pastime: Hating Soccer. 25 de junho de 2014. http://www.anncoulter.com/columns/2014-06-25.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

CRIVELLA, Marcelo. Decreto Nº 43219, 26 De Maio De 2017.
https://leismunicipais.com.br/a1/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2017/4321/43219/decreto-n-43219-2017-institui-o-sistema-rio-ainda-mais-facil-eventos-riamfe-simplifica-os-procedimentos-relativos-a-autorizacao-e-a-realizacao-de-eventos-e-producoes-de-conteudo-audiovisual-em-areas-publicas-e-particulares-no-municipio-do-rio-de-janeiro-e-da-outras-providencias
Acesso em: 30 de agosto de 2017

DALE, Joana. "Redução da violência e preços possíveis de imóveis levam artistas plásticos para Rio Comprido". In *O GLOBO*, 21 de setembro de 2013.
https://oglobo.globo.com/rio/reducao-da-violencia-precos-possiveis-de-imoveis-levam-artistas-plasticos-para-rio-comprido-10074255
Acesso em: 30 de agosto de 2017

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL BRENNA, Giovanna Rosso, org. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: A cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985.

DORNELLES, Francisco. "Decreto n.º 45.692 de 17 de junho de 2016". In Diario Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 17 de junho de 2016.
http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/content/conn/UCMServer/path/Contribution%20Folders/auditoria/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Tem%C3%A1tica/decreto%2045.692%20calamidade.htm
Acesso em: 30 de agosto de 2017

ESQUIRE. "James Baldwin: How to Cool It". In *Esquire*, julho de 1968; republicado 29 de abril de 2015. http://www.esquire.com/news-politics/interviews/a23960/james-baldwin-cool-it/
Acesso em: 30 de agosto de 2017

EXTRA. Capa. 11 de fevereiro de 2014.

---. Capa. 9 de agosto de 2016.

FAULHABER, Lucas. *Rio Maravilha*. Trabalho final de graduação na EAU – UFF. Niterói: 2012. https://issuu.com/lucas.faulhaber/docs/tfg_lucasfaulhaber
Acesso em: 30 de agosto de 2017

FAULHABER, Lucas e Lena AZEVEDO. *Remoções no Rio de Janeiro Olímpico.* Rio de Janeiro: Morula, 2015

FAULKNER, William. *Requiem for a Nun*. 1ª edição Vintage International. Nova York: Vintage, 2011.
Google Books: https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=rXPNrVSSpUUC&q=Dead#v=onepage&q&f=false
Acesso em: 30 de agosto de 2017

FIFA FAN FEST. http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2014/m=7/news=fifa-fan-

fest-wins-brazilian-hearts-2406027.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 25ª edição. São Paulo: Graal, 2012

FRANÇA, Ronaldo e Marcelo CARNEIRO. "Estado de Calamidade". Em *VEJA*, 5 de março de 2003.
https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32714?page=36&section=1
Acesso em: 30 de agosto de 2017

G1. "Governo do Rio contrata ex-prefeito de Nova York para ajudar na segurança". In *G1*, 3 de dezembro de 2009.
http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1402463-5606,00.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. "Xixi na rua rende multa para 191 pessoas no Carnaval do Rio". In *G1*, 7 de fevereiro de 2016.
http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/xixi-na-rua-rende-multa-para-191-pessoas-no-carnaval-do-rio.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. "Tiroteio no Rio deixa suspeito morto e 2 feridos por bala perdida, diz polícia". In *G1*, 11 de setembro de 2016.
http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/09/tiroteio-no-rio-deixa-suspeito-morto-e-2-feridos-por-bala-perdida-diz-policia.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

GAIMAN, Neil. "Um conto de duas cidades", com ilustrações de Alec Stevens. Em *Sandman: edição definitiva, Vol. 3.* Trad. Jotapê Martins, Érico Assis e Daniel de Rosa. 3ª edição. Barueri, SP: Panini Books, 2012.

GIULIANI, Rudolph. Discurso inaugural, 2 de janeiro de 1994. In *New York Times*, 3 de janeiro de 1994.
http://www.nytimes.com/1994/01/03/nyregion/the-new-mayor-transcript-of-inaugural-speech-giuliani-urges-change-and-unity.html?pagewanted=all
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. "The Next Phase of Quality of Life: Creating a More Civil City". Discurso. 24 de fevereiro de 1998. (Também citado em HARCOURT)
http://home.nyc.gov/html/records/rwg/html/98a/quality.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *UPP*. Livro em PDF. 2012.
http://www.upprj.com/upload/multimidia/LIVRO_UPPs.pdf
Acesso em: 30 de agosto de 2017

O GLOBO. Capa. 11 de fevereiro de 2014.

---. Capa. 9 de agosto de 2016

GLOWCZEWSKI, Babrara. *Devires Totêmicos.* Trad. Jamille Pinheiro Dias, colaboração de Abrahão de Oliveira Santos. São Paulo: n-1 Edicões, 2015.

GUEDES, Cíntia. "Des(en)terrar o corpo". In *Revista DR.* Agosto de 2016. http://www.revistadr.com.br/posts/desenterrar-o-corpo
Acesso em: 30 de agosto de 2017

GUIMARÃES, Cleo. "Uniforme de escolas públicas do Rio vira item 'cool' em Nova York". In *O GLOBO*, 8 de setembro de 2016. http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/uniforme-de-escolas-publicas-do-rio-vira-item-cool-em-nova-york.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

HARCOURT, Bruce E. *Illusion of Order: The False Promises of Broken Windows Policing.* Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2001.

JORNAL DO BRASIL. "Quebrado, Eike suspende verba para UPPs". In *Jornal do Brasil*, 11 de agosto de 2013. http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/08/11/quebrado-eike-batista-suspende-verbas-para-upps/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

KELLING, George L. e Catherine M. COLES. *Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing Crime in Our Communities.* Nova York: Simon & Schuster, 1996.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism.* Segunda edição. Münster, Alemanha: UNRAST, abril de 2010.

LAPAGESSE, Gabriela. "Vazio, Edifício Serrador permanece a espera de quem possa pagar 3 milhões por mês". In O *GLOBO*, 27 de setembro de 2014. https://oglobo.globo.com/rio/vazio-edificio-serdrador-permanece-espera-de-quem-possa-pagar-3-milhoes-por-mes-14065726
Acesso em: 30 de agosto de 2017

LARGHI, Nathália. "Fotos de Paes com eleitores de Freixo viralizam nas redes sociais". In *Estado de São Paulo,* 16 de outubro de 2016. http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,fotos-de-paes-com-eleitores-de-freixo-viralizam-nas-redes-sociais,10000082512 Acesso em: 30 de agosto de 2017

LOMBARDI, Frank. "Memorial dedicated at African Burial Ground". In *New York Daily News*, 5 de outubro de 2007. http://www.nydailynews.com/news/memorial-dedicated-african-burial-ground-article-1.228827 Acesso em: 30 de agosto de 2017

LOBATO, Elvira e Claudia ANTUNES. “Empresas ajudam a financiar Pacificação”. In *Folha de São Paulo*. 10 de novembro de 2010. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2811201040.htm
Acesso em: 30 de agosto de 2017

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. “Com remoções, Vila Autódromo encolhe 83% em dois anos”. In O *GLOBO*, 25 de outubro de 2015. https://oglobo.globo.com/rio/com-remocoes-vila-autodromo-encolhe-83-em-dois-anos-17872872
Acesso em: 30 de agosto de 2017

MAGALHÃES, Maria Inez. “Máscara de Amarildo vira polêmica no Carnaval”. In *O DIA*, 25 de janeiro de 2014. http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-01-25/mascara-de-amarildo-vira-polemica-no-carnaval.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

MAHLER, Jonathan e Steve EDER. “‘No Vacancies’ for Blacks: How Donald Trump Got His Start, and Was First Accused of Bias”. In *New York Times*, 27 de augusto de 2016. https://www.nytimes.com/2016/08/28/us/politics/donald-trump-housing-race.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

MEIA HORA. Capa. 11 de fevereiro de 2014.

MUSUMECI, Natalie. “Sneak Peak Inside Gowanus Whole Foods, the Company’s First Brooklyn Store”. In *New York Daily News.* 15 de dezembro de 2013 http://www.nydailynews.com/new-york/brooklyn/brooklyn-foods-article-1.1547374 Acesso em: 30 de agosto de 2017

MUSEU DA ARTE DO RIO DE JANEIRO. “O MAR”. http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/o-mar Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “A identidade do MAR”. Em Planejamento Estratégico. (PDF) http://www.museudeartedorio.org.br/sites/default/files/planejamento_estrategico_mar.pdf Acesso em: 30 de agosto de 2017

NATIONAL PARK SERVICE. “African Burial: Rediscovery, Reinterment, Remembrance”. (Panfleto) Nova York: Departamento do Interior dos Estados Unidos, 2013.

NERUDA, Pablo. *Livro das perguntas*. Trad. Olga Savary. 2ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2008.

NOBLAT, Ricardo. “Temer decidiu renunciar”. 18 de maio de 2017. In *Blog do Noblat (O GLOBO)*, http://noblat.oglobo.globo.com/meus-textos/noticia/2017/05/temer-decidiu-renunciar.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

NORA, Pierre. “Entre memória e história: O problemático dos lugares”. Trad. Yara Aun Khoury. Em *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP. São Paulo: PUC, 1993
http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763
Acesso em: 30 de agosto de 2017

PAES, Eduardo. “Um ano para ficar”. In *O GLOBO*, 5 de janeiro de 2016.
https://oglobo.globo.com/opiniao/um-ano-para-ficar-18407925
Acesso em: 30 de agosto de 2017

PORTO, Henrique e Lívia TORRES. “Museu de Arte do Rio é inaugurada”. In *G1*, 1 de março de 2013.
http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/03/museu-de-arte-do-rio-e-inaugurado.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

PORTO MARAVILHA, site. “Apresentação de projeto”.
http://www.portomaravilha.com.br/web/sup/OperUrbanaApresent.aspx
Acesso em: 30 de agosto de 2017

--. “Museu de Arte do Rio”. http://portomaravilha.com.br/museu_arte
Acesso em: 30 de agosto de 2017

PORTAL BRASIL. “Fuleco mantêm tradição das mascotes na Copa do Mundo da Fifa”. In *PORTAL BRASIL*, 8 de junho de 2014.
http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/06/fuleco-mantem-tradicao-das-mascotes-na-copa-do-mundo-da-fifa Acesso em: 30 de agosto de 2017

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. “Um fim à desordem urbana.” 16 de setembro, 2009.
http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “Parque Olímpico”. http://www.rio.rj.gov.br/web/secpar/parque-olimpico
Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “Prefeitura apresenta planejamento operacional para os live sites da cidade”. 28 de julho de 2016.
http://www.rio.rj.gov.br/web/smtr/exibeconteudo?id=6314701
Acesso em: 30 de agosto de 2017

RAMALHO, Sergio. “Presa em Porto Alegre, Sininho negociou por telefone compra de fogos de artifício”. In *O GLOBO*, 12 de julho de 2014.
https://oglobo.globo.com/rio/presa-em-porto-alegre-sininho-negociou-por-telefone-compra-de-fogos-de-artificio-13233468
Acesso em: 30 de agosto de 2017

REUTERS. “Cabral anuncia UPP no Alemão até 1º semestre de 2011”. In *G1*, 29 de novembro de 2010. http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/11/cabral-anuncia-upp-no-alemao-ate-1o-semestre-de-2011.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

REVISTA EVENTOS. “Oito países mantêm casas de hospitalidade na Paralimpíada”. 6 de setembro de 2016. http://www.revistaeventos.com.br/RIO-2016/Oito-paises-mantem-casas-de-hospitalidade-na-Paralimpiada/39719 Acesso em: 30 de agosto de 2017

REZENDE, Juliana. “‘Somos todos Amarildo’: Caetano, Marisa Monte e plateia estrelada. E engajada”. In *GLAMURAMA (UOL*), 21 de novembro de 2013. http://glamurama.uol.com.br/somos-todos-amarildo-caetano-marisa-monte-e-plateia-estrelada-e-engajada/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas.* Organização Raúl Antelo. São Paulo: Editora Schwarz/Companhia das Letras, 1997.

ROACH, Joseph*. Cities of the Dead: Circum-Atlantic Performance*. Nova York: Columbia University Press, 1996.

ROBBINS, Liz. “Whole Foods Faces Decisive Vote in Brooklyn”. In *New York Times*, 27 de fevereiro de 2012. http://www.nytimes.com/2012/02/28/nyregion/whole-foods-faces-decisive-vote-in-brooklyn.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

ROUSSEFF, Dilma. “Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração do Museu de Arte do Rio (MAR)”. 1 de março de 2013. http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-inauguracao-do-museu-de-arte-do-rio-mar Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “Discurso da presidenta da Republica Dilma Rousseff diante cerimonia de lançamento do Compromisso pelo Emprego e Trabalho Decente na Copa do Mundo FIFA Brasil 2014”. 15 de maio de 2014. http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-compromisso-pelo-emprego-e-trabalho-decente-na-copa-do-mundo-fifa-brasil-2014 Acesso em: 30 de agosto de 2017

--- et al. Lei 12.663. 5 de junho de 2012. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm Acesso em: 30 de agosto de 2017

SALLES, Daniel e Marcio ORSOLINI. “O Valor de uma Copa no Brasil”. In *VEJA*, 31 de outubro de 2007. https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32450?page=114&section=1 Acesso em: 30 de agosto de 2017

SANTUCCI, Jane. *Cidade rebelde: As revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SEGAL, David. “Many Soldiers, Few Signs, Long Lines: The Rio Games Beyond the TV Screen”. In *New York Times*, 10 de agosto de 2016.

https://www.nytimes.com/2016/08/11/sports/olympics/rio-games-2016-beyond-the-tv-screen.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

SILVA, Luis Inácio Lula da. Discurso de 30 de outubro de 2007. http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/30-10-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-anuncio-do-brasil-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2014/view Acesso em: 30 de agosto de 2017

SIMON, Christophe. "O Rio de Janeiro receberá nos próximos anos uma maratona de grandes eventos esportivos". In *EXAME*, 23 de janeiro de 2013. http://exame.abril.com.br/brasil/prefeito-do-rio-diz-que-esta-vivendo-um-bom-pesadelo/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

SOARES, Ronaldo e Roberta de Abreu LIMA. "A guerra começa a ser vencida". In *VEJA*, 1 de dezembro de 2010. https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32281?page=132&section=1 Acesso em: 30 de agosto de 2017

SOIFER, Raphi. "Bagunça (Performance): Mateus 4:19". In *Vocabulário político para processos estéticos*. Cristina Ribas, org. Rio de Janeiro, 2014.

TABAK, Flávio. "Em campanha, Paes tenta vincular sua imagem às transformações feitas por Pereira Passos." In *O GLOBO*, 9 de julho 2012. http://oglobo.globo.com/rio/em-campanha-paes-tenta-vincular-sua-imagem-as-transformacoes-feitas-por-pereira-passos-5433676 Acesso em: 30 de agosto de 2017

TARDAGÚILA, Cristina. "MAR é inaugurado com presença da presidente Dilma Rousseff". In *O GLOBO*, 1 de março de 2013. https://oglobo.globo.com/rio/mar-inaugurado-com-presenca-da-presidente-dilma-rousseff-7721240 Acesso em: 30 de agosto de 2017

TEMER, Michel. Pronunciamento público, 18 de maio de 2017. Publicado por *G1*. http://g1.globo.com/politica/noticia/veja-a-integra-do-discurso-de-michel-temer.ghtml Acesso em: 30 de agosto de 2017

TOLEDO, Roberto Pompeu de. "Imagina na Copa". In *VEJA*, 25 de junho de 2014. https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32092?page=158&section=1 Acesso em: 30 de agosto de 2017

TRUMP, Donald J. Discurso inaugural. 20 de janeiro de 2017. https://www.whitehouse.gov/inaugural-address Acesso em: 30 de agosto de 2017

WATTS, Jonathan. "Rio mayor dares to dream as World Cup 2014 and Olympics 2016 loom". In *The Guardian*, 10 de junho de 2013. https://www.theguardian.com/world/2013/jun/10/rio-mayor-dream-world-cup-

olympics Acesso em: 30 de agosto de 2017

WERNECK, Antônio. “PM detém 15 e usa gás de pimenta em protesto com cerca de 50 manifestantes”. In *O GLOBO*, 17 de junho de 2014. https://oglobo.globo.com/rio/pm-detem-15-usa-gas-de-pimenta-em-protesto-com-cerca-de-50-manifestantes-12901119 Acesso em: 30 de agosto de 2017

WILSON, James Q. e KELLING, George L. “Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety.” In *Atlantic Monthly*, março de 1982. http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/4465/ Acesso em: 30 de agosto de 2017

WYLLYS, Jean. Postagem de Facebook. 17 de abril de 2016. https://www.facebook.com/jean.wyllys/posts/1073594196021920:0 Acesso em: 30 de agosto de 2017

VALE. “Inauguração do MAR, no aniversario de 448 anos do Rio de Janeiro, teve a presença da presidente da república Dilma Rousseff”. In VALE, 4 de março de 2013. http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/novo-museu-de-arte-do-rio-tem-patrocinio-da-vale-e-sera-inaugurado-nesta-sexta-feira.aspx Acesso em: 30 de agosto de 2017

Trilha Sonora

ANARKOFUNK. “FlordoAsfalto”. 2012 https://soundcloud.com/anarkofunk/flordoasfalto Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “A guarda toma e o choque mata”. 2012. https://soundcloud.com/anarkofunk Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. “PAC: Processo de Aceleração de Chacinas”. 2012 https://soundcloud.com/anarkofunk/pac-processo-de-acelera-o-de Acesso em: 30 de agosto de 2017

BAIANASYSTEM. “Dia da Caça” In *Duas Cidades*. BaianaSystem: Salvador, 2016. Faixa 7.

CRUZ, Arlindo. “Tatu bom de bola”. In *Youtube* – FIFATV. 16 de setembro de 2012. https://www.youtube.com/watch?v=OOZPoxx3XUE Acesso em: 30 de agosto de 2017.

CORISCO. “Baião do Seu Dotô”. 2003 (“ou por aí”) https://myspace.com/bandacorisco/music/song/bai-o-do-seu-dot-79530461-87580033 Acesso em: 30 de agosto de 2017

DIFRANCO, Ani. “Fuel”. Em *Little Plastic Castle*. Buffalo, Nova York: Righteous Babe Records, 1998. Faixa 2.

JEAN, Wyclef, Youssou N'Dour e MB2. "Diallo." Em *The Ecleftic: II Sides to a Book*. Nova York: Columbia Records, 2000. Faixa 16.

LARA, Dona Ivone e Delcio Carvalho. "Sonho meu". Faixa 7. Em *Sorriso de Criança.* Rio de Janeiro: EMI, 1979. Faixa 7

LOURENÇO e Ivete SANGALO. "Sorte Grande (Poeira)". In Clube Carnavalesco Inocentes em Progresso, 2003. Faixa 3.

OCUPA CARNAVAL. "Cachaça". "Bandeira branca". Em https://soundcloud.com/ocupa-carnaval Acesso em: 30 de agosto de 2017

PEACE POETS. "I Can't Breathe." 12 de dezembro de 2014. https://www.youtube.com/watch?v=7QganWg3WSQ Acesso em: 30 de agosto de 2017

Vídeo

CONSCIÊNCIA PATRIOTA. "Aprenda a dança Seja Patriota". In Youtube, 8 de março de 2014. https://www.youtube.com/watch?v=Q0Fn8Vh2TRA Acesso em: 30 de agosto de 2017

MARQUES, Dassler. "Ronaldo fala em nome do povo e derrapa: 'não se faz Copa com hospital'". In TERRA. 1 de dezembro de 2011 https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/ronaldo-fala-em-nome-do-povo-e-derrapa-nao-se-faz-copa-com-hospital,5cd91d81c499a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html Acesso em: 30 de agosto de 2017

MARTINS, Gizele. Entrevista. In Contagem Regressiva: Controle Urbano. Direção Luiz Carlos de Alencar. 2016. https://www.youtube.com/watch?v=OoblOhnXCyE Acesso em: 30 de agosto de 2017

PAES, Eduardo. "Legado". Programa eleitoral. (vídeo) https://www.youtube.com/watch?v=cj26FiRcVc8 Acesso em: 30 de agosto de 2017

---. "Sonho meu". Programa eleitoral. (vídeo) https://www.youtube.com/watch?v=AV25TajFofI Acesso em: 30 de agosto de 2017

SANTOS, Jorge. Entrevista. In Contagem Regressiva: Remoções. (documentário) Dirigido por Luiz Carlos de Alencar. 2016 https://www.youtube.com/watch?v=D2IdgKhkxh0 Acesso em: 30 de agosto de 2017

SANTOS OQG, Roberto. Entrevista em Contagem Regressiva: Zona Portuária (documentário). Direção Luiz Carlos de Alencar. 2016.
https://www.youtube.com/watch?v=sT6BAbnKD68
Acesso em: 30 de agosto de 2017

TV FOLHA. "'Todo governante tem inveja de mim, até a Dilma', diz Eduardo Paes" (Entrevista). 14 de outubro de 2012.
https://www.youtube.com/watch?v=KxPlHIqUfkc&app=desktop
Acesso em: 30 de agosto de 2017

Imagens:

NOBREGA, Camila. In "O dia em que a Praça Saens Peña foi sitiada" de Camila Nóbrega. In CANAL IBASE, 17 de julho de 2014.
Acesso em: 2 de setembro de 2017.

RAMALHO, Daniel. In "Rio: Dilma inaugura museu sob protestos e lembra época da ditadura" de André Naddeo. In TERRA, 1 de março de 2013.
https://diversao.terra.com.br/arte-e-cultura/rio-dilma-inaugura-museu-sob-protestos-e-lembra-epoca-da-ditadura,c36285443782d310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html
Acesso em: 30 de agosto de 2017

SCHVARSBERG, Gabriel.